

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

REINOUDS LIMA SILVA

**Avaliação Emancipatória da política pública de Educação Profissional e  
Tecnológica a partir das memórias do Instituto Federal do Maranhão (IFMA)  
*Campus Imperatriz***

Brasília  
2022

REINOUDS LIMA SILVA

**Avaliação Emancipatória da política pública de Educação Profissional e Tecnológica a partir das memórias do Instituto Federal do Maranhão (IFMA)  
*Campus Imperatriz***

Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília - Doutorado Acadêmico, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

Área de Concentração: Políticas Públicas e Gestão em Educação

Orientador: Prof. Dr. Erlando da Silva Rêses.

Brasília  
2022

**Reinouds Lima Silva**

SILVA, REINOUDS LIMA. **Avaliação da política pública de Educação Profissional e Tecnológica a partir das memórias do Instituto Federal do Maranhão (IFMA) Campus Imperatriz.** Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

Defendida e aprovada em 31 de julho de 2022

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Erlando da Silva Rêses (orientador)  
Universidade de Brasília

---

Profa. Dra. Shirleide Pereira da Silva Cruz  
Universidade de Brasília

---

Profa. Dra. Míriam Fábria Alves  
Universidade Federal de Goiás

---

Prof. Dr. Édi Augusto Benini  
Universidade Federal do Tocantins

---

Profa. Dra. Maria Abádia da Silva (suplente)  
Universidade de Brasília

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

La LIMA SILVA, REINOUDS  
Avaliação Emancipatória da política pública de Educação  
Profissional e Tecnológica a partir das memórias do Instituto  
Federal do Maranhão (IFMA) Campus Imperatriz / REINOUDS  
LIMA SILVA; orientador ERLANDO DA SILVA RÊSES. -- Brasília,  
2022.  
233 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Educação) -- Universidade  
de Brasília, 2022.

1. Educação Profissional e Tecnológica. 2. Políticas  
Públicas de Educação. 3. Institutos Federais brasileiros. I.  
DA SILVA RÊSES, ERLANDO, orient. II. Título.

Dedico esta tese à minha querida mãe, D. Neném (*in memoriam*); ao meu pai, Alúcio, exemplos de vida e luta; a Patrícia e Reynolds, meus pilares e inspiração para enfrentar e vencer os desafios desta caminhada.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pela dignidade em educar para sonhar e lutar sempre.

Aos meus irmãos, sobrinhos e demais familiares, por apoiarem e acreditarem comigo que era possível superar todas as dificuldades.

A minha amada companheira Patrícia Araújo e meu querido filho Reynolds Araújo. Com vocês, meus pilares, compartilhei todas as angústias e agora divido este momento vitorioso.

Aos professores da Faculdade de Educação da UnB, que contribuíram muito com minha formação acadêmica e se tornaram exemplos para minha caminhada profissional.

Agradecimento especial à Profa. Dra. Miriam Fábria Alves, ao Prof. Dr. Édi Augusto Benini, à Prof. Dra. Shirleide Pereira da Silva Cruz e à Profa. Dra. Maria Abádia da Silva, por aceitarem o convite para compor a banca de avaliação desta tese e pelas colaborações a este colega professor.

Aos amigos e amigas do Instituto Federal do Maranhão – *Campus Imperatriz*, pela disponibilidade em participar desta pesquisa e pela boa acolhida a este colega e pesquisador.

Ao companheiro e atencioso orientador acadêmico Prof. Dr. Erlando da Silva Rêses. Meus sinceros agradecimentos por sua imensa generosidade. Meu respeito e amizade.

Aos colegas de caminhada na pós-graduação, em especial aos amigos do Grupo de Pesquisa CONSCIÊNCIA, pelo companheirismo e carinho de sempre a este “novo candango”. Vocês são inesquecíveis!

A todos com quem poderei compartilhar esta vitória e os conhecimentos adquiridos, em especial, aos colegas de trabalho e discentes do Instituto Federal do Maranhão.

O dominado não se liberta se ele não vier a dominar aquilo que os dominantes dominam. Então, dominar aquilo que os dominantes dominam é condição de libertação.

Dermeval Saviani

## RESUMO

Esta tese remonta através das memórias dos primeiros servidores do Instituto Federal do Maranhão – *Campus* Imperatriz o início das ações de educação profissional na região Sudoeste do Estado do Maranhão, em especial, na cidade de Imperatriz, e propõe a avaliação dessa política pública de educação no âmbito local. A educação profissional possui em sua historicidade elementos determinantes para melhor compreensão de seu desenvolvimento e efetivação em diferentes cenários da história da educação brasileira, repercutindo na atuação das instituições e na *práxis* de seus educadores. Detemo-nos em compreender esses aspectos históricos como determinantes para a consolidação de um modelo de educação profissional que se mostrou distante das necessidades das classes populares atendidas pelas instituições de educação profissional, em especial, as Instituições Federais de ensino. A intensa relação entre mercado de trabalho e profissionalização tem determinado historicamente a oferta e o desenvolvimento de ações de educação profissional, face a avanços e retrocessos da legislação educacional no tocante à estruturação de uma política pública de educação profissional que supere o dualismo estrutural presente na concepção dessa política no Brasil. A criação dos Institutos Federais propõe a possibilidade de rompimento com a feição historicamente liberal e excludente da educação pública e da educação profissional, delineando um caráter progressista para a nova educação profissional, a partir da Lei 11.892 (BRASIL, 2008), que criou os Institutos Federais e reorganizou toda as ações da rede de educação profissional no Brasil. O *Campus* Imperatriz, em sua trajetória de 35 anos, vivenciou as mudanças recentes da educação profissional, oferecendo ao pesquisador condições de analisar e avaliar o desenvolvimento da educação profissional na instituição, correlacionando as memórias e percepções dos atores sociais envolvidos na execução da política pública e possibilitando a utilização da metodologia de Avaliação Emancipatória proposta por Saul (2006) em três eixos: Descrição da Realidade, Crítica da Realidade e Criação Coletiva. A aplicação da metodologia de avaliação emancipatória forneceu elementos para as inferências do pesquisador e elevou os entrevistados à condição de avaliadores da política pública, rompendo com as metodologias tradicionais de avaliação centradas na análise de indicadores. A pesquisa desenvolvida e a metodologia aplicada revelaram fatores que impedem o avanço das políticas de educação profissional em tempos recentes, destacando-se elementos históricos da própria instituição estudada e a dificuldade de compreensão da nova concepção de política pública, permeada por fatores estruturais da educação brasileira que também impedem a execução de políticas educacionais que emancipem as pessoas e promovam maior justiça social, ante um quadro histórico de latente exclusão educacional no Brasil. Os resultados da pesquisa apontaram para a latente contradição existente entre a nova concepção da educação profissional e os elementos de resistência e tradição presentes nas instituições egressas da institucionalidade anterior, provocando cisões internas e dificuldades ao trabalho coletivo.

Palavras-chave: Educação Profissional e Tecnológica. Políticas Públicas de Educação. Institutos Federais brasileiros.

## ABSTRACT

This thesis goes back through the memories of the first servants of the Instituto Federal do Maranhão – *Campus Imperatriz* the beginning of the actions of professional education in the Southwest region of Maranhão state, especially in Imperatriz city, and proposes the evaluation of this public policy of education in the local scope. In their historicity, professional Education has decisive elements for a better understanding of their development and effectiveness in different scenarios in the history of Brazilian education, affecting the of institutions' performance on the praxis of their educators. We focus on understanding understand these historical aspects as determinants for the consolidation of a professional education model that proved to be distant from the popular classes needs, attended by professional education institutions, especially Federal Institution. The intense relationship between the labor market and professionalization has historically determined the offer and development of professional education actions, in the face of advances and setbacks of educational legislation regarding the structuring of a public policy for a professional education that overcomes the structural dualism present in the conception of brazilian policy. The Federal Institutes creation proposes the possibility of breaking with the historically liberal and excluding feature of public education and professional education, outlining a progressive character for the new professional Education, by Law 11.892 (BRASIL, 2008), which created the Federal Institutes and reorganized all the actions of the professional education network in Brazil. *Campus Imperatriz*, in their 35-year trajectory, has experienced recent changes in professional education, offering the researcher conditions to analyze and evaluate the development of professional education in the institution, correlating the memories and perceptions of the social actors involved in the public policy execution and favoring the Emancipatory Evaluation methodology, proposed by Saul (2006) in three axes: Description of Reality, Critique of Reality and Collective Creation. In addition, it provides elements for the researcher's inferences, breaking with the traditional methodologies of public policy evaluation focused on the analysis of indicators. The research developed and the methodology applied revealed factors that prevent the advancement of professional education policies in recent times, highlighting historical elements of the institution studied and the difficulty of understanding the new conception of public policy, permeated by structural factors of brazilian education. That also prevent the implementation of educational policies that emancipate people and promote greater social justice, in the face of a historical framework of latent educational exclusion in Brazil. The research results pointed to the latent contradiction between the new conception of professional education and the elements of resistance and tradition present in the institutions that emerged from the previous institutionality, causing internal divisions and difficulties in collective work.

Keywords: Professional education. Public policy. Brazilian Federal Institutes.

## SUMÁRIO

<b>1 POR UMA PERSPECTIVA CRÍTICA: O PESQUISADOR E O OBJETO</b>	10
<b>2 OS INSTITUTOS FEDERAIS COMO OBJETO DE PESQUISA</b>	14
2.1 ANTECEDENTES HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL	17
<b>3 HISTÓRIA: CIÊNCIA, MÉTODO E O TEMPO HISTÓRICO</b>	22
3.1 O TEMPO HISTÓRICO EM REINHART KOSSELECK	24
<b>4 METODOLOGIA E INSTRUMENTOS DE PESQUISA</b>	27
4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	30
<b>5 A EDUCAÇÃO PÚBLICA EM DISPUTA</b>	36
5.1 CONTRAPONTO AO PENSAMENTO EDUCACIONAL BRASILEIRO: LIBERALISMO <i>VERSUS</i> MARXISMO	36
5.2 O BRASIL EM 1930: ESTADO, NAÇÃO E EDUCAÇÃO	37
5.3 PASSADO E FUTURO: POR UMA NOVA TEORIA EDUCACIONAL	40
5.4 POR UMA “EDUCAÇÃO NOVA”: DISCURSOS E CONTRADIÇÕES	42
5.5 POR OUTROS CAMINHOS: CONTRAPONTO TEÓRICOS E HISTÓRICOS	45
5.6 GRAMSCI E POLÍTICAS PÚBLICAS EM EDUCAÇÃO	47
5.7 PRIMEIROS APONTAMENTOS	49
<b>6 EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: CONCEPÇÕES E CONTRADIÇÕES</b>	52
6.1 APROXIMAÇÕES COM A REALIDADE: A TESE E SEUS DESDOBRAMENTOS	53
6.2 A CIDADE DE IMPERATRIZ: PORTAL DA AMAZÔNIA	55
<b>7 INDICADORES, CARACTERIZAÇÃO E CONTRADIÇÕES DO LÓCUS DA PESQUISA</b>	63
7.1 SOBRE A OFERTA DE VAGAS E OS ESTUDANTES	64
7.2 ENTRE INDICADORES E PERCEPÇÕES	70
<b>8 AVALIAR PARA QUÊ? A VEZ E A VOZ DOS ATORES SOCIAIS</b>	72
8.1 IMPERATRIZ: ASPECTOS E DETERMINANTES HISTÓRICOS	73
8.2 EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO NA EPT	75
8.3 ANÁLISE DE CONTEÚDO: MEMÓRIA, MOVIMENTO E DIALÉTICA	78
<b>9 AVALIAÇÃO EMANCIPATÓRIA: PERMANÊNCIA, MOVIMENTO E RUPTURA</b>	98
9.1 ETAPAS E PROCEDIMENTOS DE AVALIAÇÃO	99
9.2 DESCRIÇÃO DA REALIDADE	100
9.3 CRÍTICA DA REALIDADE	105
9.4 CRIAÇÃO COLETIVA	110
<b>10 CONCLUSÃO: CONTRIBUIÇÕES DO TEMPO PRESENTE</b>	116
<b>11 REFERÊNCIAS</b>	121
<b>APÊNDICES</b>	128
<b>ANEXO</b>	233

## 1 POR UMA PERSPECTIVA CRÍTICA: O PESQUISADOR E O OBJETO

Sou contra a educação como processo exclusivo de formação de uma elite, mantendo a grande maioria da população em estado de analfabetismo e ignorância.

Anísio Teixeira

O avanço na qualificação acadêmica de um professor da Educação Básica apresenta nuances importantes, que demarcam não só as intenções individuais de cada docente, mas também as intervenções que pretendemos produzir em nosso local de trabalho e em nossa prática pedagógica.

Percebo que a formação em nível de pós-graduação confere espaços de distinção disputados nas instituições escolares, nas carreiras e na remuneração. Lógico que, embora não estejamos desconectados desses aspectos, a formação *stricto sensu* torna-se uma possibilidade de oferecer contrapartidas necessárias para a melhoria da escola pública, espaço que ocupo deste 2003 como professor de História no Ensino Médio.

Sou professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA) desde 2007 e, nos estudos de mestrado realizados na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE-UnB) entre 2013-2015, apresentei minha dissertação, pela qual discuti e avaliei o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja) como política pública na comunidade escolar de que fazia parte e em que me propus a intervir: o IFMA *Campus* Açailândia. Reuni a comunidade em seus segmentos e propus a avaliação da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em metodologia ampla de participação, denominada Avaliação Emancipatória, com todos inspirados em Ana Maria Saul (2006). Essa experiência ofereceu condições importantes para o empoderamento da comunidade sobre a realidade, sua crítica e a criação coletiva de possibilidades de avanços na oferta da EJA.

A experiência no mestrado efetivou-se pela necessidade pessoal e acadêmica de interpretar, intervir, provocar, criticar e propor caminhos. Como pesquisador, creio na postura “implicada” de quem investiga os fenômenos presentes na escola, a fim de promover não só o debate das ideias, mas suas relações com o complexo social e político intrínseco ao cotidiano escolar. Novamente, na pós-graduação para os estudos de doutorado acadêmico, retorno à mesma condição, na qualidade de estudante e

pesquisador no Grupo de Estudos e Pesquisas em Materialismo Histórico-Dialético e Educação – CONSCIÊNCIA<sup>1</sup>, sob a orientação do Professor Dr. Erlando da Silva Rêses.

Permaneço atuando e observando a realidade da Educação Profissional, em especial, a do IFMA. Em 2019, celebramos 110 anos da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica (Rede EPT), sendo seu marco original a criação das escolas de aprendizes e artífices pelo presidente Nilo Peçanha, em 1909; e 12 anos de criação dos Institutos Federais (IF), demarcados pela promulgação da Lei 11.892 (BRASIL, 2008). Esta trajetória se materializa, a nosso ver, em um processo histórico inacabado e permeado de contradições, seja pelas circunstâncias históricas, políticas e econômicas de sua trajetória, seja pela forma heterogênea de sua manifestação Brasil afora. Essas contradições, fenômeno a ser estudado, criticado e discutido, apontamos como ponto de partida para reflexão e proposição desta pesquisa de doutorado.

Esta tese discute a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) em perspectiva histórica, compreendendo suas origens nos diversos momentos da sociedade brasileira. Trata-se de um objeto de pesquisa singular, visto que dialoga com temáticas econômica e sociais, situadas no tempo e no espaço, com repercussões para a atualidade, seja por seu potencial emancipador ou sua função estratégica para uma perspectiva liberal e economicista de educação. Nesse sentido, os Instituto Federais (IF) estão no centro desse debate, frutífero objeto de estudo e de controvérsias nos estudos de pós-graduação *stricto sensu*, permeando tanto o debate educacional quanto suas repercussões para o desenvolvimento social e econômico dos territórios de sua influência.

A criação da nova rede federal de EPT, em 2008, lançou uma institucionalidade renovada, porém contraditória, face a suas historicidade e concepções educacionais diversas ainda presentes. No segundo capítulo, discutiremos as bases dessa nova rede, bem como quais as repercussões dessa mudança na política pública de educação profissional para as instituições egressas da antiga institucionalidade. Destacamos a historicidade da educação profissional como elemento relevante para a compreensão dessas contradições, dialogando dialeticamente com o tempo presente para melhor discutir os limites os possíveis avanços da nova EPT.

O terceiro capítulo traz os aspectos teóricos que dialogam com a pesquisa, detidamente os relacionados às ciências humanas. Com o aporte de teóricos da História em conjunto com Marx e o Materialismo Histórico-Dialético, delineamos as bases

---

<sup>1</sup> Mais informações disponíveis em: <https://www.facebook.com/GrupoConscienciaMHD/>. Acesso em 5 jul. 2022.

epistemológicas deste estudo e as categorias que darão sentido à investigação, em especial, a apresentação e a definição da categoria Tempo Histórico a partir do teórico Reinhart Kosseleck (2006), em correlação com outras correntes teóricas e temporalidades e também com o conceito de memória e experiência histórica.

Estabelecemos o capítulo quatro como específico para apresentar e discutir a metodologia e os instrumentos da pesquisa. Utilizamos a historicidade e a dialética para nos apropriarmos parcialmente do Materialismo Histórico-Dialético, compreendo que a plenitude do método marxiano empreenderia um esforço relevante para sua adequada utilização neste estudo. Aspectos da História como ciência são apresentados em aproximação com a necessidade de revelar percepções e expectativas dos atores sociais inseridos neste estudo, tanto na qualidade de entrevistados como de coavaliadores da política pública de EPT. Os meios de coleta e análise de dados estão apresentados e discutidos, em aproximação com a metodologia de avaliação da política pública proposta por Ana Maria Saul (2006), que necessita de meios ajustados aos seus propósitos, delimitados em três etapas distintas: Descrição da Realidade, Crítica da Realidade e Criação Coletiva, levando a efeito sua feição emancipadora dos atores sociais.

A Educação Pública, objeto de disputa do projeto classista liberal, é discutida amplamente no capítulo cinco. Lançando mão de autores que se dedicaram a analisar os aspectos fundantes da educação brasileira, traçamos uma linha histórica e discursiva para compreender quais as bases do projeto educacional nacional, traçadas em uma intensa disputa pela hegemonia teórica, política e econômica, a fim de compreender os movimentos dos educadores, as ações do Estado brasileiro e a repercussões históricas desses momentos na atual conjuntura, determinando a concepção de Educação fundante do pensamento nacional quanto à função e ao alcance da escola pública perante seu público, majoritariamente oriundo das classes populares.

No capítulo seis, avançamos na compreensão da política pública de educação profissional, retomando sua atual feição, com o objetivo de aportar seus elementos com o *lócus* da pesquisa: a cidade de Imperatriz, no Estado do Maranhão, e o Instituto Federal do Maranhão – *Campus* Imperatriz, em uma perspectiva histórico-descritiva.

No capítulo sete, propomos uma análise inicial e qualitativa dos dados primários, entremeando indicadores oficiais e percepções dos entrevistados em fragmentos capturados pela análise de conteúdo e mergulhando na instituição escolar e campo da pesquisa.

A avaliação da política pública de educação profissional delinea-se no capítulo oito, lançando as primeiras percepções sobre o campo da pesquisa, tanto pelos entrevistados como pelo pesquisador, e dialogando com as memórias individuais do processo de implantação do *Campus Imperatriz*, cujas memórias são elucidativas para identificar o “mito fundador” da instituição como elemento da memória social e coletiva da cidade e da instituição. Apresentamos a metodologia de Avaliação Emancipatória (SAUL, 2006) e descrevemos as três etapas do método: Descrição da Realidade, Crítica da Realidade e Criação Coletiva. Todo o processo é permeado pelo exercício de escuta ativa do pesquisador, mobilizando os entrevistados a assumirem papel de protagonismo, a fim de atuarem como verdadeiros avaliadores da política pública.

No capítulo nove, inicia-se o processo de avaliação da política pública em estudo. O movimento e dialética da avaliação efetivam-se após a análise de conteúdo realizada no capítulo anterior, materializado na construção no quadro de análise categorial e pinçando as falas que se conectam com a metodologia e suas etapas.

No décimo e último capítulo, apresentamos as contribuições do estudo e as conclusões que se apresentam como enunciativas dos anseios dos atores sociais inseridos no processo de investigação e avaliação: entrevistados e pesquisador.

Propomos ao leitor desta tese compreender os limites da ciência em controlar o tempo histórico e suas nuances, premissa necessária para perceber não só as contribuições desta pesquisa para o tempo presente, por meio da metodologia de avaliação emancipatória, mas especialmente para o devir histórico da política pública e da instituição estudada.

## 2 OS INSTITUTOS FEDERAIS COMO OBJETO DE PESQUISA

A tendência democrática de escola não pode consistir apenas em que um operário manual se torne qualificado, mas em que cada cidadão possa se tornar governante.

Antônio Gramsci

No âmbito da pós-graduação, os IF se apresentam como objeto de estudo bastante presente não apenas em Educação, mas também em outras áreas do conhecimento, como Administração e Políticas Públicas. Essa remissão nos aponta ao entendimento de que, como instituição de educação, seu amplo espectro de atuação proporciona cada vez mais o interesse dos pesquisadores. Nesse sentido, inferimos que boa parte destes estão inseridos na rede de EPT.

A EPT constitui-se em uma institucionalidade diversa e contraditória, pois aspectos regionais, históricos e epistemológicos formam o ambiente necessário para a análise crítica do papel dos IF no complexo cenário educacional brasileiro, imbricado por fatores sociais e econômicos determinantes para compreender o papel da Educação Profissional no cenário atual. Em pesquisa na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), mantida pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT, s.d.), lançamos três palavras-chave para observar a remissão desses termos quanto a pesquisas acadêmicas de mestrado e doutorado, a saber: “institutos federais”, “educação profissional” e “história”.

Encontramos mais de 37 trabalhos acadêmicos, entre teses e dissertações, discutindo múltiplas dimensões dos IF. Em educação, e em especial na articulação entre história, educação e trabalho, destacamos as pesquisas abaixo, disponíveis na referida biblioteca e produzidas na UnB exclusivamente, conforme o Quadro 1, a seguir:

Quadro 1 - Pesquisas sobre a EPT

Item	Título	Autor	Programa / Etapa	Ano de Defesa
1	Os limites da experiência de estado desenvolvimentista no Brasil (2003-2015): o caso dos Institutos Federais.	Reinaldo de Lima Reis Júnior	PPGE-FE / Doutorado	2017
2	A aprendizagem da avaliação em seus três níveis em um curso de licenciatura de um Instituto Federal: desafios e possibilidades	Bruna Lourenção Zocaratto	PPGE-FE / Doutorado	2018
3	Identidade de escola técnica vs. vontade de universidade: a formação da identidade dos Institutos Federais	Gustavo Henrique Moraes	PPGE-FE / Doutorado	2016
4	Atuação da psicologia escolar no Instituto Federal de Goiás (IFGO): concepções e práticas	Marina Magalhães David	PPGE-FE / Mestrado	2017
5	A implementação da Lei 11.892/2008 no Instituto Federal de Goiás: atores, ideias e práticas	Lívia Cristina Ribeiro dos Reis	PPGE-FE / Mestrado	2015
6	Gestão institucional e evasão escolar no contexto de criação e expansão dos Institutos Federais	Geraldo Coelho de Oliveira Jr.	PPGE-FE / Mestrado	2015
7	Processo histórico de criação e expansão do Instituto Federal do Triângulo Mineiro – <i>Campus</i> Patos de Minas	Jane Paula Silveira	PPGP-FUP / Mestrado	2016

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados obtidos na BDTD (IBICT, s.d.).

O Quadro 1 indica uma diversidade de temas e problemas de pesquisa que se aplicam ao contexto dos IF em relação ao fenômeno a ser investigado, em suas diversas realidades. A recorrência temática também identifica no perfil dos pesquisadores uma maior presença e interesse de servidores da rede federal de EPT nos programas de pós-graduação, a partir de pesquisa dos contextos escolares em que atuam. Pretendemos contribuir para a ampliação do debate sobre a EPT, reconhecendo que a temática apresenta ainda muitos pontos a discutir em sua heterogeneidade como fenômeno incrustado em complexos sociais e históricos específicos, ainda que sob a lógica hegemônica da sociedade em que vivemos e pretendemos transformar.

A nova Rede EPT tem como referencial histórico de sua criação a publicação da Lei 11.892 (BRASIL, 2008). Sua inovação reside em conceber uma institucionalidade diferenciada frente à estrutura anterior, fragmentada entre escolas industriais, agrícolas e tecnológicas, transitando entre o legado institucional de escolas técnicas formadoras de profissionais de nível médio e a perspectiva de diferenciar-se das universidades na oferta

do Ensino Superior e do desenvolvimento da pesquisa aplicada. No conjunto da intenção do Estado, a legislação também pretende demarcar o espaço de atuação das novas instituições, apresentando a tênue diferenciação entre “o antigo e o novo” e conferindo-lhe identidade original perante as consolidadas instituições de Ensino Superior público no Brasil. Na forma da Lei 11.892 (BRASIL, 2008), os IF são:

[...] instituições de educação superior, básica e profissional, pluricurriculares e *multicampi*, especializados na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, com base na conjugação de conhecimentos técnicos e tecnológicos com as suas práticas pedagógicas.

Destaca-se nessa concepção expressa em lei a necessidade de compreender que surge nesse ato legal uma institucionalidade original e revigorada no tocante às antigas estruturas autárquicas, porém sem estabelecer os limites ou superações advindas dessa nova concepção de rede e de Educação Profissional. Surgem, nesse momento e em primeira avaliação, as condições para que o debate interno nas instituições se potencialize a partir do binômio mudança *versus* permanência. Os debates quanto ao “novo” e o legado histórico das antigas instituições, que se exalta como importante reserva moral institucional dessas “novas” instituições, tornam-se objeto de estudo em virtude de determinar os processos de mudança e permanência no âmbito das instituições reunidas na nova institucionalidade. Nesse movimento e estranhamento, afloram elementos indiciários para que a historicidade da Educação Profissional seja possível de ser investigada, no eterno contraponto entre o tempo presente e o passado, projetando o futuro de expectativas do vir-a-ser histórico.

A concepção dos IF, no que excede ao texto legislativo de sua criação, também aponta aspectos importantes para a compreensão dessa nova roupagem institucional e o redesenho da política pública de EPT. Pacheco (2010) aponta claramente na institucionalidade dos IF a noção de territorialidade, aproximando-se da ideia de Milton Santos quanto a “pertencer àquilo que nos pertence”. Pacheco (2010) ressalta ainda que

[...] o desenvolvimento local, regional ou nacional não pode prescindir do domínio, da produção e da democratização do conhecimento. Assim, os Institutos revelam-se espaços privilegiados de aprendizagem, inovação e transferência de tecnologias capazes de gerar mudança na qualidade de vida de milhares de brasileiros. (p. 18)

Compreendemos que o Ministério da Educação (MEC) assume papel indutor nessa nova política e institucionalidade, por reforçar o caráter pretensamente inovador da

(re)criação da Rede EPT. Neste sentido, justifica-se a necessidade de compreender os limites e possíveis avanços dessa mudança e como o movimento da inovação encontrou eco na comunidade institucional, especificamente na instituição objeto deste estudo.

Essa inquietação amplifica-se, em primeira análise, nas realidades impactadas por esse novo momento institucional e na incompreensão histórica da articulação entre o mundo do trabalho e a educação, visto que a estruturação das instituições anteriores aos IF ocorreu em cenário histórico distinto da Educação Profissional, e tais experiências se entrecruzam na breve trajetória de 13 anos dos IF e nos 112 anos da Rede EPT. Nesta contradição histórica que repercute no cotidiano das instituições, estruturamos uma tese inicial que orienta a pesquisa: como a nova concepção de educação profissional se efetiva no tempo presente, em face de sua perspectiva de ruptura histórica e emancipatória? Esta questão orientou a pesquisa e apontou para a construção de uma abordagem crítica e dialética dos seus resultados, referenciados nas memórias e remissões históricas dos atores sociais inseridos no contexto da pesquisa.

## 2.1 ANTECEDENTES HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

A Educação Profissional no Brasil apresenta-se historicamente como elemento controverso e periférico no tocante às preocupações do Estado. Em processos de avanços e retrocessos, e a reboque dos interesses desenvolvimentistas da indústria e outros setores da economia nacional, sua trajetória histórica constituiu-se vinculada e direcionada às classes subalternas como formação inferiorizada, em comparação com a educação destinada às elites. Assumiu, em linhas gerais, um caráter focal em relação ao seu planejamento. Destinava-se a formar cidadãos “úteis” para o desenvolvimento da nação e da indústria, em vertente marcadamente liberal e vinculada aos interesses do desenvolvimento de elementos do capital industrial brasileiro.

As primeiras discussões sobre a necessidade de estabelecimento de escolas profissionais ocorrem no último quartel do século XIX, inclusive com discurso oficial do então imperador D. Pedro II ao parlamento, em 1889, em movimento que se define como necessário a partir o fim do Brasil colônia e estabelecimento das primeiras oficinas e manufaturas em terras brasileiras na época.

Antes do século XIX, há iniciativas pontuais, as quais apontavam o ensino profissional (ensino é o termo mais adequado àquela conjuntura) como remédio social, destinado a escravos, silvícolas e desocupados. Esse entendimento permaneceu durante o período oitocentista, ampliando sua oferta a órfãos e deficientes visuais, apesar do

estabelecimento de pequenas manufaturas e oficinas industriais no período, em suporte a várias atividades urbanas e rurais. Ainda que de caráter assistemático como oferta instrucional, o ensino profissional efetivou-se e possibilitou o surgimento de artífices e artesãos para mineração, metalurgia e manufaturas de guerra, desde o período colonial.

A chegada da família real portuguesa ao Brasil, em 1808, possibilitou a expansão do ensino de artes e ofícios, em processo de ampliação das atividades manufatureiras e, por consequência, necessidade de formação de quadros especializados em distintas áreas. Nesse momento, segundo Fonseca (1986), o ensino profissional não fazia distinção entre pobres, órfãos e abandonados; com a criação, em 1818, por D. João VI, do Corpo de Artífices Engenheiros para formação de quadros técnicos, “não se fazia restrição quanto ao estado social dos jovens a instruir. Não se dizia que aquela espécie de ensino era para pobres, órfãos ou abandonados. Antes pelo contrário, desejavam-se os rapazes de boa educação” (p. 113).

Diferentemente de significativa história do ensino profissional no Brasil, chama a atenção a destinação de formação profissional a segmentos médios da sociedade, em contraponto à educação de cultural geral e ilustrada, que habilitava ao prosseguimento nos estudos superiores clássicos, detidamente, para as faculdades de Direito e Medicina, destino desejado para os filhos das classes abastadas e garantia de posições privilegiadas na estrutura do Estado naquela época.

O ensino das atividades agrícolas tem trajetória semelhante ao do ensino técnico industrial, por também se destinar a segmentos populares e ser estratégia para fixação das populações rurais, visando inclusive conter o crescimento da migração das populações das áreas rurais para as cidades, em meados do século XX. Importante citar ainda que o ensino agrícola também esteve fortemente vinculado à necessidade de formação de quadros de trabalhadores para a ampliação das atividades econômicas, em especial a partir dos anos 1950, com a chamada “revolução verde”, que impôs um novo modelo produtivo ao setor rural, centrado na “modernização” das formas de produzir, impactando diretamente as concepções formativas para o ensino técnico agrícola (CASTRO, 2022). Movimento análogo também se observa quanto ao ensino industrial nos anos 1930, período de reestruturação produtiva no Brasil, com forte crescimento industrial e urbano no início da Era Vargas.

Notadamente, as demandas econômicas e desenvolvimentistas observadas no Brasil durante todo o século XX influenciaram diretamente a Educação Profissional, impondo um modelo de formação utilitária de trabalhadores para o mercado de trabalho,

cuja finalidade era movimentar o sistema econômico brasileiro, em detrimento de uma formação emancipatória para os frequentadores das instituições de formação profissional, que se constituíam dos segmentos subalternos urbanos e rurais da sociedade brasileira. Esse processo histórico influenciou diretamente o pensamento educacional brasileiro em relação à função e à estruturação do ensino técnico, concebendo o **dualismo estrutural** como forma necessária para a formação de mão de obra e criando um modelo educacional prático e utilitário, fortemente vinculado às demandas econômicas e afastado das reais necessidades de formação da classe trabalhadora, sob os auspícios do Estado brasileiro, indutor das políticas educacionais e sob forte influência de teorias educacionais distantes da realidade social brasileira.

Para Maria Ciavatta (2009), essa determinação econômica e política deve ser compreendida tal qual moldura da própria sociedade burguesa ocidental:

A história é o desenvolvimento da sociedade burguesa: a história das forças produtivas, das indústrias e das trocas, de determinado meio de produção, determinada fase industrial, determinado Estado ou formação social, ou determinada sociedade. É nesse conjunto de aspectos que se constituem mutuamente como um todo e suas partes que a história deve ser estudada. (p. 56)

A ação humana e o movimento interpretativo desse movimento impõem ao pesquisador a compreensão de fatores e determinações dessa ação, motivados no individual ou no coletivo pelas forças históricas de seu tempo; nesse caso, pelas forças produtivas em estruturação no Brasil e pela totalidade social que o envolve. Eleva-se, nessa perspectiva, a noção marxista do homem como sujeito social, no tocante à relação entre sujeito e objeto na interpretação da história.

O desenvolvimento econômico experimentado pelo Brasil nos anos 1970, em movimento perene e histórico, determina fortemente as políticas públicas em educação. Nessa fase, também assume fator determinante a interferência dos agentes de financiamento externo (de inspiração eminentemente capitalista), além das teorias econômicas e educacionais em evidência<sup>2</sup>. Tais determinações possibilitaram a promulgação da Lei 5.692 (BRASIL, 1971), que reestruturou a educação brasileira e, para os estudos de nível médio (então 2º grau), impôs a formação profissional como elemento

---

<sup>2</sup> Destaca-se no período indicado a “Teoria do Capital Humano”, de Schultz (1964). Segundo o autor, os processos de qualificação e profissionalização da população, obtidos por meio de investimento em educação, elevariam a produtividade dos trabalhadores e aumentaria os lucros dos capitalistas, causando repercussões na economia de modo amplo. Tal teoria fundamentou ainda modelos desenvolvimentistas em países como Brasil, com apoio e investimento de órgãos de financiamento externo desde os anos de 1970 até os dias atuais.

obrigatório nos planos curriculares dos estabelecimentos de ensino. Nesse sentido, em diálogo com a conjuntura histórica, a educação,

[...] no decorrer do período que vai de 1964 a 1985, relacionou-se à repressão, à privatização do ensino, à exclusão de grande parcela das classes populares do ensino público de boa qualidade, à institucionalização do ensino profissionalizante, à desmobilização do magistério pela via de uma legislação educacional complexa e contraditória e ao tecnicismo pedagógico. (JACOMELI, 2010, p. 77)

Jacomeli (2010) detidamente critica a legislação educacional em suas repercussões e inspirações, a nosso ver, e ratifica o movimento de controle da educação brasileira por políticas liberais, sob as vestes da “escola nova” e “necessária” ao projeto nacional em andamento. O discurso fundador da educação pública e dessa “nova escola” consolida-se com o movimento dos pioneiros da educação, expresso no “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, de 1932 (AZEVEDO, 2006; CUNHA 2017), sobre o qual discutiremos adiante. Asseveramos que a Educação Profissional cumpre função importante ao projeto nacional a partir dos anos 1960, reforçando questões sociais e o papel das classes populares nesse projeto, tendo em vista que um dos piores legados da Lei 5.692 (BRASIL, 1971) foi a consolidação da dualidade estrutural na educação pública nacional, destinando aos subalternos uma educação de qualidade duvidosa, centrada na formação técnica precarizada e orientada pelo tecnicismo pedagógico.

A Educação Profissional no Brasil inicia um processo de ruptura em seu processo histórico de formação e consolidação apenas nos anos 1980, graças ao fortalecimento do debate interno nas instituições existentes, em especial nos Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFET), surgidos a partir de 1978, e na Escolas Agrotécnicas Federais (EAF), criadas em 1979. O debate propunha a estruturação de uma concepção educacional emancipatória, politécnica, de influência progressista e em contraponto à histórica estruturação dualista dos currículos dos cursos técnicos, ratificada quase duas décadas depois pelo Decreto 2.208 (BRASIL, 1997), que negava a articulação entre educação e trabalho, vedando a estruturação dos currículos da Educação Profissional por uma perspectiva integrada e emancipadora.

A construção da nova institucionalidade e concepção de Educação Profissional, advinda com a criação dos IF, cristaliza a luta histórica de educadores e educadoras brasileiras pela constituição da escola pública, destacando todas as contradições advindas dessa trajetória. Um projeto de nação e de educação viabilizou-se na primeira metade do século XX, na visão das elites, totalmente alheia às necessidades de formação

das classes populares. Desigualdades sociais e econômicas foram reforçadas ante o projeto de escola pública, que servia aos interesses do Estado brasileiro e seus dirigentes; tal projeto, permeado pela indiferença, permitiu a constituição de uma escola para as elites e, de outra, para os pobres. Uma inquietação insiste em provocar a reflexão: qual foi o lugar das outras concepções educacionais e sociais frente a esse processo? Na dinâmica de análise, algumas indicações surgirão.

Todo o esforço deste estudo será na perspectiva de compreender, em nível regional, o alcance e a repercussão das ações do Estado brasileiro para o desenvolvimento econômico, social e educacional de um recorte do território brasileiro que, a nosso ver, oferece elementos significativos para debater a política pública educacional e, em especial, a EPT, em suas múltiplas determinações, mas não sem antes esmiuçar a historicidade do fenômeno na dialética do tempo histórico. Nessa concepção do tempo, estabelece-se a mediação necessária entre passado e presente para este estudo e seus resultados.

### 3 HISTÓRIA: CIÊNCIA, MÉTODO E O TEMPO HISTÓRICO

Por seres tão inventivo  
E pareceres contínuo  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
És um dos deuses mais lindos  
Tempo, tempo, tempo, tempo

Caetano Veloso

O século XX foi muito frutífero para a construção dos referenciais que consolidaram a ciência História, possibilitando o aprofundamento teórico e metodológico necessário para demarcar seu espaço nas ciências humanas. Como que delineando o ofício do historiador, esse artesão, na análise do tempo e suas nuances, constituiu uma densa epistemologia. Suas principais categorias de análise são necessariamente controversas, pois o conhecimento histórico tem o aporte dos elementos das Ciências Sociais em suas dinâmicas próprias, além das interferências humanas e de suas repercussões nas diversas temporalidades.

O tempo, como categoria, tem diversas dimensões, caráter fundamental para a construção do conhecimento histórico. Transitando entre a filosofia e a física, assume função abstrata na perspectiva do historiador. Para Reis (1996), as diversas dimensões do tempo são, ao mesmo tempo, uma limitação concreta da experiência vivida e da projeção de sua finitude, dialogando com o tempo da consciência e o tempo da natureza. Outros aspectos emergem na relação do homem com o tempo, na medida em que o passado é a consolidação do ser no tempo e espaço, sua projeção pretérita com os pés fincados no presente, visto que o ser do passado é a sua representação que está situada no presente (REIS, 1996).

O historiador assume postura radical, visto que enfrenta as caracterizações concreta e abstrata do tempo, opondo a natureza e sua dimensão física na exata relação com o tempo e o homem como um ser subjetivo, social e cultural, provocando em seu fazer a necessidade de estabelecimento de um terceiro tempo, cristalizado no ofício do historiador como o tempo histórico, multifacetado e de necessária e complexa compreensão e definição.

A influência das ciências sociais para a construção do conhecimento histórico impôs a definição de método e rigor científico, em processo latente em outras áreas do conhecimento, em reprimida influência das ciências da natureza, que referenciaram em período anterior metodologias apropriadas para seus estudos e observações. Esse

processo produziu efeitos na história, detidamente a partir do movimento denominado “Escola dos Annales”<sup>3</sup>, que aproximou a história como ciência do campo das ciências sociais, deslocando sensivelmente seus referenciais para uma maior previsibilidade e controle; ao passo que o tempo, em caráter abstrato e eminentemente vinculado à consciência humana, seria de difícil articulação e definição metodológica.

A questão do tempo e suas múltiplas dimensões sempre se apresentaram como laborioso e necessário desafio para a espécie humana; como ponto de reflexão e fundamento filosófico, não estabelecer alguma forma de controle sobre este mergulharia o homem em um universo incomensurável e caótico. Para Reis (1996), a certeza da finitude da existência humana aterrorizou os homens e, na tentativa de menoscabar essa certeza terrena, construiu elementos culturais e científicos para detê-los ou controlá-los e conferir-lhes alguma previsibilidade, a exemplo da estruturação do calendário e suas várias representações. A noção de calendário e controle do tempo estruturou-se em articulação com o meio natural, organizando também a vida social e dando perenidade aos ciclos humanos e da natureza, a fim de cumprir, assim, uma dupla função como construção social e cultural.

Dedicamos atenção a melhor definição do tempo no conhecimento histórico, visto ser o ponto de partida para o estabelecimento da dialética do movimento dos acontecimentos, em razão de possibilitar a percepção de intervenções, mutações, permanências e rupturas históricas. Determinar como esse tempo dialoga com os processos históricos e suas nuances diz muito sobre esta pesquisa. A historicidade essencial dos fenômenos não se submete ao tempo físico e natural, e tão pouco à percepção de tempo culturalmente construído, mas sim a uma temporalidade própria, necessária e articulada às duas primeiras, com abordagem necessariamente revolucionária.

A necessidade de se estabelecer um conceito próprio de tempo ao fazer do historiador insurge-se como esforço de análise dentro do campo das ciências humanas, desgarrando-se do alinhamento com as ciências sociais e dotando o conhecimento histórico de fundamento essencial para seu desenvolvimento como ciência e seu método.

---

<sup>3</sup> Movimento intelectual e historiográfico situado na primeira metade do século XX, na França, constituído com base no periódico francês “Annales d’histoire économique et sociale”. Surgiu como contraponto a uma perspectiva positivista da produção do conhecimento histórico, propondo metodologia adequada e a incorporação de métodos de outras ciências sociais. Expandiu também o conceito de fontes históricas, influenciando até os nossos dias a produção do conhecimento histórico. Mais informações disponíveis em Naveira (s.d.).

A “Escola dos Annales”, tão cara ao conhecimento histórico e historiográfico, introduziu uma percepção sobre o “Tempo Histórico”, ajustada a seus referenciais. Para Reis (1996), o movimento historiográfico dos Annales cunhou o conceito de “tempo histórico estrutural”, que vincula o tempo histórico à mudança das estruturas sociais, descolando-se sutilmente da ação humana e dominando o evento, dando estabilidade ao tempo da consciência e se aproximando das ciências sociais e de seu método.

O tempo histórico assume caráter estrutural, contido e lento, avesso às revoluções e necessariamente controlado pelo historiador em sua perspectiva investigativa, ao passo que não abala a sucessão dos eventos e acontecimentos: dita-lhe o ritmo, conferindo-lhe aspecto de uma história de “longa duração”, como cunhou Fernand Braudel (1902-1986), historiador francês e representante da “Escola dos Annales”. Nesse sentido, o tempo histórico desse movimento intelectual é revelado pela história estrutural, atenta às ideias, na dialética da duração dos fatos históricos.

A definição do conceito de “tempo histórico” para esta pesquisa colabora para a compreensão e articulação entre o método escolhido e a investigação. A aproximação com o Materialismo Histórico-Dialético de Marx, detidamente quanto às categorias historicidade e dialética, é ponto central para o desenvolvimento deste estudo. Nesse sentido, a própria concepção de tempo histórico assume caráter específico aos historiadores de inspiração marxista, sendo esta a matriz teórica a que nos vinculamos nesta pesquisa e em seus resultados.

### 3.1 O TEMPO HISTÓRICO EM REINHART KOSSELECK

Os historiadores marxistas identificam o papel relevante que a interpretação do tempo histórico tem para a linha historiográfica a que se vinculam, formulando uma teoria que norteia a compreensão dos fatos históricos, bem como lhes conferem caráter singular ante a compreensão da relação passado, presente e futuro para superação da aparência da realidade.

O contraponto da historiografia marxista está na prevalência da ação humana no tempo, provocando mudanças, rupturas. Esse alinhamento, a nosso ver, resgata o papel determinando dos processos revolucionários, não apenas no sentido restrito aos eventos históricos e suas vinculações políticas e sociais, mas também na possibilidade de vislumbrar um outro futuro, possível na medida do alcance dos movimentos de mudança.

A história como ciência e método próprio vincula-se aos processos de mudança; conferir caráter estanque e hermético ao método de pesquisa em história seria como instituir uma postura observatória arriscadamente anacrônica, ainda que se justifique tal intenção na busca do rigor científico. Para Reinhart Kosseleck (2006), o desenvolvimento da historiografia vincula-se ao desenvolvimento da história dos conceitos, os quais, em constante mutação e vinculação ao tempo dos acontecimentos, interferem não apenas na escrita, mas também na pesquisa e construção do conhecimento histórico em sua abordagem social. Nesse sentido,

Todo conceito se prende a uma palavra, mas nem toda palavra é um conceito social e político. Conceitos sociais e políticos contêm uma exigência concreta de generalização, ao mesmo tempo em que são sempre polissêmicos. A par disso, são entendidos pelas ciências históricas sempre como palavras, pura e simplesmente. (KOSSELECK, 2006, p. 108)

As palavras e seus usos são genéricos, ao passo que um conceito resguarda uma carga ampla de sentidos, sejam eles sociais, políticos ou mesmo empíricos. Destaca-se ainda que os sentidos construídos ou atribuídos historicamente se conectam com o passado e presente, revelando uma carga de sentido em processo de reelaboração ou reafirmação. Esse processo, observado no conjunto dos métodos e normas da História como ciência, tem objetivamente a intenção de correlacionar passado e presente numa perspectiva antes improvável, tendo em vista o caráter subjetivo e abstrato das apreensões acerca do tempo e sua dupla dimensão: a física e a cultural. Assim, tomando como referente a força argumentativa dos ensinamentos de Kosseleck (2006), reitera-se que “somente as estruturas temporais são capazes de articular o espaço da experiência histórica como um campo de pesquisa próprio, a partir da perspectiva imanente à materialidade dos eventos” (p. 121).

O conceito de tempo histórico cristaliza-se como força interpretativa e metodológica para o historiador. Rompendo com perspectivas filosóficas ou próprias das ciências sociais apresentadas, admite-se sua excepcionalidade como categoria fundamental ao método e à pesquisa histórica, porém sem se constituir como um terceiro tempo, sobreposto ao tempo da natureza (físico) ou tempo da consciência (filosófico). Essa concepção de tempo histórico, apropriado ao ofício do historiador, tornou “possível compreender a história como um processo, desencadeado por forças imanentes não mais derivadas de determinações naturais e, com isso, não mais explicável, de forma suficiente, a partir de relações causais” (KOSSELECK, 2006, p. 132).

A compreensão necessária da categoria tempo histórico fornece um aporte importante para esta pesquisa, visto que o tempo presente, passado e futuro estarão em constante oposição. Esse confronto das experiências vividas e expectativas do porvir, no âmbito da instituição objeto deste estudo, dialoga com o próprio percurso da política pública de Educação Profissional experienciada pelas pessoas, os atores sociais, que fizeram e fazem a política em sua efetividade. Destacam-se, ainda, as interrelações das pessoas, da política pública e da própria instituição com o lugar, o território de intervenção social e educacional, incorporando as contradições do processo histórico regional e as experiências individuais e coletivas presentes nesse mesmo processo.

As contradições históricas e sociais que se sobrepõem no primeiro esforço de superação da aparência do fenômeno em estudo resgatam o sentido das ações humanas, suas intenções transformadoras ou o desejo da continuidade. A memória individual contrapõe-se ao caráter homogeneizante da própria concepção das políticas públicas de educação e, nesse contraponto, é preciso buscar e analisar os pontos de estranhamento e de ruptura, a fim de fornecer elementos para que a dialética se estabeleça.

## 4 METODOLOGIA E INSTRUMENTOS DE PESQUISA

O tempo histórico é um tempo híbrido, que solda uma fratura.

José Carlos Reis

As opções do pesquisador dizem muito sobre os desafios que a pesquisa poderá oferecer; nesse sentido, para dar conta do processo histórico delineado nesta pesquisa em seu movimento e dialética, é preciso aproximar-se do materialismo histórico epistemológico viável para a justa compreensão dos achados do pesquisador, a fim de traçar objetivos que possam ser ratificados, negados ou reformulados no desenvolvimento e na construção da tese.

Partindo do pressuposto de que só existe dialética se houver movimento, o grande desafio em propor uma pesquisa com aproximações ao Materialismo Histórico-Dialético, fundamentado por K. Marx, está na capacidade de buscar a essência do fenômeno em estudo, observando todas suas contradições, conflitos e interações. Dessa forma, assume relevante papel a observação da ação humana como práxis transformadora, individual e coletiva.

Outro desafio tende a recair mais uma vez ao pesquisador, agora em sua escrita: a necessidade de uma narrativa ajustada ao método e aos instrumentos de coleta de dados. Ao pesquisador e historiador, a análise, a narrativa e a interpretação dos processos históricos, objetivamente, estão entre os maiores dilemas da construção do conhecimento histórico.

No âmbito da pesquisa em educação, a narrativa adequada às opções teóricas e metodológicas deste pesquisador e sua proposição será a crítica à tendência homogeneizante do processo de construção histórica da instituição escolar e da política pública objetos deste estudo. Essa opção colide frontalmente com a concepção, a análise e a avaliação das políticas públicas no Brasil, de tradição eurocêntrica e de alcance focal (BONETI, 2011), negando o peso da tradição, do conflito, dos sujeitos e de suas práticas e intervenções, ou seja, as contradições presentes no processo histórico, considerando ainda o contrapeso do passado como determinado e determinante da ação humana ante a expectativa de futuro, asseverando ainda que “os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram (MARX; ENGELS, p. 25. 2011).

É preciso ouvir os atores sociais, suas experiências e interações, demarcar a temporalidade de sua práxis e perceber a essência crítica de suas falas frente à realidade, sejam ela fruto de suas ações e posturas, evocadas ou impostas em situações possíveis em relação às condições que lhes foram dadas no tempo histórico em análise. Partindo desse princípio, ainda que recaiam críticas pela antecipação das escolhas do pesquisador quanto à crítica e à narrativa, esta poderá colaborar amplamente para os objetivos de construção e desconstrução da tese a ser defendida como fruto desta pesquisa. Assim, assimilamos a observação de Edgar Salvadori de Decca (2006), de que:

O discurso da história constrói-se por fora da experiência do vivido e, por isso mesmo, ela tem dificuldades de trabalhar no campo dos significantes, este lugar problemático, quando pretendemos tratar das percepções produzidas pelos sujeitos que desencadeiam os eventos humanos. O maior problema para a história é o de que seu objeto de investigação, isto é, as ações humanas, ressignificam as experiências vividas, e, ao mesmo tempo, imprimem determinados significados aos eventos, que nem sempre são apreendidos pelos quadros referenciais de nossa cultura. (p. 19)

Ao tempo em que a história, vista como ciência e método, impõe um duplo desafio ao pesquisador, ela também propõe a seus resultados uma dimensão individual e, ao mesmo tempo, coletiva, considerando os sentidos apreendidos pelo pesquisador e pelos contextos sociais, lugares de fala e de escuta dos atores sociais imbricados no processo de construção teórica da narrativa crítica. Nesse sentido, dão-se as condições para a construção da crítica dialética, não apenas no sentido temporal da análise histórica, mas também pela múltipla dimensão cultural e temporal de sua narrativa.

O aporte da ciência histórica implica a necessidade de o pesquisador situar e diferenciar as percepções de tempo e movimento que pretende remontar, criticar e compreender. Dessa opção, os instrumentos adequados para a (re)construção dos fatos em uma narrativa excedem a teoria e a metodologia que nutre o pesquisador. Logo, é preciso auscultar a memória individual e a da comunidade acadêmica do IFMA *Campus Imperatriz*. Neste sentido, destacam Bauer e Gaskell (2010) que:

[...] o pressuposto é que o mundo social não é um dado natural, sem problemas: ele é ativamente construído por pessoas em suas vidas cotidianas, mas não sob as condições que elas mesmas estabeleceram. Assume-se que essas construções constituem a realidade essencial das pessoas, seu mundo vivencial. (p. 60)

Dialogando com a argumentação desses autores, observamos que a entrevista qualitativa se torna muito mais do que um instrumento de coleta de dados: um relato que

se caracteriza como fato histórico e documento radical de oposição à tradição histórica e cultural da instituição, ratificada pela história oficial e assimilada como verdade.

O uso da entrevista qualitativa e o resgate da memória individual e coletiva como metodologia torna-se uma oportunidade de “dar voz” àqueles que fizeram parte da história da instituição escolar objeto da investigação, possibilitando-lhes registrar sua trajetória imbricada com a da instituição e a dos outros atores sociais. Nesse sentido, configura-se uma questão relevante ao contexto da pesquisa: em que medida as vivências e as memórias individuais e coletivas aderem ao discurso oficial sobre a instituição? A linha do tempo traçada entre a criação do IFMA *Campus* Imperatriz e os dias atuais demarca 35 anos de percurso, com marcações relevantes de mudanças na política nacional de EPT. Entretanto, a marcação temporal meramente física não contempla todas as contradições que antecedem e se projetam para além de nosso tempo.

O espaço temporal histórico que delimitamos produziu elementos necessários para maior compreensão da Educação Profissional na instituição em estudo e no contexto social em que se insere, a fim de respondermos às provocações lançadas nesta tese. Cumpre ainda estabelecer a coerência necessária entre os relatos a serem colhidos por meio das entrevistas, aplicando-lhes o rigor teórico e metodológico imprescindível para constituição de seus registros que, ao se revestirem de historicidade em seus contextos e temporalidades, colaborarão para a construção e a desconstrução das análises contidas neste trabalho.

As questões centrais desta pesquisa dialogam com aspectos regionais do território de atuação do IFMA *Campus* Imperatriz, considerando que o entrelaçamento das questões sociais, políticas e econômicas se articulam com a historicidade da instituição escolar objeto da pesquisa e influenciam a forma como a política pública de EPT se efetiva e se torna referência nessa regionalidade. Também se observa o alcance das mudanças na política de EPT na trajetória institucional, bem a convergência (ou não) de tais mudanças com os anseios dos atores sociais diretamente envolvidos no desenvolvimento das ações educativas tanto em relação a seus valores, práxis social, formação profissional e posicionamentos políticos, quanto a que Educação Profissional se pretende e se materializa no cotidiano escolar.

Os elementos necessários para a observação desse movimento e sua dialética histórica e social serão observáveis a partir do relato dos entrevistados, suas impressões e memórias, não apenas como educadores, mas também como pessoas dotadas de individualidade e expectativas em relação às suas escolhas. Desse modo, é preciso

perceber que a cidade de Imperatriz e a região, além do próprio IFMA *Campus* Imperatriz, são um lugar de encontro de trajetórias pessoais diversas, porém imbricadas com algo que nos parece inicialmente singular: migrar e iniciar uma trajetória original nos aspectos profissional e pessoal. Essas questões surgem nos relatos colhidos e destacam o pioneirismo e as conquistas individuais dos entrevistados.

As entrevistas qualitativas seguiram um roteiro semiestruturado, escolha que se apresenta como a forma mais coerente com a opção epistemológica da pesquisa, tendo em vista ainda seu aspecto qualitativo e possibilidades de interação do pesquisador com a realidade a ser investigada. Para Triviños (1987) a entrevista semiestruturada “favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade” (p. 152), devendo ainda dar condições de manter o pesquisador como elemento ativo e consciente no processo de coleta de informações.

#### 4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A análise, a crítica e a compreensão das contradições presentes na trajetória do IFMA *Campus* Imperatriz no Sudoeste do Maranhão, em interação com os determinantes históricos, políticos e econômicos, impõem ao pesquisador uma abordagem específica, com o objetivo de dar respostas às inquietações do tempo histórico em que foram construídas. Nessa perspectiva, Salomon (2000) coloca que “a resolução dos problemas surgidos das contradições implica antes na sua formulação, e a lógica dialética e não a lógica formal a mais indicada e a que se tem revelado capaz e eficiente” (p. 334). A lógica formal, em primeira análise, não seria capaz de nos proporcionar condições analíticas que tornasse possível desvelarmos o problema de pesquisa proposto. Na contradição do processo social e histórico, percebe-se a essência da crítica na perspectiva do Materialismo Histórico-Dialético, com a necessidade de superação da mera aparência dos processos sociais e históricos que determinam a aparente acomodação dos problemas sociais e educacionais em estudo. Na mesma perspectiva, metodologia e instrumentos de pesquisa adequados também são necessários.

Este estudo analisa, por ser um fenômeno a ser investigado, a criação da então Unidade de Ensino Descentralizada (UNED) da Escola Técnica do Maranhão, em

Imperatriz, região Sudoeste do estado, nos idos de 1985<sup>4</sup>, e suas interações e repercussões frente ao cenário social, político e econômico desta região e às mudanças nas diretrizes da política pública de EPT na trajetória da instituição.

Para Lima, Rêses e Silva (2021),

As categorias que compõem o campo da ciência da educação, método e conteúdo, só podem ser compreendidas a partir da contraditória relação entre capital e trabalho no modo de produção capitalista, sendo a EPT uma categoria de conteúdo sem possibilidade de análise fora de seu contexto histórico. (p. 23)

Compreendendo tal relação, identificamos elementos que interferiram e repercutem na instituição e sua comunidade acadêmica, estando estas imersas nesta realidade histórica, tais como: i) os grandes projetos desenvolvimentistas dos anos 1960 e 1980, que provocaram transformações econômicas e sociais relevantes na região, destacando-se a Rodovia Belém-Brasília e o “Projeto Grande Carajás”; ii) os decretos 2.208 (BRASIL, 1997) e 5.154 (BRASIL, 2004a) e suas repercussões para a política pública de EPT no Brasil, face à negação e posterior retomada da integração do Ensino Médio à Educação Profissional em um cenário de intensas disputas entre setores conservadores e progressistas da educação nacional; iii) as mudanças de institucionalidade com a criação dos Institutos Federais em 2008 e sua relação com as políticas públicas de EPT.

As entrevistas individuais realizadas para a apreensão da memória individual e coletiva, além da coleta de dados e sua posterior análise, tornaram possível visualizar com as lentes de pesquisador as especificidades do *locus* da pesquisa. Apesar dos impactos da pandemia de Covid-19 em todo o mundo, em especial na realização das pesquisas de campo para elaboração desta tese de doutorado, quando não foi possível entrevistar pessoalmente os atores sociais inseridos neste estudo, utilizamos as ferramentas de comunicação digital, por meio de videochamadas, para a viabilização das entrevistas e sua gravação. Os entrevistados tomaram conhecimento prévio dos objetivos da pesquisa e concordaram em participar dela, após firmarem termo de consentimento livre e esclarecido, conforme exigência para uso das entrevistas qualitativas em pesquisas acadêmicas.

---

<sup>4</sup> “O Instituto Federal do Maranhão – *Campus* Imperatriz foi criado em 12 de março de 1987, sob o nome de Unidade de Ensino Descentralizada de Imperatriz (UNED). Era parte da Escola Técnica Federal do Maranhão e iniciou suas atividades educacionais no prédio da Escola Dorgival Pinheiro de Sousa, com 14 professores que ministravam os cursos de Edificações e Eletromecânica. Nesse período, foi lançada a pedra fundamental para a construção do prédio próprio e em 1989 realizou-se concurso público para docentes e técnicos administrativos para diferentes áreas e atividades.” (AHID, 2022).

Em razão de ser uma pesquisa qualitativa, a utilização das entrevistas teve a função de “fornecer dados para testar expectativas e hipóteses desenvolvidas fora de uma perspectiva teórica específica [e] desempenhar um papel vital com a combinação de outros métodos” (BAUER; GASKELL, 2010, p. 65), a fim de estabelecer, na possível contradição entre os documentos oficiais, as inferências dos entrevistados e do entrevistador, além da superação da aparência do processo histórico e social recorte deste estudo.

Considerando a comunidade institucional como o grupo amostral ajustado para a inserção empírica da pesquisa, convém aplicar os filtros necessários para tornar a pesquisa viável tecnicamente, dada a amplitude quantitativa dessa mesma comunidade. Assim, face ao caráter histórico da pesquisa como primeiro critério para determinação dos atores sociais a serem entrevistados, importou-nos inicialmente ouvir os servidores (professores ou técnicos administrativos) que fizeram parte do grupo de pioneiros no processo de implantação da escola. Em suas falas, foi possível identificar os pontos de coesão e divergências no processo de consolidação do projeto institucional em relação aos processos históricos que determinam a construção da memória individual e social observada pelo pesquisador. Também foram ouvidos outros sujeitos no desenvolvimento da pesquisa, para além dos pioneiros, além de servidores admitidos em tempos mais recentes. Neste recorte foram entrevistados treze servidores, mesclando as experiências e memórias de diversas temporalidades, contrapondo as memórias individuais e coletivas em face do percurso de existência da instituição. As entrevistas se realizaram em dois ciclos, sendo o primeiro relacionado à coleta dos elementos da memória individual dos entrevistados, e o segundo ciclo, se orientou pela realização da avaliação da política pública, na forma da Avaliação Emancipatória (Saul, 2006).

Para além dessa primeira amostra, os atores sociais externos à instituição também foram entrevistados, detidamente, entidades da sociedade civil que dialogaram e propuseram caminhos para estruturação da proposta educativa e profissional da região, em processo análogo ao desenvolvimento dos grandes projetos econômicos que apontamos na caracterização do *locus* da pesquisa e em amplitude regional. Neste segmento, as três entrevistas realizadas não se inseriram na aplicação da metodologia de avaliação da política pública, porém suas contribuições forneceram subsídios importantes para a consolidação dos resultados, permitindo-nos, ainda, a crítica aos dados e as problematizações necessárias ao processo de análise de conteúdo.

O *corpus* de dados a ser obtido foi analisado por meio da Análise de Conteúdo proposta originalmente por Lawrence Bardin (2011). Dentre as possibilidades de seu uso, a estruturação dos dados por categorização desenvolvida pela pesquisadora apresentou-se como opção para o agrupamento e tratamento dos dados coletados. Para a autora, tal categorização “tem como primeiro objetivo (da mesma maneira que na análise documental) fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos” (BARDIN, 2011, p. 149), afirmando que “a análise de conteúdo assenta implicitamente na crença que a categorização [...] não introduz desvios (por excesso ou por recusa) no material” (p. 149).

A opção de tratamento dos dados brutos e seu conteúdo por categorização buscou dar relevo às falas dos sujeitos da pesquisa, levando também a efeito a metodologia de avaliação de política pública proposta para a pesquisa. Desse modo, a análise categorial trouxe a possibilidade de o pesquisador realizar as inferências necessárias para a ampla compreensão da realidade analisada, dialogando e efetivando a perspectiva dialética da pesquisa e seus resultados.

Concebemos esta pesquisa como qualitativa, com importante inserção comunitária e engajada na compreensão interna e externa das questões sociais deste estudo. A pesquisa e seus resultados assumem caráter exploratório original, pois possuem objeto de pesquisa específico e eivado de singularidade.

Foram realizadas pesquisas bibliográficas dos referenciais teóricos e conceituais sobre a EPT, buscando identificar as concepções e a epistemologia que nutriram e nutrem as políticas de Estado para esse nível de educação em cada tempo histórico e como esses referenciais se constituem na memória social das instituições escolares.

Como destacado, a realização de entrevistas individuais com a comunidade institucional (servidores) e externa, reconstituindo a partir das memórias individuais a percepção dos atores sociais frente às trajetórias históricas da instituição em estudo, forneceu dados que se constituíram como elementos para a compreensão crítica das permanências e rupturas que possam existir no processo de implementação das políticas públicas de EPT no contexto social de imersão da pesquisa, a partir do tempo histórico dos fatos e das memórias pesquisadas. Os dados obtidos, sob o ponto de vista teórico, podem ser analisados a partir de seus efeitos e repercussões no âmbito da comunidade em estudo, desvelando as contradições contidas na própria concepção das instituições de Educação Profissional e na sua ação e repercussão frente aos atores sociais por ela alcançados. Nessa contradição, a partir do aporte dos elementos da memória individual e

da percepção do movimento dos fenômenos sociais presente no tempo histórico estudado, foram proporcionadas condições para o pesquisador exercer papel crítico e atuante em todo o processo da pesquisa, análise e escrita dos resultados.

Será uma avaliação da política pública de Educação Profissional, com aporte de uma metodologia que possibilite expandir as percepções sobre o objeto, dando voz aos atores sociais envolvidos na execução e interagindo interna e externamente na instituição determinada como campo da pesquisa. O cenário da pandemia impôs adaptações e obstáculos para a execução da pesquisa e as análises dos dados. Nesse sentido, as entrevistas qualitativas e individuais atenderam ao propósito deste estudo, além do aporte da metodologia de Avaliação Emancipatória desenhada pela pesquisadora Ana Maria Saul (2006), em virtude de promover a participação da comunidade acadêmica em etapas específicas do processo: descrição da realidade, crítica da realidade e criação coletiva. A aplicação dessa metodologia promove a inserção de vários atores do processo efetivo de execução da política pública, detidamente, nos locais em que ela se desenvolve, amplificando a voz da comunidade e propondo “uma análise valorativa do programa educacional na perspectiva de cada um dos participantes (avaliadores) que atuam” (SAUL, 2006, p. 62).

Sobre a avaliação de políticas públicas em educação, Silva (2015) aponta que:

A avaliação de políticas e programas educacionais envolvem um amplo espectro de variáveis, que em relação ao pretendido pelo Estado enquanto formulador e indutor da política, notadamente envolve elementos que inicialmente podem não ter sido contemplados, considerando a política pós-implantação e em execução. (p. 57)

Nesse sentido, a promoção da inclusão dos atores sociais e executores da política pública torna o processo de avaliação diferenciado, visto que expande a avaliação para uma perspectiva comunitária e amplificada, e favorece o empoderamento dessa mesma comunidade não só durante o processo avaliativo, mas também quanto a seus resultados. O pesquisador extrapola o papel de avaliador final dos dados, tornando-se também um mediador em todo o processo, desde a pesquisa inicial, coleta e análise de dados, até seus resultados (RÊSES; SILVA, 2018).

Ao valorizarmos a participação da comunidade e destacarmos que esta pesquisa assume papel de resgate da memória individual e coletiva da comunidade interna e externa da instituição e do campo da pesquisa, posiciona os entrevistados qualificados como avaliadores singulares da política pública. Suas falas e seu conteúdo são documentos singulares não só para o processo de avaliação, pois se revestem de

importante relevância como fonte histórica para a análise de todo o processo histórico estudado, suas estruturas e articulações com outras estruturas temporais e sociais. Face a essa singularidade, as entrevistas foram transcritas e fazem parte relevante desta tese, na forma de apêndices.

## 5 A EDUCAÇÃO PÚBLICA EM DISPUTA

Talvez haja outros conhecimentos a adquirir, outras interrogações a fazer hoje, partindo não do que outros souberam, mas do que eles ignoraram.

S. Moscovici

O exercício de análise e crítica quanto às políticas públicas em educação emanadas pelo Estado brasileiro dizem muito a respeito das orientações teóricas e políticas de tais ações, evidenciando ainda como se pretende fazer o enfrentamento da agenda pública da qual derivam. Propomos a revisão de pontos determinantes da história da educação brasileira, a partir da identificação das matrizes teóricas que determinam a fundamentação e consecução das políticas públicas educacionais, e da leitura crítica destas matrizes, frente à necessidade e à possibilidade de proposições contra-hegemônicas de transformação da educação no Brasil.

Na sequência deste capítulo, apresentaremos os elementos que identificam esse processo de disputa, permeado de contradições entre os educadores brasileiros que, naquele momento, assumem papel de protagonismo na discussão de um projeto educacional brasileiro que expressasse um projeto de nação, coadunando-se com o momento político e os anseios de reorganização do estado nação daquele período histórico.

### 5.1 CONTRAPONTO AO PENSAMENTO EDUCACIONAL BRASILEIRO: LIBERALISMO *VERSUS* MARXISMO

A compreensão do cenário político e econômico brasileiro nos anos 1930 colabora para o estudo em perspectiva das questões educacionais brasileiras no período, bem como suas repercussões. Fatos marcantes da história da educação brasileira, como a criação, em 1930, do Ministério de Educação e Saúde Pública (MESP)<sup>5</sup> e a publicação, em 1932, do “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova” (AZEVEDO, 2006) apresentam indícios relevantes para a discussão dos caminhos da agenda de políticas públicas em Educação desde então. Destacaremos quais as influências no tocante a questões

---

<sup>5</sup> Nomenclatura da instituição criada em 1930, que “desenvolvia atividades pertinentes a vários ministérios, como saúde, esporte, educação e meio ambiente” (MEC, s.d.). Em 1956, foi dissolvida a partir da criação do Ministério da Educação e Cultura (MEC).

econômicas, políticas e científicas que um possível projeto para a escola pública brasileira recebeu e as consequências observáveis em uma análise desse processo em seus elementos históricos.

Partindo da instauração da República no Brasil, percebemos quais influências são marcantes para a definição do papel do Estado frente à demanda de escolarização da sociedade brasileira nos idos de 1930. Dessa forma, propomos neste texto observar quais caminhos se constituíram e contrapõem concepções liberais, tradicionais ou contra-hegemônicas nos estudos e nas propostas para a educação brasileira em tempos recentes.

Com aporte de autores fundantes para o pensamento educacional brasileiro, destacamos as influências de John Dewey (1859-1952) neste processo, e como sua “filosofia ou sociologia da educação” se articulou com os pensadores educacionais brasileiros na compreensão dos problemas nacionais e na proposição de alternativas para a realidade educacional no século XX.

Apresentaremos, em abordagem crítica, as fontes bibliográficas utilizadas neste capítulo, e, para cada uma das seções a seguir, propomos análises que permitem perceber nas discussões entre os educadores brasileiros o embate de teorias e concepções de educação que determinaram a perenidade da visão liberal na educação nacional, em oposição às abordagens contra-hegemônicas que aportaram no Brasil mais adiante, em especial as contribuições de Antônio Gramsci (1891-1937) e seus escritos sobre a política e educação, diante da necessidade de um modelo educacional que elevasse as classes subalternas.

## 5.2 O BRASIL EM 1930: ESTADO, NAÇÃO E EDUCAÇÃO

No Brasil dos anos 1930, a cena histórica permite compreender o movimento que se inaugura nessa fase: a formação de hegemonia no tocante a um pensamento educacional brasileiro e também suas conexões com as questões históricas, políticas e econômicas mais relevantes que atravessam o século XIX e inauguram o século XX.

No contexto mundial e com reflexos locais, a crise capitalista de 1929, denominada “Grande Depressão”, foi determinante para as mudanças. Nesse contexto, visualizamos um país centrado em uma base econômica eminentemente agroexportadora e que sofreu com os acontecimentos da época. A baixa dos preços dos produtos agrícolas brasileiros, especialmente do café, expôs a fragilidade da economia e a necessidade de busca por

alternativas para o atraso econômico brasileiro frente às grandes nações do século XX, em especial os Estados Unidos da América. Esse elemento coloca em xeque a necessidade de introduzir o país não só em uma nova fase do capitalismo (a partir de sua industrialização), mas também pensar a educação como um dos poucos elementos capazes de proporcionar a elevação instrucional da população e também formar cidadãos úteis ao Estado e às novas demandas que a crescente urbanização e industrialização provocarão.

Há uma referência importante e anterior ao contexto histórico delineado que oferece elementos para a compreensão do discurso político, acadêmico e educacional pelo qual atravessa o século XIX e início do XX. O educador Manoel Bomfim (1868-1932), em sua obra *A América Latina: males de origem* (1905), inaugura as discussões sobre a educação brasileira, demarcando uma relevante crítica ao processo de colonização da América Latina e, em especial, do Brasil, além de apontar como esta trajetória não só explicaria, mas também seria um aporte interessante para pensar o país e a educação como elemento propulsor de mudanças sociais, políticas e econômicas.

Para melhor compreensão sobre o intelectual, aportaremos interpretações e críticas que Câmara e Cockell (2011) fazem sobre sua principal obra. Para as autoras, “colocaram Bomfim no cenário intelectual da época no contrapelo com as concepções racistas dominantes” (p. 294) devido à sua abordagem original e crítica para os problemas da América Latina e do Brasil. Bomfim (1905) introduz uma nova leitura à realidade brasileira, em especial devido às críticas e às propostas de superação das teorias vigentes, que interpretavam a sociedade brasileira no século XIX.

Para Câmara e Cockell (2011), a argumentação possibilitou ao intelectual se posicionar “num movimento de superação de dicotomias” (p. 294) que permeavam o pensamento intelectual brasileiro, reflexo das fortes influências que teorias raciais, darwinistas e evolucionistas impunham às explicações para o atraso da América Latina (e do Brasil) frente às grandes nações europeias.

Manoel Bomfim (2016) centrou sua teoria no que chamou de “parasitismo urbano” presente nas sociedades pós-colonialistas na América Latina. A tese recorrente de que a miscigenação seria um dos males para o atraso foi contestada; desse modo, inicia-se com o autor um novo esforço de compreensão da sociedade brasileira e seu futuro, opondo-se aos conceitos de modernidade e atraso a partir de outra premissa explicativa: a realidade educacional. Na obra de referência de Bomfim (2016), há uma crítica à ciência presente no Brasil e uma compreensão dos problemas nacionais em teses que não poderiam

superar seu próprio discurso explicativo, com o aporte de teorias raciais e “biologizantes” do processo social. Para ele, a República brasileira necessita romper com os males do atraso nacional; dessa maneira, seu pensamento propôs novas perspectivas e referências teóricas que precisavam ser elevadas para a efetiva entrada do Brasil na era moderna e democrática. Crítico das classes dirigentes brasileiras de sua época, assevera o autor que

[...] a sociedade continua a arrastar-se ao sabor dos que a dirigem. Assistidos, reconfortados por estes, os elementos refratários, remanescentes do passado parasitário, revivem, proliferam, doutrinam, orientam; e a nova pátria não chega nunca a ser uma pátria, senão a ex-colônia, que se prolonga pelo Estado independente, contra todas as leis da evolução, sufocando o progresso, presa a mil preconceitos, peada pela ignorância sob o conservantismo. (BOMFIM, 2016, p. 206)

Tais críticas repercutem de modo significativo no meio intelectual e político, e forçam uma reflexão quanto a outras experiências de Estado e educação existentes na mesma época. Percebemos o início da influência do pensamento norte-americano, que estabelece em seu projeto de nação outros referenciais teóricos e filosóficos, propondo à educação a função de colaborar para desenvolvimento econômico e político dos Estados Unidos, influências que estavam no Brasil há algum tempo.

A percepção liberal do papel da educação para o desenvolvimento das nações se fez perceber marcadamente nos estadunidenses, principalmente após a Guerra de Secessão (1861-1865). Com o objetivo de possibilitar uma nova unidade social, a educação liberal e de vinculação religiosa protestante obteve resultados relevantes, visto que a premissa liberal e individualista criou o estereótipo do novo homem: moderno e laborioso.

Essa nova concepção vinculou-se ao ideário republicano brasileiro; segundo Vieira (2008),

Os propagandistas republicanos paulistas vinculavam as ideias federalistas à imagem do novo, do moderno, do civilizado, imagens que encontravam sua nitidez nos Estados Unidos da América. E a escola seria o instrumento que abriria o caminho que levaria a nação a forjar o homem novo racional e industrial, segundo o modelo americano. (p. 27)

Ainda no século XIX, a presença das missões religiosas presbiterianas norte-americanas em São Paulo e suas influências na reorganização da educação paulista nos dão pistas importantes quanto à aceitação dos modelos educacionais advindos dos Estados Unidos, mesmo que de uma matriz cristã protestante frente a um país e uma sociedade majoritariamente cristã-católica naquela época. A atuação da educadora

mineira Maria Guilhermina Loureiro de Andrade (1869-1913), de formação educacional presbiteriana norte-americana, voltada à elaboração de pareceres e propostas para a criação dos jardins de infância (*kindergarten*) e formação de professoras para esse segmento em São Paulo, demarca o pensamento educacional renovador no Brasil a partir dos modelos americanos de educação e formação da infância, inspirados em Friedrich Fröbel (1782-1852) (CHAMOM, 2008). Acreditamos estar imbricada na educação presbiteriana a preocupação educacional e social visando a formação de uma sociedade ajustada ao projeto nacional norte-americano após os quatro anos de conflito e acirramento da Guerra Civil.

A escrita interpretativa de Manoel Bomfim (2016) apresenta-se fundante para a análise das questões educacionais brasileiras, centradas no esforço de compreensão dos problemas sociais e na forma como o Estado deveria intervir para a consolidação da escola pública (e republicana), em contraposição ao fragmentado e estratificado sistema educacional existente naquele momento histórico. Bomfim (2016) negou a aplicação direta de teorias estrangeiras sobre a sociedade brasileira e propôs responder às questões sociais brasileiras partindo de sua herança colonial ibérica, relacionando nosso processo histórico com outras experiências na América.

Saímos das teorias explicativas dicotomizantes da realidade social brasileira, surgem na entrada do século XX outros paradoxos, identificados como novos polos de discussão e de contraposição: *atraso* e *desenvolvimento* na economia; *antigo* e *moderno* no âmbito social; e por fim, mas não menos importante, o *público* e o *privado* na educação brasileira.

O pensamento sobre o devir da nação brasileira também gravitava entre o *Novo Mundo* e o *Velho Mundo*, ou seja, entre a experiência norte-americana (e seu ideário liberal e pragmático) e as raízes ibéricas (representadas pela atuação das instituições religiosas católicas na educação), no início do século XX.

### 5.3 PASSADO E FUTURO: POR UMA NOVA TEORIA EDUCACIONAL

Envolvidas com o movimento político renovador que os ares republicanos pareciam ter trazido à capital federal no limiar do século XX, as elites brasileiras discutiam os destinos do país. Neste contexto, a força modernizadora era sensivelmente expressa pelo movimento higienista de reestruturação urbana do Rio de Janeiro, visto que era preciso

dotar a capital da República da estrutura e organização urbana ajustada a esses novos tempos.

Os intelectuais brasileiros elegeram seus referenciais frente ao tenso movimento histórico entre o atraso e a modernidade desse início do século XX. Nesse contexto, surge como exemplo nas Américas a experiência dos Estados Unidos em pensar, a partir de sua realidade, condições para a elevação do país e da sociedade norte-americana, calcadas em um modelo democrático-liberal e todas suas influências sobre o pensamento educacional, atentos ao processo de industrialização em suas demandas por formação de mão de obra e de cidadãos úteis ao Estado e à economia.

A filosofia pragmática de John Dewey influenciou muito os educadores brasileiros no primeiro quartel do século XX. Suas obras e teorias discutindo a educação e sua intrínseca relação com a democracia refletiu destacadamente no movimento denominado Escola Nova, que tem como marco fundante o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, divulgado em 1932 (AZEVEDO, 2006). Porém, antes de discutirmos o manifesto e a influência do pensamento deweyano, analisaremos alguns antecedentes históricos.

Sendo a crise econômica de 1929 um elemento determinante para as questões nacionais, projetar uma nação e repensar sua estrutura produtiva tornou-se uma questão premente para o Governo Federal na época. Nesse contexto, a industrialização e a modernização do país colocam-se como desafios a serem enfrentados, sendo também necessário pensar a educação nacional como eixo estruturante de mudanças culturais e formativas para adentrarmos, de fato, no século XX. Delineiam-se um novo discurso e uma prática educacional, um novo balizamento, em que a educação pública e a responsabilidade do Estado são determinantes para o avanço da questão, entretanto, não sem o conflito de interesses presentes na cena política e educacional brasileira nesse período.

As discussões sobre educação pública, a ação e o financiamento do Estado para a consolidação da educação popular apresentam-se na pauta dos educadores brasileiros nos anos 1920. Surge a Associação Brasileira de Educação (ABE), em 1924, a qual, para Dermeval Saviani (2008a) “firmou-se como órgão apolítico, destinado a congregar todos os interessados na causa da educação, independentemente de doutrinas filosóficas, religiosas ou de posições políticas” (p. 229), porém, com a presença de conflitos internos.

A presença de educadores vinculados ao pensamento educacional católico, à política partidária e ao caráter laico da educação outorgavam à ABE a necessidade de discutir as questões educacionais brasileiras, pois seu surgimento se enquadra na

intenção nomeada por Saviani (2008a) como um “partido da educação”, preocupada em não se vincular a questões políticas, proselitistas ou religiosas. Entre seus membros, figuras de diversas correntes protagonizaram discussões e encaminhamento da ABE a cada momento, em um intenso movimento de acomodação de interesses e pensamentos, detidamente no embate entre os defensores do público e do privado na educação.

Exemplo das influências políticas no seio da ABE está nos eventos preparatórios da “IV Conferência Nacional de Educação”, que se realizou entre 13 e 20 de dezembro de 1931 (SAVIANI, 2008a), cujas questões políticas sobrevieram à concepção inicial da conferência, contando inclusive com a presença do presidente Getúlio Vargas (1882-1954) e do então ministro do MESP, Francisco Campos (1891-1968).

Na abertura, Getúlio Vargas exortou os educadores inscritos nessa IV Conferência a definir as bases da política educacional que deveria guiar as ações do governo em todo o país. Essa conclamação não constava explicitamente da pauta do evento. (SAVIANI, 2008a, p. 230)

A proximidade entre os dirigentes da ABE e o MESP permitiram convergir os interesses governamentais quanto à “instrumentalização” da conferência para a cena política da época, na aproximação da ação governamental para o campo educacional e na ampliação da visibilidade da ABE e de seus membros para a proclamação de um discurso fundador para a educação nacional frente aos anseios da época. A divulgação do “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, em 1932 (AZEVEDO, 2006), como fruto das discussões da “IV Conferência Nacional” e da pluralidade de questões políticas e educacionais, intensifica os conflitos de classe e de teorias.

#### 5.4 POR UMA “EDUCAÇÃO NOVA”: DISCURSOS E CONTRADIÇÕES

O “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova” (AZEVEDO, 2006) resulta das contradições existentes entre intelectuais e educadores brasileiros, e detidamente da ABE. Seus membros representavam os variados segmentos presentes na educação brasileira historicamente, de cujas divergências surge o manifesto como uma crítica à situação educacional brasileira. A pedra de toque do documento reside na crítica às referências tradicionais em educação (tradição ibérica) e na constatação do papel determinante que o Estado brasileiro teria na superação do atraso nacional, destacadamente pela ausência da escola pública, por seu financiamento e pela formação de professores, dentre outras questões.

De caráter liberal, as aproximações do manifesto com categorias fundantes, como Democracia, Liberdade e o caráter laico da educação, remetem à essência do pensamento educacional brasileiro nesse período, em constante oposição das antinomias “novo” e “velho”, “atraso” e “modernidade”, em um movimento dialético e crítico, ainda que sob bases teóricas contraditórias e limitadoras. Neste ínterim, destacam-se as influências de John Dewey no manifesto e no pensamento educacional, pela provável ação de Anísio Teixeira, seu principal divulgador no Brasil e liderança na ABE.

Não podemos desprezar o papel de outros educadores na ABE que, em suas filiações políticas, ideológicas ou teóricas, incluíram suas impressões no manifesto, a exemplo de Fernando de Azevedo, redator final do documento. Ao nos deter na atuação de Anísio Teixeira e em sua crença no caráter humanista da educação, observamos seu papel precursor na crítica progressista ao “sistema” de educação excludente e elitista presente no Brasil historicamente, e como os escritos de Dewey estão presentes em sua formação teórica e crítica.

A crise do sistema capitalista de 1929, nos EUA, apontou para a mudança do papel do Estado frente às questões econômicas. O modelo estatal não intervencionista dará lugar gradativamente a um Estado interventor, mediador de questões na relação entre capital e trabalho, em especial na educação, na garantia de direitos fundamentais e na mediação de conflitos entre as classes. Historicamente conhecido como “Estado de Bem Estar Social”, tal modelo se viabilizou nos Estados Liberais europeus como alternativa à crise, aplicando estratégias de planificação econômica sem reconhecer as divergências históricas existentes entre as classes sociais no sistema capitalista.

No Brasil, observamos no governo revolucionário de Getúlio Vargas a necessidade de impor na agenda de modernização do país um projeto de educação que assumira função preponderante. Naquele momento, haveria espaço para a divulgação de concepções educacionais liberais, a exemplo de Dewey e suas teorias sobre escola, democracia e desenvolvimento humano.

Para Saviani (2008a), Anísio Teixeira não adaptou teorias externas à realidade brasileira, mas buscou na experiência democrática liberal norte-americana e nos elementos teóricos das obras de John Dewey subsídios para compreender a “revolução cultural” necessária à transição da revolução armada para o crescimento econômico e social brasileiro nos idos de 1930, em que

[...] uma adequada gestão das atividades econômicas e sociais permitiria respeitar os direitos dos trabalhadores à sobrevivência e a uma vida digna, absorvendo, assim, as reivindicações potencialmente vigorosas das classes trabalhadoras. (p. 223)

Porém, embora o pensamento crítico de Anísio Teixeira não tenha sido majoritário na escrita do manifesto, estava presente nas influências deweyanas: a escola é uma “sociedade em miniatura”. Na escrita do manifesto, abdicou-se o uso de referências acadêmicas; porém, destacamos, a partir da análise de Souza e Martinelli (2009), que “encontra-se no ‘Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova’, de 1932, o ideal deweyano de organizar a escola como representação da sociedade. Dewey não é a única influência do ‘Manifesto’, porém suas ideias são decisivas na elaboração do documento” (p. 163).

O ecletismo político e teórico presente entre os educadores foi demonstrado na escrita do manifesto e no que chamamos neste trabalho de “discurso fundador” sobre a educação e a escola pública brasileira. O papel provocador e sintetizador das críticas à educação ali contidas e o debate de aspectos vinculados à educação natural e aptidões humanas, respeito às individualidades e limites, função social da escola, escola única, negação da existência de classes sociais, dentre os mais relevantes, colocam em contraponto concepções teóricas educacionais e, em primeira análise, impõem ao Estado o papel de indutor do projeto econômico de viabilização de uma “educação nova” para o Brasil, como desejavam os “pioneiros”, ainda que reconhecendo os limites de seu tempo e a perspectiva de futuro para o que estava sendo proposto.

Os limites históricos e materiais impostos pela realidade brasileira de 1932, a *posteriori*, cobraram do pensamento educacional progressista no Brasil um pesado tributo. A influência dos segmentos religiosos católicos e a limitação da ação do Estado brasileiro para viabilizar a escola pública foram obstáculos severos a este movimento. Seu alcance ocorreu de forma restrita frente às influências de segmento educacionais tradicionais na política brasileira e a incapacidade estatal em financiar o projeto escolanovistas; porém, a presença liberal determina fortemente a estruturação e a lógica do ensino profissional no país, exercendo forte influência e alinhamento com as necessidades de desenvolvimento econômico e qualificação de mão de obra para a viragem econômica pretendida com a revolução burguesa no Brasil, a partir de 1930.

## 5.5 POR OUTROS CAMINHOS: CONTRAPONTO TEÓRICOS E HISTÓRICOS

Não obstante o debate brasileiro quanto à Educação e as influências teóricas que discutimos previamente encontrem contrapontos importantes no mesmo período, ocorreram com efeito tardio no tocante ao tempo histórico de suas influências em nossa realidade. Com influências conceituais bem demarcadas no contexto latino-americano, percebermos movimentos decisivos de discussão de projetos populares de educação e de formação de professores. Com a proposta de estabelecermos um contraponto ao movimento escolanovista no Brasil, traremos o “Manifesto Estudantil de Córdoba”<sup>6</sup>, em 1918, e a ação do educador peruano José Carlos Mariátegui (1894-1930) para analisarmos o avanço de teorias progressistas e populares na Argentina e Peru nos anos 1920 e possíveis aproximações e críticas ao debate brasileiro no mesmo período e em contextos históricos futuros.

O “Manifesto Estudantil de Córdoba” de 1918, na Argentina, possibilitou aos estudantes a crítica ao sistema universitário tradicional, centrado ainda nos modelos rígidos e clericais que aportaram à América Latina com as primeiras instituições de Educação Superior ou no liberalismo de setores abastados e testaram seu poder de mobilização em torno de causas populares. Além disso, a bandeira da reforma universitária proposta pelo movimento agregou também setores médios locais no enfrentamento ao atraso econômico e em seus reflexos sociais nos países latino-americanos. O movimento estudantil congregou estudantes desses mesmos setores médios, além de outros segmentos, inclusive populares, os quais ascendiam à universidade dada a sua organização social e política, para fazer frente aos setores tradicionais que controlavam a estrutura universitária e hegemonizavam o acesso aos estudos superiores.

Ao considerarmos o alcance dos eventos de Córdoba, as reformas universitárias advindas da Argentina e do Peru, especialmente, a concepção de universidades populares, a proposição da extensão universitária para além da filantropia e a ascendência de lideranças estudantis populares nesse contexto político, com clara inspiração progressista e reformista, causam-nos algum estranhamento, em razão de esses mesmos eventos não terem repercutido na cena educacional brasileira.

Identificamos algumas hipóteses inicialmente válidas para a apatia e a ascensão no Brasil de teorias liberais em detrimento de possibilidades populares no mesmo período. É

---

<sup>6</sup> Mais informações disponíveis em Universidade à Esquerda (2021).

possível compreender esse distanciamento pela própria conjuntura econômica e social brasileira, centrada na produção agrícola majoritária e de população eminentemente rural, quadro que experimentará alguma mudança a partir de 1930 pelos motivos discutidos. Entretanto, torna-se necessário ampliar a influência do “Manifesto Estudantil de Córdoba” a partir da ascendência de Mariátegui, jornalista e intelectual peruano de forte inspiração marxista, que propôs análises originais para a realidade de seu país, inaugurando o que se convencionou chamar de “Marxismo Latino Americano”, muito bem definido por Pericás (2010), ao afirmar que Mariátegui, “ao contrário de muitos, ‘não copia’ ou ‘transfere’ mecanicamente sistemas teóricos europeus para sua realidade, mas realiza, na prática, o primeiro esforço bem sucedido para ‘nacionalizar’ o arcabouço teórico de Marx em nosso continente” (p. 335).

Como proposta para essa abordagem, deteremo-nos aos escritos de Mariátegui sobre Educação (2007), que, na qualidade de cronista, teceu críticas à educação peruana, oferecendo elementos para analisar as influências teóricas de seu pensamento. Para além de um jornalista, como assevera Pericás (2010), seu principal biógrafo e estudioso, Mariátegui assume papel de protagonista nas discussões teóricas sobre a Educação peruana, visto que se configurou como personagem de grande relevo na política, atuando fortemente na fundação da Central Geral do Trabalhadores no Peru, bem como na estruturação do Partido Socialista.

Partindo de sua escrita sobre as políticas educacionais, notamos sua preocupação em situar a importância dos professores no processo de elevação das camadas populares para a revolução social necessária para seu país, bem como sobre a necessidade de formação universitária aos professores neste mesmo processo. Recebeu forte influência do “Manifesto Estudantil de Córdoba” em sua atuação política, sendo forte crítico do sistema educacional de seu país por considerar o abandono do Estado peruano frente às necessidades de escolarização das populações rurais.

Mariátegui (2007) denuncia em suas crônicas que a concepção da “escola gratuita, laica e obrigatória” como objetivo necessário a ser alcançado consta em todos os ideários da política democrática, liberal e burguesa. Situando sua fala historicamente, o intelectual peruano inscreve tais premissas como necessárias à instalação da ordem burguesa, como produto natural do “liberalismo e do capitalismo”. Ao discorrer sobre a face da escola pública na América espanhola, o pensador foi ainda mais enfático, asseverando que,

A nova geração ibero-americana não pode contentar-se com uma ordinária e desgastada fórmula do ideário liberal. A escola laica – escola burguesa – não é o ideal da juventude possuída de um potente afã de renovação. O laicismo, como fim, é uma coisa pobre. Na Rússia, no México, nos povos que se transformaram material e espiritualmente, a virtude renovadora e criadora da escola não reside em seu caráter laico, senão em seu espírito revolucionário. (MARIÁTEGUI, 2007, p. 51-52)

Teceremos adiante sobre as primeiras aproximações entre os escritos de Mariátegui (2007), publicados entre 1925 e 1928, e as discussões e as experiências dos intelectuais brasileiros, ao analisarmos os caminhos da educação nacional.

Mariátegui (2007) preocupou-se também em conceber uma escola não classista em contraponto à escola burguesa, que

[...] caracteriza-se, sobretudo, como um ensino classista. [...] a criança proletária, qualquer que seja sua capacidade, não tem praticamente direito na escola burguesa, senão a uma instrução elementar. A criança burguesa, por outro lado, também qualquer que seja sua capacidade, tem direito à instrução secundária e superior. (p. 75)

Em suas críticas à escola liberal e burguesa, Mariátegui (2007) aprofundou a discussão sobre as finalidades da escola no contexto da ordem social e econômica do início do século XX. Nesse sentido, mesmo países e sociedades considerados mais evoluídos não fogem ao seu papel classista. Esse fragmento e o ideário mariateguiano esclarecem o claro confronto entre o ideário liberal e sua formação marxista. Seu papel no contraponto das ideias e concepções de sociedade no Peru dos anos 1920 bem seria necessário ao contexto brasileiro apresentado nas seções iniciais deste trabalho, porém abordagens de inspiração progressistas tardaram a chegar e, por conseguinte, se enquadram em nossos dias em abordagens contra-hegemônicas. Mariátegui (2007) guarda traços de semelhança conceitual com Antônio Gramsci (2000), tanto na crítica às vinculações estatais da escola, como na proposição de uma escola não classista ou, no termo gramsciano, uma escola “desinteressada”.

## 5.6 GRAMSCI E POLÍTICAS PÚBLICAS EM EDUCAÇÃO

A obra intelectual de Antônio Gramsci, situada entre os marxistas de grande monta, conferiu importante destaque na articulação entre a Educação e a revolução social necessária para elevação das classes subalternas e formação de um novo bloco hegemônico, em superação ao bloco histórico liberal e burguês. O desenvolvimento de

uma contra hegemonia, com intelectuais de base orgânica popular inseridos no confronto existente na sociedade política e sociedade civil como elementos de funcionamento estatal, possibilitaria uma virada histórica. Aprofundaremos esses temas, na perspectiva de compreender como tais elementos se articulariam com a crítica e a concepção de políticas públicas educacionais, em contraponto ao “discurso fundador” do movimento escolanovista, que consolidou o pensamento liberal da escola pública e das políticas a ela vinculadas.

No Brasil e em outros Estados liberais, as concepções de políticas públicas partem de premissas científicas, as quais revelam nossa tradição iluminista, conforme discutiu Lindomar Wessler Boneti, em sua obra “Políticas Públicas por dentro” (2011). Tal característica, segundo o autor, nega todas as contradições de uma sociedade de classes, forjando um suposto senso de homogeneidade social, ao qual todas as políticas públicas calcadas em constatações técnicas podem e devem atender. Mais ainda, o senso de urgência e de enfrentamento das questões sociais assumem caráter hegemônico, visto que se forjam não apenas a agenda pública das políticas, mas também o interesse geral e mobilizador em torno dessas mesmas políticas. Não existem classes, logo não há conflitos, o que suaviza a ação (ou omissão) estatal frente à agenda de necessidades das classes populares.

O enfrentamento do estado burguês também deveria ser feito no tocante às estruturas escolares, sendo necessária a desvinculação da escola ante o Estado controlador burguês. Neste sentido, Marx e Engels (2011) afirmavam que

A crítica da dependência escolar do Estado não tem somente aspectos negativos. A proposta sugerida é de sistema de gestão não burocrático, com a intervenção direta da população trabalhadora através de seus delegados e num marco de democracia direta, tal como colocam em relevo suas indicações, já assinalados a propósito da Comuna de Paris. (p. 19)

A crítica marxista evoca a necessidade de retirar a escola do controle estatal, afastando suas estruturas da influência política e ideológica da burguesia, controladora do Estado. Desse contexto, poder-se-ia constituir o ensino público, gratuito, laico e livre, emancipador da classe trabalhadora. Logo, aproximamos as visões de Gramsci (2000) dessa concepção marxiana para a educação das classes populares.

Para o autor, o próprio aparato estatal consolidado nas estruturas legais ratifica a ação estatal em seu caráter homogeneizante, consolidando a forma de pensar e agir da “classe dirigente, que ‘impõe’ a toda sociedade aquelas normas de conduta que são mais

ligadas à sua razão de ser e ao seu desenvolvimento” (GRAMSCI, 2000, p. 73), forjando também a percepção de igualdade e de conformismo social.

É possível observar algumas aproximações da realidade brasileira, no tocante às questões educacionais e ao discurso pedagógico em torno da escola pública, com os elementos gramsciano de negação do conflito de classes pelo Estado e a cristalização de políticas públicas educacionais que, subjetivamente, deveriam garantir o acesso de todas e todos à educação, sem tampouco cuidar das demandas específicas que as classes populares possuem para sua escolarização, elevação social e cultural. A visão pragmática do papel da escola formando cidadãos úteis ao Estado liberal e ao sistema capitalista aprofundou-se ainda mais na experiência brasileira, instituindo percursos formativos restritos aos filhos das classes populares, e ensino amplo aos das classes privilegiadas. Tal contexto brasileiro tomou caráter estruturante das políticas pública de Educação, em especial para a Educação Profissional, delimitando os espaços sociais a serem determinados aos seus frequentadores.

A separação entre teoria e prática, bem como a instituição de escolas acessíveis a determinados estratos sociais, foi objeto das reflexões de Gramsci (2000), denunciando tais estratégias como meios necessários para a manutenção de grupos subalternizados. Como Marx e Engels (2011), Gramsci (2000) defenderá uma educação que aproxime a escola do trabalho, negando a hierarquização ou a separação entre a formação técnica e a humanística.

Enfatizamos que o “discurso fundador” dos pioneiros da educação ratificou a obra estatal liberal brasileira para a educação, negando o conflito de classes e seus interesses no Brasil dos anos 1930. Formatou-se, assim, o aparato teórico e jurídico necessário em torno do projeto de escola pública no país. Mas, que escola? No plano teórico, a escola laica, liberal e universal; entretanto, na prática, a escola classista que aprofunda as diferenças sociais, conforme criticam Gramsci (2000) e Mariátegui (2007) em seus escritos.

## 5.7 PRIMEIROS APONTAMENTOS

O momento histórico brasileiro analisado possibilitou-nos reconstruir, de modo dialético, as origens do pensamento educacional brasileiro, forjado na contradição crítica existente entre os pensadores brasileiros, em seu diálogo entre os conceitos de “atraso e desenvolvimento”, o “antigo e o moderno” e o “público e o privado”.

Teorias de matrizes europeias e norte-americanas aportaram na cena educacional brasileira no esforço de compreensão da realidade, limitando ou propondo para a sociedade brasileira saídas para uma guinada de sua história. Como parâmetro, a situação material e cultural das nações desenvolvidas serviu de ponto de inflexão e crítica à realidade de classes entre os educadores, ainda que em uma perspectiva liberal e capitalista e sob as vestes da democracia burguesa. Esse movimento interpretativo marcado por antinomias deve ser superado, como propõem Saviani e Duarte (2012):

Em lugar de nos perdermos na disputa para saber em quem está mais alinhado com as últimas novidades, cabe aceitar o convite para entrar na fase clássica, que é aquela em que já se deu uma depuração, ocorrendo a superação dos elementos da conjuntura polêmica com a recuperação daquilo que tem caráter permanente porque resistiu aos embates do tempo. (p. 34).

O papel do Estado brasileiro frente à escola pública brasileira sempre esteve condicionado às demandas de formação e instrução das classes populares para a crescente industrialização, percebida a partir dos anos 1930. No Brasil, o movimento ocorrerá tardiamente, como apontam Mariátegui (2007) e Gramsci (2000), que antecedem à efervescência das discussões teóricas dos intelectuais e educadores brasileiros signatários do manifesto, sem tampouco serem referenciados para a discussão em terras brasileiras ou mesmo encontrarem pensadores em educação de matrizes teóricas aproximadas em suas temporalidades. O avanço do ideário liberal norte-americano ocorre como estratégia para o avanço de políticas públicas educacionais que superassem o grande atraso brasileiro frente às outras nações latino-americanas. Consolidou-se, no Brasil, o Estado liberal e seu projeto educacional; como projeto hegemônico, precisa ser discutido a contrapelo, com aporte de teorias que superem o atraso e o caráter classista da escola pública no país.

Nesse sentido, propostas e críticas situadas no campo teórico à esquerda não encontraram espaço de proposição. Em outro esforço de leituras e busca de referências, é possível traçarmos aproximações teóricas e críticas de matrizes teóricas marxistas com perspectivas educacionais não hegemônicas. Assim, encontraremos as pegadas do pensamento pedagógico socialista nos debates sobre problemas e propostas para a Educação no Brasil nos tempos recentes.

O aporte teórico de autores como Mariátegui (2007), Gramsci (2000), Saviani (2008a, 2008b) e Saviani e Duarte (2012) compõe um quadro teórico relevante para o avanço das discussões sobre a educação nacional, com aportes significativos a partir dos

debates sobre a Escola Unitária, a relação entre Trabalho e Educação, e a Pedagogia Histórico-Crítica, alternativas ao pensamento pedagógico hegemônico contemporâneo. Identificar os primeiros contatos desses pensadores e suas categorias fundamentais nos educadores brasileiros torna-se aprofundamento necessário para compreendermos as inflexões históricas presentes na educação do Brasil, bem como as possibilidades de rompimento com a tradição e hegemonia liberal no debate educacional, em especial em torno da escola pública e de sua função social.

Em observação inicial, vislumbramos na concepção dos IF o contato com concepções progressistas de educação, em contraponto à tradição liberal discutida, ainda que as contradições políticas e ideológicas determinem a necessidade de maior reflexão sobre o tema, em proposta que passamos a discutir adiante.

## 6 EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: CONCEPÇÕES E CONTRADIÇÕES

O governo dos operários e camponeses que respeita os interesses das massas populares deve romper com o caráter de classe da escola, deve fazer com que a escola em todos os níveis seja acessível a todos os segmentos da população, mas fazer isso não só nas palavras, mas em atos. A educação continuará sendo um privilégio da classe burguesa até que as finalidades da escola sejam alteradas.

N. K. Krupskaya

As mudanças que se processam no mundo do trabalho e na Educação Profissional tem sido objeto de preocupação e estudos em tempos recentes. Neste sentido, a criação dos IF converge intencionalmente para o movimento de mudanças. Os referenciais clássicos para a compreensão da dinâmica do trabalho estão em ampla discussão; crescimento econômico não demanda necessariamente mais empregos, ao passo que as novas formas de produzir as novas tecnologias reivindicam contemporaneamente um “outro trabalhador”.

Segundo Carvalho (2003), essa nova dinâmica, de modo objetivo, determina os meios e os fins das políticas de formação profissional. Para a autora, “a categoria trabalho, na sua acepção mais ampla, se constituiu em eixo para a compreensão do caráter e do sentido dos processos educacionais que ocorrem na sociedade, e de modo particular, na escola” (CARVALHO, 2003, p. 15), argumentando que as novas tecnologias pressupõem a possibilidade de uma maior valorização do trabalhador, integradas a uma nova escola e modelo de formação profissional.

Outra discussão perene é apresentada: a forja da “sociedade do conhecimento” e sua inter-relação com a ampliação do tempo de escolarização e de preparação para o trabalho. Pochmann (2004) discute tais argumentos, articulando-os às transformações advindas pelo aumento da expectativa de vida do brasileiro e dos números de emprego, e sua relação com os indicadores de escolarização entre os jovens brasileiros especificamente. Para Pochmann (2004),

[...] quando se considera o curso atual da transição da sociedade industrial para a chamada sociedade do conhecimento, tende-se a observar uma importante mudança na relação entre educação e formação e o mundo do trabalho. Em função disso, o tempo de preparação para o ingresso no mercado de trabalho pode ser bem maior, com a educação e a formação estabelecendo uma relação de continuidade ao longo da vida útil das classes trabalhadoras. (p. 390)

Estão delineadas não apenas a viabilidade de criação dos IF, mas também sua urgência frente a um cenário de crescente especialização do trabalhador. Observa-se, ainda, a possibilidade de proporcionar novas oportunidades aos jovens que ascendem ao mercado de trabalho, os quais veem na especialização técnica e tecnológica a possibilidade de inclusão qualitativa no mercado profissional. Nesse sentido, sentencia Pacheco (2010) ser necessário “o reconhecimento da precedência da formação humana e cidadã, sem a qual a qualificação para o exercício profissional não promove transformações significativas para o trabalhador e para o desenvolvimento social” (p. 9), finalizando que “a proposta dos institutos federais entende a educação como instrumento de transformação e de enriquecimento do conhecimento, capaz de modificar a vida social e atribuir maior sentido e alcance ao conjunto da experiência humana” (p. 9).

Inquieta-nos compreender como os argumentos apresentados são debatidos no cotidiano destas “novas” instituições, especialmente no campo da pesquisa, instituição que experimentou fases distintas da política de EPT no Brasil e que se molda, na origem, ao processo histórico desenvolvimentista que determinou sua criação e ainda fundamenta a agenda pública da EPT em tempos recentes.

Com histórias distintas e inseridas em realidades econômicas e sociais bastante específicas, as instituições seguiram trajetórias próprias; na proposta efetivada de criação dos IF, somam-se, em razão de serem instituições de Educação Profissional, porém com culturas organizacionais, projetos pedagógicos, estudantes e legados institucionais diferentes. Salta os olhos que instituições com trajetórias tão próprias necessitam, a partir da Lei 11.892 (BRASIL, 2008), convergirem-se em objetivos e unificar seus interesses e dinâmicas internas, negando sua historicidade, seus conflitos e os consensos que tornaram possível avançarem e, em especial, promoverem sua interação com o tecido social das localidades e regiões.

O projeto institucional dos IF apresenta-se como original na perspectiva do indutor da nova política e institucionalidade, o MEC; porém, com atores sociais inseridos em processos históricos autônomos e que, agora, a partir de suas contradições internas buscam uma nova identidade institucional.

## 6.1 APROXIMAÇÕES COM A REALIDADE: A TESE E SEUS DESDOBRAMENTOS

A experiência concreta dos atores sociais inseridos no processo execução das políticas públicas, em destaque aquelas voltadas à Educação, apresenta-se como

elemento necessário para a compreensão do alcance e da intervenção na realidade que se pretende modificar, transformar. O debate atual é a própria concepção das políticas públicas no Brasil; nesta pesquisa, a criação dos IF insere-se numa estratégia de amplificação da política pública de Educação Profissional, partindo de novas premissas teóricas, indicadores e objetivos.

Segundo Rua (2009), as políticas públicas compreendem o estabelecimento de uma agenda política entre os vários atores envolvidos na demanda, na formulação e na implementação de uma política pública. Em uma abordagem técnica, embora tal concepção seja importante a fim de se compreender o processo, o aspecto político e contraditório advindo da coesão ou do conflito dos interesses em torno da ação governamental, e, por conseguinte, da formulação de uma política pública também são indícios importantes para o entendimento do processo, além de fornecer subsídios para a avaliação política e social de uma política pública na perspectiva da abordagem teórica e ideológica coerente com as influências epistemológicas da escrita.

A formulação de políticas públicas no Brasil fundamenta-se, em regra, na constatação técnica de uma problemática social que deve ser enfrentada pelo poder público, responsável e indutor de políticas superadoras da premissa inicial. Segundo Boneti (2011), essa tradição iluminista orienta o Estado na formulação de políticas públicas, cuja proposição científica, calcada na tradição acadêmica, relega às políticas públicas aspecto predominantemente homogeneizante e etnocêntrico. Como consequência dessas características, acentua-se, no caso brasileiro, a formulação de políticas que desconsideram particularidades próprias de determinados grupos sociais, objeto e beneficiários das políticas públicas.

Considerando os argumentos discutidos, inferimos que a unificação das instituições de Educação profissional no Estado do Maranhão não observou peculiaridades e identidades das instituições egressas, *a priori*, a fim de buscar um “jeito novo” de enfrentar as demandas do mundo do trabalho, de formação humanística e tecnológica da juventude e dos trabalhadores e de modificação da realidade social brasileira por meio dessa modalidade de educação.

Nossa inquietação reside na compreensão desse processo de mutação, ou melhor, reinvenção, especialmente em suas contradições internas, e na observação dos consensos necessários e dos dissensos existentes, apontando para a seguinte questão: **a criação do IFMA possibilitou a modificação do quadro social e educacional do Maranhão mediante um novo conceito de Educação Profissional centrado na**

## **formação humanística e tecnológica e no trabalho como princípio educativo?**

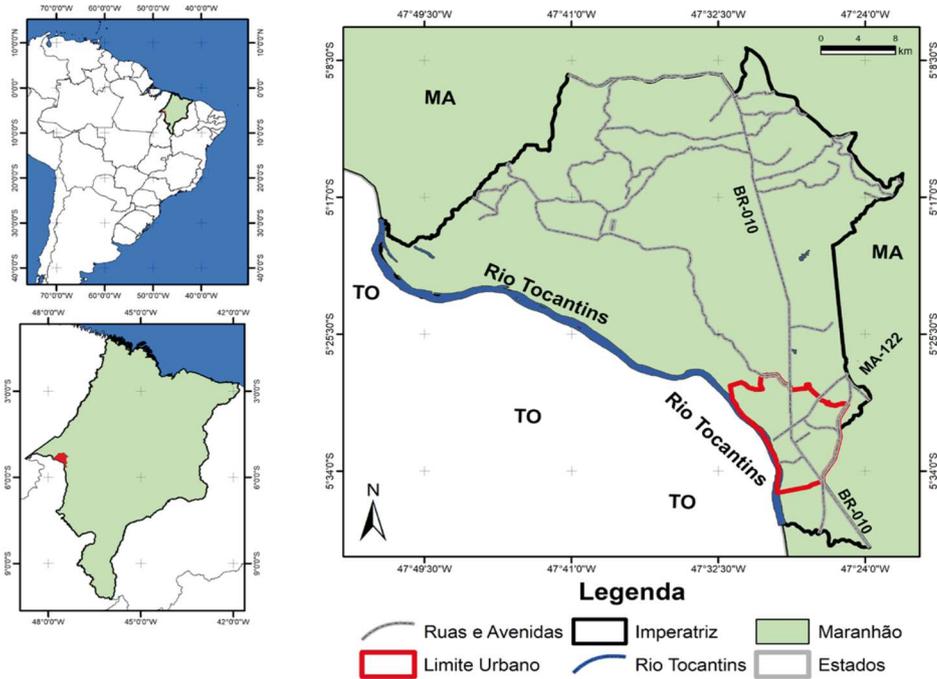
Temos, assim, um problema inicial a ser investigado. Como condição de viabilidade para essa empreitada, delimitaremos uma realidade histórica e social específica, singular em sua trajetória e rica de experiências, que nos ofereça elementos para melhor compreensão e crítica ao fenômeno em observação em sua historicidade. Portanto, teremos como foco o IFMA *Campus Imperatriz*, criado em 1987.

### **6.2 A CIDADE DE IMPERATRIZ: PORTAL DA AMAZÔNIA**

O estado do Maranhão configura-se geograficamente como área de transição entre as regiões Nordeste e Norte, no que se convencionou chamar de Meio-Norte. Sua biodiversidade também é heterogênea, agregando características climáticas dispare, cujas circunstâncias também influenciam a ocupação do território e seu desenvolvimento. A Amazônia Legal ocupa significativo espaço no território maranhense; tais áreas experimentaram nas últimas décadas o crescimento significativo de sua população e a exploração dos recursos naturais, em processo predatório e, em grande parte, apoiado pelos extensos projetos nacionais de desenvolvimento econômico do Governo Federal, tal como o “Projeto Grande Carajás”, a partir de 1980 (RIBEIRO, s.d.). Destacaremos também, no bojo dos projetos desenvolvimentistas propostos para a região, a implantação do eixo rodoviário da Rodovia Belém-Brasília, em 1962, e as ferrovias Carajás e Norte-Sul, ambos em 1985, e seus impactos na região Sudoeste do Maranhão, em especial no município de Imperatriz.

A cidade de Imperatriz foi fundada em 1856 pelo Frei Manoel Procópio do Coração de Maria, em uma expedição jesuíta comandada por Jerônimo Francisco Coelho. Essa expedição tinha como objetivo principal a construção de um presídio as margens do Rio Tocantins, a fim de melhorar o processo de navegação do rio, repleto de obstáculos que impediam o deslocamento das navegações através do curso d'água (SANCHES, 2003).

Figura 1 – Localização do município de Imperatriz (MA)



Fonte: IMESC (2021).

No seu tempo e a seu modo, os grandes projetos econômicos e suas ações estruturantes foram vetores do propalado desenvolvimento regional, provocando intensos movimentos migratórios, crescimento desordenado das cidades da região e aprofundamento das desigualdades sociais. A ocupação de terras (grilagem) e sua exploração desenfreada, a implantação de projetos industriais potencializados pela disponibilidade de recursos naturais ainda a serem explorados, além das facilidades logísticas para o escoamento da produção agrícola e industrial, proporcionaram à região Sudoeste do Maranhão lugar de destaque para investimento. Tal movimento, segundo o historiador Adalberto Franklin (2005), possibilitou à cidade de Imperatriz “ser refundada em 1960”, com a integração da região ao Brasil pela rodovia e, mais tarde, pelas ferrovias. Outros fatores também influenciam o quadro, como a exploração dos recursos minerais (detidamente a extração de ouro no Estado do Pará) e a exploração da madeira durante o processo de ocupação e exploração das terras para agricultura e pecuária.

Figura 2 – Visita do presidente Juscelino Kubitschek a Imperatriz (1961)



Fonte: Biblioteca Central do IBGE (s.d.).

As contradições advindas desse processo econômico, tais como a grilagem de terras e sua supervalorização pelo asfaltamento da rodovia nos anos 1970, a migração intensa de populações de outras regiões em busca de novas oportunidades e o crescimento vertiginoso de cidades às margens da Rodovia Belém-Brasília, como Imperatriz, agudizaram os problemas sociais e a necessidade de oferta de políticas públicas para fazer frente ao intenso processo de ocupação, aos conflitos sociais e ao crescimento desordenado. Até os anos 1960, a sensação da população regional era de abandono, tanto pela ausência de condições estruturais na região, quanto pela incapacidade estatal de prover essas condições.

A expansão dos sistemas escolares nacionais inclui-se também em um movimento de maior presença do Estado e possibilidade de apaziguamento das questões descritas, como bem assevera a pesquisadora Licia Cristina Araújo da Hora (2014), ao analisar as repercussões do “Projeto Grande Carajás” na região Sudoeste do Maranhão:

A chegada de Escolas da rede federal em cidades clivadas pela marca social da negação do direito à vida, assentadas em terras com permanente violência agrária, sem acesso a direitos básicos para sobreviver, provocaram no imaginário dos trabalhadores a associação imediata entre educação, qualificação profissional, desenvolvimento local, emprego, mobilidade e ascensão social. (p. 10)

Do mesmo modo, os projetos desenvolvimentistas apontaram a necessidade de qualificação crescente de mão de obra, requerendo das instituições escolares e da classe

trabalhadora a busca pelo sistema educacional para ampliação e especialização dos estudos. O mercado de trabalho e a Educação Profissional mantêm esta estreita relação historicamente, sendo uma das maiores críticas ao modelo tradicional de educação utilitária imposto à Educação Profissional no Brasil e, por consequência, às classes populares que frequentam majoritariamente essas instituições.

A criação e a implantação da UNED Imperatriz está inserida nessas contradições, cumprindo o duplo papel de formar e qualificar mão de obra para uma população crescente, incluída nos fluxos migratórios típicos das novas fronteiras do Norte brasileiro e que busca fazer parte da dinâmica econômica dessas regiões, a fim de possibilitar condições de apaziguamento das tensões sociais que envolvem esses mesmos processos de desenvolvimento econômico. Nessa conjuntura, estão a abertura das estradas, como a Rodovia Belém-Brasília e a Rodovia Transamazônica, e o “Projeto Grande Carajás” e seus desdobramentos, caracterizados como projetos de integração e desenvolvimento regional, e patrocinados pelo governo brasileiro.

Figura 3 – Portal de acesso à Imperatriz na BR-010



Fonte: Fernando Cunha (2019).

O município de Imperatriz possui população estimada de 259.980 pessoas (IBGE, s.d.). Os dados censitários mostram um crescimento significativo da população a partir da década de 1960, a partir da implantação da Rodovia Belém-Brasília (Quadro 2).

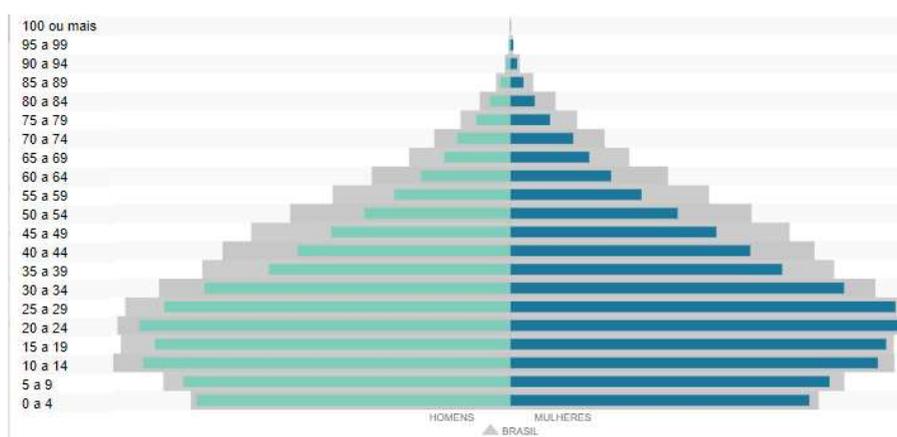
Quadro 2 – Evolução da população de Imperatriz

Dados Popacionais							
População	Censo 1950	Censo 1960	Censo 1970	Censo 1980	Censo 1991	Censo 2000	Censo 2010
Total	14.064	39.169	80.722	220.469	225.005	230.566	247.505

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados obtidos em IBGE (s.d.).

Segundo pesquisa no sítio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), atualmente, o a renda média mensal dos trabalhadores formais em Imperatriz é de dois salários mínimos, com taxa de ocupação de 24,5% em relação a população total. Sua população tem perfil bastante jovem, situando-se majoritariamente na faixa entre 10 e 29 anos de idade, com relativo equilíbrio entre homens e mulheres (IBGE, s.d.). Apresentou, em 2010, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,731 (IBGE, 2010), indicador considerado alto segundo parâmetros do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) (PNUD, s.d.).

Figura 4 – Distribuição da população de Imperatriz, por idade e sexo (2010)



Fonte: IBGE (s.d.).

A região de influência e desenvolvimento de Imperatriz atualmente é denominada Tocantins Maranhense:

[...] formada por 17 municípios, são eles: Amarante do Maranhão, Buritirana, Campestre do Maranhão, Cidelândia, Davinópolis, Estreito, Governador Edison Lobão, Imperatriz, João Lisboa, Lajeado Novo, Montes Altos, Porto Franco, Ribamar Fiquene, São João do Paraíso, São Pedro da Água Branca, Senador La Rocque e Vila Nova dos Martírios. Distribui-se em uma área de 25.916,614 km<sup>2</sup>, em que residem 543.672 habitantes, segundo estimativa do IBGE para o ano de 2020, com densidade demográfica de 20,98 hab./km<sup>2</sup> e PIB de R\$ 10.295,58 bilhões. (IMESC, 2021)

Como meio de comunicação, dispõe de duas rodovias federais: BR 010 (conhecida como Rodovia Belém-Brasília) e BR 226, e de quatro rodovias estaduais MA 125, MA 122, MA 280 e MA 335, além da Estrada de Ferro Carajás, que a comunica diretamente com o Porto do Itaqui, e da Ferrovia Norte-Sul, que passa pelo território regional. Possui aeródromo com voos diários para grandes cidades do país, como São Paulo, Brasília, Belém e São Luís, capital do estado.

No tocante ao Produto Interno Bruto (PIB), Imperatriz apresentou, no ano de 2015, “7,60% de participação do PIB do Estado, ocupou o 2º lugar no *ranking*, uma vez que não houve mudança em relação ao ano anterior. Sua distribuição setorial corresponde a 0,77% na agropecuária, 34,78% na indústria e 64,45% no setor de prestação de serviços” (IMESC, 2017, p. 34). Esses dados corroboram para evidenciar a força da atividade comercial na cidade. O PIB *per capita*, por sua vez, foi de R\$ 21.815,85, o que manteve o município ocupando o “8º posto no ranking dos municípios maranhenses. Em relação ao *ranking* dos municípios brasileiros, houve mudança de posto do 1.396º para 1.438º em 2015” (IMESC, 2017, p. 40).

A reboque dos grandes projetos econômicos implantados na região Sudoeste do Maranhão, abre-se a possibilidade de implantação de uma unidade de Educação Profissional vinculada ao Governo Federal na cidade de Imperatriz. Em 1987, sob o governo do presidente José Sarney, foi autorizado o funcionamento da UNED Imperatriz, a partir da Escola Técnica Federal do Maranhão, com a publicação da portaria MEC n. 157, em 12 de março de 1987 (IFMA, 2015b).

Figura 5 – Portaria n. 157, de 12/03/1987 – Autorização da UNED Imperatriz

PORTARIA Nº 157, DE 12 DE MARÇO DE 1987

O Ministro de Estado DA EDUCAÇÃO,  
no uso de suas atribuições e de conformidade com a Portaria Ministerial nº 67, de 06 de fevereiro de 1987, Resolve

I - Autorizar a Escola Técnica Federal do Maranhão a promover o funcionamento da Unidade de Ensino Descentralizada de Imperatriz - MA, nos termos do processo nº 23000.001936/87-41-MEC, com o regime didático constante do mesmo.

II - Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação.

JORGE BORNHAUSEN

PORTARIA Nº 158, DE 12 DE MARÇO DE 1987

O Ministro de Estado DA EDUCAÇÃO,  
no uso de suas atribuições e de conformidade com a Portaria Ministerial nº 67, de 06 de fevereiro de 1987, Resolve

I - Autorizar a Escola Técnica Federal de São Paulo a promover o funcionamento da Unidade de Ensino Descentralizada de Cubatão - SP, nos termos do processo nº 23000.023538/86-31-MEC, com o regime didático constante do mesmo.

II - Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação.

JORGE BORNHAUSEN

Fonte: Acervo do IFMA *Campus* Imperatriz (2019).

Com a função de oferecer formação profissional para atender ao mercado de trabalho da região, a instituição iniciou ofertando os cursos técnicos em Edificações e Eletromecânica, com formação em dois anos, ampliando gradativamente sua grade de cursos nos anos seguintes. Atualmente, o IFMA *Campus* Imperatriz possui 102 professores e 109 técnicos administrativos, tendo iniciado suas atividades com apenas 12 servidores, sendo todos eles professores.

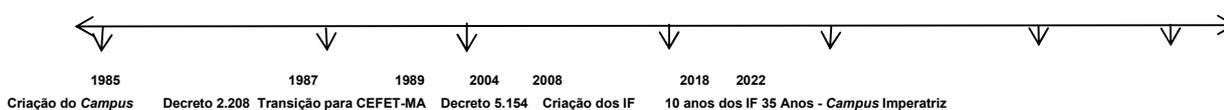
Figura 6 – Colégio Dorgival Pinheiro em 1983 (sede provisória da UNED Imperatriz)



Fonte: Biblioteca Central do IBGE (s.d.).

Em sua trajetória, o IFMA *Campus* Imperatriz atravessou fases importantes da Educação Profissional; além da transição institucional, observou-se a mudança da legislação educacional no tocante a modalidades e formas de oferta dos cursos técnicos de nível médio. Esta linha do tempo diz muito sobre as experiências dos servidores da instituição, sendo a trajetória relevante para compreensão e crítica não apenas daquela instituição, mas também de como o fenômeno educacional se revela na ação e reação dos atores sociais presentes no processo histórico, em suas motivações, conflitos, consensos ou mesmo intenções voltadas à efetivação das políticas públicas em EPT para aquela região.

Figura 7 – Linha do Tempo



Fonte: Elaborado pelo autor.

Em que pese a sensível vinculação econômica para a criação de uma instituição de Educação Profissional em Imperatriz, importar-nos conhecer e discutir quais as contradições, críticas, consensos ou rupturas presentes nesta trajetória, e constituiu uma proposta de Educação Profissional para a região, em face do avanço da legislação educacional e a criação dos IF no ano de 2008.

Figura 8 – Imagem Aérea do IFMA *Campus* Imperatriz



Fonte: Acervo do IFMA *Campus* Imperatriz (2019).

De modo geral, o IFMA *Campus* Imperatriz tem grande importância e reconhecimento como instituição escolar na cidade, graças a seu histórico de formação para o mercado e de inserção dos estudantes do Ensino Médio integrado em cursos superiores. O contraponto entre a formação profissional e o prosseguimento nos estudos será discutido adiante, a fim de promover diálogo com a visão dos entrevistados na pesquisa de campo.

Das contradições emergem pressupostos para a pesquisa de campo e a análise dos dados. Precisamos revisitar essa história, revelá-la pelas lentes do pesquisador e dos que provocaram os processos em seus contextos, tomando a lógica dialética como ponto de partida, sem a pretensão de antecipar críticas, conceitos ou teorias, mas observar na intensa relação entre educação e trabalho a ação dos atores sociais do tempo histórico em análise. Nesse sentido, a história assume dupla dimensão: de ciência como uma perspectiva de análise dos fatos, memórias e suas temporalidades, e de método, resgatando a complexa relação do homem com seu tempo e fornecendo dados para as inferências do pesquisador.

## 7 INDICADORES, CARACTERIZAÇÃO E CONTRADIÇÕES DO LÓCUS DA PESQUISA

Junte o que está completo e o que não está, o que concorda e o que discorda, o que está em harmonia e o que está em desarmonia.

Heráclito

Os indicadores têm papel destacado na formulação das políticas públicas no Brasil, orientando e direcionando a formulação e a revisão das políticas públicas. Em que pese essa opção e suas repercussões para a formulação da agenda pública estatal, como destacado, com tendência homogeneizante e focal para a formulação de políticas públicas (BONETI, 2011), os indicadores podem fornecer elementos para verificar o andamento das políticas públicas, a fim de examinar e rever sua execução, favorecendo a avaliação e o planejamento de estratégias para superação dos problemas. Quanto às políticas educacionais, os indicadores de evasão e retenção sinalizam à comunidade acadêmica ações a serem feitas para a efetividade do currículo, a prática docente e mesmo os instrumentos de avaliação, por exemplo (RÊSES; SILVA, 2021).

No caso dos IF, consolidou-se, partir da Lei 11.892 (BRASIL, 2008), que criou a Rede EPT, um conjunto de indicadores que norteiam a execução e o direcionamento da atuação dessa nova rede e suas instituições. Os indicadores estão atualmente dispostos em plataforma pública para acesso por instituições, pesquisadores e órgãos de controle e monitoramento público, denominada Plataforma Nilo Peçanha (MEC, 2018). O ponto de partida para modelagem desses indicadores foi o Acórdão n. 2.267 (BRASIL, 2005), que não só apontou a necessidade de monitoramento das ações institucionais dos IF, como forneceu os primeiros elementos para a avaliação da política públicas de Educação Profissional em tempos recentes.

Os indicadores atualmente em uso mesclam metas previstas na Lei de criação da Rede EPT (BRASIL, 2008), como os níveis e quadro de ofertas dessas instituições, bem como mensuram quantitativamente fatores de eficiência acadêmica, investimentos e custeio das atividades desenvolvidas. Também é possível observar o cumprimento das metas do Plano Nacional de Educação (PLE) vigente e a efetivação da legislação de cotas. Para o MEC e a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC), órgãos centrais da Rede EPT, os dados quantitativos e estatísticos

[...] podem auxiliar as instituições que compõem a Rede na tarefa de analisar seus processos escolares, construindo conhecimento, por exemplo, a respeito da qualidade educacional dos cursos e de seus graus de inclusão social. Pode, ainda, de maneira objetiva, mensurar as taxas de evasão escolar, variável historicamente crítica na Rede Federal. Além disso, os levantamentos estatísticos nos permitem avaliar se os objetivos e as finalidades, legalmente previstos para a Rede Federal, estão sendo cumpridos. (MEC, 2018, p. 7)

Os dados que vamos apresentar, a título de traçar um quadro atualizado do IFMA *Campus* Imperatriz a partir dos indicadores de desempenho institucional, são referentes ao ano de 2021 e estão disponíveis no sítio da Plataforma Nilo Peçanha (s.d.), que concentra dados das instituições públicas de oferta de Educação Profissional.

## 7.1 SOBRE A OFERTA DE VAGAS E OS ESTUDANTES

O IFMA *Campus* Imperatriz oferta cursos técnicos de nível médio desde sua criação, aos quais acrescentou os cursos superiores. A oferta de cursos de formação inicial e continuada está retida atualmente (2022) e não foram previstas ofertas no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) em vigor (2019-2023), bem como não há matrículas ativas em cursos de pós-graduação, apesar da previsão no referido PDI.

Figura 9 – Quadro de ofertas e matrículas por nível de ensino (2021)

1.2-mat-oferta

Tipo de Curso	Cursos	Matrículas	Matrículas Equivalentes	Ingressantes	Concluintes	Vagas	Inscritos
Qualificação Pr..	1	1	0,17	0	0		
Técnico	30	2.182	2.341,25	444	281	491	5.594
Bacharelado	2	502	550,03	120	6	122	2.096
Licenciatura	1	190	197,41	41	6	41	578

Fonte: Plataforma Nilo Peçanha (s.d.).

Os cursos do eixo tecnológico de Controle e Processos Industriais possuem o maior número de matrículas ativas (815), sendo as ofertas mais antigas do *campus*. Compreendem os cursos técnicos em Eletrotécnica, Eletromecânica e Automação Industrial, nas modalidades Integrada ao Ensino Médio, Subsequente ao Ensino Médio e Concomitante ao Ensino Médio.

Figura 10 – Matrículas por Eixo Formativo (2021)

1.3-mat-eixo

Eixo Tecnológico	Cursos	Matrículas	Matrículas Equivalentes	Ingressantes	Concluintes	Vagas	Inscritos
Ambiente e Saúde	6	306	312,12	81	25	82	930
Controle e Processos Industriais	10	815	923,52	191	63	205	2.339
Desenvolvimento Educacional e Social	2	191	197,58	41	6	41	578
Gestão e Negócios	1	130	131,04	0	13		
Informação e Comunicação	4	441	470,79	84	67	84	2.060
Infraestrutura	3	460	491,28	89	44	120	775
Produção Industrial	4	249	276,14	42	53	42	247
Segurança	4	283	286,40	77	22	80	1.339

Fonte: Plataforma Nilo Peçanha (s.d.).

Os editais anuais para ingresso de estudantes preveem as cotas previstas em lei, segmentando as vagas ofertadas em 50% para ampla concorrência, das quais 5% são voltadas a portadores de necessidades educacionais especiais (Pessoa com Deficiência – PcD). A outra metade é prevista para egressos de escolas públicas, com segmentações por faixas de renda (menor que 1,5 salário mínimo de renda familiar e maior que 1,5 salários mínimos de renda familiar), e repartições por cor, etnia e PcD. A política de cotas está referenciada na Lei n. 12.711 (BRASIL, 2012) que estabelece a reserva de vagas para egressos de escolas públicas, na Resolução IFMA CONSUP n. 60 (MARANHÃO, 2019) e no Decreto n. 5.296 (BRASIL, 2004b), que prevê a promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida. As vagas para cursos superiores seguem a mesma legislação.

Figura 11 – Informações sobre Renda e Raça (Autodeclaração) (2021)

1.5-mat-renda

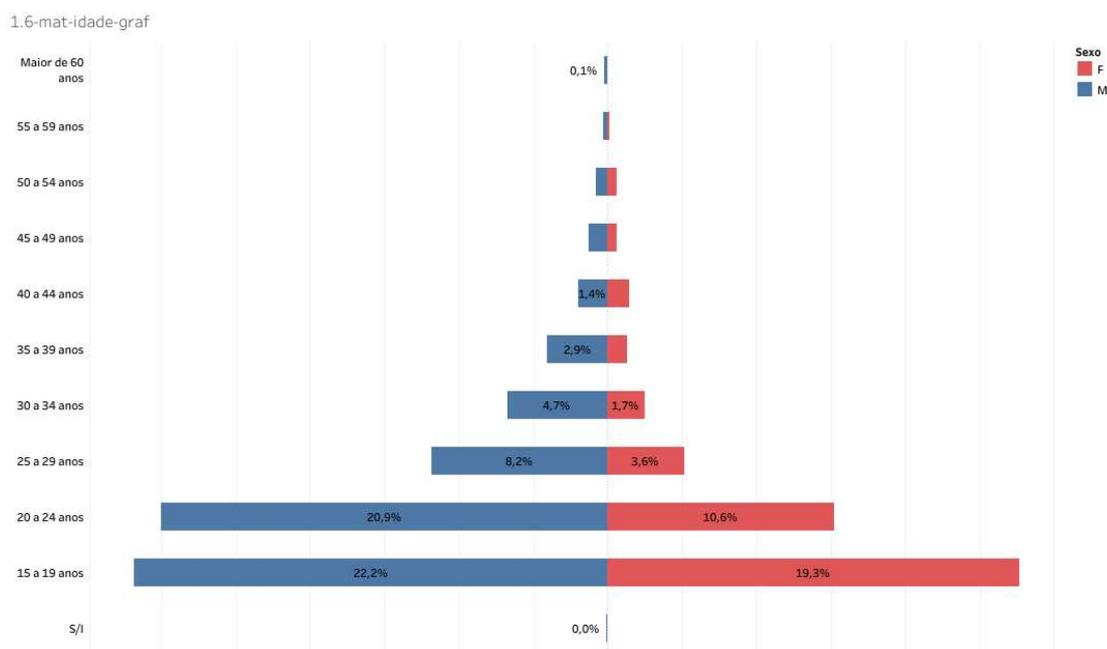
Renda Fam	Amarela	Branca	Indígena	Parda	Preta	Não declarada	Total geral
<b>Total geral</b>	<b>8</b>	<b>619</b>	<b>3</b>	<b>1.793</b>	<b>276</b>	<b>176</b>	<b>2.875</b>
0<RFP<=0,5	2	218	1	768	106	50	1.145
0,5<RFP<=1,0		92	1	287	57	28	465
1,0<RFP<=1,5	2	74		178	20	14	288
1,5<RFP<=2,5		23		33	4	1	61
2,5<RFP<=3,5		8		5	2	1	16
RFP>3,5				6	1	2	9
Não declarada	4	204	1	516	86	80	891

Fonte: Plataforma Nilo Peçanha (s.d.).

Segundo os dados da plataforma, excluindo-se um número relevante dos que preferiram não declarar renda, nota-se a presença majoritária de pretos e pardos, bem como um quantitativo significativo deste na faixa de renda familiar de até 0,5 salário mínimo. Os dados referem-se exclusivamente para cursos presenciais e compreendem matrículas em cursos técnicos de nível médio até o Ensino Superior.

Na Educação Profissional, nota-se maior quantitativo de homens que mulheres. No IFMA *Campus* Imperatriz, esse número apresenta maior equilíbrio detidamente na faixa etária entre 15 e 19 anos, ou seja, entre os matriculados no Ensino Técnico de nível médio. A correlação altera-se significativamente na faixa entre 20 e 24 anos, apontando a proporção de duas pessoas do sexo masculino para cada matrícula do sexo feminino, tendência que ora se mantém, ora se eleva nas outras faixas de idade, conforme dados da Figura 12.

Figura 12 – Informações sobre Sexo e Idade (Faixa Etária) (2021)



Fonte: Plataforma Nilo Peçanha (s.d.).

A Lei 11.892 (BRASIL, 2008), que criou os IF e a nova Rede EPT, impõe as porcentagens mínimas e obrigatórias das ofertas de vagas das novas instituições, priorizando em, no mínimo, 50% das vagas ofertadas anualmente para o Ensino Técnico na modalidade integrada ao Ensino Médio, o que se apresenta como a grande inovação dessa nova institucionalidade, resgatando a luta histórica por uma Educação Profissional

emancipadora e não vinculada às exclusivamente necessidades do mercado de trabalho. Também observamos que se institucionaliza, nos termos da mesma legislação, a oferta de, no mínimo, 20% das vagas a cursos de licenciatura e programas de formação pedagógica para formação de professores para a Educação Básica nas áreas de Ciências e Matemática, em especial, além de docentes para a Educação Profissional. Outro percentual previsto é a oferta de 10% de vagas para EJA, no âmbito do Proeja.

Figura 13 – Bloco de Sala de Aula e Laboratório – Curso Técnico em Meio Ambiente e Química



Fonte: Acervo do autor.

Embora o IFMA *Campus Imperatriz* atenda parcialmente as metas previstas em Lei, garantido 75,8% das matrículas equivalentes nos cursos técnicos na modalidade integrada ao Ensino Médio, apresenta números abaixo do previsto para matrículas equivalentes em formação de professores e na oferta do Proeja, sendo 6,4% e 4,2% respectivamente (IFMA, 2015a). O conceito de matrícula equivalente leva em consideração o Fator de Equiparação da Carga Horária (FECH) dos cursos por ano e o Fator de Esforço do Curso (FEC), além de estimar que a matrícula esteja ativa no ano letivo da amostra. Essa metodologia visa equalizar as diversas cargas horárias dos cursos e ofertas dos IF para a elaboração dos indicadores e a distribuição de recursos de custeio e assistência ao educando.

A seleção de estudantes para ingresso na Educação Profissional no IFMA efetiva-se pela aplicação de provas de Língua Portuguesa e Matemática, recentemente validada

pela comunidade acadêmica como prioritária para o ingresso de estudantes, sendo preteridos a análise de desempenho escolar e o sorteio. Na rede IFMA, o *Campus* Imperatriz apresenta a 3ª maior concorrência entre os cursos técnicos de nível médio (2020), com média de 12,64 candidatos por vaga<sup>7</sup>. As formas de seleção no IFMA ainda estão em plena discussão, visto que a realização de provas classificatórias se apresenta como viável apenas para os *campi* São Luís e região metropolitana, e Imperatriz; nos demais, os custos das provas e o número de inscritos não justificam essa forma de seleção (IFMA, 2015a).

Figura 14 – Pátio Principal (Área de Vivência)



Fonte: Acervo do autor.

Recentemente, a Procuradoria Jurídica Federal do IFMA apresentou parecer contrário à aplicação de exames de seleção, arguindo também os altos custos de aplicação, o quantitativo de inscritos e o baixo *score* de acerto dos candidatos na média geral. Apresentou ainda o argumento de que o critério utilizado é excludente e desigual, pois afasta da discussão as disparidades regionais de um estado das dimensões do Maranhão e as diversas realidades enfrentadas pelos *campi*, detidamente quanto ao diálogo com as demais redes de Educação Básica (municipal e estadual).

Alguns depoimentos colhidos no IFMA *Campus* Imperatriz ressaltam a percepção de que, se não fosse a política de cotas nas instituições públicas de ensino, não seriam as classes populares que frequentariam as salas de aula do IFMA na cidade, já que a

---

<sup>7</sup> Em 2021, a seleção foi por sorteio devido às restrições impostas pela pandemia de Covid-19.

tradição de bons resultados dos egressos no acesso ao Ensino Superior e mercado de trabalho tem atraído cada vez mais segmentos médios da sociedade imperatrizense, em busca de uma educação de qualidade e de bons resultados institucionais na aprovação dos egressos em avaliações de acesso ao Ensino Superior.

Quadro 3 – Oferta anual de Cursos Técnicos do IFMA *Campus Imperatriz*

<b>Cursos Técnicos</b>	<b>Modalidade</b>	<b>Vagas ofertadas</b>
Edificações	Integrada, Concomitante e Subsequente	120
Química	Integrada	40
Meio Ambiente	Integrada e Subsequente	80
Informática	Integrada	40
Eletromecânica	Integrada	40
Eletrotécnica	Subsequente	40
Automação Industrial	Concomitante	40
Segurança do Trabalho	Integrada e Subsequente	80
Total de Vagas		480 vagas

Fonte: IFMA (2021).

Tais expectativas provocaram inclusive o surgimento dos cursos preparatórios particulares para o seletivo do IFMA, tornando a concorrência ainda mais desigual frente aos que não possuíam condições financeiras favoráveis para acesso a cursos preparatórios (cursinhos), mesmo os que eram oriundos da rede pública de Educação Básica, que também os buscavam para garantir melhores condições de aprovação.

Os dados apresentados quanto à renda reforça a percepção de maior presença de segmentos populares, com renda familiar *per capita* de até 0,5 salário mínimo, com maior parte devido à política de cotas. Em paralelo, os indicadores de evasão nos cursos técnicos estão abaixo da média da instituição, com 3,5% de taxa frente a 7% da rede IFMA, porém com níveis críticos nos cursos superiores, constando em 22,6% de evasão na licenciatura e 7,6% nos bacharelados. Os dados apresentados têm correlação direta com a pandemia, pois se referem aos períodos acadêmicos de vigência das atividades pedagógicas não presenciais, o que impactou (e ainda impacta) diretamente tanto o rendimento como a permanência dos estudantes na Educação Básica e Superior no Brasil.

Quadro 4 – Oferta semestral de Cursos Superiores do IFMA *Campus* Imperatriz

<b>Cursos Superiores</b>	<b>Tipo de Oferta / Turno</b>	<b>Vagas no Semestre</b>
Licenciatura em Física	SISU / Noturno	40
Bacharelado em Engenharia Elétrica	SISU / Integral	40
Bacharelado em Ciências da Computação	SISU / Integral	40
<b>Total de Vagas</b>		120

Fonte: IFMA (2021).

Em relação a cursos superiores de licenciatura em Física, observamos que há indicadores de evasão altíssimos nas instituições de Ensino Superior públicas, um problema crônico que impacta diretamente o ensino na Educação Básica, cujo déficit de professores formados para lecionar o componente curricular de Física e Ciências nas redes públicas de ensino pelo Brasil é histórico, com elevado índice de inadequação na formação superior dos docentes que estão em sala de aula ministrando o referido componente curricular (SANTOS, 2022).

## 7.2 ENTRE INDICADORES E PERCEPÇÕES

O IFMA *Campus* Imperatriz possui, como instituição escolar, relevante prestígio na educação pública na cidade e região, com ancoragem principalmente na percepção interna e externa de que o histórico da instituição se eleva ante os problemas recentes dessa modalidade de educação, especialmente quanto aos cortes de recursos públicos para investimento e manutenção das instituições. Segundo dados do Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (CONIF), no período de 2012 a 2022 a rede federal saltou de 408 campi para mais de 600 pontos de presença, enquanto o orçamento experimentou uma trajetória de crescimento até o ano de 2015, chegando a 2,8 bilhões de reais. De 2016 em diante houve significativa queda do volume de recursos, chegando em 2021 ao total de 1,9 bilhão de reais<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> Dados disponíveis no portal [www.portal.conif.org.br](http://www.portal.conif.org.br).

Em uma primeira análise, os indicadores da instituição escolar em estudo favorecem essa percepção, especialmente quanto à evasão nos cursos técnicos de nível médio e bacharelados, apesar dos números críticos na licenciatura. Entretanto, retomando a crítica aos indicadores como principal referência para criar ou avaliar políticas públicas, tal metodologia homogeneiza todo o processo de análise e avaliação. Para superar essa tendência excludente de avaliação, buscaremos ouvir a comunidade acadêmica, a partir das condições impostas pela pandemia a este estudo, e traçaremos pontos de contato e ruptura com os indicadores e percepções coletivas ou individuais do processo de execução da política pública de oferta de Educação Profissional desenvolvida pelo IFMA *Campus Imperatriz*.

Nesses 35 anos de trajetória institucional, embora seja inegável o sentido de evolução da instituição e das suas ações educacionais, tal trajetória está eivada de contradições internas, expressas nas vozes da comunidade interna. Nesse sentido, pautaremos o processo de avaliação emancipatória como estratégia não apenas de avaliação, mas de potencialização do caráter democrático e coletivo que deve inspirar a gestão das instituições escolares.

## 8 AVALIAR PARA QUÊ? A VEZ E A VOZ DOS ATORES SOCIAIS

Eu creio pessoalmente que há pelo menos um problema... que interessa a todos os homens que pensam: o problema de compreender o mundo, nós mesmos e nosso conhecimento como parte do mundo.

Karl Popper

A necessidade de avaliar é intrínseca ao processo de gestão das ações do Estado, em especial pelo caráter indutor de transformações e melhorias sociais que as políticas de Estado necessitam incorporar, assumindo, assim, caráter de política pública como ação interventiva para superação de problemáticas presentes no conjunto da sociedade. Seja de caráter focal ou amplo, a modelagem das políticas públicas implica reconhecer o alcance das ações previstas, rever o percurso e introjetar experiências e expectativas dos atores sociais envolvidos. Partir de uma agenda pública de necessidades envolve o exercício de escuta, de reconhecimento das experiências das pessoas, homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, juventude, enfim, o complexo de necessidades e vontades que historicamente se calcificam como anseios de uma sociedade extremamente desigual que, em períodos distintos de sua história, experimenta avanços e retrocessos no processo de construção de ser mais justa.

Há historicidade na essência da concepção das políticas públicas, ainda que seus gestores públicos e avaliadores omitam esse aspecto para evocarem os indicadores sociais; dessa forma, minimizam o caráter popular das agendas públicas, esvaziando de sentido humano e político o processo de criação e execução das políticas públicas no Brasil, e em especial, das políticas educacionais. Não são pessoas, histórias; são números e guias para a intervenção do Estado. Em que pese toda nossa crítica a essa tradição incorporada no Brasil no tocante à formulação de políticas públicas, faz-se necessário romper esse viés e sinalizar outros caminhos para sua compreensão e avaliação.

Avaliar implica compreender o percurso, e não apenas seus resultados. Não cabe nas formulas e indicadores a experiência concreta das pessoas, suas ações, omissões, os conflitos e a coesão necessária para avançar. Noutro sentido, as legislações e suas determinações impõem contingências ou superações aos que gestam e executam as políticas, nuances que não se expressam nos indicadores, por isso este é o sentido desta pesquisa.

Como proposição crítica, vamos dialogar no tempo presente com experiências e memórias dos atores sociais do IFMA *Campus Imperatriz*, que, inseridos na conjuntura de implantação de uma escola de educação profissional no final da década de 1980, buscaram condições e dialogaram com a realidade local para construir uma prestigiada instituição escolar em nossos dias, mas também compreendendo que internamente algo se perdeu em relação ao seu “mito fundador”, carregado de sentidos e nostalgia. Essas memórias são como cartas para o futuro, seladas em uma temporalidade intangível ao pesquisador mais atento, porém sensível para reconstruir uma trajetória que muito pode contribuir para a melhoria da oferta de educação profissional no interior do Brasil, detidamente, no IFMA e em seu ainda inconcluso processo de expansão da rede de Educação Profissional.

## 8.1 IMPERATRIZ: ASPECTOS E DETERMINANTES HISTÓRICOS

A cidade de Imperatriz está inserida em um processo recente de expansão populacional e econômica do Meio-Norte brasileiro, fenômeno claramente provocado pela abertura da Rodovia Belém-Brasília nos idos da década de 1960. Outros processos expansionistas relacionados a grandes projetos econômicos da ditadura militar, iniciada em 1964, também interferiram na dinâmica regional, tais como: i) Projeto Grande Carajás, de exploração mineral na Amazônia Legal; ii) implantação da Rodovia Transamazônica, que corta o sul do Maranhão e adentra o estado vizinho do Pará, provocando intenso processo de colonização promovido pelo regime militar; iii) construção da Ferrovia Norte-Sul, que em tempos recentes interage com os corredores de produção do agronegócio na região denominada MATOPIBA, compreendidas como as grandes áreas cultiváveis dos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia. Destacam-se nesses grandes projetos e ações estatais as repercussões não previstas para a região; nesse sentido, os relatos de época são relevantes.

Os cronistas e estudiosos regionais, indicam o relativo isolamento que a cidade de Imperatriz experimentava em grande parte do século XX em relação à capital do estado do Maranhão, centro do poder estadual. Tal distância geográfica e política conferia à região polarizada pelo município o título de “Sibéria Maranhense”. Esse distanciamento sempre mobilizou esforço em busca de maior autonomia para a região, como destaca o Professor Francisco Alberto Gonçalves, informando que, nos anos 1980, estudante do

curso de História da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), em Imperatriz, havia um sentimento muito particular quanto à questão regional, destacando que:

[...] era a minha percepção enquanto aluno, enquanto militante do movimento estudantil, que as instituições importantes para o desenvolvimento da região eram unidades dependentes das centrais, ou seja, das sedes localizadas na capital. (Apêndice B).

Em grande parte, o sentimento de maior autonomia desliza para um movimento regional de busca de maior independência em relação às questões políticas, inclusive com ampla efervescência nos períodos eleitorais, com votos em candidatos da oposição aos grupos da capital, em especial, o grupo político da família Sarney. Importante destacar essa rebeldia, pois os dois últimos governos estaduais tiveram forte alinhamento regional com Imperatriz e território, levando inclusive à recente criação da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL)<sup>9</sup>, com sede em Imperatriz, fruto do desmembramento da antiga Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), existente na cidade. Esse projeto de maior autonomia passa ainda pela disputa política de outros projetos de desmembramento bem recentes e que podem culminar com a criação do Instituto Federal do Centro-Sul Maranhense (IF Maranhense) e da Universidade Federal da Amazônia Maranhense (UFAMA), ambos com previsão de reitoria para Imperatriz, propostas aventadas no ano de 2021, seja por iniciativa do MEC ou de parlamentares da região. Embora ainda não tenham sido previamente discutidas com as comunidades acadêmicas, contam com relativo apoio face a busca histórica de autonomia regional. Nesse sentido, para Francisco Alberto Gonçalves Filho, a própria percepção de desenvolvimento passava por instituições regionais, ou seja,

[...] tinha perspectiva que um dos instrumentos fundamentais para a gente conseguir um maior grau de desenvolvimento na região eram as instituições, era a autonomia das instituições, principalmente as instituições de formação, as instituições educacionais. Eu acreditava que você ter uma UEMA, um CEFET independente... isso poderia alavancar a região porque poderia estar tratando trazer cursos voltados para a região, voltados para os interesses regionais. Eu acreditava nisso muito como estudante dentro do movimento estudantil, de tal forma que, quando eu entrei no CEFET, essa era uma perspectiva. (Apêndice B)

Essas repercussões, sensíveis na experiência e na trajetória aportada nos dois fragmentos anteriores, evidenciam um processo inconcluso de busca pela autonomia

---

<sup>9</sup> A UEMASUL foi criada através da publicação da Lei estadual n. 10.525 (MARANHÃO, 2016) e resulta do desmembramento dos Centros de Estudos Superiores de Imperatriz e Centro de Estudos Superiores de Açailândia da UEMA.

frente aos processos decisórios, os quais impactam o desenvolvimento regional. Nesse escopo, o IFMA – *Campus Imperatriz* e demais pontos de presença na região se colocam como vetores desse processo político e institucional. Ainda que se fale em autonomia, também se visualiza a possibilidade de criação de uma agenda política mais alinhada aos interesses dessa população, com a atuação das instituições públicas, detidamente, as instituições educacionais.

## 8.2 EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO NA EPT

A tradicional vinculação da educação profissional com fatores econômicos e desenvolvimentistas fundamenta-se na concepção que vincula emprego à formação técnica. Crê-se numa relação reduzida entre mercado de trabalho e formação profissional, tradição muito presente ainda hoje nos debates sobre a atual EPT; por mais que se pretenda superar essa dicotomia, é ainda muito distante se obter tal feito, mesmo nos IF e em sua concepção inovadora.

Em Imperatriz e região, as primeiras instituições escolares visavam suprir uma demanda de escolarização historicamente preterida por décadas de ausência dos governos estaduais, situação agravada por dois movimentos: os intensos fluxos migratórios provocados pela disponibilidade de terras e oportunidades de trabalho a partir dos anos 1960, e pela latente ausência de professores para as instituições escolares públicas em especial. Tal situação, segundo o Professor Francisco Alberto Gonçalves Filho, começa a ser enfrentada com o estabelecimento das primeiras instituições de Ensino Superior, detidamente a UEMA, com a criação dos primeiros cursos de formação de professores e licenciaturas:

A UEMA teve, a meu ver, uma contribuição ao desenvolvimento dessa região de forma ímpar, porque era comum, e eu lembro... porque me ocorreu que, quando eu fui, estive em sala de aula dentro da UEMA, eu ministrei aula para professor meu dentro do ensino fundamental, porque era comum a trajetória do magistério. Aqui a pessoa tem apenas a chamada licenciatura curta, e depois voltava para a universidade para completar a licenciatura, saía como licenciatura plena. Era comum nós termos aqui na região pessoas ministrando, dentro do ensino, pessoas que não tinham a formação, ainda, no ensino superior completo. A UEMA trouxe essa grande contribuição de formar licenciados para atuar na base de consolidação do ensino fundamental, do ensino básico na região, então foi de fundamental importância. Eu lembro que tive muitos professores que não tinham ensino superior, e era comum isso nas escolas particulares e escolas públicas também, e a UEMA deu essa consolidação. (Apêndice B)

A UEMA (atual UEMASUL) foi criada em 1979, em Imperatriz, após a incorporação da Faculdade de Educação de Imperatriz. Observamos o papel estratégico na formação dos quadros de professores e técnicos para atuarem na educação desempenhado pela instituição em sua história, atraindo quadros de professores e pesquisadores de outras cidades, como foi o caso da pedagoga Izaura Silva, do IFMA *Campus* Imperatriz, que inicia sua trajetória profissional em Caxias (MA) após cursar pedagogia na capital São Luís. Foi professora do curso de Pedagogia da UEMA em Caxias e Imperatriz, entre os anos de 1979 e 2015. Pedagoga do instituto desde 1990, relata que a cultura educacional na cidade era muito restrita e desestimulante para os segmentos populares:

[Era] bem precário. A cultura das pessoas, pelo menos das classes populares, não era estudo, era trabalho. As pessoas, os adolescentes queriam era trabalhar e ganhar dinheiro [...] fosse no que fosse, sem formação. E eu me lembro que tinha uma coisa negativa demais aqui, olha que essa história de governante [e como] ele tem influência na vida da sociedade. Era comum os alunos dizerem para a gente: olha, mas o povo da prefeitura todo é analfabeto, o prefeito é analfabeto, e tem muito dinheiro, e eu vejo vocês aqui que são tudo escolarizado, tudo formado [e] ganham pouco em relação a eles. Então, tinha esse pensamento na juventude, que estudo não tinha tanto valor. (Apêndice A)

A fala da Professora Izaura Silva descreve uma conjuntura específica nos idos de 1990. Feito este registro, arriscamos dizer que, em nossos dias, a percepção quase absoluta de que a educação é um fator determinante de desenvolvimento social é inegável. Logo, o IFMA *Campus* Imperatriz teria um desafio ainda maior como instituição de educação profissional, tanto por se inserir como instituição de educação básica quanto por iniciar as ações de educação profissional em uma realidade social desafiante.

As percepções da sociedade local quanto ao sentido e ao valor da educação e a própria conjuntura regional foram ponderadas na época da criação da UNED Imperatriz? Os primeiros cursos ofertados ofereciam possibilidade de inserção no mercado de trabalho nos idos de 1990? É possível perceber na experiência dos atores sociais desse processo a articulação de políticas públicas para intervir na realidade local por meio da oferta de educação profissional? São perguntas que colocam no centro da discussão a necessidade de se avaliar todo o processo, em suas historicidade e contradições, e remontar nesses 35 anos da instituição os avanços e retrocessos na oferta de Educação Profissional em suas finalidades e contradições.

Alguns apontamentos indicam que as primeiras estratégias para intervir na realidade social foram feitas pela instituição e seus servidores, inclusive na expectativa de conquistar espaço como uma instituição de educação profissional, tendo em vista que já

havia, desde o início da década de 1980, a oferta de cursos técnicos pelas Escolas Estaduais, como relata o Professor João Neto Franco, um dos professores pioneiros da instituição:

Eu fiz o ensino médio o Graça Aranha, e no Graça Aranha tinha técnico em eletrotécnica, apenas técnico em eletrotécnica, e eu fiz esse curso de técnico em eletrotécnica, e ali eu me identifiquei com essa área de engenharia civil trabalhando como *office-boy* numa empresa de engenharia. (Apêndice C)

Logo, inferimos que nada estava dado para a então UNED Imperatriz, sendo necessária a aproximação com a comunidade local com o objetivo de viabilizar o projeto em termo de matrículas nos cursos oferecidos, envidando todos os esforços para fazer a escolar técnica avançar. Nesse sentido, discorre o Professor João Franco Neto:

E assim começou a constituir a escola técnica federal, nós começamos com 14 professores apenas, não tinha administrativo na época, e nós fazíamos tudo, inclusive o boletim da época era manuscrito e o boletim dos alunos tinha 14 letras, porque cada professor preenchia as suas notas num boletim único: e aí eu preenchia na área de edificações, o outro preenchia na área de português, outro na área de matemática, o boletim do aluno fazia rodízio, e ele era na mão, não tinha informática naquela época.

[...]

Nós começamos num prédio emprestado do Governo do Estado do Maranhão, que era o Colégio Dorgival Pinheiro, foi um colégio emprestado. E a nossa clientela no primeiro momento basicamente foram das empresas estatais de engenharia que tinha na cidade, Telma, Cemar, Caema, concessionárias de carro, então todos esses meninos que trabalhavam nessas empresas foram para dentro da escola técnica federal fazer o curso médio. (Apêndice C)

Os fragmentos apresentados nesta seção nos mostram a origem de todo o processo de implementação da UNED e da própria política de Educação Profissional, além das percepções daqueles que estiveram diretamente envolvidos no processo. O binômio educação e desenvolvimento, sempre tão caro à Educação Profissional, surge como um elemento secundário no início do processo de implantação, pois se torna necessário viabilizar a escola e seu projeto de formação. Em grande medida, uma questão permanece inquietando a comunidade institucional: que tipo de formação oferecemos a nossos estudantes? Esta agitação remonta o histórico debate quanto aos sentidos da Educação Profissional no Brasil e aporta, nesta pesquisa, com toda a força das experiências dos servidores do IFMA *Campus* Imperatriz; apesar das diferentes matrizes e temporalidades, sempre provoca e movimenta as ações das pessoas em suas

formações e setores de atuação na escola. Em grande parte, desenvolver a região implicará emancipar as pessoas inicialmente; logo, o fenômeno da Educação Profissional se efetivará de modo particular em regiões como o Sudoeste do Maranhão, implicado com a conjuntura social e econômica, mas de modo original.

A busca pela devida compreensão das questões históricas e sociais do IFMA *Campus* Imperatriz e por dar sentido às percepções das pessoas, para além dos indicadores educacionais, tornou-se um objetivo necessário nesta pesquisa. Também é imprescindível avaliar a instituição e a política pública de Educação Profissional por ela desenvolvida, colhendo registros que não caberiam em uma proposta conservadora de avaliação. Por fim, reiteramos que avaliar implica emancipar, dar voz aos que materializam as ações educacionais e vivenciam suas repercussões, sejam elas boas ou não. Tão importante quanto os resultados da avaliação que propomos é remontar o caminho, a história, as experiências, as pessoas e suas expectativas no tempo histórico e tempo presente, em intrínseca relação passado, presente e futuro. Afinal, é preciso seguir.

### 8.3 ANÁLISE DE CONTEÚDO: MEMÓRIA, MOVIMENTO E DIALÉTICA

O resgate dos elementos históricos e das memórias dos atores sociais nesta pesquisa e a proposta de avaliação empreenderam um esforço relevante de coleta de dados, de escuta atenta dos atores sociais no percurso das entrevistas e de cabedal teórico que promovesse condições para a crítica dos achados da pesquisa.

Contemplando o conjunto de experiências proporcionadas na trajetória do desenvolvimento deste estudo, nem tudo caberia nesta tese, tanto pela amplitude de questões teóricas, documentais ou memoriais dos atores, quanto pelas limitações que precisam ser impostas a toda pesquisa acadêmica. Ao tempo em que pode propor outros caminhos, explorar outras possibilidades, foi necessário estabelecer escolhas para determinar uma primeira parada, uma reflexão que contribua com a instituição objeto da pesquisa e com os estudos sobre a Educação Profissional em tempos recentes, retomando sua historicidade e visualizando alternativas para o seu devir, face a um objeto de estudo inacabado, em necessário e dialético processo de mutação.

A avaliação emancipatória (SAUL, 2006) como referencial de avaliação introduz o olhar crítico dos participantes da pesquisa, possibilitando aos envolvidos também contribuírem como avaliadores da política pública em condições de igualdade com o

pesquisador e avaliador. Consolida-se na perspectiva dos executores e atores sociais do processo uma visão interna de avaliação da ação pública. Nesse sentido, as entrevistas mantiveram todos os participantes do processo e sua dialética em estado ativo, pulsando e conjecturando sobre os achados e suas repercussões.

O instrumento de organização e tratamento de dados proposta por Bardin (2011), denominada “Análise de Conteúdo por Categorização”, apresentou-se como meio viável para possibilitar as inferências do pesquisador, agrupando os olhares e as contribuições colhidas nas entrevistas por meio de categorias de análise que, em outro sentido, organizam e tratam elementos para avaliar e criticar a política pública de educação desenvolvida por meio da instituição observada. Os dados foram organizados por recortes e inseridos por quadros de análise, apresentados por categorias determinadas para favorecer as análises, inferências e processo de avaliação. As categorias dialogam com as etapas de avaliação previstas por Ana Maria Saul (2006): i) Descrição da Realidade; ii) Crítica da Realidade; e iii) Criação Coletiva. Cada etapa cumpre uma função mobilizadora importante, à medida que insere os participantes no contexto de construção e intervenção crítica na realidade que se pretende analisar e modificar.

As categorias elencadas para tratamento e análise dos dados foram: i) Implementação da Política Pública; ii) Memórias do Trabalho; iii) Educação e Profissionalização; e iv) Tradição, Permanência e Movimento, em virtude de permitirem agrupar e articular as falas dos entrevistados, e se comunicarem organicamente com o processo de avaliação, face à dupla função dos participantes no processo. Como a noção de categoria não se confunde com a perspectiva meramente explicativa, utilizamos também pares dicotômicos para agrupar falas, análises e críticas dos participantes. No corpo do texto, os fragmentos constantes nos quadros serão apresentados e discutidos, compondo e dando sentido ao processo de avaliação na perspectiva emancipatória. A seguir, apresentamos os quatro quadros elaborados, com as respectivas categorias e os fragmentos<sup>10</sup> utilizados para efeito da análise de conteúdo.

A compreensão e a remissão ao processo de implantação do *Campus Imperatriz* remontam a memória individual dos primeiros servidores, designados como os pioneiros no processo de estruturação da instituição escolar. Essa contextualização histórica apresenta as decisões tomadas internamente para a efetivação da então Unidade de Ensino Descentralizada de Imperatriz (UNED) da pretérita Escola Técnica Federal do

---

<sup>10</sup> As falas dos entrevistados foram transcritas o mais próximo possível das gravações; dessa forma, conservamos os desvios gramaticais a fim de garantirmos a fidedignidade da pesquisa.

Maranhão. Também foi possível, a partir da análise dos dados nessa categoria, perceber a interação da comunidade local com o processo, a partir de elementos que identificam a conjuntura política e social que mobilizou segmentos empresariais e políticos em torno da possibilidade de criação de uma unidade de educação profissional no Sudoeste do Maranhão, nos idos dos anos 1980. Nesse sentido, os fragmentos apontados na categoria “Implementação da Política Pública” são chaves de compreensão histórica do processo de implementação da instituição escolar e política de educação profissional em Imperatriz e interações regionais.

Quadro 5 – Categoria: Implementação da Política Pública

<b>Fragmento</b>	<b>Identificação</b>	<b>Destaque / Recorte</b>
01	Izaura Silva	Quando chegamos aqui, nós já encontramos eletromecânica e edificações. Tem uma história que não sei se tem fundo de verdade: é de que os idealizadores econômicos, porque essa escola tem dois pais, tem o pessoal da associação comercial que disse que a escola foram eles que pediram.
02	Izaura Silva	Reivindicam o direito, a paternidade para eles, que eles que negociaram, que fizeram, tá, tá, os políticos dizem que eles que fizeram, então os empresários dizem que eles queriam, porque, naquela época, Imperatriz era agrícola, eminentemente agro, né, aí eles queriam uma escola agrícola, mas quando chegaram lá, diz que já tinha um projeto pronto de uma escola federal. Para não perder tempo, vamos levar essa aqui... mas a Imperatriz cresceu muito nesse período, então, se encaixou certinho no que a cidade precisava.
03	Izaura Silva	A cultura das pessoas, pelo menos das classes populares, não era estudo, era trabalho: as pessoas, os adolescentes queriam trabalhar e ganhar dinheiro.
04	Izaura Silva	Quando a sede foi inaugurada, e os novos servidores tomaram posse, já fomos direto para aquele prédio, tomamos posse já no prédio novo lá, onde hoje é a nossa sede. O prédio era dentro do mato e as pessoas passavam lá e diziam assim: “ah, isso aqui é um elefante branco, foi uma coisa que foi criada aí para gastar o dinheiro, isso aqui não vai para frente nunca não”.
05	Izaura Silva	Então, o que a gente fez assim, para divulgar a escola, para dizer que nós éramos uma escola. Mudar cultura da cidade, chamar as pessoas para ir estudar, porque depois eles passaram a dizer na sociedade que aquela escola ali só era escola para estudar os filhos dos ricos, porque a estrutura dela era uma estrutura majestosa, e as escolas públicas aqui hoje estão mais bonitinhas, mas antigamente era muito decaída, muito deteriorada, tal.
06	Izaura Silva	Tu sabes que a gente era desobediente. Aquilo que a gente não concordava a gente batia contra e desobedecia [...] nós somos acostumados a ser uma escola que criava, que vai à luta e que mostra resultados. Nós não somos acostumados a ser bitolados como que diz aí.
07	Francisco Alberto	[...] havia o conceito de escola técnica industrial muito forte nas capitais brasileiras, ela não chegava no interior. Quando veio escola técnica para cá não se sabia nem o significado disso, o

		que era... nós não tínhamos ainda a Constituição de 88, então, muitas pessoas, os mais antigos foram efetivados dentro da instituição, que começou provisoriamente. Detalhe que ela iniciou... o conceito era tão forte na capital que ela iniciou com pessoas vindo da capital para montar as escolas técnicas aqui com os mesmos cursos, sem os cursos regionalizados.
08	Francisco Alberto	Exato, não tinha uma sintonia ainda com o mercado da região; se fosse fazer estudo regionalizado, não tinha dúvida que teria que ir mais para o mundo das agrárias. Eu acho que isso se tivesse sido feito o estudo, mas eu acho que também a criação da UNED aqui foi uma circunstância, foi um aproveitamento de momento da expansão que o governo Sarney incluiu a unidade de Imperatriz.
09	Francisco Alberto	Exato, foi no momento que se atendeu a expansão que o governo Sarney incluiu nessa unidade para Imperatriz. Não acredito que foi, não vejo nenhum indicativo disso, talvez pela memória de outros, mas pelo meu tempo de conhecimento sobre aquela instituição, sobre essa unidade, não vi nenhum elemento indicativo de que houve um planejamento para essa unidade aqui em Imperatriz. Até o modelo arquitetônico foi um modelo que se tinha pronto no Sul e trouxe.
10	Francisco Alberto	[...] eu encontro uma escola comprometida com a formação, comprometida com aqueles que mais precisavam. Eu via isso de forma muito clara, mas uma dependência, uma situação das condições de trabalho muito ruins, os equipamentos, tanto que na época se criou uma coordenação que eu estive na frente sem gratificação que era chamada coordenação de cursos extraordinários. O que era isso, Reinouds? Era para eu ir vender cursos para a iniciativa privada, para instituições ou convênio com associações que pudesse trazer em troca alguma coisa para a instituição, então, nesse momento a instituição sobreviveu também de ações como essa.
11	Francisco Alberto	[...] vi que autonomia era um dos aspectos que eu sentei com o candidato a diretor, que era professor Zé Costa, foi uma pessoa fundamental dentro desses conceitos para mim. Uma coisa que eu posso dizer, Reinouds, é que todos os princípios de autonomia, de decisão de poder, de formação da equipe, descentralização orçamentária para dirigir a instituição, professor Zé Costa fez mais do que eu pedi, ou seja, quando eu disse para ele: "olha, eu sendo eleito aqui, sendo eleito lá eu monto a minha equipe, as decisões que eu tomar aqui você homologa lá, e o que eu contribuir em termos de orçamento no quantitativo de alunos volte para a UNED". E votou mais do que eu contribuí, então esses aspectos foram aspectos de um planejamento.
12	João Franco Neto	Quando eu cheguei aqui recém-formado, no dia 27 de dezembro de 1986, surgiu uma ata de concurso público da escola técnica federal que era por análise de currículo, e aí eu coloquei o meu currículo e como eu tinha estagiado durante cinco anos na empresa de engenharia e mais o curso de engenharia. Eu fui chamado porque eu ia assumir quatro assim disciplinas, e realmente eu assumi cinco disciplinas na época. Nós éramos três professores para o curso, dar conta do curso de edificações, era eu Mariano e professora Sueli Viana... era nós três para dar conta.
13	João Franco Neto	E assim começou a constituir a escola técnica federal. Nós começamos com 14 professores, apenas, não tinha administrativo na época, e nós fazíamos tudo, né, inclusive o boletim da época era manuscrito e o boletim dos alunos tinha 14 letras, porque cada

		professor preenchia as suas notas num boletim único, e aí eu preenchia na área de edificações, o outro preenchia na área de português, outro na área de matemática, o boletim do aluno fazia rodízio, e ele era na mão, não tinha informática naquela época.
14	João Franco Neto	Nós começamos num prédio emprestado do governo do estado do Maranhão, que era o Colégio Dorgival Pinheiro, foi um colégio emprestado. E a nossa clientela no primeiro momento basicamente formam das empresas estatais de engenharia que tinha na cidade, Telma, Cemar, Caema, concessionárias de carro... então, todos esses meninos que trabalhavam nessas empresas foram para dentro da escola técnica federal fazer o curso médio, e logo, o que nós percebemos na cidade: que a mão de obra estava sendo qualificada, nossos alunos começou a tomar conta dos postos de trabalho mais importantes dessas empresas.
15	João Franco Neto	[...] a estrutura física veio em 1990. O presidente Sarney veio e inaugurou, inclusive eu fui uns do que recepcionou o presidente Sarney, os laboratórios fui eu que apresentei para o presidente Sarney na época.
16	João Franco Neto	[...] se a gente for fazer uma catalogação de todas as empresas de engenharia aqui do Sudoeste do Maranhão, praticamente todas as empresas têm ex-alunos do IFMA, ali no centro ali, no bairro Três Poderes, no bairro Maranhão Novo, na Estrada Pedro Neiva que vai para o João Lisboa. Todas essas obras têm ex-alunos nossos tocando essas obras, então, assim, foi uma escolha acertada para a época.
17	Ágela Moura	[...] importante ter o seletivo, mas eu acho que aí também a questão das cotas, ela sempre tem que ser pensada, elaborada direitinho para que tenha uma margem desses alunos que também não tiveram base, que vieram da escola pública, que tiveram tantas oportunidades. A gente sabe que tem alunos aqui que vieram da rede pública e são excelentes também, excelentes, eles têm que ter essa oportunidade.
18	Ágela Moura	[...] a gente verifica muito essa dificuldade deles, por falta de estrutura familiar, da questão da renda, da dificuldade socioeconômica... às vezes o acompanhamento, mesmo da família, muitos desses alunos são criados pelos avós, já não estão mais com os pais, estão com os tios. A gente recebe muitos alunos de outros municípios, às vezes mora distante, não, estou morando com um tio, ou estou dividindo a casa com um colega, acontece muito... nós recebemos muitos alunos que não são de Imperatriz, são das cidades circunvizinhas.

Os fragmentos da categoria “Memórias do Trabalho” (Quadro 6) resgatam os registros históricos memoriais do cotidiano e os desafios dos primeiros servidores da UNED Imperatriz, expressando ainda as formas de diálogo e interação desse primeiro grupo com a comunidade local, por meio do processo de construção dos referenciais educacionais que mobilizaram a instituição e a comunidade externa para a compreensão do sentido e expectativas quanto à educação profissional para a cidade e região. Nessa categoria, também se destacam as percepções individuais da trajetória institucional, no

que se constitui para muito da comunidade institucional de “mito fundador” da escola. Nesse sentido, a instituição consolidou-se e moldou seus referenciais de educação profissional, fortalecendo-se internamente, inclusive contra processos precários de destruição da UNED Imperatriz ante o governo federal em suas iniciativas privatistas.

Quadro 6 – Categoria: Memórias do Trabalho

<b>Fragmento</b>	<b>Identificação</b>	<b>Destaque / Recorte</b>
01	Izaura Silva	Exato, foram criadas no governo Sarney, foram 36 UNED no país, e uma delas foi em Imperatriz. O curso começou lá na Escola Estadual Dorgival Pinheiro de Sousa, que a gente não tinha ainda, como toda escola começa, nós não tínhamos ainda a sede; então, foram cedidas duas turmas, duas salas, e lá começou a UNED de Imperatriz, começou com o curso de eletromecânica na modalidade subsequente, e com o curso de edificações também na modalidade subsequente.
02	Izaura Silva	12, 12 professores apenas, não tinha funcionário administrativo, eles faziam tudo. E eles tinham também na época, a escola tinha o Protécnico, que era um curso preparatório para ingressar na escola técnica federal, porque o ensino nessa época aqui em Imperatriz, o ensino público era bem difícil.
03	Izaura Silva	[...] era coisa de rico, então eles tinham essa mentalidade. E o que nós fizemos, nós fomos visitar todas, absolutamente todas as escolas públicas para explicar o que era aquela escola, qual era a finalidade dela, ela era uma escola para todos, principalmente para os filhos dos trabalhadores, a gente fez está pregação durante longos anos, aliás, eu faço isso até hoje, dizendo que era uma escola pública igual a escola deles, com uma diferença, que ela era uma escola federal.
04	Izaura Silva	Não houve distanciamento, era o que eu esperava, e olha eu falo a vocês com sinceridade, eu tenho a alma lavada hoje, eu me sinto realizada como profissional por tudo que foi feito naquela escola.
05	Izaura Silva	Então, o trabalhador trabalha lá fora na maior dureza para pagar os impostos, para manter os salários da gente e a escola, então nós não estamos aqui para escorraçar os filhos deles, para reprovar simplesmente, nós vamos fazer tudo para que ele aprenda! Eu até gosto de dizer o seguinte, é um chavão meu, nós estamos aqui para ensinar para quem não sabe fazer quem não quer querer, porque tem essa história de dizer assim: “ah, mas esse menino não quer nada, ah, ele não quer nada, ah, não tem base”. Nós estamos aqui para dar a base... essa escola tem um monte de gente formada nas mais diferente área é exatamente para resolver isso aí.
06	Izaura Silva	Não, isso aí foi que fez com que nós fôssemos respeitados, essa impetuosidade, porque se nós tivéssemos ficado na humildade, na obediência, aceitando, meu amigo, o negócio tinha sido muito difícil, mas eles sabiam que Imperatriz tinha um grupo de resistência, eles sabiam, e não era aquela resistência só por resistir não, era trabalho.
07	Izaura Silva	No governo do Collor, que o forte era demitir, enxugar a máquina,

		o João Santana, que era ministro da educação, doou as 36 UNED para o SENAI, e o SENAI do Maranhão ainda veio visitar as instalações daqui, só que o SENAI não queria pessoal, eles só queriam instalações, e como a política do Collor era demitir o pessoal de São Luis se reuniram lá numa associação tal e votaram uma proposta de desligar a UNED da escola técnica federal, o CEFET, porque aí o Collor demitiu só o pessoal da UNED, eles ficavam...
08	Izaura Silva	Agora, a gente sempre teve o apoio aqui da sociedade, que, inclusive, eu peguei e fiz uma comissão [...] e nós fomos para a rua, começando pela FIEMA, pela delegacia da FIEMA, pedir apoio para que nós não fôssemos entregues para o SENAI.
09	Izaura Silva	[...] quando a gente fez 20 anos, nós fizemos uma comemoração, nós temos que chamar os empresários para vir festejar com a gente, aí chamamos o pessoal da associação comercial, o pessoal da FIEMA, e lá eu contei um pouco da relação e do apoio que eles sempre nos deram, e na hora que foi franqueada a fala o senhor Alair Chaves falou, e ele disse que nem Imperatriz e nem a região tocantina é mais a mesma depois da chegada da escola, que se nós saíssemos nos estabelecimentos comerciais, industriais, na sociedade como um todo lá nós íamos encontrar um ex-aluno fazendo a diferença.
10	Izaura Silva	Faria tudo de novo, valeu a pena sim. Tem um ex-aluno nosso, eu vi esse ano que a gente ia escrever as histórias de sucesso que a gente teve no <i>campus</i> , porque a gente teve muita gente que diziam assim: “esse não tem jeito, não tem jeito”; e o nosso desafio era trabalhar com quem não tinha jeito.
11	Francisco Alberto	Aí eu trago para dentro do CEFET um sentimento construído dentro do movimento estudantil, eu coordenei o movimento estudantil na universidade durante dois anos, fui presidente do centro acadêmico da UEMA durante dois anos, e era um sentimento de autonomia.
12	Francisco Alberto	Eu acreditava que você ter uma UEMA, um CEFET independente isso poderia alavancar a região porque poderia estar tratando trazer cursos voltados para a região, voltados para os interesses regionais, eu acreditava nisso muito como estudante dentro do movimento estudantil, de tal forma que quando eu entrei no CEFET essa era uma perspectiva, mas nós vivíamos num cenário econômico, político muito ruim para as instituições de ensino, no ensino superior principalmente, que era o governo Fernando Henrique Cardoso.
13	João Franco Neto	Então, assim, é essas coisas que ao longo dos anos vem se perdendo, que é o amor que você tem que ter pela educação, é o amor que você tem que ter pela unidade, pela instituição, porque o que eu acredito, eu acredito que essas relações escola/empresa/comunidade, nós já somos remunerados para isso, entendeu?
14	João Franco Neto	[...] eu e o professor Moraes, que é engenheiro elétrico, que foi um grande diretor nosso, nós fomos fiscais daquela obra. Então, naquele tempo, Reinouds, não tinha como missão para professor acompanhar a obra, a gente era convocado, professor Celso Jorge Pedro nos convocou, e para nós era um recebimento de uma tamanha gratidão! Ao invés de contratar engenheiro o cara contratou a gente.
15	Celso Souza	Entre aqui cru, sem saber o que era educação profissional, porque o que eu sabia de educação profissional era o que o

		estava na LDB, eu nunca tinha vivido isso aqui, e que inclusive é uma coisa que eu sinto falta no instituto, que é orientar os aprovados no concurso, os novos chamados em relação ao trabalho deles do que vão fazer, eu sinto falta disso, e aí eu fui correr atrás de estudar sobre educação profissional, me inteirar das coisas, saber o que era CEFET, o que é instituto, para depois estar trabalhando aqui e fazendo o trabalho que a gente faz.
16	Celso Souza	[...] os professores daqui de Imperatriz sempre foram muito dedicados! Essa é uma grande vantagem, professores muito dedicados, professores que cobram dele e do aluno sempre, procurando trabalhar com aprendizagem, isso faz toda uma diferença.
17	Lauro Pinheiro	Em 2010, quando eu entrei aqui, o <i>campus</i> tinha uma dinâmica totalmente diferente do que tem hoje, era um <i>campus</i> movimentado, estava na gestão do professo Alberto, era um <i>campus</i> muito movimentado, projetos novos nascendo, cursos novos nascendo, aí nasceu engenharia civil, a engenharia elétrica estava nascendo ali, então estava muito dinâmico, alguns cursos nasceram também depois disso, o meio ambiente, o curso técnico de meio ambiente e tal, e era muito dinâmico.

A concepção de educação profissional construída no cotidiano da instituição, em face da trajetória institucional que perpassou as recentes mudanças de legislação e redirecionamentos da política pública de EPT pelo Governo Federal, é apresentada na categoria “Educação e Profissionalização” (Quadro 7). Por vezes, é perceptível que o trabalho dos servidores e a formação profissional oferecida caminham à margem das concepções e mudanças promovidas pelo MEC em tempos recentes, consolidando uma forma de “fazer educação profissional” muito própria da instituição pesquisada, a qual colhe frutos positivos e agudiza as críticas internas pela necessidade de repensar esse legado institucional.

Quadro 7 – Categoria: Educação e Profissionalização

Fragmento	Identificação	Destaque / Recorte
01	Izaura Silva	É preciso enxergar o seguinte: não é que seja um alinhamento, porque eu também tenho lido sobre isso aí. A escola não deve formar para o mercado, mas ela também não deve formar alheia ao mercado. Isso aí aconteceu conosco em relação a Suzano, a Suzano queria que nós formássemos profissionais em celulose, não, nós não vamos formar profissionais em celulose porque a Suzano vai absorver 10, 15 alunos, e os outros? Então, nós precisamos fazer um curso que, dentro da formação, se a Suzano quiser, ela especializa o aluno naquilo que ela quer, mas nós vamos dar formação geral, aí nós criamos o curso de química.
02	Izaura Silva	Deram, contrapartida, construíram um prédio, criaram laboratório, fizeram e aconteceram e a gente criou esse curso para eles, aí depois eles queriam que a gente criasse um curso médio exclusivamente para eles e um curso superior também normal. Nós vamos fazer um curso que vai dar uma formação geral,

		básica, boa, quando a Suzano precisar e alguém for selecionado ela especializa. E aí é que vem: não era alinhado, mas era orientado nas demandas, também, do mercado, como nós trabalhamos com alunos de camadas populares esse pessoal também vai precisar trabalhar. Então, não adianta a gente ter a ilusão de formar alheio às necessidades do mercado.
03	Izaura Silva	Mas, o nosso objetivo, o nosso foco sempre foi uma formação integral, básica, que o aluno pudesse depois ter várias opções, inclusive já conversei, uma vez chegou uma empresa aqui e eles disseram nós queremos os alunos de vocês, e era da escola inteira, mas por que, eu sempre gosto de perguntar: mas, por quê? O SENAI também tem, fulano tem, escola tal tem, eles dizem não, porque os alunos de vocês eles têm uma formação básica profunda de onde a gente pode estar fazendo as nossas especializações, é isso que a gente quer.
04	Izaura Silva	Gente, nós não podemos esquecer que nós precisamos dar uma formação integral para o nosso aluno. No dia que ele sair desse emprego ele vai viver de que, a gente conversava muito isso, olha, empresa ela muda a tecnologia, e se o aluno não tem essa formação geral quando mudar a tecnologia ele está alienado, como a gente também sempre disse ao nosso aluno vocês precisam estudar, ser um bom profissional e se preparar para ir para a universidade.
05	Izaura Silva	É! Nós criamos um jeito próprio de fazer educação profissional, porque o que passava para nós e que o profissional precisava ser formado integralmente, ele precisava ser profissional, mas também ser um ser humano, que lá na profissão ela ia precisar cuidar da natureza, ele ia precisar trabalhar para as pessoas, que a finalidade da formação de qualquer profissional é a prestação de serviço, serviço de qualidade, trabalhar com amor, trabalhar com dedicação, com respeito à pessoa, então a gente criou isso.
06	Izaura Silva	O curso técnico não é e nem deve ser o fim, o curso técnico deve ser uma base para você para um curso superior, e se você, nas suas habilidades descobrir que a sua habilidade está divorciada do curso técnico que você fez faça um curso em que você acha que vai ser um bom profissional, que você sempre vai ser um bom profissional.
07	Izaura Silva	Olha, é a concepção do currículo, mas é também valores, é também valores, por exemplo, esse propósito que a gente tem de uma sociedade democrática, uma sociedade crítica, uma sociedade de contribuir para transformação isso tem peso.
08	Francisco Alberto	[...] lá eu comecei a perceber que havia uma relação com a comunidade, uma relação com os pais desses alunos, uma relação mais dedicada a vir ser muito desse menino para poder interferir efetivamente nos caminhos dessa formação, esse, a meu ver era o instrumento principal, e depois vai ser o planejamento, uma forma mais planejada pelo menos a forma que se dava mais atenção, tentamos também fazer semana pedagógica no estado, mas parece que era coisa que se fazia por obrigação. Então essa era uma diferença que eu via no sentido que se levava que era no fazer, a diferença era muito mais no fazer.
09	Izaura Silva	[...] nosso objetivo é formar o técnico cidadão, quer dizer, é a pessoa que tem visão crítica, tem análise da sociedade, não aquela pessoa que trabalha simplesmente, uma pessoa que quer transformação, que quer contribuir, que o nosso objetivo foi

		formar alguém que contribuísse para a melhoria da sociedade.
10	Francisco Alberto	[...] eu acho que esse conceito de humanas complementar da área técnica ainda resiste, existe hoje dentro da instituição, quando eu entrei lá era comum a seguinte frase, diretor tem que ser engenheiro, aqui está se formando técnico, essa visão, como tu sabe, não cabe dentro do conceito ter realidades humanas, não cabe, para nós a ideia era de cidadania, o que se adquiria na parte técnica eram princípios, princípios de funcionamento operacionais, era princípios operacionais de funcionamento de máquinas, de processos industriais e tal, então se adquiriam princípios.
12	Francisco Alberto	Nós iniciamos aí um processo de integração de vivência do aluno fazer o médio e técnico cursando os dois turnos dentro da escola, aí a ideia de integral, e isso gerou uma reação muito forte da comunidade, dos pais dos alunos, primeira experiência que nós fizemos, Reinouds, que dizer para o aluno que não tinha mais tempo para nada na vida, que a vida dele agora era a escola. Naquele momento nossa concepção talvez tenha sido um pouco mais conteudista e isso sobrecarregou os alunos, por isso que eu estou dizendo que o momento não foi adequado, agora, a meu ver era melhor experiência, mais acertada, precisava ser polida, maturada, mas que a primeira reação que houve de alguns levou a gente a desistir dessa experiência.
13	Francisco Alberto	Eu compreendo; quando tu colocas educação profissional sempre com pé atrás a questão com o mercado, isso é muito forte. Depois dos IF, a criação vem acentuando muito, por ser alinhado a essa percepção, mas eu vejo que nós temos que criar e de alguma forma estabelecer uma relação com o mercado, não dá para a gente limitar o DNA da educação profissional, não tem como a gente não estabelecer, o que eu acho que que não pode educação profissional, o modelo de atuação nessa educação nesse ponto não pode ser atrelado, mas submetido a um modelo de imposição do mercado.
14	Francisco Alberto	Exato, isso aí eu presenciei e vi a dificuldade de a gente fazer a tratativa na nossa exigência que tem os pré-requisitos legais muito presentes, e dentro do setor produtivo ainda não estruturado isso pode ser visto até como um risco, como um problema, então dentro das cidades com menos de 50, até 50 mil habitantes ainda que você não tenha um setor produtivo definido que possa dar vazão a uma demanda vai complicar a relação do instituto com o setor produtivo.
15	João Franco Neto	Edificações, eletrotécnica e eletromecânica, e aí nós começamos a perceber isso, no setor de obra nós começamos a formar grandes líderes para comandar as obras, e logo, logo todos os prédios de Imperatriz tinham nossos ex-alunos tocando essas obras, para a nossa alegria, e aí os canteiros de obra de Imperatriz viraram laboratório a céu aberto, escola técnica federal, porque nós tínhamos essa conexão direta.
16	João Franco Neto	Olha, o que eu percebo é que nós precisamos retomar o que nós fizemos há décadas atrás, tá, o que a gente fazia há décadas atrás, na década de 90 por volta de 94, 95 com a administração do professor Moraes, a gente tinha um departamento exclusivo, exclusivo de relação escola empresa comunidade, que na verdade tinha o nome escola empresa comunidade e efetivamente acontecia, a gente fazia plantões com empresários dentro da escola, a gente levava a empresa para dentro da

		escola para a empresa ver como o aluno, futuro funcionário hoje aluno ia agir na sua empresa, e com isso as deficiências que a gente tinha mínima de laboratório era suprida pelo próprio empresário.
17	João Franco Neto	Exatamente, o Governo Federal já obriga, então por que o meu aluno não tem que ter o comando BIM, tem que ter o comando BIM... tem que ter o comando Revit, entendeu? Então nessa pegada aí a escola é lenta, então nós temos que ter essa interação com a comunidade para a comunidade forçar, porque a comunidade empresarial juntamente com as instituições constituídas tem como forçar o Governo Federal a trazer isso o mais rápido possível.
18	João Franco Neto	[...] nós estamos com o IFMA dentro do polo gesseiro e o nosso aluno tem que estar nesse polo gesseiro, assumindo administração, assumindo os cargos técnicos, nós temos que investir nisso aí. Aqui em Imperatriz as empresas de engenharia já tem essa pegada, entendeu, Reinouds? Aqui, todas as empresas de engenharia, olha, eu vou citar os maiores aqui, FRP, quem toca das obras da FRP no canteiro são ex-alunos, e quem está no bastidor vendendo, negociando, orçando, ex-aluno, Imperial Construções, ex- aluno tocando, Planar Engenharia ex-aluno tocando, Franco Engenharia, 100% ex-aluno tocando, e são várias, Guterres, rapaz, todas as empresas de engenharia tem o DNA do IFMA.
19	João Franco Neto	Olha, a equipe da área de humanas da escola faz um trabalho bellissimo quando a isso, então todo o nosso aluno ele só não tem essa visão crítica se ele não se envolver, mas o departamento de assistência ao decano, o departamento pedagógico, assistência ao decano que envolve a psicologia, dá um preparo muito para o nosso aluno, que é uma visão de mundo, então os nossos alunos de modo geral ele é um aluno crítico, ele é um aluno crítico, ele é um aluno que pergunta, ele é um aluno curioso, ele é um aluno que quer saber a origem de cada coisa, então nós da engenharia nós somos provocados a isso, eu juntamente com o nosso coordenador e mais professora Joana, mais professor Ari Fran e outros professores da área, somos muito voltado para esse lado, a gente ensina engenharia, mas a gente ensina o aluno a ser um aluno crítico.
20	Celso Souza	[...] eles têm uma perspectiva de vida quando eles recebem o ensino técnico, no caso do integrado, e ainda recebem o ensino profissional, e esse ensino profissional vai dar condições de vida. A gente recebe alguns relatos aqui de ex-alunos que vêm aqui agradecer, que contam da história da vida deles, e que eles estudaram aqui, e hoje estão ocupando ou tendo cargo ou são donos de empresa, devido à qualificação profissional que eles receberam aqui no instituto.
21	Celso Souza	É uma formação ampla que abre esse leque, a formação para a vida que a gente diz, né? Sabe que o <i>campus</i> consegue fazer isso.
22	Celso Souza	[..] eu percebi que o ensino médio e todo a carga de conhecimento que a humanidade tem hoje e o tanto que aumentou nos últimos anos, não dá mais para ser pensado em três anos, e os institutos ainda continuam martelando que deve ser em três anos, e eu acho que ele deveria ir para quatro anos.
23	Celso Souza	[...] nós estamos reformulando todos os cursos, seja do concomitante, seja do subsequente e do integrado para colocar

		novas disciplinas. Hoje eu vejo os professores de informática falando que não deveria ter mais informática básica; antigamente, há 10 anos atrás, era essencial que tivesse a disciplina informática básica em todos os cursos.
24	Celso Souza	[...] a mesma coisa acontece com os nossos laboratórios: precisam modernizar, precisam melhorar, senão nós vamos formar um aluno com uma tecnologia aqui que está defasada 10 anos no mercado de trabalho.
25	Celso Souza	Pois é, a maioria do que hoje, nós fizemos como proposta, os que hoje procuram principalmente a classe média, média alta, eles procuram que os filhos deles façam o curso de química para fazer o curso de medicina. Sim, a formação profissional não pelo foco do mercado, mas numa especialização em uma certa área.
26	Murilo Barros	É possível integrar, mas eu vou responder assim, depende do eixo e do curso. Alguns cursos estão mais fáceis de integrar, outros cursos é mais difícil... um curso que eu trabalho é o curso que consegue essa mobilidade por conta de que, base das disciplinas são de biologia base são disciplinas de química, então você consegue trazer conteúdos, atividades que você consegue integrar, trabalhar em conjunto.
27	Priscila Vieira	[...] eu nem via os problemas, até quando tinha problema eu ficava: gente, isso aí é o de menos... então era sempre assim, eu tenho muito privilégio de estar aqui, e isso eu acho que eu trago até hoje, e eu acho que eu minimizo também os problemas, porque eu vejo que o investimento, que a nossa estrutura ela sempre supera.
28	Priscila Vieira	Eu acho que muita coisa aqui não é mérito do IFMA, os alunos muitos chegam já selecionados, e para um quadro de 80 professores mais ou menos que a gente tem, muitos deles são muito bons. Assim, era para ser todos muito bons, e pode ser até que sejam, mas nem todos desenvolvem o seu potencial, e os que desenvolvem eles são exemplares mesmo, assim, eu defendo a escola pública, mas aqui eu acho que os desempenhos individuais acabam se sobrepondo.
29	Priscila Vieira	Será que a gente não poderia estar muito melhor? Principalmente porque julgar por quantidade de alunos ou quantidade de formados é uma coisa, mas projeto de extensão, pesquisa, patentes, uma coisa que tipo, aqui é uma ilha e você tem aqui o bairro Santa Rita, Ouro Verde [...] o pessoal carente, e você não ver nada não, mas pouco do IFMA chegando nesses espaços.
30	Priscila Vieira	[...] é inadmissível um curso como o de Física formar três alunos por turma [...] quatro anos de salário de professor, dinheiro de terceirizado, pagando terceirizado, pagando energia elétrica para formar três alunos... então isso aí para mim é o caso mais revoltante.
31	Priscila Vieira	[...] você tem uma multidão aí de criança e adolescentes que poderiam estar despertando para isso, mas não estão, tudo é o despertamento, se o aluno lá da escola pública acha massa a física, ele vai suprir todos os problemas de matemática, de raciocínio lógico, se ele se interessar pela física. E aí, por que não está acontecendo isso?

As entrevistas individuais e as etapas de avaliação da política pública colocaram os atores sociais em constante contraponto, mobilizando e favorecendo os participantes nas

etapas previstas na metodologia. Na categoria “Tradição, Permanência e Movimento” os elementos históricos e as cisões entre as concepções de educação profissional vieram à tona, conforme fragmentos presentes no Quadro 8. Faz-se necessário compreender o conceito de tradição que vem à tona durante a pesquisa, e que representativamente qualifica a instituição historicamente e enuncia problemas quanto à execução da política pública de educação em nossos dias.

Questões geracionais, políticas e relativas ao trabalho coletivo e individual interrelacionam-se e contribuem para compreender avanços e retrocessos presentes na educação profissional, para além do que dizem os indicadores ou as análises distanciadas do cotidiano das instituições escolares, e em especial, do *Campus Imperatriz*. O dilema entre o legado histórico construído e a compreensão da necessidade de estabelecer novas formas de trabalho e sentidos para a educação profissional e a instituição mobilizam as contradições internas em um processo inconcluso de transição para a nova EPT, inaugurada oficialmente a partir da criação dos IF, em 2008, com destaque para o peso da tradição enquanto fator que estabelece uma perene relação entre o passado e o presente.

Quadro 8 – Categoria: Tradição, Permanência e Movimento

<b>Fragmento</b>	<b>Identificação</b>	<b>Destaque / Recorte</b>
01	Francisco Alberto	Porém, o fundante da formação era cidadania crítica, era capacidade de desenvolver crítica, a capacidade de conviver, essa era a visão de humanas. Então, eu chego ali, dentro desse mundo, minha primeira reação foi de observar esse mundo, e estudar, porque via uma tradição ali dentro do CEFET disso. Os diretores todos, geralmente inicialmente eram engenheiros, e essa coisa não passa muito bem nas humanas... os obstáculos que eu enfrentei quando fui diretor dessa área, aí não quero desfazer as técnicas, mas acreditava que também a área humana permita você ter uma visão processual melhor, macro, que era uma visão de gestão e não de consertos, de coisa, de ferramentas, uma visão instrumental, essa concepção na minha cabeça era muito clara, fazer um bom planejamento e fazer fluir, desenvolver as questões fundamentais na escola. Esse conceito ainda existe até hoje, mas quando eu entrei era muito forte, ou melhor, era quase intransponível.
02	Francisco Alberto	Na verdade, era uma reserva de poder, entrávamos ali como complemento, a área básica era complementar, isso em escola técnica, dentro do CEFET era muito forte, muito forte, dentro do instituto que essa concepção começa a ser alterada.
03	Francisco Alberto	O currículo integrado, a meu ver, precisa ainda avançar muito! Avançou, mas ainda tem muito para a gente falar em integração. Agora, Imperatriz, essa cisão acho que está muito mais na questão conceitual, uma questão cultural e ela emergia, Reinouds, nas eleições, mas no dia a dia a gente via essa relação ser mais

		harmônica, os engenheiros também aos poucos iam percebendo a importância do assistente social, do psicólogo, do processo e ia percebendo as circunstâncias e isso foi se construindo, a relação do CEFET... apesar dessa questão aí nós vimos que o que era importante, era fundamental no seu DNA o que nós estamos perdendo enquanto instituto.
04	Francisco Alberto	[...] nós saímos de um momento Fernando Henrique com arrocho salarial, uma situação complicada, sobrevivência dessa instituição, depois passou para o governo Lula e vem dar um ânimo institucional muito grande para a gente, do ponto de vista salarial, e também do ponto de vista de um novo conceito de educação. Aí abrindo um espaço maior agora, inclusive, para a questão da cidadania, e isso eu vivi na pele, tem momentos em que nós enquanto CEFET, durante governo Fernando Henrique, a dificuldade que tinha de funcionamento. Agora, Imperatriz sempre teve essa, eu não sei como definir isso, mas sempre teve uma coisa desse conceito, desse sentimento geral de autonomia e de independência que sempre buscava ali as suas formas próprias de encontrar saídas.
05	Francisco Alberto	[...] é muito claro a diferença de CEFET para instituto: no CEFET, essa integração, até o caminho do conceito de que as engenharias o poder era mais forte, você tinha uma relação com o mercado de trabalho muito mais forte, dentro de escola técnica e CEFET você via uma relação mais forte com o mercado. Os institutos passam, assim, a meu ver, conceitualmente uma concepção mais ampla, melhor. Para mim, é o melhor projeto, já surgiu políticas públicas nesses últimos tempos no Brasil, ele traz o aspecto, não tira o chão de fábrica, mas ele dá o aspecto da cidadania e da relação com o desenvolvimento socioeconômico regional muito forte, isso é interessante.
06	Francisco Alberto	[...] os IF, com essa ampliação de conceito de cidadania, se perderam muito na relação com o mercado, eu acho que não se estabeleceu novas a partir desse conceito novo novas relações. Tanto que a Suzano, vou dar um exemplo aqui, depois dessa nossa relação, ela passou a ter uma relação mais específica com o sistema S, porque ia atender ela especificamente.
07	Francisco Alberto	Então, eu vejo hoje que o mundo do trabalho, como você falou, ter um mundo produtivo tem que estar na relação com a educação profissional, os institutos encabeçaram conceitos amplos de desenvolvimento regional dentro do nosso fazer da educação profissional, que, a meu ver, foi extraordinário, porém, não se restabeleceu essas novas relações com o mercado.
08	João Franco Neto	Quadro de pessoal é o melhor, nós somos a elite acadêmica da educação profissional, tá? IFMA é a elite acadêmica da educação profissional. E nós só precisamos entender que o empresário também tem que saber disso, mas tem que saber no dia a dia, <i>in loco</i> , então qual é o nosso projeto.
09	João Franco Neto	Olha, nos últimos 10 anos a escola ficou afastada um pouco da comunidade empresarial, pouca representatividade, essa é uma crítica construtiva que eu faço, e uma das bandeiras dessa nova administração é recompor essa relação o mais rápido possível, mas eu acredito que essa composição para poder definir os novos rumos do IFMA passa por uma consultoria externa, eu acho que nós temos potencial, temos, mas eu acho que para ser mais preciso e ser mais coerente a gente precisava lógico que um trabalho a quatro mãos, com a participação do IFMA para a

		participação do empresariado local, mas eu acho que nós deveríamos contratar uma consultoria, só para o <i>Campus Imperatriz</i> .
10	João Franco Neto	Eu particularmente não tive dificuldade, até porque tudo que é novo e eu aceito de forma bem amistosa. Então, assim, algumas pessoas às vezes tem dificuldade de acompanhar as mudanças que ultimamente estão acontecendo em programas e modelos de avaliação, mas eu particularmente acho que isso aí só veio para contribuir, então tudo que o governo federal tem implantado e os diretores junto com sua equipe administrativa.
11	João Franco Neto	Eu acredito que nós precisamos melhorar, sim, e nós precisamos melhorar! Nós ainda estamos um pouco defasados do mercado, como eu falei lá no princípio, então nós precisamos urgentemente rever a volta do empresário para dentro, para dentro da escola.
12	João Franco Neto	Sem sombra de dúvida eu tenho certeza. Eu não acho não, eu tenho certeza que nós somos referência ainda, e vamos continuar sendo! Agora, eu acho que nós temos potencial para melhorar, e essa melhora ela se dá o que, ela se dá com o aprimoramento dessa turma nova que está chegando junto com a turma já existente, mas lançando mão do mercado, que eu não acredito na escola sem mercado, a gente tem que estar em consonância, em conexão. Nós temos que estar conectados com o mercado; para a gente conectar com o mercado, nós temos que ter essa intimidade com o empresário e com as instituições constituídas, Sinduscon, Federação das Indústrias, SENAI, SESI, associação comercial, setor público.
13	Ágela Moura	Olha, o <i>Campus Imperatriz</i> tem uma trajetória muito grande na cidade, é um <i>campus</i> que tem nome. Então, assim, já começa pela seleção... então, acredito, assim, que é um sonho de vários alunos, é um sonho dos alunos aqui de Imperatriz passar no seletivo do IFMA. Para eles, já é uma grande vitória, pelo nome que o IFMA tem e o peso positivo a gente verifica que é de suma importância essa questão dos cursos também, profissionais. Muitos alunos entram, onde eles estão, ali, no mercado de trabalho, a parte dos estágios, a parte do ensino e pesquisa... nós temos alunos hoje no Canadá, em outros países. Então, assim, a gente verifica que o IFMA ele tem, assim, um olhar muito grande, tradicional, que é uma escola realmente aqui em Imperatriz bem tradicional.
14	Ágela Moura	o IFMA está colhendo o que foi plantado em outras décadas, então isso dá continuidade para os nossos alunos atualmente, serve de incentivo, porque se você tem o diretor do instituto que estudou aqui, o médico tal que estudou aqui, então o aluno ele vai, aquela pessoa como a pessoa que ele quer seguir... Uma inspiração! "Eu quero ser como fulano que foi aluno do IFMA". Então, o IFMA ele tem esse nome e uma tradição muito positiva.
15	Ágela Moura	[...] que a gente tem que vestir a camisa... porque se o servidor não vestir a camisa, a gente vai perder esse nome, que um nome para ser construído ele demora muito; e também para a gente perder, é muito rápido, então o servidor ele tem que vestir a camisa.
16	Ágela Moura	[...] quem fez o nome do IFMA e tem feito o nome do IFMA são essas gerações... então, a geração ela vai passando para outra. Tem uma turma aí que está aposentando excelente, então, assim, tem Isaura, tem Célia, tem uma turma aí que a gente fica se perguntando, meu Deus, como vai ficar o IFMA sem Isaura?

17	Ágela Moura	Ainda está sério, aqui eu vejo muito, ainda, sabe, uma visão, assim, de quem votou em fulano, que fulano não votou em fulano... Acaba muito isso, você vê muito as perseguições, as coisas, os textos, sabe, coisas que não... uma percepções que eu, meu Deus, para quê? Mas existe muito, então acredito, assim, que falta amadurecimento, falta mais comprometimento de algumas pessoas, não confundir, que eu acho que muita gente confunde, essa questão de poder, o poder na instituição. Então, assim, ah, fulano não está mais no poder e às vezes tem uma perseguição daquele, eu entrei vou ficar perseguindo aquela pessoa.
18	Ágela Moura	[...] então, acredito que o que deve existir e justamente isso, essa união de forças, de setores, acabar com essa questão que eu não faço isso, isso é do setor tal, que existe muito isso. Então, assim, eu fiquei impressionada, logo após a campanha.. o total de <i>e-mails</i> , de coisas, de levantamentos, de perseguição contra servidor que votou em fulano, que levantou a bandeira, então eu fiquei assim, preocupada, meu Deus, para quê?
19	Celso Souza	Então, mesmo gerações novas ou antigas, há uma convivência, e vendo ali, e vão, a gente sempre vai aprender com as gerações novas... e as gerações novas sempre vai aprender com as gerações antigas, é recíproco, é um retorno para ambos os lados.
20	Celso Souza	Comemorar! Hoje, a gente tem muito o que comemorar. Quando eu comparo a educação com um trem, é um trem parado não, é um trem em movimento, e cada estação entre uns e descem outros, mas o ensino está em movimento... eu entrei em 2010, mas ele já vinha numa vertente aí, então do eu entrar aqui para trás teve muita coisa. Eu sei que o pessoal antes de mim, principalmente na parte que eu trabalho os pedagogos tiveram muita luta com os bacharéis, para deixar muita coisa esquematizada, então eu agradeço muito a quem já estava aqui antes.
21	Lauro Pinheiro	[...] aqui é um <i>campus</i> muito antigo, muito grande também, muito complexo, então você pega do PROEJA o ensino médio, técnico e superior... e aqui, assim, o <i>campus</i> que poderia ter avançado mais, mas em função de muitos vícios, muitos comportamentos ali que foram deixados de lado com o tempo, e depois para você recupera isso é difícil, e também em função de disputas políticas. Uma coisa, conflitos internos foi uma coisa que atrapalhou muito o nosso <i>campus</i> , o desenvolvimento do nosso <i>campus</i> , e isso se você for conversar com as pessoas mais antigas, não só daqui, mas as pessoas que conhecem o <i>Campus Imperatriz</i> vão dizer que o que mais afetou o <i>campus</i> foram conflitos internos.
22	Lauro Pinheiro	[...] eu trago muito uma cabeça do mercado. Eu sou administrador, fui gestor de várias empresas ao longo de 12 anos no mercado de trabalho, 1 anos, antes de vir para o IFMA, para o IFTO. Na verdade vim para cá, então eu tenho essa dinâmica de ver quem. Só que aqui não é tão simples como o mercado: o mercado é assim, não encaixou vou procura outro e coloca lá, aqui não é tão simples, mas aqui exige mais paciência, mais diálogo, conduzir com mais calma, você não pode ter muita pressa.
23	Lauro Pinheiro	[...] o problema é conseguir o recurso de capital, que custeio é uma coisa, custeio vem para a gente, capital não vem, capital está na mão dos políticos, deputados e senadores, aí a gente tem que ficar batendo (de porta em porta).

24	Lauro Pinheiro	[...] O presidente da rede hoje, coordenador da rede, chegou a mim, me cumprimentou, se apresentou, e falou assim: “há um tempo atrás, pouco tempo atrás, a gente só ouvia, quando a gente pensava assim em buscar ajuda, a referência era Monte Castelo, Imperatriz, mas de um pouco tempo para cá ninguém mais nem fala em Imperatriz”. Então está aí em resumo tudo, e a luta nossa é voltar esse protagonismo, porque nós sempre fomos referência em muitas coisas, e a gente ver hoje, por exemplo, o <i>Campus</i> Açailândia é modelo para Imperatriz; o <i>Campus</i> Buriticupu também é um <i>campus</i> que está fazendo um trabalho fenomenal, e Imperatriz ficou, ficou patinando... a gente não tem um curso EAD, nós não temos nenhum curso de pós-graduação.
25	Lauro Pinheiro	[...] com esses problemas que eu te falei, esses conflitos internos, os professores... eram mais dinâmicos, que tinham mais atividades além da sala de aula. Eles foram saindo dessas atividades e voltando só para a sua vida de sala de aula.
26	Lauro Pinheiro	[...] por esses conflitos, que impede a pessoa para fazer mais, não tinha ambiente para fazer o além. Esse é o meu desafio, é criar um ambiente, não falar para você, faça mais, não, eu quero criar um ambiente que favoreça você ter vontade de fazer mais. Essa é a minha ideia! Não sei se em quatro anos eu vou conseguir, mas essa é a minha ideia, eu sei que é um processo lento, é um processo comportamental, mas é um desafio muito grande, muito grande.
27	Lauro Pinheiro	As pessoas estavam cada vez acreditando menos no Projeto IFMA, e, no ano que eu assumi, no final do ano, quando teve um seletivo foi o primeiro ano que a gente não fechou nenhuma turma do médio, nenhuma turma tinha 40 alunos, e todo mundo se assustou.
28	Lauro Pinheiro	[...] o IFMA tem credibilidade, nós temos credibilidade, temos muita força de mercado ainda, então a minha ideia... o meu trabalho é aproveitar isso que a gente tem para ganhar e para restabelecer o que a gente tinha. A gente tinha muita força, muita, a gente tem cara, aqui não tem como, a marca IFMA é muito forte.
29	Lauro Pinheiro	O ensino é o seguinte: eu vejo, eu ia falando, a Instituição IFMA <i>Campus</i> Imperatriz historicamente se tornou cada vez menos cooperativa no sentido da perspectiva do trabalho conjunto mesmo, de todo mundo dar ali a sua contribuição. Qual é o projeto que eu criei a partir disso, para tentar começar a reverter? Eu estou fazendo reuniões com cada setor individualmente.
30	Lauro Pinheiro	[...] eu não tenho como pescar a lógica do mercado para cá, trazer, transmutar, não posso... eu tenho que entender a lógica daqui, conduzir com calma. Se tiver pressa aqui, você desmonta tudo.
31	Lauro Pinheiro	[...] o meu esforço é justamente limpar, no sentido de limpar esse ódio, esse rancor que as pessoas trazem, essas reuniões com os setores que eu fiz, um setor era só de pessoas mais antigas no <i>campus</i> , e você consegue enxergar o rancor que eles trazem consigo: “é porque na gestão de fulano ele não me deixou fazer isso, eu fiquei zangado aí eu nunca mais me dediquei mais”. [...] O <i>Campus</i> Imperatriz já vai fazer 10 anos que não consegue sair do lugar.
32	Lauro Pinheiro	[...] o meu problema é mais mobilizar muito mais recurso. Eu consegui correr atrás, como eu te falei, eu pessoalmente consegui 3,9 milhões, foi eu correndo atrás.
33	Lauro	[...] tem mesmo a coletividade, as pessoas se envolvendo, e isso

	Pinheiro	é um processo que a gente, de conquista diária, tem muitas pessoas que agora que estão observando que realmente o nosso projeto é sério, que a gente realmente quer fazer um trabalho sério de reestruturar isso aqui, de terminar os quatro anos com alvará de funcionamento, com acessibilidade, com a rampa de acesso dos três blocos.
34	Murilo Barros	Eu via um <i>campus</i> muito grande, historicamente tem um peso muito grande, na instituição. Quando eu cheguei no IFMA, as pessoas falavam <i>Campus Imperatriz</i> até num tom, assim, de grande mesmo, comparando até aos da capital, então isso me chamava a atenção. E, quando eu cheguei aqui, eu vi um <i>campus</i> com muitas fragilidades como qualquer outro lugar, que as instituições são feitas de pessoas, e as pessoas têm pensamentos, seus modos próprios... então,, quando eu cheguei aqui eu me encontrei com uma instituição com muitas dificuldades e um processo de transição muito grande.
35	Murilo Barros	[...] nessa lacuna de CEFET para IFMA ficou muitas coisas que não foram resolvidas com esses colegas. Eu senti, assim, muitos ainda entendiam, por exemplo, quando eu cheguei em Açailândia vindo da pós-graduação era muito comum os colegas, todos novos, e tal, a gente usar o termo <i>campus</i> , assim, com muita facilidade; quando chegou aqui, o termo mais usado é escola. Eu achava aquilo, assim, muito, reduzir a rede federal a uma escola: é uma escola, mas não é só isso, aqui a gente produz ensino, pesquisa extensão, inovação, então a proposta dos IF.
36	Murilo Barros	É um passo diferente do CEFET, então essa expansão foi muito importante, e profissionalmente também. Alguns colegas não tinham, às vezes, entendido... eu cheguei aqui e dei de cara com essa realidade, não tinham entendido isso: esse processo de necessidade de verticalização, sair só dos cursos técnicos, começar a ofertar outras coisas, outras modalidades, outros níveis. E aí, muitos colegas já em fase de aposentadoria, então é um tempo, uma lacuna de 2018,19, 20, de muitas transições internas do <i>campus</i> .
37	Murilo Barros	[...] a mudança vai acontecer por conta da oxigenação que vai acontecer, veja bem, isso é uma visão minha, então com a entrada de novos servidores, porque muitos vão se aposentar nesse processo [...] um novo processo de oxigenação natural para a instituição, e talvez até contribuir para esse processo de verticalização, maior verticalização do <i>campus</i> .
38	Murilo Barros	[...] talvez eu faça um julgamento histórico, mas eu percebo que o <i>campus</i> ele fez um processo de isolamento em função do restante da rede, por ser muito grande, por ser muito bom, não afetar muita coisa, ele se desconectou de senso de rede, por ser referência, por ser sempre um local importante, eu penso que nós perdemos ao longo do tempo esse contato com os outros <i>campi</i> .
39	Murilo Barros	[...] eu não consigo enxergar outro caminho senão a formação continuada. A gente só vai conseguir melhorar enquanto pessoa, enquanto profissional, e como gestão com formação... então, a gente tem investido muito em formação, e formação continuada, pensada, os nossos eventos e atividades internas de formação dos servidores, especialmente dos docentes, têm objetivos, têm plano de ação, então a gente tem desenvolvido.
40	Murilo Barros	[...] eu entendo que é o caminho mais possível, porque não se muda ninguém, não se muda pensamento: a pessoa cria as suas próprias ideias. O que a gente pode fazer é criar possibilidades

		para que essas pessoas tenham condições de refletir, mudar o pensar.
41	Murilo Barros	[...] a gente tem que entender que, quando eu trabalhava numa empresa, a gente tinha muito do “é assim, pronto”... e aqui não, não é assim e pronto, é assim, é uma proposta, vamos lá, vamos lá, vamos fazer, e vamos mudando e vamos pedindo, vamos exigindo, vamos cobrando; aos poucos, as coisas vão acontecendo. Mudanças muito drásticas geram muito cismas, muitos ruídos, e isso não é bom.
42	Murilo Barros	[...] o apego que se tem, muitos colegas têm um apego ao <i>campus</i> , ao local como ambiente, mais do que de trabalho, quase que afetivo mesmo. Então, esse apego com a instituição é bom, porque nesse sentido, porque as pessoas acabam colaborando por conta, essa convergência não por conta de alguém, mas por conta do amor, por conta do gostar do local, de respeitar o local... mas a convergência não é um processo.
43	Murilo Barros	É muita conversa, não tem outro caminho não, é um desgaste, mas faz parte. A gente se desgasta por um tempo, e outra pessoa depois vem e se desgasta, é um ciclo.
44	Priscila Vieira	[...] uma palavra que vem a minha mente é tradição; é um lugar que bebe todos os dias nessa fonte e se remete a ela constantemente. Ah, nós somos antigos, nós somos grandes, às vezes reivindicando alguns direitos, alguns privilégios, por isso o reconhecimento.
45	Priscila Vieira	[...] como servidora, eu pude ver o quanto essa tradição também tem o seu lado negativo de vícios, de obsolescência, de acomodação, é isso, principalmente. A gente tem essa marca muito forte que traz coisas ruins e coisas boas. E aí, assim, já era, já tinha isso antes de existir IFMA... quando veio o IFMA, aí ficou mais forte, porque agora temos as base de comparação com outras entidades mais novas, então várias questões aí, até a rivalidade.
46	Priscila Vieira	[...] então, eu acho que, até o meu envolvimento mais para o presente de me envolver politicamente, de aceitar essa chefia, é de sentir assim, de que precisamos fazer alguma coisa, e principalmente os servidores da minha geração, que são os mais novos, mas que por muito tempo ficaram muito tímidos.
47	Priscila Vieira	Porque a renovação interna é muito difícil aqui [...] então, a renovação interna também é números, é disputa de poder, de versões, de opiniões sobre como deve ser levada a instituição e tal. O maior choque é geracional.
48	Priscila Vieira	Porque essa geração de 90 e alguns que foram chegando depois, mas que foram sendo absolvidos... Naquela cultura, eles criaram e que eu chamo de mito fundador, que é a família IFMA: todos eram amigos, um era padrinho do filho do outro.
49	Priscila Vieira	[...]tinha a festa do servidor todo ano, e eles faziam um churrasco e tal, isso aí também criou uma cultura tanto de boa também, de resolver algumas coisas de forma amigável, mas outra também de passar por debaixo do tapete algumas questões. E aí, quando você tem pessoas depois, vindo do concurso, pessoas vindo de outras instituições, tem muita gente aqui que começou no Tocantins, na UFT, no IFTO, principalmente os que vem do Tocantins, eles são uma força aqui, porque o estado lá é jovem, as instituição lá são jovens, e eles têm outra cultura. Então, eles chegam aqui revoltados: “como e que aqui é desse jeito?”. É um bordão: “lá no Tocantins”. Então, essa pressão que vem, é uma

		pressão e gera o atrito.
50	Priscila Vieira	[...] os processos eleitorais aqui são cada vez mais duros assim, mais difíceis, e até atualmente a nossa missão está sendo esquecer o máximo possível esses embates que houve e conciliar.
51	Priscila Vieira	Então, essa ligação com a comunidade aqui, por mais que eu seja crítica às questões que foram arraigadas aqui, é uma coisa que a geração de 1990 fazia muito bem: era a conexão com a comunidade, porque eles não tinham ninguém para acudir, e a cidade crescendo e tal... então, os empresários, as escolas, a sociedade civil, terceiro setor, todos eram muito parceiros aqui. Isso também está sendo, está havendo um grande movimento de retorno por esse espírito de fazer pontes, conexões, internas e externas.

Compreendemos que o pesquisador, de posse das impressões necessárias para uma análise qualitativa, obteve as condições necessárias para se empreender também na avaliação da política educacional, assumindo, ao mesmo tempo, o papel de indutor de processo avaliativo dos envolvidos na pesquisa (SAUL, 2006).

De modo sintético, avaliar a educação profissional em estreita relação com os elementos históricos regionais e institucionais do IFMA – *Campus Imperatriz* mobilizou parcela representativa da comunidade institucional nas falas de seus servidores. Assim, as entrevistas realizadas, consideradas depoimentos memoriais e críticos da ação institucional, tornaram-se não uma amostra a ser submetida à análise em uma perspectiva clássica de ciência e pesquisador, mas um *corpus* de dados necessário para o empreendimento desta pesquisa e suas proposições.

Trata-se de uma avaliação de política pública na perspectiva do coletivo, das experiências sociais e históricas de cada avaliador, imbricadas pelo olhar externo do pesquisador e do avaliador. Assumimos um papel coadjuvante, mobilizador em boa parte, porém subalterno às falas dos demais avaliadores na perspectiva metodológica escolhida; nesse sentido, faz parte do conjunto de registros escritos desta tese e seus resultados a íntegra das falas dos entrevistados.

## 9 AVALIAÇÃO EMANCIPATÓRIA: PERMANÊNCIA, MOVIMENTO E RUPTURA

Os momentos de ruptura e transições são aqueles em que a resolução de antigos problemas é não só possível como desejado. Quando o automatismo cômodo cede lugar ao exaltar de ânimos, é o sintoma que revela o caminho para a cura.

Priscila Vieira dos Santos

A política pública de educação profissional possui, em sua trajetória, identificada não apenas pela criação das escolas de aprendizes e artífices pelo então presidente Nilo Peçanha em 1909, elementos históricos que colocam sua constituição em um plano estratégico para o Estado brasileiro, imerso na realidade histórica de seu tempo, porém, em constante processo de desconstrução frente aos desafios sociais e econômicos que se impõem.

Os fatores políticos determinam o ritmo das mudanças das políticas públicas no Brasil, mobilizados pela agenda pública de demandas que envolvem segmentos com capacidade de pressionar, intervir, gerar mudanças. Nessa seara, não deixamos de lado o papel dos educadores e dos pesquisadores na formulação da agenda pública de educação; logo, a criação de condições políticas favoráveis promove o ritmo de mudanças, retrocessos e permanências, em uma relação de forças desigual e tensa.

Na trajetória da educação profissional, é inegável o peso dos elementos políticos e econômicos, que provocam alterações e movimento em favor da necessidade de desenvolvimento econômico em prol da qualificação dos trabalhadores, ou mesmo dos “desocupados” do campo e da cidade na primeira metade do século XX. Nessa contradição latente entre o papel do Estado, (formulador de políticas públicas) e as necessidades econômicas, sociais e educacionais, o público-alvo dessas políticas sempre esteve invisibilizado, silenciado, apesar de ser o principal interessado no processo de melhoria qualitativa da política pública, agregando seus interesses e necessidades educacionais de formação profissional.

Outros envolvidos na execução das políticas educacionais também são, em grande parte, preteridos no processo de formulação, execução e avaliação dessas políticas. Especificamente, professores, profissionais da educação e gestores escolares no processo de execução das ações educacionais possuem a capacidade crítica de analisar

tanto o processo de formulação como sua execução, visto que estão inseridos diretamente no contexto de intervenção social, ou seja, no chão das instituições escolares.

No tempo histórico de mudanças, muitos fatores determinam o ritmo tanto dos acontecimentos como dos sentidos de rupturas e continuidade. Ante a particular incapacidade de determinar tais ritmos, importa muito nesta pesquisa perceber como os fatos, experiências e inquietações são capazes de provocar movimento ou mesmo permanência. Nessa inovação, visualizamos a maior contribuição desta avaliação de política pública, em virtude de propomos o resgate histórico das experiências individuais e coletivas e suas interações com os contextos sociais mais amplos. Antes de tudo, são pessoas dotadas de senso crítico e olhar bastante peculiar sobre a conjuntura em que estão imersos, ávidos por serem ouvidos e contribuir com o processo de retomada do sentido de seu trabalho. Mais do que lhes dar vez e voz, é preciso oferecer-lhes o protagonismo nesta pesquisa e o processo de avaliação dessa política pública.

## 9.1 ETAPAS E PROCEDIMENTOS DE AVALIAÇÃO

A avaliação emancipatória articula etapas distintas em seu processo de execução, as quais, em um processo de permanente movimento e dialeticidade, superam qualquer perspectiva homogeneizante do processo de avaliação de políticas públicas, residindo nessa questão sua viabilidade e necessidade como ação qualitativa de crítica e intervenção.

O processo de entrevistas da pesquisa previa um roteiro semiestruturado, embora previsível o suficiente para se manter o rigor metodológico, aberto o necessário para manter o pesquisador e o entrevistador conectados ao processo de coleta de dados, à medida que o entrevistado oferecia condições para uma maior profundidade na busca pelos elementos necessários a fim de articular as etapas da avaliação emancipatória. Para Saul (2006), o processo de avaliação empreende três etapas: Descrição da Realidade, Crítica da Realidade e Criação Coletiva. São etapas interconectadas e dialógicas, capazes de dar meios aos participantes de estabelecer relação com o objeto em estudo e com outros atores sociais, retomando, assim, a condição de participantes efetivos do contexto em estudo.

## 9.2 DESCRIÇÃO DA REALIDADE

O *Campus* Imperatriz inicia sua trajetória na rede federal de educação profissional em março de 1987, com a publicação da Portaria de Autorização n. 157 (MEC, 1987), assinada pelo ministro Jorge Bornhausen. O ato oficial dá início ao processo de implantação da UNED Imperatriz e a todos os esforços oficiais para a instalação da nova instituição escolar, vinculada à época com a unidade sede da Escola Técnica Federal do Maranhão, sediada em São Luís, hoje designada *Campus* Monte Castelo.

A implantação da instituição escolar tem duas versões correntes sobre a formação da agenda pública de sua criação, em que políticos e setor produtivo possuem papel ativo e reivindicatório para a chegada da educação profissional da região Sudoeste do Maranhão, conforme relato da pedagoga Izaura Silva, que iniciou sua trajetória na instituição em 1990:

Quando chegamos aqui, nós já encontramos eletromecânica e edificações. Tem uma história que não sei se tem fundo de verdade: os idealizadores econômicos. Porque essa escola tem dois pais: tem o pessoal da associação comercial que disse que a escola foram eles que pediram.

[...]

Reivindicam o direito, a paternidade para eles (setor produtivo), que eles que foram que negociaram, que fizeram, tá, tá, os políticos dizem que eles que fizeram, então os empresários dizem que eles queriam. Naquela época, Imperatriz era agrícola, eminentemente agro, aí eles queriam uma escola agrícola, mas quando chegaram lá dizem que já tinha um projeto pronto de uma escola federal... para não perder tempo, então vamos levar essa aqui. Mas, Imperatriz cresceu muito nesse período, então se encaixou certinho no que a cidade precisava. (Apêndice A)

O planejamento para a implantação da unidade está permeado de elementos políticos atípicos que inicialmente poderiam colocar em condição questionável o arranjo de implantação da instituição, inclusive quanto à escolha dos primeiros cursos técnicos ofertados para a comunidade externa. Para além disso, os cursos com a vocação eminentemente industrial tinham um outro significado vinculado, aportando em Imperatriz por seu uma cidade em desenvolvimento e por haver tradição da escola técnica formadora de mão de obra.

[...] havia conceito de escola técnica industrial muito forte nas capitais brasileira...s ela não chegava no interior. Quando veio escola técnica para cá, não se sabia nem o significado disso, o que era. Nós não tínhamos ainda a Constituição de 88, então muitas pessoas, os mais antigos, foram efetivados dentro da instituição, que começou provisoriamente. [...] o conceito era tão forte na capital que ela iniciou com pessoas vindo da capital para montar as escolas técnicas aqui, com os mesmos cursos, sem os cursos regionalizados. (Apêndice B)

O elemento tradição está impregnado no olhar da comunidade interna como principal fator de coesão institucional. Como podemos observar, tal tradição está presente desde o momento de implantação da UNED Imperatriz, dando sentido não só ao trabalho de seus servidores, detidamente os participantes do processo de implantação, conhecido como “Grupo dos 14”, em alusão aos primeiros professores, mas também aos servidores contratados no primeiro concurso público da instituição em 1990. A melhor definição de tradição possibilita nesta pesquisa compreender melhor como tal categoria se conecta com a realidade da instituição. Para o historiador Eric Hobsbawn, tradição se ancora em

[...] um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (HOBSBAWM, 1997, p. 9).

Com aporte da definição, a compreensão da conjuntura interna da instituição remete a constituição de uma relação direta entre passado, presente e o devir histórico, visto que não se busca identificar elementos de tradição (ou sua criação) com qualquer temporalidade histórica, mas com o resgate do prestígio e reconhecimento da instituição perante a comunidade externa, e com elementos de coesão interna positiva e propositiva para o trabalho coletivo, que foi condição determinante para que o campus Imperatriz superasse todas as dificuldades de seu processo de implantação no final dos década de 1980 e outros momentos de dificuldade.

Em tempo recentes e no processo de expansão da rede EPT, não é algo incomum a implantação das instituições em estrutura cedidas, em certo grau de imprevisto no tocante às condições de funcionamento. A ausência de condições administrativas e espaços físicos adequados para instalação de laboratórios e outros itens necessários para o desenvolvimento de atividades de ensino impactam diretamente o processo de implantação. Nos idos de 1987, essa condição também se impôs aos primeiros servidores:

E assim começou a constituir a escola técnica federal... nós começamos com 14 professores, apenas, não tinha administrativo na época, e nós fazíamos tudo, né, inclusive o boletim da época era manuscrito e o boletim dos alunos tinha 14 letras, porque cada professor preenchia suas notas num boletim único; eu preenchia na área de edificações, o outro preenchia na área de português, outro na área de matemática, o boletim do aluno fazia rodízio e era na mão, não tinha informática naquela época, né?

[...]

Nós começamos num prédio emprestado do governo do estado do Maranhão, que era o Colégio Dorgival Pinheiro. Foi um colégio emprestado e nossa clientela, no primeiro momento, basicamente foram das empresas estatais de engenharia que tinha na cidade: Telma, Cemar, Caema, concessionárias de carro. Então, todos esses meninos que trabalhavam nessas empresas foram para dentro da escola técnica federal fazer o curso médio. (Apêndice C)

As condições iniciais do trabalho da UNED Imperatriz dizem muito do imprevisto e senso de urgência na implantação destas novas unidades escolares; nesse sentido, há um discurso oficial tanto da alta gestão local quanto do órgão central de que a expansão da oferta de educação profissional pode prescindir das condições ideais inicialmente, ao custo de chegar às comunidades que mais precisam dessas instituições e dos trabalho por elas desempenhado para o desenvolvimento das pessoas e localidades atendidas. Esse discurso, em certa medida, naturalizou em tempos mais recentes a ausência de melhores condições de funcionamento, acumulando problemas que impactam diretamente o funcionamento dessas instituições e o trabalho dos profissionais.

Para contextualizar essa situação, é possível, em nossos dias, identificar nos *campi* do IFMA que, mesmo após mais de cinco anos de autorização e funcionamento, não há sedes próprias nem seus quadros funcionais previstos estão totalmente contratados. Na mesma medida crítica, há também unidades que foram criadas pela alta gestão do IFMA na tipologia de Centros de Referência e incorporadas à estrutura da rede, possuindo sedes construídas e até mobiliadas, porém sem servidores efetivos para funcionamento. Tais situações revelam uma situação totalmente desconectada da necessidade de implantação dessas novas unidades educacionais, denunciando o contexto recente da expansão da rede EPT, fragilizada pelos governos recentes em recursos e outras contingências graves e comprometedoras para a política pública ou por decisões precárias de gestores locais.

A sede própria do *campus* é recebida em ato solene de inauguração, demarcando um relevante momento da memória institucional como descreve o Professor João Franco Neto: “[...] a estrutura física veio em 1990, presidente Sarney veio e inaugurou, inclusive

eu fui uns do que recepcionou o presidente Sarney, os laboratórios foi eu que apresentei para o presidente Sarney na época” (Apêndice C).

O ano de 1990 também marca o momento de contratação do primeiro quadro de servidores concursados. Foram mais de 100 novos servidores, entre professores e técnicos em carreira de nível fundamental, médio e superior.

O *Campus Imperatriz* goza de grande prestígio junto à comunidade imperatrizense e região, consolidando-se por seus resultados como uma escola que oferece boa formação de nível médio e profissional. Os indicadores apresentados identificam uma instituição com níveis baixos de evasão em comparação com a média da rede no Maranhão, e elevados índices de concorrência por uma de suas vagas no processo seletivo institucional, que utiliza o sistema de provas seletivas e ranqueamento. A comunidade institucional exalta esses fatores de prestígio como um relevante legado dos servidores que consolidaram o processo de implantação da UNED na década de 1990. Essa percepção reforça-se na intensa inserção comunitária da instituição, construída na trajetória institucional e no trabalho dos servidores, conforme descreve o Professor Alberto Gonçalves, contratado em meados da década de 1990:

[...] eu encontro uma escola comprometida com a formação, comprometida com aqueles que mais precisavam, eu via isso de forma muito clara, mas uma dependência, uma situação das condições de trabalho muito ruins, os equipamentos, tanto que na época se criou uma coordenação que eu estive na frente sem gratificação que era chamada coordenação de cursos extraordinários, o que era isso, [...] era para eu ir vender cursos para a iniciativa privada, para instituições ou convênio com associações que pudesse trazer em troca alguma coisa para a instituição, então nesse momento a instituição sobreviveu também de ações como essa. (Apêndice B)

Destaca-se na fala do professor que, em um contexto de dificuldade administrativa, a ida à comunidade consolidou uma aproximação importante com o setor produtivo, constituindo uma relação considerada importante pela comunidade interna e, em certa medida, virtuosa. Entretanto, há percepções críticas de que se perdeu parte dessa aproximação com a comunidade externa, por isso é preciso revisitar esse momento e reconquistar a comunidade externa.

Olha, nos últimos 10 anos, a escola ficou afastada um pouco da comunidade empresarial, pouca representatividade... essa é uma crítica construtiva que eu faço. Uma das bandeiras dessa nova administração é recompor essa relação o mais rápido possível, mas eu acredito que essa composição, para poder definir os novos rumos do IFMA, passa por uma consultoria externa. Eu acho que nós temos potencial, temos, mas eu acho que para ser mais preciso e ser mais coerentes, a gente precisava lógico que um trabalho a quatro mãos, com a participação do IFMA para a participação do empresariado local; mas, eu acho que nós deveríamos contratar uma consultoria, só para o *Campus Imperatriz*. (Apêndice C)

A reaproximação com a comunidade, na fala do servidor, passa por retomar um papel de protagonismo na comunidade local, cujo processo se identifica como parte de melhoria da instituição

Eu acredito que nós precisamos melhorar, sim! Nós precisamos melhorar; nós ainda estamos um pouco defasados do mercado, como eu falei lá no princípio, então nós precisamos urgentemente rever a volta do empresário para dentro, para dentro da escola. (Apêndice C)

Na interação entre passado e presente, os elementos da memória descrevem o *Campus Imperatriz* como uma instituição de grande valor, mas também com problemas internos latentes, como descreve um dos gestores atuais da instituição:

Eu via um *campus* muito grande! Historicamente, tem um peso muito grande, na instituição. Quando eu cheguei no IFMA, as pessoas falavam *Campus Imperatriz* até num tom, assim, de grande mesmo, comparando até aos da capital, então isso me chamava a atenção. E, quando eu cheguei aqui, eu vi um *campus* com muitas fragilidades, como qualquer outro lugar, que as instituições são feitas de pessoas, e as pessoas têm pensamentos, seus modos próprios. Então, quando eu cheguei aqui, eu me encontrei com uma instituição com muitas dificuldades e um processo de transição muito grande. (Apêndice G)

O olhar de fora enubla a visão do observador na fala transcrita. O cotidiano da instituição aponta para questões ainda a serem resolvidas, seja por uma relação de trabalho referenciada no passado com um legado positivo ou pela dificuldade em avançar para a nova institucionalidade proposta com a criação dos IF, em 2008. Existem coisas ainda “mal resolvidas” internamente, como destaca a passagem a seguir:

[...] nessa lacuna de CEFET para IFMA, ficou muitas coisas que não foram resolvidas com esses colegas. Eu senti, assim, muitos ainda entendiam, por exemplo, quando eu cheguei em Açailândia vindo da pós-graduação, era muito comum os colegas, todos novos, e tal, a gente usar o termo *campus*, assim, com muita facilidade. Quando chegou aqui, o termo mais usado é escola... eu achava aquilo, assim, muito, reduzir a rede federal a uma escola. É uma escola, mas não é só isso: aqui a gente produz ensino, pesquisa extensão, inovação, então a proposta dos IF. (Apêndice G)

É essa instituição que encontramos em tempos recentes, assentada em indicadores institucionais destacados na rede IFMA, histórico de prestígio frente à comunidade externa e eivado de contradições internas. Aos entrevistados, eleva-se a percepção de que a instituição se constituiu em uma condição de muitos desafios, com adaptações e proposições centradas na experiência de outras realidades locais ou regionais; porém, esse referencial serviu de impulso inicial para a consolidação de uma proposta de educação profissional para a cidade de Imperatriz. A relação entre o passado e o presente da instituição coloca-se como mote para inquietações sobre o futuro, dialogando entre a dicotomia latente de manter a tradição em sua conexão com um passado referenciado e o prestígio construído na trajetória da UNED e atualmente *Campus* Imperatriz, e superar essa tradição, para que surja uma forma revigorada e assentada na nova institucionalidade proposta após a criação dos IF. Em grande parte, o termo tradição remete a criação de uma forma de fazer educação e conduzir a instituição que sedimentou na memória coletiva um padrão de repetição que manteria a instituição num percurso seguro e exitoso, ainda que assentada em práticas desconectadas da concepção contemporânea de educação profissional.

A partir de conjuntura e nuances, avançamos na avaliação emancipatória, procedendo à etapa de crítica da realidade, a fim de sairmos do contexto das aparências para observar a essência da política pública em estudo, entrecruzando o olhar dos avaliadores em aproximação com as percepções do pesquisador.

### 9.3 CRÍTICA DA REALIDADE

A realidade institucional em estudo apresenta contradições que se impõem como pontos de partida para a etapa do processo de avaliação institucional da política pública de educação profissional. Este estudo, assentado em elementos da memória individual dos avaliadores e da comunidade interna, descreve o permanente conflito existente entre a necessidade de identificar os elementos da memória institucional que ratifiquem a importância da trajetória institucional para a cidade e região, ao mesmo tempo em que contrapõe essa memória como necessidade de constituição de uma nova institucionalidade. O conflito expressa-se no diálogo latente entre passado, presente e futuro, levando a efeito o conceito de tempo histórico como mobilizador das mudanças na intrínseca correlação do tempo físico e de seu perene movimento, expresso nas falas dos entrevistados, em suas experiências e nas questões geracionais.

As visões que antepõem passado e presente sempre remontam uma temporalidade de virtudes, de maior valor sobre o trabalho desenvolvido e de sensação de perda desse referencial.

Em 2010, quando eu entrei aqui o *campus* tinha uma dinâmica totalmente diferente do que tem hoje, era um *campus* movimentado, estava na gestão do professor Alberto. Era um *campus* muito movimentado, projetos novos nascendo, cursos novos nascendo... aí nasceu engenharia civil, a engenharia elétrica estava nascendo ali, então estava muito dinâmico. Alguns cursos nasceram também depois disso: o meio ambiente, o curso técnico de meio ambiente e tal, e era muito dinâmico. (Apêndice F)

De partida, associamos o momento de maior dinamicidade com o contexto de criação dos IF, e as perspectivas à época de investimentos e ampliação de quadro de pessoal. Tais bases eram condições indispensáveis para pensar tanto a expansão da rede de educação profissional e tecnológica, como a reestruturação das instituições egressas do antigo modelo, como no caso da outrora UNED Imperatriz.

Identificar um momento de maior dinâmica ou mesmo de maiores perspectivas para o futuro das instituições implica, a nosso ver, constatar que o presente não efetivou o passado. Os referenciais do trabalho e a ação institucional sempre são remetidos a um modo de fazer, pensar e executar as ações pedagógicas e institucionais. Portanto, a crítica reside em perceber que as ações realizadas atualmente perderam a essência histórica do trabalho que consolidou a instituição no cenário educacional local, regional, e na própria rede de educação profissional no Maranhão. Nesse sentido, questionar a realidade significa identificar os fundamentos originais que referenciam a crítica contemporânea.

[...] nosso objetivo é formar o técnico cidadão, quer dizer, é a pessoa que tem visão crítica, tem análise da sociedade, não aquela pessoa que trabalha simplesmente. Uma pessoa que quer transformação, que quer contribuir, que o nosso objetivo foi formar alguém que contribuísse para a melhoria da sociedade. (Apêndice A)

O fragmento de uma das servidoras de maior tempo de serviço na instituição designa qual é (ou era?) a essência do trabalho desenvolvido pelo *Campus* Imperatriz. A noção de cidadania assume força propulsora para determinar a importância do trabalho que seria realizado pela instituição em sua trajetória, ainda que o conceito de cidadania e a própria educação profissional tenham se modificado na caminhada de 35 anos de funcionamento do *Campus* Imperatriz.

A noção de cidadania na educação profissional evolui com a própria concepção da política de educação profissional, especialmente quanto a suas finalidades e premissas teóricas. O trabalho como princípio educativo está hoje na essência da nova EPT, mobilizando para a necessária proposição de uma proposta de educação emancipadora, atenta às necessidades da classe trabalhadora e não do mercado de trabalho inserido nos arranjos produtivos. Porém, a articulação entre EPT e o mercado de trabalho ainda é uma questão sensível para pensar as bases da formação e interação das instituições da rede EPT; no caso do *Campus Imperatriz*, isso se eleva como uma contradição que determina, em grande parte, o quanto a escola está conectada com a comunidade externa. Na visão dos entrevistados, essa articulação está na essência do trabalho desenvolvido pelo *campus*.

Olha, o que eu percebo é que nós precisamos retomar o que nós fizemos há décadas atrás, tá, o que a gente fazia há décadas atrás, na década de 90 por volta de 94, 95, com a administração do professor Moraes. A gente tinha um departamento exclusivo de relação escola empresa e comunidade que, na verdade, tinha o nome escola empresa comunidade e efetivamente acontecia. A gente fazia plantões com empresários dentro da escola, a gente levava a empresa para dentro da escola para a empresa ver como o aluno, futuro funcionário, hoje aluno, ia agir na sua empresa... com isso, as deficiências que a gente tinha mínima de laboratório era suprida pelo próprio empresário. (Apêndice C)

Destacamos a percepção de que a interação com o mercado estabeleceria possibilidades de contrapartidas mútuas, ainda que a negociação fosse implícita, sanando inclusive problemas estruturais da oferta dos cursos técnicos. Essa relação, em certa medida, é considerada virtuosa e necessária, ante a correlação de necessidades da instituição e a formação de mão de obra para o segmento empresarial. Entretanto, ela tem contrapontos internos

É preciso enxergar o seguinte: não é que seja um alinhamento, porque eu também tenho lido sobre isso aí. A escola não deve formar para o mercado, mas ela também não deve formar alheia ao mercado. Isso aí aconteceu conosco em relação a Suzano: a Suzano queria que nós formássemos profissionais em celulose, não, nós não vamos formar profissionais em celulose porque a Suzano vai absorver 10, 15 alunos, e os outros? Então, nós precisamos fazer um curso que, dentro da formação, se a Suzano quiser, ela especializa o aluno naquilo que ela quer, mas nós vamos dar formação geral. Aí nós criamos o curso de química. (Apêndice A)

A relação com o mercado de trabalho e os setores produtivos é um tema muito sensível para a educação profissional, detidamente por seu alinhamento automático às

demandas de formação de mão de obra e função instrucional compor o quadro histórico e crítica da própria EPT. A concepção progressista que norteou a criação dos IF, colocando a categoria trabalho no centro do debate sobre a urgência de uma nova educação profissional, tornou-se um contraponto ao passado e projetou o futuro, detidamente para os IF. A base dessa nova EPT está na integração do currículo da formação profissional com o Ensino Médio em suas bases humanísticas de formação. A pretensa integração ainda não se coloca de modo cristalino nas instituições egressas do modelo institucional anterior, *in casu*, o *Campus Imperatriz*:

É possível integrar, mas eu vou responder assim, depende do eixo e do curso. Alguns cursos estão mais fáceis de integrar, outros cursos é mais difícil... um curso que eu trabalho é o curso que consegue essa mobilidade por conta de que base das disciplinas são de biologia, base são disciplinas de química, então você consegue trazer conteúdos, atividades que você consegue integrar, trabalhar em conjunto. (Apêndice G)

A indicação de dificuldades de integração do currículo do Ensino Médio com a educação profissional traz indícios de que a transição para a concepção dos IF ainda é um vir a ser. A implementação de uma nova política pública de educação profissional, iniciada com a publicação do Decreto n. 5.154 (BRASIL, 2004), efetiva-se com todo o processo de discussão inaugurado com o ato oficial e, em grande parte, materializa-se com a criação dos IF pela Lei n. 11.892 (BRASIL, 2008). Porém, o processo de transição para este novo momento ainda produz seus efeitos, e em grande parte, algum estranhamento.

O currículo integrado, a meu ver, precisa ainda avançar muito! Avançou, mas ainda tem muito para a gente falar em integração. Agora, Imperatriz, essa cisão acho que está muito mais na questão conceitual, uma questão cultural e ela emergia, [...] nas eleições, mas, no dia a dia, a gente via essa relação ser mais harmônica, os engenheiros também aos poucos iam percebendo a importância do assistente social, do psicólogo, do processo e ia percebendo as circunstâncias e isso foi se construindo. (Apêndice G)

As dificuldades com o trabalho coletivo, aguçado pelos períodos de eleições para diretor geral do *campus*, têm provocado cismas determinantes para a execução e avançado das ações institucionais; portanto, de alcance dos resultados e expansão da política pública em estudo, ainda que os indicadores isoladamente dissimulem o quadro interno da instituição. Nesse sentido, destaca um dos entrevistados que:

[...] aqui é um *campus* muito antigo, muito grande também, muito complexo, então você pega do PROEJA o ensino médio, técnico e superior, e aqui assim, o *campus* que poderia ter avançado mais, mas em função de muitos vícios, muitos comportamentos ali que foram deixados de lado com o tempo. Depois, para você recuperar isso é difícil, e também em função de disputas políticas... uma coisa: conflitos internos foi uma coisa que atrapalhou muito o nosso *campus*, o desenvolvimento do nosso *campus*, e isso se você for conversar com as pessoas mais antigas, não só daqui, mas as pessoas que conhecem o *Campus Imperatriz* vão dizer que o que mais afetou o *campus* foram conflitos internos. (Apêndice F)

Os conflitos internos elevam-se não só como um obstáculo para a melhoria das ações internas no *Campus Imperatriz*, mas também como uma contradição importante na gestão democrática na instituição, compreendendo que o processo de eleições deveria se consolidar como evento de reafirmação do projeto institucional, amplificado pelo debate habitualmente provocado em contextos similares. Entretanto, o que deveria ser virtuoso se tornou danoso para a escola na perspectiva de parte da comunidade interna e de interlocutores externos, como evidenciam as passagens a seguir:

[...] eu acho que muita gente confunde essa questão de poder, o poder na instituição... então, assim, ah, fulano não está mais no poder e às vezes tem uma perseguição, eu entrei vou ficar perseguindo aquela pessoa. (Apêndice D)

[...] O presidente da rede hoje, coordenador da rede, chegou a mim, me cumprimentou, se apresentou e falou assim: “há um tempo atrás, pouco tempo atrás, a gente só ouvia, quando a gente pensava assim em buscar ajuda, a referência era Monte Castelo, Imperatriz... mas, de um pouco tempo para cá, ninguém mais nem fala em Imperatriz. Então está aí em resumo tudo, e a luta nossa é voltar esse protagonismo, porque nós sempre fomos referência em muitas coisas”. (Apêndice F)

O conjunto de críticas apresentadas consolidam-se também como descrição da realidade institucional, dialogando com a etapa anterior da avaliação emancipatória em um movimento dialético, orgânico, dando sentido às falas e possibilitando expandir o processo de avaliação para além dos indicadores. De outro modo, teríamos de reconhecer que, se os indicadores se sobrepõem à realidade, as percepções e, assim, vivências e memórias seriam irrelevantes. Na perspectiva desta pesquisa e de sua metodologia, o movimento é radicalmente inverso: a voz dos atores sociais assume papel determinante para a compreensão e avaliação da política pública.

## 9.4 CRIAÇÃO COLETIVA

As etapas anteriores identificaram questões que interferem nas ações institucionais, ou seja, na própria execução da política pública de educação profissional. A própria política, identificada como concepção, ainda não foi de fato implementada. Os fatores conectados com a própria história da instituição são expressos na memória e nas percepções dos membros da comunidade interna entrevistados, indicando uma conjuntura interna peculiar, eivada de contradições que colocam em xeque a própria política pública em sua concepção. O impasse entre tradição e inovação dita o ritmo dialético entre passado e futuro, tendo o tempo presente como instância de estranhamento, impasses, conflitos, diálogo e proposições para superação dos problemas.

As contradições internas residem, em grande parte, no difícil estabelecimento da coesão interna para discussão dos aspectos ligados à execução das ações institucionais. Essa dificuldade é experimentada na gestão recente, que tenta impor mudanças as quais, ao mesmo tempo, retomem a tradição do *Campus Imperatriz* como instituição escolar de prestígio e referência, e apontem condições de superar essa mesma tradição em educação profissional para os novos desafios que esse modelo pretende superar na nova roupagem institucional imposta após a criação dos IF, em 2008. Embora o impasse entre a tradição e a inovação seja revelado como evento não esperado pelo formulador da política pública de educação profissional, sua dinâmica tem provocado a reflexão dos atores sociais sobre tal conjuntura, impedindo o imobilismo, a incapacidade de discussão e o avanço da instituição quanto aos seus problemas. Essa capacidade de reflexão e mobilização interna é uma característica histórica da comunidade institucional do *Campus Imperatriz*, como se observa no relato da pedagoga Izaura Silva, servidora da instituição desde 1990.

No governo do Collor, que o forte era demitir, enxugar a máquina, o João Santana, que era ministro da educação, doou as 36 UNED para o SENAI; e o SENAI do Maranhão ainda veio visitar as instalações daqui; só que não queriam o pessoal, eles só queriam instalações. Como a política do Collor era demitir, o pessoal de São Luís se reuniu lá numa associação tal e votaram uma proposta de desligar a UNED da Escola Técnica Federal, o CEFET, porque aí o Collor demitiu só o pessoal da UNED, e eles ficavam... Agora, a gente sempre teve o apoio aqui da sociedade, que, inclusive, eu peguei e fiz uma comissão [...] e nós fomos para a rua, começando pela FIEMA, pela delegacia da FIEMA: pedi apoio para que nós não fôssemos entregues para o SENAI. (Apêndice A)

Ao mesmo tempo em que esses momentos referenciais identificam fortes características que constituem a comunidade institucional, colocam-se como um dos maiores desafios para o processo de gestão contemporânea do *campus*, visto que o conflito entre as gerações de servidores e suas concepções quanto ao trabalho individual e coletivo na instituição ainda estão latentes. Esse conflito não reside no plano pessoal ou profissional, mas no entendimento de que é preciso avançar para o novo momento experienciado pela educação profissional com a criação dos IF e a nova concepção de EPT inaugurada nessa passagem. Neste sentido, a percepção da contradição entre o trabalho desenvolvido na trajetória histórica da instituição e da própria educação profissional como política pública precisa ser repensada.

[...] nessa lacuna de CEFET para IFMA, ficou muitas coisas que não foram resolvidas com esses colegas; eu senti, assim, muitos ainda entendiam... por exemplo, quando eu cheguei em Açailândia vindo da pós-graduação, era muito comum aos colegas, todos novos, e tal, a gente usar o termo *campus*, assim, com muita facilidade. Quando chegou aqui, o termo mais usado é escola. Eu achava aquilo, assim, muito, reduzir a rede federal a uma escola... é uma escola, mas não é só isso, aqui a gente produz ensino, pesquisa extensão, inovação, então a proposta dos IF. (Apêndice G)

A nova concepção da EPT inaugura também a necessidade de trabalho em rede, ainda que preservados os níveis de autonomia dos *campi* entre si e a reitoria. Nesse sentido, , essa conexão *intercampi* poderá favorecer a superação do quadro de impasse que experimentam as instituições egressas do sistema CEFET / UNED. O *Campus Imperatriz* constituiu-se historicamente em um cenário de isolamento institucional, em relação desigual entre a UNED e o CEFET em São Luís, capital do estado do Maranhão, por buscar autonomia para a execução de suas atividades, bem como inaugurar processos pedagógicos e de gestão que lhe referenciam como uma instituição importante para a expansão da rede federal de educação profissional, iniciada a partir de 2007. Na visão dos servidores mais recentes, essa situação se coloca como elemento de dificuldade no processo de transição e mudança frente ao novo desenho da política pública de EPT.

[...] talvez eu faça um julgamento histórico, mas eu percebo que o *campus* fez um processo de isolamento em função do restante da rede, por ser muito grande, por ser muito bom, não afetar muita coisa. Ele se desconectou de senso de rede, por ser referência, por ser sempre um local importante. Eu penso que nós perdemos ao longo do tempo esse contato com os outros *campi*. (Apêndice G)

Porém, esse referenciamento impõe uma responsabilidade para o futuro das ações desenvolvidas pelo *Campus Imperatriz*, à medida que a experiência não se descarta ante o processo de inovação, mas se coloca como contraponto ao novo momento da instituição, como mobilizadora dos debates internos quanto a mudanças e proposições críticas ao presente, e apontamentos para o futuro.

É importante reforçar o peso da tradição nos processos de gestão e inovação da instituição objeto da pesquisa. Esse fator conecta-se na experiência dos servidores mais recentes na forma de legado e de espaço de distinção e reserva política institucional na rede IFMA, repercutindo de modo crítico para fora e para dentro da instituição.

[...] uma palavra que vem a minha mente é tradição, é um lugar que bebe todos os dias nessa fonte e se remete a ela constantemente. Ah, nós somos antigos, nós somos grandes, às vezes reivindicando alguns direitos, alguns privilégios, por isso o reconhecimento. [...] como servidora, eu pude ver o quanto essa tradição também tem o seu lado negativo de vícios, de obsolescência, de acomodação, é isso, principalmente isso. Assim, a gente tem essa marca muito forte que traz coisas ruins e coisas boas. E aí, já tinha isso antes de existir IFMA... quando veio o IFMA, ficou mais forte porque agora temos as bases de comparação com outras entidades mais novas, então várias questões aí, até a rivalidade. (Apêndice H)

A percepção de valor da instituição constituiu a trajetória do *Campus Imperatriz* pela conjunção de fatores internos e externos, seja devido à capacidade da comunidade institucional em resolver localmente seus problemas, evocando princípios de maior autonomia e da busca por processos próprios de excelência em educação profissional, ou devido à articulação com atores sociais externos (segmentos empresariais, classe política e outros órgãos públicos), como destaca a servidora Priscila Vieira:

Então, essa ligação com a comunidade, por mais que eu seja crítica, as questões foram arraigadas aqui, mas é uma coisa que a geração de 1990 fazia muito bem, que era a conexão com a comunidade, porque eles não tinham ninguém para acudir, e a cidade crescendo e tal... então, os empresários, as escolas, a sociedade civil, o terceiro setor, todos eram muito parceiros aqui [...] está havendo um grande movimento de retorno por esse espírito de fazer pontes, conexões, internas e externas. (Apêndice H)

Destacamos ainda um outro fator que se reveste em algumas falas colhidas como remissivo a um “mito fundador” da instituição, expresso na visão amorosa e nostálgica dos servidores com seu local de trabalho e na relação de intensa fraternidade existente entre os servidores ingressantes nos idos de 1990, repercutindo nas gerações posteriores de servidores ingressantes.

Esses elementos identitários da comunidade são considerados um ponto de virada para as mudanças na instituição, visto que a possibilidade de diálogo e de abertura para o debate se viabiliza nesse histórico positivo das relações interpessoais, como se evidencia a seguir:

[...] o apego que se tem, muitos colegas têm um apego ao *campus*, ao local como ambiente mais do que de trabalho, quase que afetivo mesmo. Então, esse apego com a instituição é bom, porque as pessoas acabam colaborando por conta, essa convergência não por conta de alguém, mas por conta do amor, por conta do gostar do local, de respeitar o local. (Apêndice G)

Gerações anteriores e recentes de servidores mantêm em tempos recentes o protagonismo na proposição do debate interno, revelando a identificação com esse legado e tradição, porém dialogando para a inovação que a educação profissional como política pública precisa empreender.

[...] então, eu acho que até o meu envolvimento mais para o presente, assim de me envolver politicamente, de aceitar essa chefia, é de sentir que precisamos fazer alguma coisa, e principalmente os servidores da minha geração, que são os mais novos, mas que por muito tempo ficaram muito tímidos. (Apêndice H)

Percebemos que o conjunto da comunidade institucional tem consciência dos problemas enfrentados pela instituição para efetivar os processos de gestão e avanço da política pública de educação profissional, mas também o peso da própria comunidade para superar este cenário, restabelecendo suas redes internas de cooperação e coesão para o trabalho institucional, a fim de superar conflitos pretéritos, rancores e o próprio estranhamento entre as gerações de servidores. É necessário, portanto, que eles se nutram mutuamente de suas experiências, formações e visões de mundo, para que conduzam a comunidade institucional à proposição de ações para futuro.

[...] o IFMA tem credibilidade, nós temos credibilidade, temos muita força de mercado ainda, então a minha ideia, o meu trabalho é aproveitar isso que a gente tem para ganhar e para restabelecer o que a gente tinha. A gente tinha muita força, muita... a gente tem cara, aqui não tem como, a marca IFMA é muito forte.

[...] o meu problema é mais mobilizar, muito mais. Recurso eu consegui correr atrás como eu te falei: eu pessoalmente consegui 3,9 milhões.

[...] ter mesmo a coletividade, as pessoas se envolvendo, é um processo da gente, de conquista diária. Tem muitas pessoas que, agora, estão observando que realmente o nosso projeto é sério, que a gente realmente quer fazer um trabalho sério de reestruturar isso aqui, de terminar os quatro anos com alvará de funcionamento, com acessibilidade, com a rampa de acesso dos três blocos. (Apêndice F)

Em que pese as restrições orçamentárias crescentes que têm experimentado todas as políticas públicas educacionais, impactando sensivelmente as ações pedagógicas, os investimentos em infraestrutura e mesmo o funcionamento regular das instituições que materializam tais políticas, restabelecer os níveis de cooperação e de diálogo interno nas instituições de educação básica e superior, a exemplo do IFMA como rede, e no *Campus Imperatriz*, apresentam-se como caminho viável e necessário para restabelecer o ciclo positivo mudanças experimentadas pela educação profissional em tempos recentes.

A retomada dos processos de mudança passa também por ações de formação continuada, de condições favoráveis para a tomada de decisões coletivas e efetivação dos princípios de gestão democrática, reconectando as instituições e os atores sociais nela inseridos com as proposições que a nova EPT pretende efetivar. É preciso catalisar o debate interno, orientado para o processo de mudanças.

[...] eu entendo que é caminho mais possível, porque não se muda ninguém, não se muda pensamento: a pessoa cria as suas próprias ideias. O que a gente pode fazer é criar possibilidades para que essas pessoas tenham condições de refletir, mudar o pensar. [...] eu não consigo enxergar outro caminho senão a formação continuada. A gente só vai conseguir melhorar enquanto pessoa, enquanto profissional e como gestão com formação, então a gente tem investido muito em formação, e formação continuada, pensada... os nossos eventos e atividades internas de formação dos servidores, especialmente dos docentes, têm objetivos, têm plano de ação, então a gente tem desenvolvido. (Apêndice G)

As falas da comunidade institucional possibilitaram a realização da avaliação emancipatória proposta por Saul (2006), sobrepondo as impressões da comunidade institucional como elementos determinantes para propor alternativas às contingências para a efetividade de uma política pública de educação profissional que cumpra uma função emancipadora das pessoas, em especial das classes populares majoritariamente presentes nos IF pelo interior do Brasil, onde tais instituições estão presentes, levando educação pública da educação básica ao ensino superior.

Superar os documentos oficiais, os marcos conceituais elaborados pelos formuladores das políticas públicas e a homogeneidade observada nos indicadores viabilizou uma perspectiva desafiante da realidade do *Campus Imperatriz*, em que as ações educacionais se interconectam com fatores externos e internos não previstos no

receituário de execução das políticas educacionais. Logo, é necessário estabelecer condições de um novo planejamento e execução das ações, respeitando o olhar crítico da comunidade institucional revelado neste estudo, porém silenciado na ação das instituições pelo latente esvaziamento dos processos de gestão democrática, orientados para a consecução de tarefas e a obtenção de indicadores satisfatórios de desempenho.

O processo de retomada de percurso e de mudança envolve as pessoas no debate institucional, além de dialogar com passado e presente das instituições egressas à nova EPT. Este se mostrou o caminho necessário para o *Campus Imperatriz*, em virtude das falas dos atores sociais entrevistados e de suas percepções sobre a instituição e a educação profissional em tempos recentes.

## 10 CONCLUSÃO: CONTRIBUIÇÕES DO TEMPO PRESENTE

Nunca mais o meu passado  
Para sempre o meu futuro  
Nada certo, nada errado  
Tudo claro, tudo escuro

Tim Bernardes

A avaliação qualitativa da educação profissional desenvolvida neste estudo teve como ponto de partida as experiências dos atores sociais, remontando, a partir de suas memórias, a trajetória da instituição *lócus* deste estudo, mas também apontando elementos para analisar uma das políticas públicas de maior destaque nos últimos anos, seja pela sua repercussão nos indicadores sociais e educacionais nos territórios das instituições que a executam, seja pelo aporte de recursos diversos para que se materialize como ação e presença do Estado nos mais de 600 *campi* dos Institutos Federais pelo Brasil afora. Outra marca de relevo da nova EPT é sua inserção regional, levando educação pública socialmente referenciada para localidades antes invisíveis ao gestor público focado e imerso nos indicadores.

A nova EPT constituiu-se em contraponto ao histórico de ofertas e planejamento centrado em fatores econômicos, e na dinâmica do mercado de trabalho de aglomerados urbanos e desenvolvimento das atividades rurais. Ao incorporar conceitos como politecnia e articular a categoria trabalho como princípio educativo para nortear um currículo que supere sua feição historicamente instrucional, necessita-se envolver as pessoas e instituições constituídas e referenciadas em uma concepção de educação profissional que se pretende superar. Embora não haja fórmula mágica para iniciar esse processo de mutação, a avaliação realizada neste estudo revelou, por meio das falas dos demais avaliadores como atores sociais inseridos nessa conjuntura complexa, indícios de qual caminho tomar e qual pode ser o ponto de mutação, propulsor do processo de discussão que conduzirá à construção de uma institucionalidade que favoreça o trabalho coletivo e a resultados ainda mais efetivos e transformadores da realidade social.

A construção de um referencial positivo na UNED Imperatriz constituiu-se como centralidade do trabalho desempenhado por seus servidores, engajados em oferecer uma proposta educativa que possibilitou formar “um técnico cidadão”, expandindo o conceito de formação e profissionalização. Essa força inspiradora motivou outras instituições da

mesma rede; na experiência deste pesquisador, destacamos sua primeira formação continuada na UNED Buriticupu, nos idos de fevereiro de 2007.

O registro fotográfico (Fig. 15) consolida um rito de passagem para os novos servidores, egressos de outras redes públicas de educação básica (na primeira realidade com o trabalho docente ou na área de educação), em que a experiência dos veteranos se colocou como guia para essa nova caminhada profissional. Naquele evento, os profissionais formadores foram a assistente social Vilma Andrade, a pedagoga Izaura Silva e o Professor José Dioclides Gonçalves, primeiro diretor geral da unidade.

Figura 15 – Formação continuada dos servidores do *Campus* Buriticupu (fev. 2007)



Fonte: Acervo do autor.

A experiência das gerações anteriores de servidores no *Campus* Imperatriz referenciou o processo de expansão em toda a região Sudoeste do Maranhão. Os *campi* de Buriticupu, Açailândia, Grajaú, Porto Franco e Carolina foram influenciados pelo trabalho desenvolvido pelo *Campus* Imperatriz, o que serviu de caminho seguro para o processo de implantação das novas unidades da rede IFMA. Entretanto, o legado e a tradição apresentam-se como fator impeditivo para o avanço da própria instituição, numa contradição que revela a própria fragilidade da nova concepção de EPT, cristalizada devido à criação dos IF em 2008.

A transformação da rede EPT com a criação dos IF não foi precedida pela compreensão do papel desempenhado pelas instituições egressas à nova rede, gerando,

a nosso ver, um conflito experienciado pelo *Campus Imperatriz* atualmente, centrado no impasse em se colocar no escopo do novo desenho da política pública de EPT ou evocar o legado educacional construído em sua trajetória de 35 anos de funcionamento. A “autonomia” e a “rebeldia” relatadas pelos servidores pioneiros construiu possibilidades de um referencial educacional que se conectou com as necessidades da cidade de Imperatriz e região; ademais, internamente repercutiu em um trabalho colaborativo necessário e efetivo no início de sua trajetória, expresso em seu conjunto como um “mito fundador” da instituição, evocado sempre em momentos de crise.

A avaliação emancipatória realizada nesta pesquisa também trouxe elementos que outras perspectivas de avaliação não possibilitariam revelar. Os indicadores oficiais, a infraestrutura física e outros itens, cotejados com os objetivos da política pública, sugeririam que os aspectos positivos superariam eventuais problemas, ou mesmo indicariam intervenções pontuais. Avaliar confere poder, e neste sentido, a escuta dos envolvidos no processo de execução e a ampliação destas contribuições por meio das memórias individuais construíram um caminho de avaliação que ampliou a própria perspectiva emancipatória de pesquisa e avaliação, o que nos sugeriu lançar dúvidas sobre a própria concepção progressista da EPT contemporânea, visto que está assentada em práticas e concepções que pretendiam negar, refutar, ou mesmo, superar.

As práticas pedagógicas e os processos de gestão da instituição e de execução da política pública no *Campus Imperatriz* remontam as memórias do trabalho de seus servidores, servindo de guia no processo de transição entre as gerações, designada entre os pioneiros e os ingressantes após a consolidação da instituição na década de 1990. A transição para uma nova institucionalidade implica superar antigas práticas e propor a superação parcial de elementos da tradição. Entretanto, esse movimento não será possível sem estranhamento, sem conflito.

As críticas aos processos de eleições para diretor geral contrapõem as diversas impressões da comunidade institucional sobre os processos de mudança ou continuidade. A tensão reside notadamente em construir novos processos de gestão e inovação; por consequência, de acomodação dos grupos políticos internos que lideram os processos de debate e execução das ações. Processos eleitorais cada vez mais duros impõem resultados severos à consecução das ações e ao trabalho colaborativo, traduzidos em apatia de parte significativa da comunidade ante os fluxos de mudança e ruptura. Em parte, os processos eleitorais, que deveriam ser um dos grandes momentos do processo de gestão democrática e construção de caminhos para a instituição, transformam-se em

cisão interna, com danos significativos ao trabalho, à construção de novos objetivos e a resultados da instituição. A gestão democrática das instituições escolares não se resume aos momentos de eleições para seus dirigentes, e neste sentido, o princípio da gestão democrática extrapola a percepção da comunidade sobre as eleições e seus desdobramentos. Não percebemos nas falas dos entrevistados uma tendência em desacreditar os processos eleitorais, mas sim de reforçar estes períodos como pontos de mutação da instituição, potencializando o debate interno e os projetos de instituição apresentados pelos candidatos e seus grupos. Em que pese estarmos vivendo uma atmosfera política nacional de crescente radicalização política e de tendências fortemente autoritárias, a defesa das eleições e do princípio da gestão democrática das instituições escolares se coloca como uma das trincheiras de resistência de nossa sociedade. A nosso ver, esta condição é inalienável na escola e para além dela.

A necessidade de mudança está relacionada à própria execução do novo escopo da educação profissional, que amplifica a atuação dos IF, atuando desde a educação profissional de nível médio, até a graduação e a pós-graduação. Esse arranjo implica novos processos internos de planejamento e de atuação dos profissionais, detidamente os professores. Em nível de comparação, instituições criadas a partir de 2007 têm transitado com maior fluidez ante esse novo arranjo, visto que já se estruturaram conectados à nova EPT e conseguiram verticalizar rapidamente suas ofertas formativas.

O *Campus Imperatriz* busca internamente construir condições para ampliar a verticalização de suas ofertas, superando o conceito de “escola técnica” e se estabelecendo como instituição, a partir de ofertas de ampliem a verticalização da formação de seus estudantes. O termo “escola técnica” remete não somente a uma temporalidade institucional, mas também a uma tradição, uma fase referencial ainda não superada. Essa necessidade de transição e movimento de mudança materializa-se nas falas dos servidores das gerações mais recentes, em maior conexão com a nova EPT, e na concepção dos IF. Este movimento de mudança poderá sedimentar outro referencial histórico e assim, possibilitar a forja de uma nova tradição enquanto remissão histórica positiva e constituição de novas elementos de memória individual e coletiva para a instituição.

A avaliação emancipatória indicou possibilidades de intervenção. Em virtude de ser uma metodologia qualitativa, não fechou possibilidades distintas das propostas realizadas pelos atores sociais inseridos no processo como avaliadores da política pública, logo, conferiu poder e força transformadora para a comunidade. Os resultados obtidos

exemplificam a complexidade de efetivação da educação profissional ante às múltiplas realidades das instituições, causando estranhamento e resistência aos fluxos de mudança e inovação. Nesse sentido, o tempo histórico das mudanças experimenta um processo agudo de desconstrução do passado, não para descartá-lo, mas para resgatar os elementos fundantes do trabalho a fim de imprimir um “jeito novo” de proporcionar uma formação cidadã para jovens, homens e mulheres das classes populares que, em regra, são atendidos pelos IF.

É importante destacar que a expansão da educação profissional no Brasil, iniciada nos anos 2000, viabilizou-se em uma conjuntura econômica com baixos índices de desemprego e de significativo crescimento econômica, com forte impacto nas questões sociais e de renda para as classes populares. A nova EPT surgiu em um cenário de políticas sociais e educacionais progressistas; importante para o crescimento econômico e para a demanda de escolarização e profissionalização da população. Este cenário se modificou a partir do ano de 2015 e se agudizou com a pandemia em 2020 e a ascensão de políticas sociais e econômicas ditas liberais. Neste contexto, a educação profissional experimenta problemas, visto que educar e formar profissionais para o desemprego não se constitui como uma das premissas da educação profissional. Outras contingências se colocam, com a reforma do ensino médio e seus impactos ao currículo integrado, que podem descaracterizar substantivamente esta nova EPT.

Avaliar, nesta pesquisa, significou compreender que não é possível construir um novo caminho para a educação profissional negando seu passado, desconstruindo seus referenciais ou impondo novos modelos sem diálogo com as experiências e memórias de comunidades institucionais, como o *Campus Imperatriz*. A avaliação emancipatória reveste-se de força mobilizadora para os processos de conflito e propositivos da mudança, atentos ao devir histórico, à tradição e à historicidade dos fatos e suas relações com o presente. Neste estudo e em seus limites, o conceito de mudança aplicado a realidade estudada não é de ruptura, cisão; a mudança assenta-se na perspectiva de resgate, de correlação do passado e presente, e, por fim, de projeção de futuro. Esse processo, ainda inconcluso, possui ritmo e dinâmica própria, em razão de dialogar com o tempo em sua maior virtude, e claro, com a conjuntura política e social brasileira.

Não se pode controlar o tempo, manipular sua dinâmica. Tentamos, sob nossas lentes, retratar frações da realidade, porém sem dar conta da amplitude de sua dinâmica, seu ritmo de mudanças ou permanências. Este é o desafio desta tese, em constante desconstrução: lidar com o tempo histórico em sua dialética e movimento.

## 11 REFERÊNCIAS

AHID, Miguel. Evento marca os 35 anos de fundação do *Campus Imperatriz*. **Portal IFMA**, 7 jun. 2022. Disponível em: <https://imperatriz.ifma.edu.br/2022/06/07/evento-marca-os-35-anos-de-fundacao-do-campus-imperatriz/>. Acesso em 8 jul. 2022.

AZEVEDO, Fernando et al. Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. especial, p. 188-204, ago. 2006. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1044145/mod\\_resource/content/1/3.Manifesto%20dos%20Pioneiros%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1044145/mod_resource/content/1/3.Manifesto%20dos%20Pioneiros%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf). Acesso em 5 jul. 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

BERNARDES, Tim. Passado / Futuro. *In*: O TERNO. **Atrás / Além**. São Paulo: Tratore, 2019.

BIBLIOTECA CENTRAL DO IBGE. **Catálogo**. Brasília: IBGE, s.d. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html>. Acesso em 5 jul. 2022.

BOMFIM, Manoel. **A América Latina: males de origem**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. (Original publicado em 1903). Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4918716/mod\\_resource/content/1/Am%C3%A9rica%20Latina%20males%20de%20origem.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4918716/mod_resource/content/1/Am%C3%A9rica%20Latina%20males%20de%20origem.pdf). Acesso em 5 jul. 2022.

BONETI, Lindomar Wessler. **Políticas públicas por dentro**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2011.

BRASIL. **Lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 1971. Disponível em: [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L5692.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm). Acesso em 20 dez. 2021.

BRASIL. Decreto n. **2.208, de 17 de abril de 1997**. Regulamenta o §2.º do artigo 36 e os artigos 39 a 42 da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1997. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/D2208.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D2208.htm). Acesso em 5 jul. 2022.

BRASIL. **Decreto n. 5.154, de 23 de julho de 2004**. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2004a. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm). Acesso em 5 jul. 2022.

BRASIL. **Decreto n. 5.296, de 2 de dezembro de 2004**. Regulamenta as Leis n. 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que

específica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2004b. Disponível em: [BRASIL. \*\*Acórdão nº 2.267/2005\*\*. Brasília: Tribunal de Contas da União, 13 dez. 2005. Disponível em: <https://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:tribunal.contas.uniao;plenario:acordao:2005-12-13;2267>. Acesso em 5 jul. 2022.](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm#:~:text=Nas%20edifica%C3%A7%C3%B5es%20de%20uso%20p%C3%ABlico,Art. Acesso em 5 jul. 2022.</a></p></div><div data-bbox=)

BRASIL. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm). Acesso em 5 jul. 2022.

BRASIL. **Lei n. 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2012. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm). Acesso em 5 jul. 2022.

CAMARA, Sônia. COCKELL, Marcela. O intelectual educador Manoel Bomfim e a interpretação do Brasil e da América Latina. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, v. 11, n. 44, p. 293-307, dez. 2011.

CARVALHO, Olgamir F. **Educação e formação profissional** – trabalho e tempo livre. Brasília: Plano Editora, 2003.

CASTRO, Ricardo Alexandre. **A agroecologia e a educação do campo no projeto político pedagógico de escolas do campo em assentamentos do MST no território de identidade do Sudoeste Baiano**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual Do Sudoeste Da Bahia, Vitória da Conquista, 2022. Disponível em: <http://www2.uesb.br/ppg/ppged/wp-content/uploads/2022/04/RICARDO-ALEXANDRE-CASTRO.pdf>. Acesso em 5 jul. 2022.

CHAMOM, Carla S. A trajetória profissional de uma educadora: Maria Guilhermina e a pedagogia norte-americana. **Revista História da Educação**, Pelotas, v. 12, n. 24, p. 73-99, jan./abr., 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/29227>. Acesso em 5 jul. 2022.

CIAVATTA, Maria. **Mediações históricas de trabalho e educação**: gênese e disputas na formação dos trabalhadores (Rio de Janeiro, 1930-60). Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

CUNHA, Marcus Vinicius da. John Dewey no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. **Cadernos de História da Educação**, São Paulo, v. 16 n. 2, p. 474-486, maio/ago., 2017. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/14213/20785>. Acesso em 5 jul. 2022.

DECCA, Edgar S. Questões teórico-metodológicas da história. In: SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José C.; SANFELICE, José Luiz. (org.). **História e historiografia da educação**: o debate teórico-metodológico atual. 3. ed. Campinas: Autores Associados; HISTEDBR, 2006. p. 17-24.

FONSECA, Celso Suckow. **História do ensino industrial no Brasil**. Rio de Janeiro: SENAI, 1986. 5 v.

FRANKLIN, Adalberto. **Breve história de Imperatriz**. Imperatriz: Ética, 2005.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. 2. ed. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

GRUPO CONSCIÊNCIA – Materialismo Histórico-Dialético e Educação. **Facebook**, s.d. Disponível em: <https://www.facebook.com/GrupoConscienciaMHD/>. Acesso em 5 jul. 2022.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In.: HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 9-23.

HORA, Licia Cristina Araújo. A formação de jovens e adultos trabalhadores sob controle dos empresários: o caso do PROEJA no Maranhão. **Revista EJA em debate**, Florianópolis, edição especial, ano 3, n. 4, jul. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/1683/pdf>. Acesso em 5 jul. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades e Estados**. Brasília: IBGE, s.d. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ma/imperatriz.html>. Acesso em 5 jul. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) **Índice de Desenvolvimento Humano** – Imperatriz. Brasília: IBGE, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/imperatriz/pesquisa/37/0>. Acesso em 5 jul. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA (IBICT). **Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações**. Brasília: IBICT, s.d. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/Content/history>. Acesso em 5 jul. 2022.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MARANHÃO (IFMA). **Cursos ofertados**. São Luís: IFMA, 2015a. Disponível em: <https://portal.ifma.edu.br/cursosofertados/>. Acesso em 5 jul. 2022.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MARANHÃO (IFMA). **Sobre o Campus**. São Luís: IFMA, 4 maio 2015b. Disponível em: <https://imperatriz.ifma.edu.br/sobreocampus/>. Acesso em 8 jul. 2022.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MARANHÃO (IFMA). **Resolução n. 060, de 18 de junho de 2019**. Estabelece as Normas de Acesso à Educação Profissional Técnica de Nível Médio e à Educação Superior do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão. Brasília: MEC,

2019. Disponível em: [https://portal.ifma.edu.br/wp-content/uploads/2020/12/Resol-CONSUP-60\\_2019.pdf](https://portal.ifma.edu.br/wp-content/uploads/2020/12/Resol-CONSUP-60_2019.pdf). Acesso em 5 jul. 2022.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MARANHÃO (IFMA). **Edital n. 84, de 16 de novembro de 2021**. Processo seletivo unificado para acesso aos cursos técnicos. São Luís: IFMA, 2021. Disponível em: <https://portal.ifma.edu.br/wp-content/uploads/2021/11/EDITAL-N%C2%B0-84-Seletivo-Te%CC%81cnico-IFMA-2022-assinado.pdf>. Acesso em 5 jul. 2022.

INSTITUTO MARANHENSE DE ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS E CARTOGRÁFICOS (IMESC). Produto interno bruto dos municípios do estado do Maranhão 2015. **IMESC**, São Luís, v. 11, p. 1-70, 2017.

INSTITUTO MARANHENSE DE ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS E CARTOGRÁFICOS (IMESC). **Enciclopédia dos Municípios Maranhenses**: região de desenvolvimento do Tocantins Maranhense. São Luís: IMESC, 2021. Disponível em: <http://imesc.ma.gov.br/portal/Post/show/enciclopedia-dos-municipios>. Acesso em 5 jul. 2022.

JACOMELI, Mara Regina M. A lei 5.692 de 1971 e a presença dos preceitos liberais e escolanovistas: os estudos sociais e a formação da cidadania. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, v. 10, n. 39, p. 76-90, 2012. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/312873479\\_A\\_lei\\_5692\\_de\\_1971\\_e\\_a\\_presenca\\_dos\\_preceitos\\_liberais\\_e\\_escolanovistas\\_os\\_estudos\\_sociais\\_e\\_a\\_formacao\\_da\\_cidadania](https://www.researchgate.net/publication/312873479_A_lei_5692_de_1971_e_a_presenca_dos_preceitos_liberais_e_escolanovistas_os_estudos_sociais_e_a_formacao_da_cidadania). Acesso em 5 jul. 2022.

KOSSELECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006.

KRUPSKAYA, Nadezhda K. **A construção da pedagogia socialista**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

LIMA, Aline C. L.; RÊSES, Erlando S.; SILVA, Reinouds L. Politecnia, onilateralidade e escola unitária: contribuições de Marx e Gramsci para um modelo contra-hegemônico de educação. In: RÊSES, Erlando S. (org.) **Pedagogia socialista, trabalho e educação**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2021. Disponível em: <https://livros.unb.br/index.php/portal/catalog/book/97>. Acesso em 5 jul. 2022.

MARANHÃO. **Lei n. 10.525 de 3 de novembro de 2016**. Dispõe sobre a criação da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL, com sede na cidade de Imperatriz. Assembleia Legislativa: São Luís, 3 nov. 2016. Disponível em: [http://sapl.al.ma.leg.br:8080/sapl/sapl\\_documentos/norma\\_juridica/304\\_texto\\_integral](http://sapl.al.ma.leg.br:8080/sapl/sapl_documentos/norma_juridica/304_texto_integral). Acesso em 5 jul. 2022.

MARIÁTEGUI, José C. **Mariátegui sobre Educação**. Tradução: Luiz Bernardo Pericás. São Paulo: Xamã, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Textos sobre educação e ensino**. Campinas: Navegando, 2011. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/ano/mes/ensino.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2019.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). **História**. s.d. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conaes-comissao-nacional-de-avaliacao-da-educacao-superior/97-conhecaomec-1447013193/omec-1749236901/2-historia>. Acesso em 2 jul. 2022.

MORAES, Gustavo H. et al. **Plataforma Nilo Peçanha**: guia de referência metodológica. Brasília: MEC; Evobiz, 2018. Disponível em: <http://dadosabertos.mec.gov.br/images/conteudo/pnp/2018/guia-referencia-2018.pdf>. Acesso em 5 jul. 2022.

MOSCOVICI, Serge. **A máquina de fazer deuses**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

NAVEIRA, Olívia P. Os Annales e as suas influências com as Ciências Sociais. **Klepsidra** – Revista Virtual de História, s.d. Disponível em: [http://www.nomads.usp.br/documentos/textos/modos\\_vida/05\\_annales/annales.htm](http://www.nomads.usp.br/documentos/textos/modos_vida/05_annales/annales.htm). Acesso em 5 jul. 2022.

PACHECO, Eliezer M. **Os institutos federais**: uma revolução na educação profissional e tecnológica. Natal: IFRN, 2010.

PERICÁS, Luiz B. José Carlos Mariátegui e o Brasil. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 24, n. 68, p. 335-361, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10482/12224>. Acesso em 5 jul. 2022.

PLATAFORMA NILO PEÇANHA. Brasília: MEC; SETEC, s.d. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiZDhkNGNiYzgtMjQ0My00OGVILWJjNzYtZWQwYjI2OThhYWM1liwidCI6IjllNjgyMzU5LWQxMjgtNGVhYi1iYjU4LTgyYjJhMTUzNDBmZiJ9>. Acesso em 5 jul. 2022.

POCHMANN, Marcio. Educação e Trabalho: como desenvolver uma relação virtuosa? **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 87, p. 383-399, ago. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/TDsxdKm3C3QHP4dFqxTySkM/?lang=pt>. Acesso em 5 jul. 2022.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). **O que é o IDH**. Brasília: PNDU, s.d. Disponível em: <https://www.undp.org/pt/brazil/o-que-%C3%A9-o-idh>. Acesso em 5 jul. 2022.

REIS, José C. O conceito de tempo histórico em Ricoeur, Kosseleck e “Annales”: uma articulação possível. **Síntese Nova Faz**, Belo Horizonte, v. 23, n. 73, p. 229-252, 1996. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/989/1428>. Acesso em 5 jul. 2022.

RÊSES, Erlando da Silva; SILVA, Reinouds Lima. Avaliação Emancipadora: Educação de Jovens e Adultos e Educação Profissional. **Revista de Educação Pública**, [S. l.], v. 27, n. 65/1, p. 425-446, 2018. DOI: 10.29286/rep.v27i65/1.6589. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/6589>. Acesso em: 24 jul. 2022.

RÊSES, Erlando da Silva; SILVA, Reinouds Lima. Educação. In: IBGE. Centro de Documentação e Disseminação de Informações do IBGE. **Brasil em números**. v. 29. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. p. 146-165. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2/bn\\_2021\\_v29.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2/bn_2021_v29.pdf). Acesso em 25 jul. 2022.

RIBEIRO, Amarolina. Serra dos Carajás. **Infoescola**, s.d. Disponível em: <https://www.infoescola.com/geografia/serra-dos-carajas/>. Acesso em 5 jul. 2022.

RUA, Maria das Graças. **Políticas Públicas**. Brasília: UFSC; CAPES; UAB, 2009.

SALOMON, Delcio V. **A maravilhosa incerteza** – Ensaio de metodologia dialética sobre a problematização no processo do pensar, pesquisar e criar. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SANCHES, Edmilson (org.). **Enciclopédia de Imperatriz**. Imperatriz: Instituto Imperatriz, 2003.

SANTOS, Luciano S. **A escassez de professores habilitados em física na educação básica**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Física). Instituto Federal do Sertão Pernambucano, Serra Talhada, 2022. Disponível em: <https://releia.ifsertao-pe.edu.br/jspui/bitstream/123456789/714/1/A%20ESCASSEZ%20DE%20PROFESSORES%20HABILITADOS%20EM%20F%C3%8DSICA.pdf>. Acesso em 5 jul. 2022.

SANTOS, Priscila Vieira dos. **Criação e expansão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão: impasses da gestão e impactos institucionais**. 2019. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas). Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/bitstream/tede/2792/2/PriscilaVieiradosSantos.pdf>. Acesso em 5 jul. 2022.

SAUL, Ana Maria. **Avaliação emancipatória: desafios à teoria e à prática de avaliação e reformulação do currículo**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2008a.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica**. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2008b.

SAVIANI, Dermeval; DUARTE, Newton (org.). **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas: Autores Associados, 2012.

SCHULTZ, Theodore W. **O valor econômico da educação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1964.

SILVA, Reinouds Lima. **Avaliação da política pública de educação de jovens e adultos na rede federal de educação profissional e tecnológica: o PROEJA no Instituto Federal do Maranhão – Campus Açailândia**. 2015. Dissertação (Mestrado em

Educação). Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/18674/1/2015\\_ReinoudsLimaSilva.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/18674/1/2015_ReinoudsLimaSilva.pdf). Acesso em 5 jul. 2022.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UNIVERSIDADE À ESQUERDA. **Manifesto de Córdoba** – 21 de Junho de 1918. 21 jun. 2018. Disponível em: <https://universidadeaesquerda.com.br/manifesto-de-cordoba-21-de-junho-de-1918/>. Acesso em 5 jul. 2022.

VELOSO, Caetano. Oração ao tempo. *In*: VELOSO, Caetano; A OUTRA BANDA DA TERRA. **Cinema Transcendental**. Rio de Janeiro: Polygram; Philips, 1979. Disponível em: <https://www.caetanoveloso.com.br/discografia/>. Acesso em 5 jul. 2022.

VIEIRA, César R. A. Americanismo x iberismo: a influência do modelo educacional norte-americano no final do século XIX. **Horizontes**, v. 26, n. 1, p. 21-30, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://www.unimep.br/~crvieira/americanismo-ibirismo.pdf>. Acesso em 5 jul. 2022.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – ENTREVISTA IZAURA SILVA

Entrevista / Identificação: SN Áudio	Entrevistador: Reinouds Lima Silva
Data da Entrevista: 7 dez. 2020	Duração: 1h52min18s
Entrevistada: Izaura Silva	Perfil: Servidora IFMA. Faz parte do primeiro grupo de servidores admitidos por concurso público. Responsável pelo setor pedagógico da instituição, recebeu/formou boa parte dos professores para a EPT e recepcionou todos os pedagogos e pedagogas do <i>campus</i> . É uma forte referência histórica e profissional na instituição e na rede EPT no Maranhão.

**Entrevistador:** Início padrão das entrevistas – Apresentação da pesquisa, objetivos e do TCLE. Leitura dos Termos de Participação. Pedido de manifestação de Interesse em participar da pesquisa.

**Entrevistador:** Professora Izaura, agradeço sua disponibilidade em colaborar com esta pesquisa. Gostaria de inicialmente conhecer um pouco de sua trajetória pessoal e profissional. Fale de suas inspirações e opções teóricas e profissionais, por favor.

**Entrevistada:** Olha, eu de ensino médio eu fiz o antigo curso normal, ainda fui professora de primeira à quarta série, fiz vestibular, passei, fui estudar em São Luís, fiz pedagogia, trabalhei, que para mim me deu uma grande visão da vida, trabalhei na FEBEM durante o tempo de estudante, e depois de profissional, quer dizer, trabalhei com alunos das camadas populares em situação de risco, era como chamávamos na época. Eles ainda não eram assim em conflito com a lei não, mas era um trabalho preventivo. E trabalhei na escola de ensino médio como orientadora educacional.

**Entrevistador:** Isso onde?

**Entrevistada:** Em Caxias. Eu comecei a trabalhar na FEBEM em São Luís de depois de profissional eu trabalhei em Caxias. Em Caxias eu trabalhei na Universidade Estadual do Maranhão como professora, trabalhei no estado como orientadora educacional, e trabalhava na FEBEM também como orientadora educacional. Trabalhar com educação profissional eu comecei nessa época, na década de 80, que eu comecei em 79.

**Entrevistador:** A senhora concluiu o curso de pedagogia quando?

**Entrevistada:** Concluí em 1978, na Universidade Federal do Maranhão em São Luís. Só havia este curso em São Luís. Fiz mestrado na Universidade Federal do Ceará.

**Entrevistador:** A senhora é cearense?

**Entrevistada:** Não, não sou cearense não, só estudei no Ceará, fiz assim alguns cursos de especialização na área da educação, principalmente de orientação educacional que é

uma coisa que eu sempre gostei, porque quando eu me formei a orientação educacional era para trabalhar com os alunos, e nessa época que eu formei era época das habilitações básicas, do ensino profissional, ensino profissionalizante da lei, 5.600... esqueci o número da lei, é 5.692.

**Entrevistador:** A lei 5.692 de 1971?

**Entrevistada:** Isso. Então, daí eu comecei a trabalhar com educação profissional, a escola que eu trabalhava era habilitações básicas, que foi um intermediário entre o decreto, entre, eu esqueci o decreto, Decreto 7275 e o ensino médio, que depois foi transformado em ensino médio. Então desde daí eu venho convivendo com a educação profissional, os cursos que tinha lá na escola que eu trabalhava era mecânica, era saúde, era administrativo/financeiro.

**Entrevistador:** Isto em Caxias - MA?

**Entrevistada:** Em Caxias. Habilitação básica. E quando eu passei no concurso para escola técnica federal, porque quando eu passei era escola técnica federal, aí vim morar em Imperatriz.

**Entrevistador:** O concurso foi em 1989?

**Entrevistada:** Sim, 1989. Trabalhei em Caxias 10 anos, que foi de 79 a 89.

**Entrevistador:** Aí 89 o concurso, em meados de 1990 começou suas atividades na UNED Imperatriz?

**Entrevistada:** O concurso foi em 1989, 19 de janeiro de 1990 a gente tomou posse, e aqui eu continuei trabalhando com educação profissional, só que aqui era educação profissional já na reforma da educação profissional, que separou o ensino médio do ensino técnico, o Decreto 2.208/1997, que separou o ensino médio do ensino técnico. Então daí eu trabalho até hoje na escola técnica federal que hoje é Instituto Federal, quer dizer, quando a gente entrou era escola técnica federal, e aqui era unidade de ensino de ensino descentralizada de Imperatriz.

**Entrevistador:** As conhecidas UNEDs.

**Entrevistada:** Exato, que foram criadas no governo Sarney, foram 36 UNEDs no país, e uma delas foi em Imperatriz. O curso começou lá na Escola Estadual Dorgival Pinheiro de Sousa, que a gente não tinha ainda, como toda escola começa, nós não tínhamos ainda a sede, então foram cedidas duas turmas, duas salas, e lá começou a UNED de Imperatriz, começou com o curso de eletromecânica na modalidade subsequente, e com o curso de edificações também na modalidade subsequente.

**Entrevistador:** Poucos professores no início?

**Entrevistada:** 12, 12 professores apenas, não tinha funcionário administrativo, eles faziam tudo. E eles tinham também na época, a escola tinha, o Protécnico, que era um curso preparatório para ingressar na escola técnica federal, porque o ensino nessa época aqui em Imperatriz, o ensino público era bem difícil.

**Entrevistador:** Bem precário?

**Entrevistada:** Bem precário. A cultura das pessoas pelo menos das classes populares não era estudo, era trabalho, as pessoas, os adolescentes queriam era trabalhar e ganhar dinheiro.

**Entrevistador:** Qualquer trabalho, mesmo sem formação?

**Entrevistada:** Fosse no que fosse, sem formação mesmo. E eu me lembro que tinha uma coisa negativa demais aqui, olha que essa história de governante ele tem influência na vida da sociedade, era comum os alunos dizerem para a gente, olha, mas o povo da prefeitura todo é analfabeto, o prefeito é analfabeto e tem muito dinheiro, e eu vejo vocês aqui que são todos escolarizados, todos formados e ganham pouco em relação a eles, então tinha esse pensamento na juventude, que estudo não tinha tanto valor, e por isso nós tínhamos uma evasão absurda. Quando a sede foi inaugurada, e os novos servidores tomaram posse, já fomos direto para aquele prédio, tomamos posse já no prédio novo lá, onde hoje é a nossa sede. O prédio era dentro do mato e as pessoas passavam lá e diziam assim, ah, isso aqui é um elefante branco, foi uma coisa que foi criada aí para gastar o dinheiro, isso aqui não vai para frente nunca não.

**Entrevistador:** E naquela época já era uma boa estrutura, pois praticamente ela sofreu poucas intervenções, poucos acréscimos, não é?

**Entrevistada:** Poucos acréscimos, já era aquela estrutura com pouco acréscimos dos nossos dias. Então, mas as pessoas passavam lá, e diziam: não isso aqui não vai funcionar.

**Entrevistador:** O acesso era difícil?

**Entrevistada:** Difícil demais, aquilo ali ficava na Estrada do Arroz, tem um riacho logo a acima que ele quando enchia transbordava e ninguém conseguia entrar na escola de carro, a gente deixa os carros aqui perto do cemitério e ia de ônibus.

**Entrevistador:** Acesso bem difícil mesmo...

**Entrevistada:** Era, ia de ônibus porque só de ônibus mesmo... só assim conseguia passar na água represada lá do riacho. Então, mas quando a gente começou na escola eu particularmente e assistente social, a Vilma Andrade. Ah, mas a Vilma tem uma visão muito boa, que a gente trabalhou 20 anos juntas, e o nosso trabalho era um trabalho de estruturar e erguer a escola. Então o que a gente fez assim, para divulgar a escola, para dizer que nós éramos uma escola. Mudar cultura da cidade, chamar as pessoas para ir estudar, porque depois eles passaram a dizer na sociedade que aquela escola ali só era escola para estudar os filhos dos ricos, porque a estrutura dela era uma estrutura majestosa, e as escolas públicas aqui hoje estão mais bonitinhas, mas antigamente era muito descaída, muito deteriorada, tal.

**Entrevistador:** Então aquela estrutura não era para ser de uma escola pública? Essa era a visão?

**Entrevistada:** Não, não, não era, era coisa de rico, então eles tinham essa mentalidade. E o que nós fizemos, nós fomos visitar todas, absolutamente todas as escolas públicas para explicar o que era aquela escola, qual era a finalidade dela, ela era uma escola para

todos, principalmente para os filhos dos trabalhadores, a gente fez está pregação durante longos anos, aliás, eu faço isso até hoje, dizendo que era uma escola pública igual a escola deles, com uma diferença, que ela era uma escola federal, né, e era uma escola para ensino médio, que a gente ia no ensino fundamental, fomos também nas escolas de ensino médio, mas a gente ia sobretudo, nas escolas de ensino fundamental, então foi um trabalho assim de base que a gente fez.

**Entrevistador:** Naquela época, quais eram as tuas expectativas? O que esperava? Houve algum distanciamento quanto às suas expectativas e a realidade após a tua posse e de toda a equipe?

**Entrevistada:** Tomamos posse no prédio novo, naquele auditório, nós éramos eu acho que uns 130, 140 profissionais, incluindo professores e técnicos administrativos. Posse dos aprovados no primeiro concurso em 1990.

**Entrevistador:** E qual era a tua expectativa, Izaura, vou para Imperatriz, para a Escola Técnica, entre a expectativa a realidade houve alguma aproximação, distanciamento, era o que você esperava?

**Entrevistada:** Não houve distanciamento, era o que eu esperava, e olha eu falo a vocês com sinceridade, eu tenho a alma lavada hoje, eu me sinto realizada como profissional por tudo que foi feito naquela escola, certo, porque o que a gente fez, aí a gente fez esse trabalho de base e tal, aí fomos fazer seletivo, e o seletivo não deu para preencher a vaga fizemos novamente, e aí fomos trabalhar com os alunos dentro da escola, naquele tempo tinha muito aqui em Imperatriz a questão da violência, daquela história da valentia e tal, então era comum o menino levar faca para acertar contas com o outro e tal, menino sair no braço, entende, então nós fizemos todo um trabalho de pacificação, de respeito, de amor pela escola, a gente até gostava de dizer, e eu digo isso até hoje, que lá é uma família, e os princípios da família, pergunta para os alunos, mas uma família para dar certo o que ela tem que ter? Aí eu vou puxando, puxando até ele dizer o que ela precisa ter amor, ter união, ter respeito e ter diálogo, e isso foi uma coisa que a gente plantou e botou para germinar junto à comunidade escolar, a gente tem nossos defeitos, mas na hora necessária nós somos família.

**Entrevistador:** O grupo e a escola tinham coesão, é isso?

**Entrevistada:** É. E assim mesmo são os alunos, né, por exemplo, hoje eles têm os grupos deles de ex-alunos, outro dia até me chamaram para ir para um encontro, eles fazem, cada um faz de acordo com a sua época faz os seus encontros, aí me chamaram para ir num encontro, eu fui, foi a coisa mais bonita, tinha aluno de todos os cursos da época, eletromecânica, edificações, eletrotécnica, eletrônica, está eles lá, e eles fizeram uma homenagem para escola, todos dizem, a minha vida mudou naquela escola, aquela escola não forma só o profissional, ela forma gente, ela forma pessoa, entende, a gente sai de lá sendo um profissional completo, com uma visão de mundo, uma visão crítica e tal, então isso e deixa muito feliz.

**Entrevistador:** Olhando para o início, as dificuldades e até onde você conseguiu avançar.

**Entrevistada:** Exatamente.

**Entrevistador:** E ouvir do aluno isso, é muito gratificante?

**Entrevistada:** É, a história da pacificação a gente até criou uma coisa assim, até o pessoal dizer assim, mas isso aí, como é que se diz, é violência, porque a gente dizia o seguinte, olha não pode brigar, se você assistir a briga e não fizer nada para reinar a paz você também vai responder, tá. Porque não tem aquela história, começou a briga todo mundo, epa vai lá, vai lá, vai lá, acontece, né.

**Entrevistador:** Ninguém separa.

**Entrevistada:** Ninguém separa, mas fica incentivando, então teve qualquer desavença eles já conversavam logo, não, não briga, não briga não, porque se tu brigares nós também vamos ser suspensos [Risos], a gente esteve no momento de fazer isso, mas paralelo a isso trabalhado o amor, trabalhando a união, trabalhando a amizade, e eles dizem que onde quer que eles cheguem e encontro um ex-aluno quando sabe que a pessoa estudou pronto, já se tornam amigos, já é um irmão.

**Entrevistador:** Um senso de família mesmo, não é?

**Entrevistada:** De família mesmo.

**Entrevistador:** Mas, Izaura, pensar a educação profissional nos anos 1990 era com uma visão muito fechada, visando o mercado e o emprego... como o *Campus Imperatriz* conseguiu caminhar de modo diferente? Os primeiros cursos foram apenas na modalidade subsequente... como se construiu uma outra mentalidade de educação profissional nestes tempos?

**Entrevistada:** era técnica pura.

**Entrevistador:** E vocês conseguiram mudar... em que momento houve essa virada, quando vocês chegaram aqui o que se falava de EPT, ou vocês que criaram um jeito próprio de pensar EPT Imperatriz era uma cidade ainda em desenvolvimento, e nem tudo chegava por aqui, como se deu isso?

**Entrevistada:** É! Nós criamos um jeito próprio de fazer educação profissional, porque o que passava para nós e que o profissional precisava ser formado integralmente, ele precisava ser profissional, mas também ser um ser humano, que lá na profissão ela ia precisar cuidar da natureza, ele ia precisar trabalhar para as pessoas, que a finalidade da formação de qualquer profissional é a prestação de serviço, serviço de qualidade, trabalhar com amor, trabalhar com dedicação, com respeito à pessoa, então a gente criou isso aí, e a gente discutia entre nós profissionais, porque como eu sou pedagoga, mas a gente uniu tanto os profissionais, era uma pedagoga, nós éramos mais pedagogos, mas era os pedagogos, serviço social e psicologia, a gente fez assim um tripé, até depois nós ficamos famosos na cidade, porque normalmente quando esses profissionais trabalham juntos eles não são unidos, é cada um querendo, aí entrou na minha área e tal, aí, isso aí é meu, nós não tínhamos isso, nós trabalhávamos coletivamente, e essa parte da formação humana, que era uma preocupação nossa, de que não ficasse, formar apertadores de parafuso, não é, mas formar o profissional.

**Entrevistador:** Que é a grande discussão da educação profissional...

**Entrevistada:** Pois é.

**Entrevistador:** Então vocês conseguiram encontrar mesmo naquela, nos anos 90 com alguma dificuldade de discussão, os professores ou os bacharéis que vinham para ser professores, porque ainda tem essa discussão na EPT, a formação do professor. Como você observou isso na época?

**Entrevistada:** Era o nosso grande desafio. Mas a gente conseguiu, tá, a gente tinha um trabalho de formação continuada com os professores e com os engenheiros, por exemplo, e eles fizeram também formação pedagógica, quando eu olho hoje um Júlio César que era bem, né, arisco [Risos], e ele diz, ele deu um depoimento muito bonito um dia, ele disse olha, eu tenho um peso na consciência muito grande, eu fiz uma turma inteira desistir fazendo uma educação terrorista, mas eu aprendi a ser um educador de verdade, de ouvir o aluno, de procurar sentir as dificuldades dele, de buscar apoio para ajudar vencer aquelas dificuldades que o aluno tinha, de tratar o aluno como ser humano, entende, porque eles dizem, os engenheiros dizem que no curso de engenharia é uma verdadeira tirania, professor bom é aquele que reprova todo o mundo, professor trata os alunos ali na ponta do pé, eu não sei se ainda é assim para lá, aqui nós também nós trabalhamos com os engenheiros aqui para trabalhar o curso de engenharia humana, né, mas disse que era assim nos cursos que eles estudaram, então eles vinham de lá para cá cru para fazer este curso, então a gente tinha formação, primeiro tinha um período de formação intenso. Até eu estava conversando isso com o Betinho ontem, que a gente precisa retomar essa formação, quando a pessoa ingressa na instituição, faz uma contextualização o que é educação profissional, qual que é a nossa missão, a gente batia muito em cima disso, a nossa missão é fazer educação de boa qualidade para todas as pessoas, e em especial para aqueles que mais precisam, entende? Então o trabalhador trabalha lá fora na maior dureza para pagar os impostos, para manter os salários da gente e a escola, então nós não estamos aqui para escorraçar os filhos deles, para reprovar simplesmente, nós vamos fazer tudo para que ele aprenda, eu até gosto de dizer o seguinte, é um chavão meu, nós estamos aqui para ensinar para quem não sabe fazer quem não quer querer, porque tem essa história de dizer assim, ah, mas esse menino não quer nada, ah, ele não quer nada, ah, não tem base, nós estamos aqui para dar a base, essa escola tem um monte de gente formada nas mais diferente área é exatamente para resolver isso aí.

**Entrevistador:** Esse problema é nosso.

**Entrevistada:** Esse problema é nosso, quem sabe a importância da educação somos nós que já estudamos, mas os pais desses meninos não sabem, são analfabetos.

**Entrevistador:** É uma visão bem diferente. Para você... você falou que a realidade aqui até da própria comunidade era de pouca importância?

**Entrevistada:** De pouco estudo, de pouco importância.

**Entrevistador:** Você fazer esse movimento de dentro da escola e de repente isso para fora da escola dá um sentido, porque o *Campus Imperatriz* é conhecido como uma instituição pública de excelência, não é?

**Entrevistada:** Pois é.

**Entrevistador:** Pelos resultados que obtive, é como você falou, “eu estou de alma lavada porque todo esse esforço”, mostrou na trajetória história que valeu a pena?

**Entrevistada:** Olha, aconteceu uma coisa interessante um tempo desse, se você chegar na sala de aula e perguntar para os alunos, por que você, eu faço isso todo o ano, por que você veio estudar aqui? Aí eles vão dizer: porque a escola é de qualidade, o ensino aqui é bom, porque isso, porque aquilo, e eu pergunto assim, quem tem parente que estudou aqui levanta o braço, a turma quase inteira...

**Entrevistador:** Ele tem uma referência?

**Entrevistada:** Tem referência, quem é filho de ex-aluno? Muitos ex-alunos, filho de ex-alunos. Então o que eu digo, assim partindo do que eles esperam da escola, aí eu levo o que eles esperam dos professores, olha, do jeito que eu fiz com você lá em Buriticupu, aí eu levo para os professores, olha, isso aqui é o que os alunos esperam de nós, esperam da escola, a expectativa deles, então nós precisamos trabalhar para atender essas expectativas.

**Entrevistador:** Eu lembro da minha primeira formação em serviço, eu tive o privilégio de ter à época. Tempos de CEFET, visão de escola técnica. Buriticupu 2007, tenho uma foto daquele momento.

**Entrevistador:** Então, assim, essa referência tomando, por exemplo, a minha trajetória em Imperatriz aquela, em Buriticupu, aquele primeiro momento teve um significado muito especial porque diz assim, o que a gente está conversando, você chega, você tem que entender em que instituição você está, a finalidade dela, e você tem que se encontrar nisso.

**Entrevistador:** Então aquele ponto de partida para todos nós daquele grupo é muito significativo, a gente sempre está revisitando aquela imagem e quadro está cheio de coisas, às vezes eu faço o exercício de ler o que foi escrito lá, porque estava você e Vilma, e foi a discussão que nós fizemos lá sobre essa educação eu a escola técnica tinha a tradição que nós tínhamos que é agora tentar minimamente, mesmo com as dificuldades de um processo de implantação, fazer também. Mas, assim, para nós o acordo que nós fizemos internamente em Buriticupu meio que foi traçado naquela reunião, naquele primeiro momento, mas, pensando a trajetória de Imperatriz eu imagino alguns momentos de aflição, de tensão, de conflito mesmo...

**Entrevistada:** Olha, mediar os conflitos é partir do objetivo, tá bom você tem o seu ponto de vista, ela tem o dela, mas qual é o nosso objetivo, qual é a finalidade da escola, o que a sociedade quer de nós, esse era o nosso ponto em comum, o que o aluno espera disso aqui.

**Entrevistador:** Não pode ser o que eu penso...

**Entrevistada:** Não, não pode ser o que eu acho, o que eu quero, o que eu penso, mas a finalidade da escola.

**Entrevistador:** E essa dimensão local/regional eu acho excelente ponto de partida, Imperatriz, o Maranhão como um todo nós temos infelizmente indicadores não muito bons, em muitos fatores, né, na questão social, educacional, eu imagino nos anos 90, tem

toda, então, assim, uma escola pública como a escola técnica chegar na cidade com esses indicadores tinha que ter um sentido de mudança, né.

**Entrevistada:** De mudança.

**Entrevistador:** Izaura, sobre os cursos técnicos, as primeiras ofertas, vocês tiveram chance de discutir?

**Entrevistada:** Olha...

**Entrevistador:** Ou já estava tudo pronto?

**Entrevistada:** Quando chegamos aqui nós já encontramos eletromecânica e edificações, tem uma história que não sei se tem fundo de verdade é de que os idealizadores econômicos, porque essa escola tem dois pais, (os políticos) e tem o pessoal da associação comercial que disse que a escola foram eles que pediram.

**Entrevistador:** Eles reivindicam para si.

**Entrevistada:** Reivindicam o direito, a paternidade para eles, que eles que foram que negociaram, que fizeram, tá, tá. E os políticos dizem que eles que fizeram, então, os empresários dizem que eles queriam porque naquela época Imperatriz era agrícola eminentemente agro. Aí eles queriam uma escola agrícola, mas quando chegaram lá diz que já tinha um projeto pronto de uma escola técnica federal para não perder tempo então vamos levar essa aqui. Mas Imperatriz ela cresceu muito nesse período, então se encaixou certinho no que a cidade precisava, no que era, foi muita construção, muito coisa de lá para cá, e o curso de edificações foi perfeito para aquela realidade.

**Entrevistador:** Tinha um alinhamento com a demanda de mercado, de profissionais?

**Entrevistada:** Sim! Com o mercado e os profissionais.

**Entrevistador:** Mesmo não isso não tendo sido intencional? Planejado?

**Entrevistada:** Não foi planejado, mas deu certo!

**Entrevistador:** Podemos dizer que não foi intencional?

**Entrevistada:** Olha, eles dizem que não, os empresários.

**Entrevistador:** Que não era o que eles queriam?

**Entrevistada:** Isso. Mas não era o que a gente ouvia da escola técnica federal. Eles fizeram o projeto, fizeram sondagem de mercado e tudo mais.

**Entrevistador:** Tu lembra quem estava na época, os gestores?

**Entrevistada:** Na época era o professor Geraldo que era o diretor de ensino, lá em São Luís. Tudo era feito lá em São Luís. Geraldo e o setor pedagógico.

**Entrevistador:** Quem era o diretor geral da Escola Técnica?

**Entrevistada:** Diretor geral nessa época era o professor Celso, já é falecido, professor Celso era o que era o diretor geral. Mas, assim, depois dessa época teve como diretor geral o Domerval, depois o Professor Lima, aí vem de lá para cá até chegar nos reitores. O José Costa que foi diretor geral, depois virou reitor e tal, e nos dias de hoje. Mas tinha uma coisa que tu perguntaste que eu achava que era interessante responder. Sim, então quando a gente fez 20 anos, em relação aos empresários, porque como, na década de 90 precisava de... delimitando os setores, e aí precisou de alguém para colocar na escola empresa, porque Moraes tinha começado, mais quando nós chegamos aquele mundaréu de gente, não gente, eu vou só dar as minhas aulas, arranja alguém aí para ficar na escola empresa, aí o Fernando disse que queria ficar na escola empresa, só que ele para trabalhar na escola empresa precisava de mais gente, e gente que tivesse carro, eu por sorte tinha um fusca, a escola não tinha um jegue.

**Entrevistador:** Não tinha veículo nenhum?

**Entrevistada:** Nada, nem um jegue para puxar uma carroça, está entendendo? Eu tinha um fusca, então eu fui visitar as empresas, nós visitamos na época 52 empresas, e qual era a finalidade dessa nossa visita? Era falar sobre a escola, falar sobre os profissionais que a gente formava, ver a possibilidade de colocação desses profissionais.

**Entrevistador:** Tinha o estágio na época, obrigatório?

**Entrevistada:** Era estágio obrigatório na época. Então o nosso objetivo era divulgar a escola e conseguir estágio para os alunos. Professor Fernando ficou seis meses nesse trabalho. Antigamente todo mundo que vinha para cá o sonho era voltar para São Luís, então ele foi fazer um curso lá em São Luís e foi se embora, e aí os colegas se reuniram para decidir quem ficaria no lugar dele, aí disseram, olha, a pessoa indicada é a Izaura, porque ela já está trabalhando no setor com o Fernando e ele já conhece muito e tal, e ela deve ficar. Então eu fui para o setor de Escola e Empresa.

**Entrevistador:** Eu não sabia dessa sua pelas relações empresariais! [Risos].

**Entrevistada:** Perguntei o que foi que eu fazia ali! Fui para a escola empresa, na escola empresa eu fiquei alguns anos. O meu grande representante na escola empresa era o João Neto, que é do sindicato, e das associações de engenheiro, e ele para toda empresa que chegava na cidade já falava sobre mim, e eu ia visitar essa empresa, conversar com os empresários e tal, reunião disso e daquilo... tinha um grande trânsito com o pessoal da FIEMA, da associação comercial.

**Entrevistador:** Abria portas?

**Entrevistada:** É, e eles abriam a porta, é tanto que os cursos que nós criamos para frente já foi diferente dos cursos criados anteriormente. A gente reuniu os empresários e discutíamos com eles o que eles achavam que era bom para a cidade.

**Entrevistador:** Isso é importante até a gente demarcar bem. Então, no primeiro momento havia um projeto, não era expectativa da comunidade local, pelo menos do segmento econômico. O que fazia a cidade girar era o setor agrário, mas a escola era urbana no projeto de implantação?

**Entrevistada:** Era urbana. Deu certo, porque a cidade foi crescendo.

**Entrevistador:** Mecânica e edificações encontraram sentido?

**Entrevistada:** É. Deu certo.

**Entrevistador:** Mas no momento que vocês puderam fazer um planejamento aí a conversa já foi diferente. Qual era a expectativa desse empresariado nessas conversas?

**Entrevistada:** Já foi diferente... Nessas conversas eles queriam cursos, por exemplo, eles reivindicaram curso de eletrônica, reivindicaram curso de saneamento.

**Entrevistador:** Isso eles pensando a demanda por profissionais na cidade?

**Entrevistada:** Da cidade. E o curso de eletrotécnica ele veio bem em função do curso de eletromecânica, eu e os próprios profissionais, dissemos: mas eletrotécnica é um curso que demanda os mesmos professores e profissionais no quadro e tal.

**Entrevistador:** Assim como saneamento?

**Entrevistada:** Sim, como saneamento.

**Entrevistador:** Porque também não dava para pensar assim, ah, nós queremos agora um curso de sei lá?

**Entrevistada:** De moda.

**Entrevistador:** Era muito extremo, né.

**Entrevistada:** Muito estranho, porque não tinha, nós não tínhamos ninguém no eixo. Então, os outros cursos foram criados mais ou menos assim. Já buscando esse alinhamento.

**Entrevistador:** Tu vias isso como algo positivo? Porque algumas literaturas que você nem sempre colocam esse alinhamento com o mercado como algo positivo, como você enxerga isso?

**Entrevistada:** É preciso enxergar o seguinte: não é que seja um alinhamento, porque eu também tenho lido sobre isso aí. A escola não deve formar para o mercado, mas ela também não deve formar alheia ao mercado, e isso aí aconteceu conosco em relação a Suzano. A Suzano queria que nós formássemos profissionais em celulose. Dissemos que nós não vamos formar profissionais em celulose porque a Suzano vai absorver 10, 15 alunos, e os outros? Então nós precisamos fazer um curso que dentro da formação, se a Suzano quiser ela especializa o aluno naquilo que ela quer, mas nós vamos dar formação geral, aí nós criamos o curso de química. No curso de química me parece que tem uma disciplina lá ou duas que trata sobre celulose, então e alguém do curso que tiver interesse e for selecionado pela Suzano, a empresa manda aperfeiçoar essa pessoa dentro da demanda deles, mas não vamos formar para eles.

**Entrevistador:** Mas quando eles sentaram, na mesa queriam que fosse para eles?

**Entrevistada:** É, nós ainda fizemos um para eles específico.

**Entrevistador:** Curso customizado?

**Entrevistada:** É, exatamente isso, precisavam de um curso e a gente fez para eles.

**Entrevistador:** Eles deram uma contrapartida?

**Entrevistada:** Deram contrapartida. Construíram um prédio, criaram laboratórios, fizeram e aconteceram e a gente criou esse curso para eles, aí depois eles queriam que a gente criasse um curso médio exclusivamente para eles e um curso superior também. Nós dissemos que vamos fazer um curso que vai dar uma formação geral, básica, boa, quando a Suzano precisar e alguém for selecionado ela especializa. Aí é que vem, não era alinhado, mas era orientado nas demandas do mercado, como nós trabalhamos com alunos de camadas populares esse pessoal também vai precisar trabalhar noutras empresas. Então não adianta a gente ter a ilusão de formar alheio às necessidades do mercado.

**Entrevistador:** Por oposição ao mercado?

**Entrevistada:** Por oposição ao mercado e a pessoa ter dificuldade depois. Mas o nosso objetivo, o nosso foco sempre foi uma formação integral, básica, que o aluno pudesse depois ter várias opções, inclusive já conversei, uma vez chegou uma empresa aqui e eles disseram: nós queremos os alunos de vocês, e era da escola inteira, mas por que? eu sempre gosto de perguntar, mas por que? O SENAI também tem, fulano tem, escola tal tem, eles dizem: porque os alunos de vocês eles têm uma formação básica profunda de onde a gente pode estar fazendo as nossas especializações, é isso que a gente quer. Porque também nesses contatos com o empresariado eu via muitos elementos que eu podia trazer para discutir dentro da escola, mas nunca alinhado exclusivamente ao que eles querem, focado no que eles queriam.

**Entrevistador:** Interessante essa sua fala, Izaura, porque aí tem dois pontos que eu queria explorar mais contigo, eu queria repisar essa questão da Suzano e depois falar um pouco de como é a interface com as outras instituições de educação profissional aqui, aí tem SENAI, tem SENAT, não sei se aqui tem SENAC?

**Entrevistada:** Tem. Tem SENAC, tem SENAI, tem SENAT, agora, a nossa relação é mais estreita com o SENAI.

**Entrevistador:** Com o SENAI? Que os cursos são parecidos, as ofertas não é?

**Entrevistada:** São semelhantes, sim.

**Entrevistador:** Como é conversar com um empresário que diz assim: eu quero isso de vocês. Qual a estratégia de convencimento ou o que eles trazem de elementos para te convencer e quais os elementos que a escola usou para, de repente, pensar diferente?

**Entrevistada:** O que eles trazem de elementos para convencer é a necessidade deles, que a nossa empresa é isso, aquilo e aquilo outro, nós precisamos de profissionais assim, assim, assim.

**Entrevistador:** Vai gerar tantos empregos...

**Entrevistada:** É, tantos empregos e tal e a nossa estratégia de convencimento...

**Entrevistador:** Era consenso entre vocês? Vamos lá, vamos abrir as portas para Suzano, por exemplo.

**Entrevistada:** Não, aqui e acolá tem gente que pensa diferente, mas a gente sempre consegue trazer para o denominador comum. Gente, nós não podemos esquecer que nós precisamos dar uma formação integral para o nosso aluno. No dia que ele sair desse emprego ele vai viver de que? A gente conversava muito isso. Olha, empresa ela muda a tecnologia, e se o aluno não tem essa formação geral quando mudar a tecnologia ele está alienado, como a gente também sempre disse ao nosso aluno vocês precisam estudar, ser um bom profissional e se preparar para ir para a universidade.

**Entrevistador:** O curso técnico não é o fim...

**Entrevistada:** O curso técnico não é e nem deve ser o fim, o curso técnico deve ser uma base para você para um curso superior, e se você, nas suas habilidades descobrir que a sua habilidade está divorciada do curso técnico que você fez faça um curso em que você acha que vai ser um bom profissional, que você sempre vai ser um bom profissional.

**Entrevistador:** Um adolescente pensar, escolher uma profissão?

**Entrevistada:** É, exatamente, às vezes eles estão aqui, ah, mas eu vou fazer o curso tal, vem cá, eu posso mudar? Não pode mudar porque nós não temos condições de estar mudando aluno de curso, então você vai fazer seu curso, vai estudar, tanto que a gente, por exemplo, tem um professor lá na UEMA que ele fez edificações conosco, mas ele fez no curso superior, isso lá nos idos de 90, ele fez agronomia, foi fazer no Rio de Janeiro, fez agronomia, por lá mesmo fez mestrado, fez doutorado, mas sempre com objetivo de voltar, aí ele voltou e fez concurso para a UEMA e é professor da UEMA hoje, Professor Wilson. Aí eu perguntei: Wilson, e o curso de edificações? Ele me disse: ele me serve é muito dentro da agronomia. Ele ficou dizendo para mim, isso assim, assim, assim, quem tem visão de edificações compreende melhor. Eu pensava que não, que a base edificações não fosse servir.

**Entrevistador:** E se fosse formação instrumental não serviria?

**Entrevistada:** Exatamente! Uma vez eu fiz um encontro, eu era da escola/empresa, eu fiz um encontro com egressos, porque os alunos viviam dizendo, é, porque a gente não tem prática, a gente queria prática, e tal, porque o aluno de curso técnico ele é louco para ter só a prática. Então eu fiz esse encontro de egressos para que eles entrevistassem os egressos sobre como é que eles estavam na profissão, se o curso tinha sido útil, quais eram as dificuldades, se tinha correspondido às expectativas, e eles entrevistaram.

Dividimos por grupo de profissões e eles entrevistaram. Eu me lembro muito de um rapaz de mecânica, ele disse o seguinte: olha, quando vocês chegarem na empresa digam que vocês não sabem que vocês só tem conhecimento teórico, porque aí eles vão colocar vocês em diferentes setores até vocês se encontrarem em um. Porque se você chega lá e diz, eu sei fazer isso, você fica naquilo até o dia que você sair, você não tem oportunidade de ter essa formação global, e disse que ele era torneiro mecânico, tinha feito no SENAI, e quando ele chegou na empresa para estagiar no curso de eletromecânica perguntaram qual a experiência que você tem? Olha, o curso daqui é bom exatamente porque ele é mais teórico.

**Entrevistador:** Uma visão diferente?

**Entrevistada:** Tá? Que os alunos achavam que o curso não prestava porque não era prático, aí ele disse...

**Entrevistador:** Não tem um laboratório, etc...

**Entrevistada:** Não tem laboratório e tal, e ele disse: olha, o curso deve, olha a palavra, o curso deve ser mais teórico do que prático, por isso que o curso daqui é bom, porque quando você vai fazer um concurso o que vão perguntar para você lá são os fundamentos teóricos, por isso que o pessoal daqui se sai muito bem nos concursos, e se o curso é só prático você não avança. Ele até comparou o aluno nosso com o aluno que sai do SENAI, quer dizer, os caras que saem do SENAI, saíam antigamente, acho que hoje o SENAI já tem a parte teórica, o aluno que saía do SENAI, que fazia só o treinamento ali ele produzia muito, mas ele não se desenvolvia na empresa. Os nossos, que saiam do IF, logo, logo eles estavam lá na frente.

**Entrevistador:** Internamente ascendia posições?

**Entrevistada:** Eles avançavam mais porque eles tinham uma base teórica muito boa.

**Entrevistador:** Eles não eram só da ferramenta, da prática e execução, conseguiam planejar...

**Entrevistada:** Eles tinham até dificuldade na ferramenta, mas ele disse isso, olha, a prática, se você tem uma boa teoria, a prática em pouco tempo você adquire, e se você tem muita prática e não tem teoria aí é difícil. Então eu me lembro muito desse encontro, que eles ficaram dando esclarecimentos aos alunos novos. [Interrupção]. Sim, então esse menino deu essa grande cartada, assim, para a gente.

**Entrevistador:** Até para mostrar que não é, de repente, a expectativa do estudante e da própria escola que se confirmar. Quando você vai para o trabalho é outra, né?

**Entrevistada:** Pois é, aí ele dizia, não tenham vergonha de chegar no estágio no trabalho e dizer, eu fiz o curso, mas eu não tenho experiência prática, que aí eles vão colocar vocês, vão dar treinamento, vão dar cursos, e aí vocês vão se desenvolver, e isso aí, ele disse, tem outra vantagem, o dia que você sair dessa empresa você não está bitolado na terminologia dessa empresa, você tem base para pegar a tecnologia de uma outra

empresa, você tem base para se autodesenvolver e fazer a sua... tem vários alunos nossos que tem sua própria empresa. Por exemplo, o rapaz que está mexendo com o portão ele disse, olha, Izaura, eu mexo com portão, eu mexo com outros tipos de eletrônicos, e eu fiz o curso de eletromecânica, eu mexo com parte elétrica.

**Entrevistador:** Aí não parou...

**Entrevistada:** Não.

**Entrevistador:** Recebeu o conhecimento que ele tinha lá e foi se adequando ao mercado também?

**Entrevistada:** Pois é.

**Entrevistador:** Mas se fosse uma formação instrumental ele não teria...

**Entrevistada:** É, se fosse instrumental aí era só aquilo ali que eu saio dali, e pronto!

**Entrevistador:** Tu achas que isso é um diferencial? Por exemplo, muita gente, recentemente muita gente confunde o que o instituto faz com o que o SENAI faz, por exemplo.

**Entrevistada:** Isso é difícil, eles quase todos acham, até os alunos....

**Entrevistador:** Ou acham que é a mesma coisa ou criticam sem conhecer muito, né, eu fiz uma disciplina aqui na UFT em Araguaína por conta do doutorado e eu lembro que num dos seminários eu procurei no que eu me encaixava melhor e tinha uma discussão sobre educação profissional, e eu percebia que a visão da professora era só a visão instrumental, e eu fui minoria no grupo do seminário porque na hora de sentar para organizar os colegas vinham com a perspectiva da formação encurtada, de um SENAI e tal. Eu digo, gente, mas tem outras coisas aí e tal, nós acabamos tentando, nós fomos tentando mediar os olhares, mas é incrível como quem está fora e não compreende pensa que SENAI, SENAI, SENAC e Institutos Federais são a mesma escola e forma do mesmo jeito e não é.

**Entrevistada:** E que é negativo, se fizer ensino profissionalizante não dá conta de fazer curso superior, não entra na universidade.

**Entrevistador:** Sim, sim.

**Entrevistada:** Ainda tem esse aspecto.

**Entrevistador:** Como é esse diálogo aqui na cidade, isso já foi superado, você acha, ou não?

**Entrevistada:** Olha, ele não é superado pela comunidade em si, mas as escolas, principalmente as particulares, elas fazem essa diferenciação...

**Entrevistador:** As concorrentes?

**Entrevistada:** As concorrentes elas fazem questão de inculcar nas pessoas que é isso, mas nós temos um alibi, algo muito a nosso favor, é que nós éramos, não sei se ainda somos, a escola que mais aprovava no vestibular, por exemplo, lá no IF a gente faz assim, primeiro dia antes de começar as aulas a gente faz uma reunião com os pais, instituímos, faz muitos anos que a gente faz isso. Qual é o objetivo dessa reunião? É explicar para os pais o que é aquela escola, é um tira dúvidas, e a gente até ainda diz, olha, é bom que vocês pensem, conversem com os filhos de vocês se essa escola mesmo que ele quer, essa escola é profissionalizante, o ensino é integrado, não é integral.

**Entrevistador:** Outra confusão!

**Entrevistada:** É integrado, o que é integrado, eu vou explicar... Escola integral é outra coisa, e é bom que vocês entendam porque é o seguinte, depois que o menino estiver aqui não pode chegar para nós, não, agora eu quero que ele só faça o médio, não pode separar, eu até comparo leite com café e tal para deixar tudo muito claro, e eles pegam, e como é que vocês aprovam muito no vestibular? A gente aprova muito no vestibular porque a gente se empenha tanto para fazer um trabalho de boa qualidade, integral que o menino pode tanto ir para o mercado de trabalho quanto estudar.

**Entrevistador:** Prosseguir?

**Entrevistada:** Prosseguir. Então essa é a história.

**Entrevistador:** Izaura, como alguém que está lá no suporte ao ensino, pedagoga que conversa com os professores, que ajudou a construir os projetos de curso e construir a tão sonhada integração do currículo. Mas você acha que esse êxito na formação ampla que esse jovem tem recebido em Imperatriz ela é intencional enquanto concepção do currículo ou tem outros valores envolvidos que levam vocês a esse resultado?

**Entrevistada:** Olha, é a concepção do currículo, mas é também valores, é também valores, por exemplo, esse propósito que a gente tem de uma sociedade democrática, uma sociedade crítica, uma sociedade de contribuir para transformação isso tem peso.

**Entrevistador:** Isso se reflete na prática do professor.

**Entrevistada:** Na prática do professor. No dia a dia da escola...

**Entrevistador:** E ainda que não... eu estou entendendo que o currículo ainda não está amadurecido enquanto concepção, mas enquanto prática, vocês fizeram o caminho inverso, né?

**Entrevistada:** É, exatamente.

**Entrevistador:** Interessante isso, é a primeira vez que eu escuto isso, porque enquanto concepção você pensa da teoria à prática, e não o inverso. E os novos servidores quando chegam, como se encontram neste contexto?

**Entrevistada:** Não dá tempo, a gente tenta integrá-los nessa concepção.

**Entrevistador:** Imagina a renovação que houve. Talvez não tanto renovação, mas vocês saíram de um número de servidores nos anos 90, isso com certeza mais que dobrou, chegaram outras mentalidades, outras formações, outras gerações também, visão de mundo, e vocês ainda tentam e persistem em manter essa forma?

**Entrevistada:** Persistimos.

**Entrevistador:** Os consensos estão ficando mais difíceis ou não?

**Entrevistada:** Olha, dá trabalho, mas a gente consegue. Eu me lembro, eu trabalhei, a gente fez a reformulação dos cursos regulares agora, agora que eu digo no ano passado. Os cursos que eu coordenei nós ficamos um ano estudando e discutindo a organização do curso, mas a primeira coisa, assim, que eu tive o cuidado como pedagoga foi começar a discutir: para que formar esse profissional? Que tipo de profissional nós queremos formar? A gente quer aquele profissional que tem uma visão limitada, que seja só para ser instrumento na empresa, que tipo de profissional a gente quer? Vocês que já são empresários, que são professores há muito tempo, o que vocês veem lá fora? Aí nós fomos repensar o perfil do curso, os objetivos, o perfil do curso, aí do perfil nós fomos para as disciplinas, não, mas para atender esse perfil tem que ser disciplinas tais, não, mas essa disciplina ela precisa ter conteúdos esse, esse, aquele, mas isso aí não retorna a disciplina tal? Sim, mas a disciplina tal a gente pode estar vendo isso, isso e isso. Então foi realmente um trabalho exaustivo, principalmente para reunir o povo. Professor Severiano disse: Izaura, esse trabalho só está dando certo porque é contigo. Por que, professor? Porque tu és valente na hora que precisa, tu és paciente hora que precisa, e tu és insistente, então ninguém te vence, tu é que vence este povo no cansaço, mas ficou um trabalho ótimo.

**Entrevistador:** Mas enquanto currículo e concepção poderiam avançar mais?

**Entrevistada:** Sempre pode avançar mais, sempre pode, a gente precisa sempre estar revendo, estar reestudando, sempre pode.

**Entrevistador:** Mas, professora, a vivência prática da Izaura pedagoga... você poderia me dizer se ela foi, em que medida, ela foi radical em relação a, por exemplo, vamos pensar legislação, que você tem aí um hiato interessante de 1997 a 2004, entre a separação e a nova concepção de currículo integrado, você tem 2004 um governo progressista que chegou ao poder. Como é que vocês se enxergavam dentro ou fora da política de EPT nessas transições?

**Entrevistada:** É, eu até estudei essa história do decreto 2208 e a separação, que eles chamavam de articulação, então foi um negócio bem difícil para nós, mas a gente nunca abandonou a ideia da integração porque o currículo anterior era integrado, a gente nunca abandonou a ideia da integração, da formação integral, entende, do técnico, como é que a gente gostava de chamar, do técnico cidadão.

**Entrevistador:** Isso era um termo que vocês usavam na época?

**Entrevistada:** É, a gente usava, nosso objetivo é formar o técnico cidadão, quer dizer, é a pessoa que tem visão crítica, tem análise da sociedade, não aquela pessoa que trabalha simplesmente. Uma pessoa que quer transformação, que quer contribuir, que o nosso objetivo foi formar alguém que contribuísse para a melhoria da sociedade, esse é o nosso objetivo.

**Entrevistador:** A senhora fazia isso contra a política oficial. Não é fácil, né?

**Entrevistada:** Não é fácil, mas...

**Entrevistador:** O que vinha de São Luis para cá na época?

**Entrevistada:** Tu sabe que a gente era desobediente.

**Entrevistador:** [Risos] A história conta mesmo!

**Entrevistada:** Olha, a gente sempre levou em conta o que era melhor para a sociedade, essa era a nossa diretriz. Então aí a gente tentava algumas coisas, coincidir, ser coerente com o que... mas lá dentro mesmo da reitoria sempre tinha gente que pensava como a gente, fora, por exemplo, nos *campi* quando começou a expansão, tinha o Reinouds, tinha A, tinha B, tinha C que pensava o que a gente pensava, então a gente conseguia avançar.

**Entrevistada:** Aquilo que a gente não concordava a gente batia contra e desobedecia, até [...] mas é que porque na reitoria, nós somos acostumados a ser uma escola que criava, que vai à luta e que mostra resultados, nós não somos acostumados a ser bitolados como que diz aí.

**Entrevistador:** E a própria legislação fala da autonomia.

**Entrevistada:** Pois é, se a gente não vai fazer nada errado, nenhum exagero, nenhum problema para a instituição que a gente lute por isso, então mesmo contrário a política oficial... Era mais difícil, mas eu batia, sempre batia.

**Entrevistador:** Tinha um preço, orçamentário, sei lá, como é que vocês eram vistos, assim?

**Entrevistada:** Naquele tempo não tinha nem orçamento para nós, não tinha.

**Entrevistador:** Isso que eu quero dizer, a dificuldade, vocês tinham um prédio, uma boa estrutura, mas era vazio, era vocês e a vontade de fazer?

**Entrevistada:** É, a vontade de fazer, o apoio da comunidade, muita coisa a gente conseguia na comunidade, e ainda tinha um problema em São Luís que se alguma coisa era comprada para nós eles desvivam, eu me lembro muito, compraram umas coisas para o curso de edificações, fulano foi lá e disse, isso aqui não vai para Imperatriz, vai ficar aqui. É, eu me lembro que uma vez, não lembro quem foi que disse, que Imperatriz não foi criada, foi abortada.

**Entrevistador:** Nossa!

**Entrevistada:** Foi, não foi fácil para nós não.

**Entrevistador:** Isso você não acha que foi o preço dessa impetuosidade de Imperatriz?

**Entrevistada:** Não, isso aí foi que fez com que nós fôssemos respeitados, essa impetuosidade, porque se nós tivéssemos ficado na humildade, na obediência, aceitando, meu amigo, o negócio tinha sido muito difícil, mas eles sabiam que Imperatriz tinha um grupo de resistência, eles sabiam, e não era aquela resistência só por resistir não, era trabalho.

**Entrevistador:** Você enxerga grandes diferenças nessa concepção do currículo, da prática com a sede na época, eu sei qual é a resposta, mas eu vou lhe perguntar.

**Entrevistada:** [Risos] tinha, tinha diferença, a gente...

**Entrevistador:** Isso era latente, do que vocês faziam aqui, como faziam, os resultados, a integração do grupo, o ânimo da comunidade.

**Entrevistada:** Eu me lembro que teve uma coisa que nós combinamos aqui, olha, vai haver reeleição para o Condir, nós temos que todos nós votar no nome de uma pessoa só, porque lá, como eles vão brigar entre eles vão dividir os votos e nós aqui votando só numa pessoa vamos colocar uma pessoa lá, aí votamos numa pessoa, e essa pessoa fui eu, aí eu ocupei a vaga de administrativo, meu Deus, isso foi um escândalo, olha, foi tanta humilhação e eles queriam, uns gaiatos lá, queriam que eu botasse o meu currículo e a minha foto lá no mural para as pessoas lá da comunidade verem, eu perguntei assim, vão botar do conselheiro de Brasília? Vão botar dos conselheiros da indústria, da empresa lá, então o meu também não aceito botar.

**Entrevistador:** E qual era a finalidade?

**Entrevistada:** O pessoal sempre teve implicância com gente do interior, hoje está tudo diferente, mas antigamente, alguém do interior ocupar uma vaga no Condir? Era raro.

**Entrevistador:** Que contribuição vai trazer? Havia este questionamento?

**Entrevistada:** Exatamente, um dia o doutor Henrique, conselheiro também, disse para mim que eu não sabia o que eu estava falando. Respondi: você me respeite, eu sou formada na minha universidade, nós fizemos cursos diferentes, eu sou formada, eu sou professora de universidade, eu não sou analfabeta não, você vem dizer para mim que eu não sei o que eu estou falando, parti para cima dele. Calma, calma, tinha que peitar.

**Entrevistador:** O respeito era conquistado, ninguém outorgou.

**Entrevistada:** Quando inventaram, quando o João Santana doou as ENED para o SENAI, sabe dessa parte?

**Entrevistador:** Não.

**Entrevistada:** No governo do Collor, que o forte era demitir, enxugar a máquina, o João Santana, que era ministro da educação, doou as 36 UNED para o SENAI, e o SENAI do

Maranhão ainda veio visitar as instalações daqui, só que o SENAI não queria pessoal, eles só queriam instalações, e como a política do Collor era demitir o pessoal de São Luis se reuniram lá numa associação tal e votaram uma proposta de desligar a UNED da escola técnica federal, o CEFET, porque aí o Collor demitiu só o pessoal da UNED, eles ficavam numa boa...

**Entrevistador:** Nessa hora ninguém foi companheiro, salve-se quem puder.

**Entrevistada:** Mas, olha, que Deus coloque o Professor Celso num bom lugar (ex-diretor e já falecido). O Celso me ligou, Izaura, tem um movimento aqui para ser aprovado no Conselho Diretor...

**Entrevistador:** Celso diretor geral?

**Entrevistada:** Diretor Geral. Ele era apaixonado pelo CEFET, para ser aprovado no Condir para desligar UNED, e essa reunião, naquele tempo era difícil ir daqui para lá, não tinha essa história de avião, tinha que ir era de ônibus, para vir tinha que pedir passagem, aí ele disse, dá um jeito e vem, paguei do meu bolso, não recebi diária nem nada. Iam fazer reunião lá, o pessoal de Imperatriz não vem, então a gente aproveita e desliga eles, assim eles pensaram.

**Entrevistador:** E desligariam a UNED Imperatriz.

**Entrevistada:** Aí quando foi de manhã bem cedo eu cheguei lá, ninguém ia me dizer, buzinou para mim, eu fui, quando cheguei lá saí conversando com os conselheiros e quando foi na hora lá na reunião, antes que puxassem o documento eu falei, olha, gente, Imperatriz é uma UNED, aí falei de todo o nosso trabalho, da nossa luta, e tal, e o governo federal estava querendo nos desligar do CEFET. Mas eu contava com o apoio dos conselheiros para fortalecer Imperatriz, aí falei, emocionada, minha voz tremia, assim, não falava não, mas a voz era... Eu falei, fiz um pronunciamento, eles não tiveram coragem nem de puxar o papel.

**Entrevistador:** [Risos] Eles iam aprovar naquela hora, no calor do momento...

**Entrevistada:** Da emoção, se eu não estivesse lá tinha passado.

**Entrevistador:** Aquela velha história, farinha pouca...

**Entrevistada:** Agora, a gente sempre teve o apoio aqui da sociedade, que, inclusive, eu peguei e fiz uma comissão lá na... estou morrendo de calor, ainda agora estava fazendo vento. Aí eu peguei, fiz uma comissão e nós fomos para a rua, fomos para a rua, começando pela FIEMA, pela delegacia da FIEMA, pedi apoio para que nós não fôssemos entregues para o SENAI.

**Entrevistador:** Ah, vocês fizeram um trabalho de sensibilização...

**Entrevistada:** Fizemos, interno e externo. Aí nós fomos nos clubes de mães, nos grêmios, na associação de professores.

**Entrevistador:** Era mobilizar mesmo, não deixar fechar a UNED.

**Entrevistada:** Os grêmios, o escambau. Qual era a nossa proposta? Vocês vão passar um telegrama para o ministro e para a bancada do maranhão pedindo apoio para não entregar UNED Imperatriz, naquele tempo não tinha *e-mail*, não tinha...

**Entrevistador:** Podiam decidir lá e só chegar o decreto aqui.

**Entrevistada:** Mas foi um movimento pesado, eu me lembro que o pessoal da associação comercial disse, essa escola é nossa, de Imperatriz, nós jamais aceitaremos ela ser destruída, se precisar vamos encher 10 ônibus aqui e vamos lá em Brasília.

**Entrevistador:** A comunidade se sentia dona da escola?

**Entrevistada:** Dona da escola, uma coisa linda, quando a gente fez 20 anos, eu tinha muito cuidado com isso, quando a gente fez 20 anos nós fizemos uma comemoração, nós temos que chamar os empresários para vir festejar com a gente, aí chamamos o pessoal da associação comercial, o pessoal da FIEMA, e lá eu contei um pouco da relação e do apoio que eles sempre nos deram, e na hora que foi franqueada a fala o senhor Alair Chaves, e ele disse que nem Imperatriz e nem a região tocantina é mais a mesma depois da chegada da escola, que se nós saíssemos nos estabelecimentos comerciais, industriais, na sociedade como um todo lá nós íamos encontrar um ex-aluno fazendo a diferença.

**Entrevistador:** Uma fala importante, sobre o trabalho da UNED. Qual a contribuição do *Campus* Imperatriz para a cidade de Imperatriz, como é que você vê isso, Izaura?

**Entrevistada:** Pois é, eu vejo que o *campus* contribuiu muito na elevação do nível dos profissionais, na elevação da educação, da importância da educação, porque hoje, isso foi um juiz que me disse, aliás, um promotor, que estudar no *Campus* Imperatriz é o chão de conchinhas da maioria dos jovens, nós tivemos uma baixa agora, mas é assim, o grosso da nossa história é...

**Entrevistador:** Acho que o número menor de alunos que vocês têm é agora, né?

**Entrevistada:** Vamos fazer um parâmetro. Então, mas ele disse para mim isso, foi até o doutor Jadilson, que é promotor de meio ambiente, então ele disse que é o sonho de consumo, dona Izaura, o meu sonho era que todas as escolas fossem iguais a essa, que tivesse qualidade, o aluno se sentisse bem, aprendesse. Outra coisa também interessante, a Cristiane Heringuer, hoje ela é proprietária da Portobello, e ela estudou conosco, fez edificações, aí fez arquitetura...

**Entrevistador:** Empresária em Imperatriz?

**Entrevistada:** É, empresária e é uma arquiteta de mão cheia, e ela queria que os dois filhos dela estudassem lá. Ela pode pagar as escolas mais caras de Imperatriz, mas ela queria que os meninos estudassem lá no IFMA. Aí o primeiro menino foi, como o menino era formado em escola de elite e tal, aí ele inventou lá uma história que queria sair da escola, ela disse, não, eu vou com você, nós vamos reunir o pessoal lá, vamos olhar qual

é o problema. Aí o menino explicou: é que eu estava no campo e sumiu meu celular. Dissemos que o celular sumiria de qualquer lugar, em qualquer escola que você estivesse e deixasse ele à toa, lá na loja estava sumindo material, e eu tenho certeza, você procurou, Izaura? Você procurou as autoridades, não. Ela disse: olha, meu filho, você vai ficar aqui, o sonho da sua mãe é você estudar e você aprender o que eu aprendi, foi aqui que eu aprendi a ser o profissional que eu sou hoje, aqui não se aprende só conteúdo, aqui a gente aprende a ser gente, a ser cidadão e tal, tal, deu uma aula para ele na nossa frente, você vai ficar aqui, aí o menino ficou, o outro menino, irmão dele, também passou e ficou. Quando ele terminou o curso... aí ele se adaptou na escola, estudou, era brilhante lá e coisa, quando ele terminou o curso aí um dia ela tirou uma foto dele e mandou para mim. Ele triste parece que tinha ficado viúvo, aí ela perguntou, meu filho, que foi que houve, por que você está tão triste, ele disse, mãe, só sabe o que eu estou sentindo quem estudou ali, eu não queria sair de lá.

**Entrevistador:** Que depoimento! Que coisa boa!

**Entrevistada:** Tudo que acontece com esses meninos ela me comunica, passa mensagem no celular, passa WhatsApp e tal, aí eu participo de tudo, a gente não se visita, mas eu participo de tudo na vida dos meninos. Um dos meninos passou para mecatrônica no Paraná, aí ela muito feliz de ele ter passado, inclusive ele fez estágio com ela, na empresa, aí o menino queria usar a prancheta que o avô dele usava, tinha todo um romantismo nesse menino... aí o menino passou agora para mecatrônica, ela veio me dizendo assim, Izaura, que Deus abençoe essa escola, que Deus abençoe vocês, eu estou feliz, meus filhos estão bem, e ela disse, Izaura, seis meses que esse menino ficou lá na escola ele mudou, e o que eu vou dizer é palavra dos alunos, que eles dizem que nas escolas particulares eles falam muito de ter, do carro que o pai tem, da fazenda, disso, daquilo e daquilo outro, e lá no IF eles falam de conhecimento, eles se reúnem o para discutir conhecimento, para ver o que precisa fazer para eles conquistarem, projetarem, conseguirem melhores pontuações em Enem, sabe, então não tem essa disputa de quem pode mais, que isso também é uma coisa que a gente trabalha isso.

**Entrevistador:** Havia uma tradição, né, com a política de cotas ela talvez tenha gerado alguma separação, a chegada das classes populares, como havia a provinha e as dificuldades...

**Entrevistada:** Não, mas as classes populares sempre foram presentes lá.

**Entrevistador:** Mesmo com as provinhas?

**Entrevistada:** Isso, sabe o que acontece, por exemplo, o Marco Aurélio que agora se candidatou a prefeito, tinha uns idealistas por aí que eles davam aulas para os meninos para passarem, as escolas públicas, a gente ia visitar para estimular.

**Entrevistador:** Fazer os preparatórios?

**Entrevistada:** Fazer os preparatórios. Tinha aqueles professores que se dedicavam, era uma honra para a escola ter menino aprovado no IF. Por exemplo, ano passado eu fui fazer divulgação, eu vou ajudar na divulgação, aí fui, fiz 10 escolas, fiz o Bacuri todinho,

fiz 10 escolas, eu fui numa escola, uma escola pequena, e o orgulho da diretoria foi me dizer que eles tinham aprovado 10 alunos, botaram faixas, fecharam a rua, fizeram churrasco, precisa ver a festa que tem nesses bairros aí quando os meninos passam.

**Entrevistador:** Tem toda uma carga simbólica de conquista?

**Entrevistada:** Tem sim!

**Entrevistador:** Esse ano não vai ter prova, uma situação difícil de fazer, sorteio, né?

**Entrevistada:** Vai ser sorteio. Aí, eu faço parte, não é que eu goste de sorteio, mas, assim, eu digo: gente, não tenho uma outra alternativa, porque qual é a palavra de ordem, é não aglomerar, como é que nós vamos fazer? Seleção sem aglomerar, como é que nós vamos fazer divulgação se as escolas não estão funcionando?

**Entrevistador:** Uma série de dificuldades.

**Entrevistada:** Entende? A sociedade quer seletiva, nós precisamos ter turmas novas, a alternativa é essa.

**Entrevistador:** Izaura, você vivenciou muita coisa em Imperatriz desde sua chegada em 1989. Como você se vê nesta trajetória? Você mudou muito neste tempo todo? Há algum reparo a fazer ou você faria tudo do mesmo jeito?

**Entrevistada:** O único reparo é aprender a tecnologia, [Risos] mas de concepção não, eu acho.

**Entrevistador:** Os conflitos que se estabeleceram, a necessidade de convencer, de buscar o respeito do outro, você falou da dificuldade.

**Entrevistada:** Faria tudo de novo. Vale a pena!

**Entrevistador:** Você fala com muita paixão, há muito tempo que a gente sabe da sua identidade com o *Campus Imperatriz*, desde 2007 quando cheguei no CEFET...

**Entrevistada:** Eu tive muita oportunidade de sair daqui.

**Entrevistador:** Você foi para a universidade um tempo? Você fazia as duas coisas?

**Entrevistada:** Não, quando eu cheguei aqui eu já era da universidade.

**Entrevistador:** Entendi, você era 20h.

**Entrevistada:** Era 20h.

**Entrevistador:** Na estadual.

**Entrevistada:** Na estadual. Que também eu trabalhei, eu acho que eu sou, não existe o alcoólatra? Eu sou do trabalho. Eu era para trabalhar 30 anos [...] eu trabalhei 35 na Universidade Estadual.

**Entrevistador:** Cinco de crédito? (Risos)

**Entrevistada:** E eu só não fiquei mais tempo porque, eu disse: Não! Teve umas coisas lá, não da instituição em si, mas desrespeito de umas colegas com uma colega mais velha, pensei e disse: eu vou sair enquanto ainda não me desgastei... Eu já dei muita contribuição. Então entrei na UEMA em 1979 e saí em 2015, e eu, essa mesma paixão eu tinha lá, eu não sei fazer as coisas se eu não estou apaixonada, tudo eu faço, assim, com dedicação, então se eu tivesse que, até outro dia estava dizendo isso e me surpreendi pensando assim, puxa, se eu fosse jovem eu ia fazer isso e isso e isso, ah, eu ia fazer isso e tal... Porque eu vejo gente jovem, meu pai do céu, a caça de um lugar para cair, já contando o tanto de tempo que vai ter para se aposentar.

**Entrevistador:** Tanta coisa para fazer ainda, não é?

**Entrevistada:** Tanta coisa para fazer, então eu não, a única coisa que eu repararia é a tecnologia, mas as outras coisas eu faria tudo de novo.

**Entrevistador:** Valeu a pena?

**Entrevistada:** Faria tudo de novo, valeu a pena sim. Tem um ex-aluno nosso, eu vi esse ano que a gente ia escrever as histórias de sucesso que a gente teve no *campus*, porque a gente teve muita gente que diziam assim: esse não tem jeito, não tem jeito, e o nosso desafio era trabalhar com quem não tinha jeito.

**Entrevistador:** A história do quem não quer, querer?

**Entrevistada:** Isso... quem não quer, querer, e quem não sabe, aprender!

**Entrevistador:** Um mantra?

**Entrevistada:** É, porque, ah, o menino tem dificuldade de aprendizagem, gente, e nós vamos fazer o que, eu me lembro que a gente criou monitoria lá no ensino médio para trabalhar com os alunos que tinham dificuldade, a gente ouvia os alunos. Eu me lembro que uma vez eles fizeram um movimento lá para reorganizar os professores, era professor de matemática, por exemplo, Carlos Alberto, meu marido ele tinha essa mesma paixão pelo estudo, pelo ensino, pelo trabalho, e ele era professor de matemática, então fazia questão de alfabetizar na matemática aquele menino que vinha da escola pública, por exemplo, essa história do pessoal dizer, não, é que eu estudava aqui, mas era classe média, não senhor, é o contrário, a classe média só veio para o IFMA quando ela sentiu que o ensino era de boa qualidade, ela é recente, ela não é tão antiga quanto a classe popular. Então, ela não é tão antiga quanto a classe popular não, aí quando eles passaram a vir em bloco aí chegaram as cotas, porque senão ia ser mais difícil para eles.

**Entrevistador:** Infelizmente por mais esforço que a escola pública fizesse eles levariam alguma vantagem nas provas seletivas?

**Entrevistada:** Mas nós temos uma coisa, também, importante na escola pública é que lá na escola pública mesmo aquela escola caindo, eles têm meninos que são bons também, capazes de passar nos nossos cursos e se sair bem.

**Entrevistador:** Pena que a nossa escola não tem vaga para todo mundo, não é?

**Entrevistada:** Pena que não tem vaga para todo mundo.

**Entrevistador:** Que a ideia era pegar o que não aprende, que tem dificuldade, que avança com dificuldade...

**Entrevistada:** Isso, esse que não aprende, que tem dificuldade...

**Entrevistador:** Botar para dentro do IFMA e ir transformando...

**Entrevistada:** Botar para dentro e trabalhar com ele, então a gente mesmo com dificuldade, não aprendia, aquela coisa, aí eu trouxe a experiência da educação profissional que eu tive em Caxias. Fazer monitoria com os meninos que tem mais facilidade, ensinar para os que tem dificuldade, e aí a gente fez, rapaz, essa monitoria cresceu tanto, porque o menino já quando entrava ele já entrava de olho na monitoria, que o monitor tinha prestígio, eles olhavam o menino vestindo aquela camisa de monitor e tal, e dando aula ali para os outros alunos, então aquilo ali, meu amigo, era menino que só para fazer essa monitoria. E a gente também dava uma mãozinha, então vamos estudar, vamos preparar, olha gente, a monitoria não é, dava toda uma formação profissional para o monitor como professor, então você não pode ficar negligenciando, como também falava para os meninos, a monitoria é coisa séria, é para ir para estudar, então eles davam as aulas bem direitinho para os meninos, e aprendiam muito, monitor é um aprovado no vestibular tranquilo, porque ele se fortalece ali.

**Entrevistador:** E ajudavam quem tinha mais dificuldade?

**Entrevistada:** Exatamente, mas aí foi reduzindo e acho que vai fazer outra coisa, acho que vai criar monitoria de sala, então dentro da sala eles vão indicar os meninos que tem mais facilidade de aprender e trabalhar com esse menino para não querer ser estrela, que fica orgulhoso, então eu sou o tal, compartilhar o conhecimento, e a gente trabalhou isso, trabalha isso até hoje, e aí eles fazem os grupos em sala, ai eles indicam, fulano é melhor em física, fulano é melhor em matemática, melhor nisso, melhor naquilo, então, está aqui os grupos das pessoas que tem mais facilidade para estudar e tirar dúvida de quem tiver mais dificuldade, aí trabalha com quem tem dificuldade para não se recolher, para não se inibir, que é possível, sim, se desenvolver, e trabalha com o outro para ajudar o outro, olha, gente, aqui tem que ter de tudo, mas todo mundo foi aprovado, mas porque estudavam juntos, e aí...

**Entrevistador:** E uma escola que fosse instrumental então?

**Entrevistada:** Não ia estar preocupada com isso.

**Entrevistador:** Obrigado pela receptividade e contribuição.

## APÊNDICE B – ENTREVISTA FRANCISCO ALBERTO GONÇALVES FILHO

Entrevista / Identificação: SN Áudio	Entrevistador: Reinouds Lima Silva
Data da Entrevista: 10 dez. 2020	Duração: 1h34min51s
Entrevistado: Francisco Alberto Gonçalves Filho	Perfil: Servidor IFMA (Ex-gestor). Faz parte do grupo de servidores admitidos em meados dos anos 1990. Gestor geral do <i>campus</i> por oito anos, foi designado para implantar outras unidades da rede IFMA no Maranhão. Atualmente é diretor geral do <i>Campus</i> Grajaú.

**Entrevistador:** Início padrão das entrevistas – Apresentação da pesquisa, objetivos e do TCLE. Leitura dos Termos de Participação. Pedido de manifestação de Interesse em participar da pesquisa.

**Entrevistador:** Entrevista com Francisco Alberto Gonçalves do Instituto Federal *Campus* Grajaú, mas com lotação original no *Campus* Imperatriz. Hoje são 10 de dezembro, são 10h15. Bom dia, professor.

**Entrevistado:** Bom dia Reinouds, satisfação poder contribuir com sua pesquisa.

**Entrevistador:** Então para iniciar, para deixar você bem à vontade para falar brevemente da sua biografia, você é de Imperatriz?

**Entrevistado:** Não, não, eu nasci em Santa Luzia, mas me considero de Imperatriz, já estou com um sentimento de pertencimento muito grande nessa cidade, essa região aí, porque eu vim para cá em 76, numa idade muito jovem, 10, 11 anos, e de lá para cá só ampliou, aumentou meu sentimento para esses locais, para essa cidade.

**Entrevistador:** Tem uma coisa que está sendo marcante nas entrevistas e principalmente no grupo de servidores mais antigos: eu ainda não encontrei ninguém que seja da cidade, então Imperatriz é um lugar de encontro?

**Entrevistado:** Imperatriz acho que tem essa particularidade, se você der uma olhada na história do Maranhão ela não vai se enquadrar nem na linha de ocupação do sul do Maranhão, que veio de Pernambuco pelos vaqueiros, e nem na instituição do estado na litorânea, no litoral. Então ela passa a ser uma via muito mais comercial, a relação de Imperatriz, comercial, está no seu DNA, Belém e outras cidades e o DNA dela nasce com pessoas que vem de outros cantos buscar num primeiro momento um espaço que possa explorar a riqueza que busca e num segundo momento acredito que hoje só nesse século XXI, no início dele é que nós estamos iniciando um processo de consolidação da identidade imperatrizense, daqueles que nasceram e passam a ter um olhar para a cidade. Mas nós tivemos muito um processo do pessoal de Goiás que veio para cá, muita gente aí, na diáspora do nordeste, em busca de terras, então atraiu muito, essa cidade foi atraindo muitas pessoas de fora. Agora que eu acho que está se buscando a identidade histórica, cultural do imperatrizense.

**Entrevistador:** Uma geração de imperatrizenses, que começar a galgar espaço

**Entrevistado:** Exato, fora as pessoas que vieram, exploraram e voltaram e aqueles que às vezes exploraram e ficaram e tem agora o sentimento de pertencimento da cidade. Agora que nós vamos construir com aqueles que ficaram, aqueles que vão dar nova geração e acho que Imperatriz agora que começa a se descobrir como identidade cultural.

**Entrevistador:** Tu chegaste aqui nos anos 70 ainda, lógico, como criança, numa tenra idade, mas não sei se tu tens impressões sobre a relação da cidade com a rodovia, alguns historiadores locais, eles são muito enfáticos em falar da importância da rodovia Belém-Brasília para a cidade. Se não me engano o Franklin fala que a cidade foi refundada com o planejamento da rodovia nos anos 60 e construção nos anos 70. Tu consegues ver isso como historiador?

**Entrevistado:** Os estudiosos da cidade, historiadores, principalmente o Franklin, os dois principais aí, colocam nos seus estudos a Belém-Brasília comum elemento fundamental para o desenvolvimento da cidade, da região, e faz sentido esse conceito, essa concepção porque nós tínhamos outras regiões distantes da rodovia como Carolina que tinha um grau de desenvolvimento, principalmente cultural, e que com a passagem da BR fora da cidade não trouxe desenvolvimento, e todas aquelas cidades à margem da BR, do eixo teve um desenvolvimento, né, ali passa por uma relação comercial muito forte, que liga o sul com o norte. Então a Belém-Brasília foi fundamental para o desenvolvimento e crescimento econômico da cidade de Imperatriz, mas eu também concordo com esses estudos, com esse foco de que a Belém-Brasília, tanto que antes da Belém-Brasília Imperatriz era uma vila que não trouxe destaques políticos, econômicos e culturais, esse destaque passa a partir do que a BR traz consigo.

**Entrevistador:** Ontem eu conversava com um professor Oliveira, conhecido nosso, economista, e ele falou que na trajetória dele conheceu o Maranhão todo nos anos 60 e 70, fazendo trabalhos para o governo do estado, e ele falava que Imperatriz nos anos, na década de 50 tinha 15 mil habitantes, e esse número era um número já retido em outro Censo da época, e com a chegada da rodovia, hoje a cidade, pensando em região metropolitana, já se fala em uma região tocantina integrada, já se fala em quase 400 mil habitantes. Ele fala da importância da rodovia e da economia exploratória que trouxe muitos migrantes, a questão da madeira, num primeiro momento, já que havia autorização para devastação mesmo das terras, ele falou em 50%, só escriturado uma área se 50% dela fossem desmatados, você pensar hoje...

**Entrevistado:** A lei da terra, aí teve um incentivo fortíssimo.

**Entrevistador:** Governo Sarney.

**Entrevistado:** Exato, e a cidade era uma fronteira, desse ponto de vista aí, com muita madeira, com florestas, aí, abundantes, para exploração desse produto.

**Entrevistador:** Então, assim, sua trajetória se inicia de nascimento em Santa Luzia, cidade... aqui próximo à Santa Inês?

**Entrevistado:** Exato.

**Entrevistador:** Vindo para cá o que sua família buscava, se você se sentir à vontade para falar, certo? Você consegue demarcar isso?

**Entrevistado:** Eu não tenho a consciência e nem fiz um estudo dessa questão, mas eu acredito que meu pai, que na época cultivava arroz, em Santa Luzia do Tide buscasse em Imperatriz como uma fronteira agrícola de expansão e melhoramento de condições possíveis, talvez, eu acredito que fosse isso, nunca tive uma conversa com eles a respeito dos motivos que levaram a trazer a família de Santa Luzia do Tide para Imperatriz, mas eu acredito que essa era a intenção, melhoria das condições de vida para a família.

**Entrevistador:** Alberto, podemos dizer que sua trajetória escolar, acadêmica começa aqui. Você chegou ainda jovem e começou os estudos aqui em Imperatriz. Pode falar um pouco da sua trajetória até chegar o instituto federal? As escolas que você estudou, se conseguir lembrar de todas, a graduação, a pós-graduação, como é que foi essa trajetória sua na região?

**Entrevistado:** Eu, vim com a família, 10 filhos, sete homens e três mulheres, com poucas condições financeiras, quase nenhuma, e a vida, a formação que papai nos dava era de que o homem precisava de três coisas para viver, trabalho, honestidade e fé em Deus, então esse era o guia formativo, moral, o código moral familiar que meu pai nos trouxe, ou seja, nos deu, nos formou, nos deu como herança, esse era o código moral que ele nos passava. Acho que não havia ainda no meus pais a consciência, eu não sei se o termo seria esse, mas do estudo, da importância do estudo, tanto que a primeira lição nossa era trabalho, nós passamos a trabalhar muito cedo.

**Entrevistador:** Ele tinha algum estudo?

**Entrevistado:** Não, não tinha, e nem minha mãe, e nossa questão era trabalho, eu comecei a trabalhar com nove anos de idade, vendendo geladinho e depois bilhete de loteria na cidade e depois outros mais, nesses empregos, e a ideia do papai era dar um ofício a todos os homens, papai arrumava um determinado ofício para aprender, independentemente de ter um retorno salarial, de ser pago ou não, queria que o filho tivesse uma profissão, então isso foi... tanto que nós, dos filhos, foi dos que se formaram, fui eu, a Glória e mais uma outra, então não havia muito a escalada do estudo, esse despertar do estudo não tinha muito dentro da família. Com é que isso veio ao meu encontro, dentro do código moral um dos elementos era fé em Deus, então pai era muito católico, a família de católicos, e nós tínhamos a tradição todo mundo, necessariamente como exigência religiosa ir para a igreja, ir para a missa, todos os domingos nós éramos obrigados a ir, tínhamos essa questão da religiosidade, e lá no processo de catequese e tal foi me atraindo e daí veio o convite para eu ir para um seminário, ainda jovem, frequentar um seminário para ser padre, ser sacerdote, aí foi que o estudo entrou na minha vida, eu estudei em escola pública aqui em Imperatriz, na praça Brasília, depois na Nascimento de Moraes, e numa outra escola chamada Bernardo Saião que não existe mais, a noite, trabalhava durante o dia e estudava a noite, Mas o despertar do estudo só veio quando eu entrei no seminário porque exigia, e quando eu entrei tinha uma

defasagem muito grande entre eu e outros colegas de lá e fez com que eu tivesse que buscar essa defasagem com muita leitura, eu lembro ainda que eu passava até 1h, 2h da manhã lendo, me preparando para as apresentações, alguma coisa nesse sentido, tentando tirar essa diferença entre eu e alguns colegas que eu via. Eu estive três anos dentro do seminário, que me permitiram visitar o mundo dos estudos e ver nele a expectativa de mudança de vida, expectativa decrescer, uma expectativa de profissão, expectativa de tudo, e deixando o seminário por questões pessoais no sentido de verificação da vida fora desse mundo, pedi um tempo para avaliar, porque questionava algumas coisas desse mundo, entre outros aspectos o celibato... Então eu a partir daí saí do seminário e fui fazer vestibular, aí que eu fui pensar em vestibular, já tinha uma certa idade, e certamente para a área humanas porque eu tinha perdido todo contato com o mundo quantitativo, com o mundo das exatas, o próprio seminário encaminhava a gente para as ciências humanas, mundo das humanas, era filosofia, teologia, então perdi contato com o mundo das exatas, e fui fazer o vestibular em Imperatriz, retornando, estive no seminário em São Luís e retornando para Imperatriz fiz o vestibular para história.

**Entrevistador:** Na UEMA?

**Entrevistado:** Na UEMA, já era UEMA, um sonho, também, naquela época quando entrei no movimento estudantil trabalhava em uma ideia de autonomia dessa instituição, aqui em Imperatriz, e aí fiz o curso de história, me encontrei dentro desse curso, meu pai, que não tinha muito estudo me perguntava o que eu ia fazer, para que servia. No momento eu estava envolvido com o curso e era o que menos me importava, o que eu iria fazer, que eu tinha encontrado uma identidade, tanto que depois fiz outro vestibular e passei para administração comecei, cursei um semestre e larguei, acho que meu negócio era história mesmo, e me identifiquei com o curso e terminando o curso fui, tive a vantagem de aparecer alguns concursos e eu entrei em concursos do estado, passei em dois concursos do estado e depois fiz o concurso para o CEFET, fui aprovado, larguei a nomeação do estado e fiz o concurso para o próprio UEMA, fui aprovado e larguei a outra nomeação do estado, fiquei com 40h em uma e 20h em outra.

**Entrevistador:** Então de formação, toda a sua formação acadêmica foi em Imperatriz, isso é um elemento, também, importante, que ontem conversando com o professor Expedito que é o vice reitor da UEMASUL...

**Entrevistado:** Colega de trabalho.

**Entrevistador:** É, nosso colega, ele fala da tradição da UEMA que a UEMA é a UEMASUL também, com relação a FEI, a faculdade de Imperatriz que dá origem a federação das instituições de ensino superior do Maranhão, Imperatriz, Caxias, São Luis, mais uma que eu não lembro, aí vem UEMA, uma trajetória de luta para reconhecer, depois, agora UEMASUL com olhar bem regionalizado, que hoje é uma questão bem diferencial que a UEMASUL tem um potencial imenso para trabalhar aqui.

**Entrevistado:** A UEMA teve, a meu ver, uma contribuição ao desenvolvimento dessa região de forma ímpar, porque era comum, e eu lembro, porque me ocorreu que quando eu fui, estive em sala de aula dentro da UEMA eu ministrei aula para professor meu

dentro do ensino fundamental, porque era comum a trajetória do magistério aqui a pessoa ter apenas a chamada licenciatura curta, e depois votava para a universidade para completar a licenciatura, saia como licenciatura plena. Era comum nós termos aqui na região pessoas ministrando dentro do ensino pessoas que não tinham a formação, ainda, no ensino superior completo, a UEMA trouxe essa grande contribuição de formar licenciados para atuar na base de consolidação do ensino fundamental, do ensino básico na região, então foi de fundamental importância, eu lembro que tive muitos professores que não tinham ensino superior, e era comum isso nas escolas particulares e escolas públicas também, e a UEMA deu essa consolidação.

**Entrevistador:** Alberto, assim, pelo que eu percebo, lógico, vou ter que juntar outros dados, mas está muito bem demarcado esse papel da UEMA que eu creio que você acaba concordando um pouco comigo, quando a gente entende o papel da UEMA para educação, formação de professores, e tal, e o instituto federal surgiu no final dos anos 80, começo dos anos 1990, pelo que eu já pesquisei muita gente não entendia o que era escola técnica, CEFET, CEFET vem depois, mas escola técnica na época para compreender qual o papel da instituição como escola técnica nos anos 80 e 90 para a cidade. Então a UEMA segue uma trajetória bem autônoma, nos anos 70, e o IF, hoje, instituto federal começa sua trajetória depois, você chegou um pouco depois, certo?

**Entrevistado:** Isso.

**Entrevistador:** Mas eu queria muito entender o seu olhar de fora do CEFET e depois o de dentro do CEFET, porque tu acompanhaste um pouco dessa chegada ainda como alguém de fora da instituição, como alguém da comunidade. Como é o olhar de fora, do Alberto antes de chegar, você falou da rede estadual, da UEMA, antes também, esse olhar de fora e depois de dentro, muda alguma coisa?

**Entrevistado:** Muda, o conceito de escola técnica era o conceito instrumental, profissionalização, ou seja, isso era enxergado na capital, havia conceito de escola técnica industrial muito forte nas capitais brasileiras e ela não chegava no interior, quando veio escola técnica para cá não se sabia nem o significado disso, o que era, nós não tínhamos ainda a Constituição de 1988 então muitas pessoas, os mais antigos foram efetivados dentro da instituição que começou provisoriamente, detalhe que ela iniciou, o conceito era tão forte na capital que ela iniciou com pessoas vindo da capital para montar as escolas técnicas aqui com os mesmos cursos sem os cursos regionalizados, exato, com estudos vindos da indústria, da indústria de base que era forte e que estava crescendo em São Luis, chega em Imperatriz sem uma regionalização, mas vinha imbuído na escola técnica um termo importante que abria para a cidade uma perspectiva, que era o termo federado, era uma escola federal, e era uma novidade, então por si só já atraía porque nós tínhamos aqui, o que nós tínhamos voltado para isso era um público estadualizado, do estado, então esse termo a meu ver foi minha primeira atração, na expectativa de busca de emprego foi sem conhecimento do que era a escola técnica, o que era escola técnica federal na época, sem saber o que isso significava ainda, recém formado, terminando a minha graduação eu tinha já feito concurso no estado, eu já era professor da rede pública, da rede privada, entrando na rede pública estadual que era

mais forte, que era mais comum na região quando surge a escola técnica, então não me deu ainda a impressão do que era, o que veio fazer, dos objetivos, eu não tinha isso claro.

**Entrevistador:** Você acha que a comunidade também tinha essa sensação?

**Entrevistado:** Acho que não, não tinha, hoje nós no IF não precisamos fazer processo de divulgação do seletivo, de entrada, se sabe o que é essa instituição, o que ela significa, naquele período não, eu acho que ainda não tinha essa noção e ela estava muito restrita ainda na ideia da mão de obra especializada...

**Entrevistador:** Da educação instrumental?

**Entrevistado:** Exato, acho que o conceito mais popularizado nesse momento, mais fácil captar dentro da chegada dessa instituição era isso.

**Entrevistador:** E, assim, na comunidade algumas pessoas comentaram que, na verdade, a expectativa da comunidade na época era da vinda, ou desejo ou talvez até o pleito do setor produtivo era de que viesse uma escola agrotécnica... se pediu uma coisa, mas a oportunidade do Governo Sarney, 36 UNEDs foram criadas no Brasil, e o projeto da UNED Imperatriz ele acabou deslanchando junto com essas outras 35 unidades no Brasil. Tu enxergas dessa forma também, tu achas que havia essa expectativa, você falou da falta de sintonia dos cursos, talvez a agrotécnica fosse a expectativa realmente da comunidade?

**Entrevistado:** Se fosse fazer um estudo, eu não sei se é expectativa da comunidade, eu não tenho uma consciência desse sentimento da época, mas se fosse fazer um estudo eu não tinha dúvida, eu não tinha dúvida que os cursos que chegaram naquele momento de eletrotécnica não faziam uma grande surpresa.

**Entrevistador:** Edificações e eletromecânica.

**Entrevistado:** Exato, não tinha uma sintonia ainda com o mercado da região, se fosse fazer estudo regionalizado não tinha dúvida que teria que ir mais para o mundo das agrárias, eu acho que isso se tivesse sido feito o estudo, mas eu acho que também a criação da UNED aqui foi uma circunstância, foi um aproveitamento de momento da expansão que o governo Sarney incluiu a unidade de Imperatriz.

**Entrevistador:** Você acha que foi a ocasião?

**Entrevistado:** Exato, foi o momento que se atendeu a expansão que o governo Sarney incluiu nessa unidade para Imperatriz, não acredito que foi, não vejo nenhum indicativo disso, talvez pela memória de outros, mas pelo meu tempo de conhecimento sobre aquela instituição, sobre essa unidade aí não vi nenhum elemento indicativo de que houve um planejamento para essa unidade aqui em Imperatriz. Até o modelo arquitetônico foi um modelo que se tinha pronto no Sul e trouxe...

**Entrevistador:** O projeto das instalações físicas?

**Entrevistado:** O projeto. E o fundo patrocinador da instituição também foi um fundo perdido, então eu vejo como se aproveitou uma oportunidade, o governo Sarney trouxe essa unidade dentro de uma conjuntura que permitiu ele criar essa unidade...

**Entrevistador:** Tu tens conhecimento de... você falou que é um projeto de Santa Catarina, se não me engano, em Imperatriz existe uma escola com estrutura igual...

**Entrevistado:** Eu não sei qual é, mas se for pesquisar consegue encontrar porque quando eu dirigi aquela instituição existia esse comentário de que o projeto era um projeto do Sul, no momento, para aproveitar o recurso, você só precisa olhar para a estrutura, a estrutura adequada à região.

**Entrevistador:** Muito calor, muito concreto armado.

**Entrevistado:** Exato, então ele veio dentro de uma estrutura que já tinha o projeto pronto de outra unidade do sul do país.

**Entrevistador:** Tá, mas agora o Alberto chegou no CEFET. E aí Alberto, quais as primeiras sensações de alguém que vinha já de uma trajetória na rede particular, como professor de história, na rede pública e na universidade, você vem com um analisar mais cuidadoso, você não chega para primeira experiência, como é que foi isso?

**Entrevistado:** Aí eu trago para dentro do CEFET um sentimento construído dentro do movimento estudantil, eu coordenei o movimento estudantil na universidade durante dois anos, fui presidente do centro acadêmico da UEMA durante dois anos, e era um sentimento de autonomia.

**Entrevistador:** E quando foi, Alberto, o movimento estudantil, você lembra o ano?

**Entrevistado:** Acho que foi 93, 94, ou 92, 93, era um sentimento de autonomia. Qual era a minha percepção enquanto aluno, enquanto militante do movimento estudantil, que as instituições importantes para o desenvolvimento da região eram unidades dependentes das centrais, ou seja, das sedes localizadas na capital.

**Entrevistado:** Exato, pois é, eu chego no CEFET ali trazendo as impressões do movimento estudantil, as impressões como professor da rede pública e privada, naquele momento, então eu chego ao CEFET, o que eu trazia, quais as minhas impressões da minha trajetória no movimento estudantil? Era definido pelo termo, muito forte na região que era de autonomia, que era busca de autonomia, nós víamos isso dentro da universidade, nós brigávamos muito por isso, lutava muito por maior autonomia na universidade, era uma unidade que não tinha autonomia financeira, pedagógica, era muito complicado, então eu chego do CEFET trazendo essas impressões, em busca de autonomia e via que as instituições mais autônomas na nossa região seria um fator de desenvolvimento regional, entra tinha isso claramente na época, esse sentimento de que precisava de ter uma ampliação ou um processo de descentralização política, econômica, institucional, precisava disso aí.

**Entrevistador:** Tu chegas no CEFET em que época, em que ano?

**Entrevistado:** Em 96 eu entro.

**Entrevistador:** Quando você chega, já era CEFET?

**Entrevistado:** Era CEFET.

**Entrevistador:** Me informa um pouco mais, Alberto, dessa questão de política externa, do seu olhar quando você chega no CEFET de Imperatriz.

**Entrevistado:** Que aí nessa data aí surge um movimento aí chamado de Maranhão do Sul, a criação do estado do Maranhão do Sul e Imperatriz como capital. Esse movimento foi capitaneado pela maçonaria e levado ao trâmite legal pelo deputado federal Davi Alves Silva, então havia um sentimento e esse sentimento chegou a essas vias aí de ter um movimento legal rondando todo o sul do Maranhão, criando um mapa de divisão dos municípios, eu participei como professor desse movimento que era, na época alavancava os nossos olhos no sentido de que a perspectiva de uma grande mudança na região, isso da juventude, do movimento estudantil, eu acho que esse sentimento aí é muito forte na região, eu dizia anteriormente para ti que eu via a política que era importante, ela tinha que passar por esse aspecto aí para poder conseguir um estado, essa ideia de um estado independente, um novo estado como se viu no Tocantins, mas eu tinha perspectiva que um dos instrumentos fundamentais para a gente conseguir um maior grau de desenvolvimento na região eram as instituições, era a autonomia das instituições, principalmente as instituições de formação, as instituições educacionais. Eu acreditava que você ter uma UEMA, um CEFET independente isso poderia alavancar a região porque poderia estar tratando trazer cursos voltados para a região, voltados para os interesses regionais, eu acreditava nisso muito como estudante dentro do movimento estudantil, de tal forma que quando eu entrei no CEFET essa era uma perspectiva, mas nós vivíamos num cenário econômico, político muito ruim para as instituições de ensino, no ensino superior principalmente, que era o governo Fernando Henrique Cardoso. Então quando eu entro para o CEFET com aquela perspectiva de emprego federal, eu encontro um momento, um cenário muito, eu encontro uma escola comprometida com a formação, comprometida com aqueles que mais precisavam, eu via isso de forma muito clara, mas uma dependência, uma situação das condições de trabalho muito ruins, os equipamentos, tanto que na época se criou uma coordenação que eu estive na frente sem gratificação que era chamada coordenação de cursos extraordinários, o que era isso, Reinouds, era para eu ir vender cursos para a iniciativa privada, para instituições ou convênio com associações que pudesse trazer em troca alguma coisa para a instituição, então nesse momento a instituição sobreviveu também de ações como essa, próprio Moraes tinha convênio, a gente fez convênio com a, que administrava aqui, a instituição que administrava, Infraero, troca de serviço, então muitas coisas no CEFET Imperatriz, na UNED era que nós estávamos entrando numa situação de pedintes para a iniciativa privada, foi um tempo muito complicado, um cenário político de arrocho salarial para os servidores públicos federais e também de condições muito ruins de trabalho, condições ruins de trabalho que eram condições que não tinha muitos equipamentos, computadores, por exemplo, e esse cenário, para você entender o que foi minha gestão, esse cenário

que eu vivi, falta de autonomia, falta de autonomia significava falta de poder de decisão, ou seja, nós não tínhamos decisão...

**Entrevistador:** Nem de gastar, nem recursos...

**Entrevistado:** Nem recursos, recursos tinha que pedir, e não tinha poder de decisão, nem sempre... nem para formação da sua própria equipe, então nesse cenário que eu me candidato a diretor na UNED, então s prerrogativas como ideia de administração, de gestão que eu tinha, autonomia, eu preciso definir minha equipe, vi que algumas anteriores que eu avaliei, que o diretor central apontou, tem que ser esse e aquele, que havia muita divergência da equipe e eu já tinha isso claro, tinha estudado, eu quando entrei para ser candidato estudei a instituição, e , um processo vivido historicamente dentro do movimento estudantil de percepção da região...

**Entrevistador:** Não é aleatório?

**Entrevistado:** Exato, não foi aleatório e nem o fruto de um processo de um planejamento de gestão, nós fomos encaminhar em outro sentido, mas esses elementos macro aí vieram dessa relação histórica, e aí nós passamos a ter, com o professor Zé Costa num processo de conhecimento, de tomar gosto pela autonomia, de tal forma que fomos um processo irreversível, a comunidade tinha se acostumado a receber o recurso e ter planejado, eu dizia, é melhor a gente ter R\$ 1.000,00 e planejar em cima de R\$ 1.000,00 do que você ter a ideia de que vão mandar 10 e não se sabe o que vão mandar e vem só 500 e você planejar para 10 e não tem, então esse era o pé no chão que nós tínhamos. Professor Zé Costa quando percebeu o nosso zelo, a nossa preocupação pelas coisas que nós fazíamos nessa instituição aqui foi dando força a nossas projeções, ao nosso planejamento, aos nossos pedidos, então isso foi fundamental nesse processo de construção e autonomia da UNED Imperatriz a forma como o professor Zé Costa tratou a gente aqui...

**Entrevistador:** Alberto, eu vou voltar na questão da sua gestão mais na frente um pouquinho, só uns passinhos atrás para a gente conversar sobre a realidade de ensino e aprendizagem que o Alberto tinha antes nas redes que você atuava, vamos deixar a universidade um pouco de lado que a UNED era só ensino médio, mas tu era estadual, 20 mais 20, 40h, então tu tinhas uma imersão interessante na rede estadual de uma realidade que caminhava junto com da UNED do ensino médio, só que lá ensino médio e educação profissional. Tinha muita diferença do ponto de vista instrumental, trabalho e estrutura e do ponto de vista teórico e pedagógico, o currículo, como é que você enxergou essa virada sua, essa chegada lá?

**Entrevistado:** Eu vejo a diferença principalmente...

**Entrevistador:** Havia diferença?

**Entrevistado:** Isso, havia diferença, eu via diferença principalmente na filosofia, como era tratado o processo de aprendizagem. Era comum no instituto federal, na rede federal, CEFET, IF, a gente parar o processo diante de alguns problemas para a gente encontrar soluções para aquele processo, eu acreditava e ali eu vi, eu deixei as outras coisas e

passei a acreditar num processo de mudança maior a partir do processo de formação dentro dessa instituição, porque via ali uma dedicação, um planejamento mais alinhado, então, quer dizer, eu não sei se do ponto de vista macro existia toda essa diferença, mas do ponto de vista do fazer, do tratar havia diferenças muito claras a meu ver, uma delas, na minha mente tinha claro muito isso, problemas que você podia deixar de mão, mas havia, eu lembro muito bem uma certa vez um aluno estava cedo na instituição, o aluno quase desmaiou, e esse aluno nós perguntamos, eu não sei, ele falou que estava se sentindo tonto, não sei o que, depois fomos verificar que ele não tinha se alimentado, eu levei para a cantina, alimentamos esse aluno e depois nós fomos investigar família, as condições dele, para dar as condições mínimas possíveis para esse menino incluir, fazer bem, inclusive a parte de trabalho desse menino, então havia um cuidado muito grande pelo rumo, pelo futuro, pelo destino de cada aluno, era algo que percebia que tinha um zelo para esse ato, não era só a relação, que era muito comum aqui em Imperatriz, no município, no estado, solista, eu vou para minha aula...

**Entrevistador:** Não me envolvo com a comunidade?

**Entrevistado:** Exato, lá eu comecei a perceber que havia uma relação com a comunidade, uma relação com os pais desses alunos, uma relação mais dedicada a vir ser muito desse menino para poder interferir efetivamente nos caminhos dessa formação, esse, a meu ver era o instrumento principal, e depois vai ser o planejamento, uma forma mais planejada pelo menos a forma que se dava mais atenção, tentamos também fazer semana pedagógica no estado, mas parece que era coisa que se fazia por obrigação. Então essa era uma diferença que eu via no sentido que se levava que era no fazer, a diferença era muito mais no fazer.

**Entrevistador:** Tu chegas como professor de história para trabalhar numa escola técnica. Eu tenho relato, meu relato é bem recente, eu entrei em 2007, quando eu comecei a ocupar cargo de gestão em Açailândia os colegas das áreas duras, engenharia e tal, diziam assim, professor de história não pode ser diretor de uma escola dessas, isso eu estou falando já nos anos 2000, eu imagino você em 96, 97, você de história, como alguém observador chega a gestão num outro momento, mas como era essa relação dos professores da área pedagógica e das áreas de informação?

**Entrevistado:** Isso aí foi interessante a pergunta, gostei demais porque eu acho que esse conceito de humanas complementar da área técnica ainda resiste, existe hoje dentro da instituição, quando eu entrei lá era comum a seguinte frase, diretor tem que ser engenheiro, aqui está se formando técnico, essa visão, como tu sabe, não cabe dentro do conceito ter realidades humanas, não cabe, para nós a ideia era de cidadania, o que se adquiria na parte técnica eram princípios, princípios de funcionamento operacionais, era princípios operacionais de funcionamento de máquinas, de processos industriais e tal, então se adquiriam princípios. Porém, o fundante da formação era cidadania crítica, era capacidade de desenvolver crítica, a capacidade de conviver, essa era a visão de humanas, então eu chego ali dentro desse mundo minha primeira reação foi de observar esse mundo, e estudar, porque via uma tradição ali dentro do CEFET disso, os diretores todos, geralmente inicialmente eram engenheiros, e essa coisa não passa muito bem nas

humanas, os obstáculos que eu enfrentei quando fui diretor dessa área, aí não quero desfazer as técnicas, mas acreditava que também a área humana permita você ter uma visão processual melhor, macro, que era uma visão de gestão e não de consertos, de coisa, de ferramentas, uma visão instrumental, essa concepção na minha cabeça era muito clara, fazer um bom planejamento e fazer fluir, desenvolver as questões fundamentais na escola, esse conceito ainda existe até hoje, mas quando eu entrei era muito forte, ou melhor, era quase intransponível. Quando você se candidatar, eu me candidatei duas vezes, e como foi esse processo, eu não tinha na veia e a consciência de candidatura, porém tinha uma grande relação com os alunos, dentro dessas questões humanas, além de gostar de futebol que eu me envolvia também muito nesse esporte com os alunos, mas desenvolvia muito atividade, por exemplo, cinema, por exemplo, tinha alguns problemas com cinema aqui, todos os filmes com base histórica os alunos tinha sessão separada para minhas turmas e depois a gente fazia a discussão, fazia muito isso e levava os alunos para poder entender algum processo social e levava os alunos, depois a gente discutia, fazia seminário em cima disso, envolvia os alunos dentro do movimento de Maranhão do Sul, para ver a importância que era para entender essas questões. Fazia muito essas discussões com os alunos e foi dos alunos que surgiu a primeira ideia de eu me candidatar, eu não tinha conhecimento nenhum na área de gestão, não me atraía, como eu falei a você, não sei, parece que foi três ou quatro meses curso de administração, me senti envolvido e falei, é história aqui mesmo, e larguei administração. Mas esse olhar de resistência não era só olhar havia uma resistência muito forte da engenharia de que quem podia estar à frente de uma escola voltada para o mundo do trabalho era um engenheiro.

**Entrevistador:** Quase uma reserva de poder, né? Isso aqui é nosso e você vem para somar conosco.

**Entrevistado:** Na verdade era uma reserva de poder, entrávamos ali como complemento, a área básica era complementar, isso em escola técnica, dentro do CEFET era muito forte, muito forte, dentro do instituto que essa concepção começa a ser alterada.

**Entrevistador:** Engraçado, Alberto, os números mostram que o *Campus Imperatriz* tem números muito bons para que quer prosseguir nos estudos e também tem uma grande, uma aceitação muito boa no mercado dos seus profissionais, isso nos dá a impressão de que há uma formação técnica coerente com o que o mercado precisa, mas também uma preparação para prosseguir nos estudos. Tem vários exemplos de alunos que prosseguiram inclusive em áreas diferentes da área técnica que cursaram, e não vamos nem falar dos ex-alunos que voltaram para ser professores de alguma coisa, que isso é uma tradição muito grande na rede federal como um todo, mas, mesmo com essa relativa cisão, e ela parece demarcada até hoje na rede federal como um todo, como é que funciona um currículo integrado onde os profissionais têm dificuldade em se integrar?

**Entrevistado:** O currículo integrado a meu ver ele precisa ainda avançar muito, avançou, mas ainda tem muito para a gente falar em integração, agora, Imperatriz, essa cisão acho que está muito mais na questão conceitual, uma questão cultural e ela emergia, Reinouds, nas eleições, mas no dia a dia a gente via essa relação ser mais harmônica, os

engenheiros também aos poucos iam percebendo a importância do assistente social, do psicólogo, do processo e ia percebendo as circunstâncias e isso foi se construindo, a relação do CEFET apesar dessa questão aí nós vimos que o que era importante, era fundamental no seu DNA o que nós estamos perdendo enquanto instituto, eu dizia isso para os servidores agora, numa reunião do *Campus* Grajaú, eu dizia, quando eu entrei no CEFET meu primeiro momento foi me adequar as circunstâncias, ou seja, dar filosofia ao momento que se dava, o que eu quero dizer com isso é que havia [...] e você nesse momento ia se adequando a esse processo de formação, que era voltado para a parte técnica, mas que a gente teria que ganhar espaço no processo, vai dizer, não é importante, mas no processo vendo a importância da gente, os alunos também começaram a dar importância, surgiu nesse momento, nesse período aí muitas questão, os vestibulares foram dando muita força às humanas, alguém que queria ser engenheiro não bastava conhecer física nem química e matemática e ter história, tinha que vir, tinha que estudar história para poder chegar e ficar fora do que ele queria por que não sabia os conteúdos, os pré-requisitos necessários nessa área e de outras e isso foi dado uma força e um equilíbrio dentro do processo de formação, a meu ver achei importante também, mesmo que um processo que traz na sua relação quantitativa um conteúdo, mas ela teve impactos especiais, impactos antológicos, impactos, assim, no geral não só em quantidade e em conteúdo mas em valorização das humanas.

**Entrevistador:** Entendi. Porque, assim, eu faço essa pergunta na pesquisa ela tem um relevo importante nessa relação do currículo, do fazer dos professores, porque o *Campus* Imperatriz experimentou, pelo menos nessa trajetória dos anos 80 para cá as grandes mudanças da EPT, até nessa linha do tempo aqui a gente vê, né, os decretos, a criação como instituto, transformação em CEFET, e assim, uma coisa que me intriga muito é como o *Campus* Imperatriz chega hoje em 2020 como é que ele era para traz e compreende essas mudanças no seu dia a dia. Como é que isso influenciou, repercutiu, não repercutiu, definiu as ações, tu que vivenciaste parte significativa dessas mudanças como professor e como gestor como e que tu vê isso, o *Campus* Imperatriz passou por essas mudanças, mas ele se reinventou, ele repensou essa prática, currículo integrado a gente sabe que ainda e um discussão muito franca que se faz até hoje, mas nessas mudanças aí de separação do currículo, a dualidade lá dos anos 90, a volta da integração no governo progressista do Lula em 2003, instituto em 2008, isso não é por acaso, isso é um movimento, né, e como é que o *Campus* Imperatriz se acha nessa trajetória? Como tu, Alberto, vê isso como professor e gestor?

**Entrevistado:** Exato, a gente tem que viver como servidor e como gestor, como eu disse a você nós saímos de um momento Fernando Henrique com arrocho salarial, uma situação complicada, sobrevivência dessa instituição, depois passou para o governo Lula e vem dar um ânimo institucional muito grande para a gente, do ponto de vista salarial, e também do ponto de vista de um novo conceito de educação, aí abrindo um espaço maior agora, inclusive, para a questão da cidadania, e isso eu vivi na pele, tem momentos em que nós enquanto CEFET durante governo Fernando Henrique a dificuldade que tinha de funcionamento. Agora, Imperatriz sempre teve essa, eu não sei como definir isso, mas sempre teve uma coisa desse conceito, desse sentimento geral de autonomia e de

independência que sempre buscava ali as suas formas próprias de encontrar saídas, eu lembro que, como é o nome, currículo integrado, integrar o médio e técnico, eu fui gestor e iniciei essa experiência, Imperatriz iniciou uma experiência ímpar, talvez, hoje estou certo que era a melhor forma, porém prematura, não teve um momento adequado para ela se estabelecer. Nós iniciamos aí um processo de integração de vivência do aluno fazer o médio e técnico cursando os dois turnos dentro da escola, aí a ideia de integral, e isso gerou uma reação muito forte da comunidade, dos pais dos alunos, primeira experiência que nós fizemos, Reinouids, que dizer para o aluno que não tinha mais tempo para nada na vida, que a vida dele agora era a escola. Naquele momento nossa concepção talvez tenha sido um pouco mais conteudista e isso sobrecarregou os alunos, por isso que eu estou dizendo que o momento não foi adequado, agora, a meu ver era melhor experiência, mais acertada, precisava ser polida, maturada, mas que a primeira reação que houve de alguns levou a gente a desistir dessa experiência, aí veio a discussão de quatro anos, três, quatro anos não me convencia muito porque eu achava muito tempo, o tempo de graduação para concluir o ensino médio e deixava a gente atrás na competitividade com a rede particular, era uma coisa que eu dava muita atenção, dar condições para os nossos alunos competir com os alunos da rede privada, melhores condições para buscar os espaços, seja dentro das universidades públicas seja no mercado de trabalho, e isso foi uma experiência boa que nós iniciamos ali, mas que foi interrompida, hoje enxergar que não era o momento que nós estávamos iniciando discutir o que era currículo integrado, como nós íamos fazer essa integração, mas eu tinha na cabeça coisas que defendi e propus essas experiências porque tinha na cabeça a formação do estudante profissional, o estudante na capital que não precisa desse currículo ele passa o dia todo na universidade, pela relação que ele tem que ter com a biblioteca, então para isso eu tinha na minha cabeça fazer uma grande biblioteca, fazer da biblioteca um espaço em que o aluno podia...

**Entrevistador:** A escola não era só a sala de aula?

**Entrevistado:** Exato, então eu tinha isso na cabeça e tentei implementar, mas achei que o momento que eu pensei essa implementação...

**Entrevistador:** Se olhar foi o de hoje.

**Entrevistado:** De hoje, mas olhando para trás eu vi que eu devia ter esperado, maturado mais essa ideia e acho que seria... avançamos na rede, na nossa rede, e que acho que outros colegas seguiriam, certamente, se tivéssemos um êxito ali, como naquele momento ali, tu sabe, teve uma relação com a gente nesse sentido aí e Imperatriz acabava dando uma espécie de modelo naquele momento.

**Entrevistador:** Uma referência.

**Entrevistado:** Exato, uma referência, e ali foi uma experiência que não deu certo, mas o que eu quero dizer com isso, é que a gente buscava, Imperatriz e muito forte nisso, buscava caminhos próprios para tentar resolver algumas situações nossas, é isso que eu estou querendo te dizer que esses sentimentos na cidade, regionalizados, pelo menos foi uma tentativa na direção, e era muito forte.

**Entrevistador:** Ele demarca uma forma de atuar, de se enxergar na comunidade, é interessante...

**Entrevistado:** E de viver esse novo momento que foi o governo Lula, nós demos um passo...

**Entrevistador:** Um momento, assim, efervescente?

**Entrevistado:** Exato, aproveitamos bem isso, na minha gestão nós implantamos 18, 23 laboratórios, teve um momento que nós aproveitamos bem esse momento para crescer e para dar um salto de qualidade na nossa formação.

**Entrevistador:** Alberto, vamos entrar agora na gestão, chegamos aqui aos anos 2000, estou fazendo uma linha histórica tradicional. Chegamos aos anos 2000, traçamos a direção em 2000 e... sua primeira gestão, 2004?

**Entrevistado:** 2004, nossa primeira gestão.

**Entrevistador:** 2004. Aí tu já falaste um pouco dessa experiência, planejamento, da forma da sua atuação como docente, enquanto práxis, como forma política de atuar é antecedida por uma formação sólida no movimento estudantil, um olhar regional e político importante que é o sentimento da cidade, da região como um todo, mas nós chegamos aos anos 2000 e Imperatriz entra numa, dentro desse movimento até do crescimento econômico que o governo Lula experimentou, não no primeiro mandato, mas principalmente no segundo mandato, chega a Imperatriz um investimento importante para a região que é a empresa Suzano de Papel e Celulose. A experiência da Suzano com o instituto federal é muito bem demarcada a partir da parceria com o *Campus* Imperatriz, que é no período de sua gestão, como diretor geral. Tu sabes que a educação profissional como um todo dependendo do olhar do pesquisador ela tem uma crítica muito forte na interferência do mercado no modelo de EPT que se faz, mas eu também acredito que, resgatando a fala da professora Izaura, não se pode pensar educação profissional sem olhar o mercado, mas não ser orientado pelo mercado, mas perceber que o mercado, também, ele dá algumas pistas para que a educação profissional consiga alcançar seus resultados, que é não só prosseguir nos estudos, mas também estar conectado com o mercado. Como e que tu vê a chegada da Suzano? Como é que foi esse primeiro contato com a Suzano, o que eles esperavam do IFMA e o que o IFMA esperava da Suzano num primeiro momento?

**Entrevistado:** Reinouds, eu participei dessa história desde o princípio, eu recebi a visita do gerente, na época aqui, do projeto da Suzano, por incrível que pareça quando recebi essa visita ele chegou e me disse que tinha avaliado as instituições na região e tinha ouvido muitas pessoas, pesquisado, e tinha recebido, e essa era a instituição que tinha as condições para atendê-los, para conversar sobre o projeto, isso para nós já foi uma coisa muito, muito importante, porque ele veio não diretamente à gente, veio a partir de um estudo de pesquisa da referência da escola, e isso me trazia uma satisfação porque uma das coisas que eu tinha na gestão lá era a ideia de que essa instituição tinha que se tornar conhecida de tal forma pelos seus afazeres, pelos seus programas, pelos seus

feitos não precisaria mais a gente ir atrás. Isso era uma das coisas que eu tinha em mente na época. Mesmo com processo no governo Lula que tinha um pouco mais de autonomia, um pouco mais de recursos para poder trabalhar nossos projetos e a Suzano nos dava uma oportunidade grande, que era de implementar outras coisas que ainda não tínhamos feito, então vimos o que era necessidade da Suzano, a Suzano precisava qualificar mão de obra operacional, ou seja, para fazer a parte de operação [...] disse qual era a necessidade deles de curso que precisava, colocou quais os cursos que nós formávamos serviria como base para esse formação, para esse setor, e que precisaria que a gente fizesse um processo seletivo amplo, inclusive, sem deixar brechas a todos os questionamentos legais do Ministério Público, então essa era a demanda da Suzano. A minha demanda é que nós sentaríamos com a Suzano para montar o projeto, nós faríamos a proposta do projeto, seria especificamente a parte mais técnica que nós teríamos a contribuição, eu aprovaria o projeto dentro do tempo que eles queria, que era um processo de nossos cursos de dois anos, técnico, fazer um ano em dois turnos, mas que aí embutia alguns aspectos sociais, alguns aspectos importantes dentro do projeto, e aí foi a nossa, foi uma contrapartida voltada para a nossa estrutura, para os laboratórios, independentes, e também uma contrapartida voltada para o dia a dia do aluno, alimentação, estágio, e bolsas para os alunos fazerem todo o processo, então passamos meses aí negociando e montando o projeto, isso aqui eu posso, isso eu não posso, valores de bolsa para os alunos, alimentação, onde que foi, como seria, até chegarmos nessa determinação desse conselho, mas aprovaríamos o projeto no conselho superior, nós implantaríamos o projeto em um ano, dois turnos, a Suzano financiava todo o projeto, mais estrutura e laboratórios para a instituição, toda a manutenção do aluno, mais estágio para os alunos fora, capacitação de alguns profissionais nosso dentro dos requisitos que a Suzano gostaria. Então fizemos um processo seletivo para 320 vagas e ultrapassou aí acho que foi, não lembro bem, 131.000, foi uma coisa que nós ocupamos todas as escolas do município...

**Entrevistador:** Só para o seletivo Suzano?

**Entrevistado:** Só seletivo Suzano. E aí eu acho que foi um processo que foi acompanhado pela gente, nós tínhamos uma comissão de coordenação desse projeto, formado pela Suzano, e o processo de construção de sala de aula, um bloco com salas de aula mais sete laboratórios, então eu acho que foi um momento importante, como você falou, dentro do conceito de educação profissional não tem como tirar o mercado, não tem, está embutido no DNA desde o início a relação com o mercado. A grade se discutiu no mundo do conceito era preponderância de um ou de outro, o aspecto humanitário ou do aspecto (00:42:44) essa disputa existe ainda conceitualmente, mas a relação com o mercado sempre esteve, e Imperatriz tinha isso de forma particular, qual era, o governo Fernando Henrique Cardoso, como eu falei, a saída nossa era a relação com as empresas, serviço para poder dar sustentação a instituição, dar funcionalidade a instituição, e o convênio com a Suzano permitiu a gente até conhecer um pouco mais como era o tratamento com planejamento, a gente viu alguns aspectos importantes do planejamento que era no sentido de atingir o que se tinha planejado, isso também marcou um pouco o acompanhamento dessa relação dentro da minha gestão.

**Entrevistador:** Eles, a Suzano, de alguma forma, pelo que você falou, ela financiou todo o projeto. Os estudos foram feitos em conjunto, eu vejo que o modelo CEFET/IFMA de formação integral de certa forma acabou prevalecendo, talvez a Suzano pensasse em algo mais encurtado, mais objetivo, não sei, mas foi difícil essa negociação, se for possível pensar alguém teve que ceder mais para que o projeto desse certo, até onde esse projeto era importante para o IFMA também?

**Entrevistado:** Não tenha dúvida que de duas visões, uma voltada exclusivamente para atender aquele formato que eles queriam, e as matrizes do nosso currículo que determinava que a gente precisava ter isso, isso e isso também, então estivemos várias vezes em mesa de negociações para dizer que isso era importante, para ser aprovado tinha que ser naquele formato, mas nós também nos comprometemos, por exemplo, de criar um curso na área de química que depois pudesse agregar conteúdo voltados para celulose, isso foi, quando eu saí nós tínhamos feito essa negociação, eu não sei se o curso que foi implementado tem hoje esse viés também.

**Entrevistador:** Técnico em química?

**Entrevistado:** É, exato, foi implantado, o que eu achei é que o instituto, tanto o instituto quanto a Suzano acho que ganhavam nesse quesito, no aspecto do processo de formação, mas eu achei que faltou continuidade nessa relação. Quando eu saí se perdeu a relação, inclusive tinha um projeto muito ambicioso meu na época que eu sentei com a Suzano e estava em discussão que era ideia de a gente criar uma engenharia, naquele momento eu não tinha condições de professores ou de estrutura que os fornecedores da Suzano pudessem nos ajudar a criar isso, mas a nova gestão não deu prosseguimento a essa ideia.

**Entrevistador:** Alberto, assim, pensando na experiência da Suzano, várias pessoas já me falaram da importância do empreendimento Suzano para os indicadores econômicos aqui da cidade, isso não se discute. Também não vou entrar na seara dos impactos da Suzano, também acho que isso caberia outro estudo sobre isso, mas pensando Suzano na interação com educação profissional olhando para trás, antes da Suzano, tu tens referência de alguma forma de diálogo com o mercado, você falou aí das parcerias, os cursos customizados, os cursos extraordinários para atender as empresas com contrapartidas para a manutenção mínima da instituição, mas a EPT tem sempre um olhar muito desconfiado dessa interação com o mercado, por conta da própria tradição numa iniciativa muito reduzida de formação para atender um mercado que é muito pragmático, a história da educação instrumental e a educação emancipadora que é a proposta do currículo integrado, mas creio que Suzano é um parâmetro muito específico, mas antes da Suzano, com vias a essa interação haviam uma forma de aproximação com o mercado que definisse internamente o modo de trabalhar da UNED , do *campus* em segundo momento, não?

**Entrevistado:** Não, não, da Suzano foi um projeto mais sistematizado, um contrato, tudo, que se fez, alterações, com eu disse, muito extraordinário, muita coisa foi pequena, pontual, o curso de... para uma determinada coisa, 60h, 30h ou coisa nesse sentido,

muito pontual, muito pequena, a Suzano acho que foi o primeiro modelo que nós tivemos aí mais de ano de parceria voltada, inclusive, para os egressos. Eu compreendo quando tu colocas educação profissional sempre com pé atrás a questão com o mercado, isso é muito forte, depois dos institutos federais, a criação, isso vem acentuando muito, por ser alinhado a essa percepção, mas eu vejo que nós temos que criar e de alguma forma estabelecer uma relação com o mercado, não dá para a gente limitar o DNA da educação profissional, não tem como a gente não estabelecer, o que eu acho que que não pode educação profissional, o modelo de atuação nessa educação nesse ponto não pode ser atrelado, mas submisso a um modelo de imposição do mercado, aí, a meu ver é muita diferença, agora, se monta um trabalho tem que estar relacionado, tem né, tem que nos encontrar, nesse sentido aí, eu não vou entrar na questão dos impactos, naquele momento de implantação não tínhamos isso, não tinha claro, mas nós vimos a perspectiva de alunos nosso, porque eu sempre via a educação profissional por três vieses muito claros, um, o cara buscar qualificação profissional, sobrevivência própria, ou seja, diretamente no mercado e sobreviver ali, aquele que vai fazer qualificação profissional no ensino médio ali junto, integrado, vivendo uma perspectiva do ensino superior, seja ele dentro da área técnica que ele cursou ou não, mas numa perspectiva de que cursou, e aquele que sai da educação profissional com as habilidades de tal forma que ele cria eu próprio negócio. Então esses três vieses a meu ver qualificação profissional e todos eles têm uma relação com o mercado, nem que seja como, por exemplo, aquele que foi para o ensino superior, graduação, a relação que ele tem com educação profissional, essa era uma pesquisa que eu comecei a fazer e não concluí, eu queria saber desses três, do rol de alunos nossos qual desses caminhos nossos alunos trilham, se eles usaram a qualificação só para ir para o ensino superior. Se eles usaram a formação que teve no *campus* aqui só para criar nós fizemos contratação de empresas que eram de ex-alunos nossos, esse aluno fez a sua própria empresa, fez seu próprio negócio ou se é empregado, se foi só para a indústria, para o mercado, isso eu não concluí essa pesquisa, mas dos indicativos que eu tinha, por exemplo, o percentual maior estava encaminhado para o ensino superior, nos percentuais até onde eu cheguei era no ensino superior, o que eu estava tentando detectar aí agora é se esses que estavam no mercado ou desses do ensino superior se eles foram na área que eles fizeram, isso era o foco da minha pesquisa, contribuição da educação profissional nesses dois aspectos da vida deles, se contribuíram para a vida, para entra no mercado de trabalho somente, se contribuiu para o ensino superior, se o ensino superior foi dentro da área que ele fez, ou se contribuiu para ele fazer sua própria empresa, seu próprio negócio, não cheguei à conclusão desse trabalho que ainda espero concluir, mas acho que essa relação com o mercado têm que ser feita, se não de submissão, mas ela está no DNA da educação profissional.

**Entrevistador:** Como é que tu observas essa expansão da rede federal e esse descolamento do setor produtivo, as vezes pela própria característica local ou regional das cidades, como é que tu vês isso? Você vê dessa forma?

**Entrevistado:** Vejo, aí é muito claro a diferença de CEFET para instituto. No CEFET essa integração, até o caminho do conceito de que as engenharias o poder era mais forte, você

tinha uma relação com o mercado de trabalho muito mais forte, dentro de escola técnica e CEFET você via uma relação mais forte com o mercado, os institutos passam, assim, a meu ver, conceitualmente uma concepção mais ampla, melhor, para mim é o melhor projeto, já surgiu políticas públicas nesses últimos tempos no Brasil, ele traz o aspecto, não tira o chão de fábrica, mas ele dá o aspecto da cidadania e da relação com o desenvolvimento socioeconômico regional muito forte, isso é interessante, mas a Constituição diz, a formação dos cursos, ou seja, como você colocou aí, então o principal curso que nós temos no instituto era maioria nos *campi*, administração, e nós vamos, nesses cursos que estão implantando a meu ver tem duas concepções aí, uma bem resolvida e uma que os institutos não resolveram bem. Quando eu entrei no CEFET a ideia que se tinha no CEFET era transformar CEFET na universidade tecnológica, isso vem de uma tradição da cultura brasileira desde os tempos coloniais, que era um desejo para o ensino superior, quando você chega numa cidade primeiro lugar que eles querem é cursos superiores.

**Entrevistador:** Os cursos de prestígio, direito...

**Entrevistado:** Exato, busca muito essas, primeira vontade que se tinha no CEFET era ter curso superior, as engenharias, nas universidades e eu era contrário a isso, quando veio a concepção de Instituto Federal foi espetacular, ia permitir a gente manter 50% como diz a lei de criação para educação básica e profissional, depois nós tínhamos o percentual para atingir dentro das engenharias, do ensino superior, mas nós tínhamos como foco principal da nossa atuação a educação profissional, a meu ver isso aí foi fundamental, só que traz esses limites da lei é não bater com essa tradição cultural de que você chega no município a primeira coisa é o ensino superior. Eu estou em Grajaú e nós estamos com quatro anos, eu estive lá desde o início da criação do instituto, fiz as audiências públicas e o desejo é o ensino superior, só que eu e também a lei colocam que nós temos que trabalhar a educação básica, a educação profissional como foco principal, e depois fazer a verticalização, se possível. Eu concordo com essa concepção quando coloco que os institutos federais com essa ampliação de conceito de cidadania se perdeu muito a relação com o mercado, eu acho que não se estabeleceu novas a partir desse conceito novo novas relações, tanto que a Suzano, vou dar um exemplo aqui, depois dessa nossa relação aí ela passou a ter uma relação mais específica com o sistema S, porque ia atender ela especificamente, faltou da nossa parte a partir desse novo conceito sentar com ela novamente e dizer aí, não se submeter, mas fazer uma relação de construção como foi, nós tivemos os nossos técnicos pedindo a grade curricular do curso e tendo a área humana, os aspectos que nós precisávamos no currículo para poder avançar o projeto, mesmo que a empresa fizesse um processo mais restrito. Então eu vejo hoje que o mundo do trabalho, como você falou, ter um mundo produtivo tem que estar na relação com a educação profissional, os institutos encabeçaram conceitos amplos de desenvolvimento regional dentro do nosso fazer da educação profissional, que a meu ver foi extraordinário, porém, não se restabeleceu essas novas relações com o mercado.

**Entrevistador:** Talvez um novo acordo, uma nova forma de mediar com o mercado?

**Entrevistado:** A olho nu, isso não tenho dúvida que a olho nu, sem uma pesquisa nós temos a maioria dos nossos alunos voltados para o ensino superior... não é ruim não, é uma possibilidade que tem que estar ali e é importante ter isso mesmo. Mas, o que eu quero dizer com isso: que se perde muito na relação também com a o trabalho produtivo que tem que ter, eu não estou defendendo aqui a predominância que nós vamos trabalhar dentro do sistema para atendê-los, lógico, mas eu acho que é uma relação importante que vai permitir a própria empresa ter conhecimento de outros valores dentro do processo produtivo fazer com que eles entendam que tem que ser incluído, por isso que eu acho que não devemos abrir mão dessa parceria, nós temos que estabelecer uma nova relação para que esse aluno se estabeleça também nesse mundo.

**Entrevistador:** Alberto, para fechar esse raciocínio, e a gente encaminhar, tu não achas que, talvez, essa fragilidade de hoje do diálogo com o setor produtivo seja pela ausência do setor produtivo na maioria das cidades que o instituto hoje está? Você acha que isso influencia também na forma de atuar do instituto?

**Entrevistado:** Não tenho dúvida disso.

**Entrevistador:** No perfil de aluno que a gente recebe também?

**Entrevistado:** Exato, não tenho dúvida disso, além de eu achar também que, por exemplo, mesmo com a presença do setor produtivo em algumas cidades pequenas, acho que, às vezes, o processo de desorganização do setor produtivo impede muita gente na entrada nesse mundo, você vai numa... eu tive essa experiência, da relação com uma indústria que empregava muito, e nós fomos, inclusive, tentar uma relação de certas coisas que poderia atender, mas eu via naquelas relações ali na própria visita a empresa o desprezo pelos EPs, e a nossa relação é uma relação com a legalidade, isso ainda em alguns estágios do setor produtivo não é interessante, não é bem visto.

**Entrevistador:** Tipo, eu ouvi de um colega assim, o aluno do instituto ele dá muito trabalho, fica questionando tudo, que não tem EPI, que às vezes não é adequado. É isso?

**Entrevistado:** Exato, isso aí eu presenciei e vi a dificuldade de a gente fazer a tratativa na nossa exigência que tem os pré-requisitos legais muito presentes, e dentro do setor produtivo ainda não estruturado isso pode ser visto até como um risco, como um problema, então dentro das cidades com menos de 50, até 50 mil habitantes ainda que você não tenha um setor produtivo definido que possa dar vazão a uma demanda vai complicar a relação do instituto com o setor produtivo, por isso que ela se dá às vezes mais macro, com as grandes empresas, tanto que não atua muito com menores empresas, sempre com grandes empresas porque tem que se dar dentro de uma relação com os pré-requisitos legais, e acho que isso tu tem razão, às vezes isso vai interferindo no formato do nosso aluno, na forma, na concepção da formação desse aluno e até na definição dos cursos, porque não dá para definir o curso sem o currículo, grade curricular ou formação restrita, específica para atender princípios dos processos produtivos, isso se aprende dentro da empresa, tem que ter valores de inovação, valores de criatividade que possa estar engendrado nessa formação que a meu ver é o mais importante na operação.

**Entrevistador:** Obrigado, professor Alberto por suas contribuições.

## APÊNDICE C – ENTREVISTA JOÃO FRANCO NETO

Entrevista / Identificação: SN Áudio	Entrevistador: Reinouds Lima Silva
Data da Entrevista: 11 dez. 2020	Duração: 1h05min08s
Entrevistado: João Franco Neto	Perfil: Servidor IFMA. Faz parte do primeiro grupo de servidores do <i>campus</i> . Participou do processo de implantação da UNED Imperatriz e do Curso Técnico em Edificações.

**Entrevistador:** Início padrão das entrevistas – Apresentação da pesquisa, objetivos e do TCLE. Leitura dos Termos de Participação. Pedido de manifestação de Interesse em participar da pesquisa.

**Entrevistador:** Entrevista com o professor João Neto do Instituto Federal do Maranhão. Hoje são 11 de dezembro de 2020, às 8h55. Professor obrigado pela disponibilidade em participar.

**Entrevistado:** Eu que agradeço o convite.

**Entrevistador:** Inicialmente professor eu quero deixar o senhor à vontade no sentido de falar dessa sua trajetória acadêmica e sua trajetória pessoal. O senhor é imperatrizense?

**Entrevistado:** Sou de Amarante do Maranhão, mas já tenho, há muito tempo que moro aqui já.

**Entrevistador:** Então fique à vontade para fazer uma apresentação sua, falar da sua trajetória acadêmica.

**Entrevistado:** Bom, professor eu sou de origem maranhense, nascido na cidade de Amarante, vim para imperatriz aos quatro anos de idade, e aqui fiz carreira, sou formado pela Federal de Belém, a UFPA, bacharel em engenharia civil, e já fiz vários cursos de especialização pelo IFMA, toda a minha formação eu tenho gratidão ao IFMA, inclusive alguns cursos no exterior, que eu fiz na Universidade da Pensilvânia em Open, e também fiz na Insead nos Estados Unidos, tudo com apoio do IFMA, e mais recentemente eu me especializei em geotecnia de solos pela Universidade Federal de Ouro Preto, tá. E a minha vida acadêmica ela se confunde com a vida da engenharia, então eu trago comigo essa relação de trabalho, então eu organizei uma empresa de engenharia e essa empresa de engenharia ela é fruto de todo o trabalho que eu desenvolvi e tenho desenvolvido no IFMA, que através de contratação de ex-alunos para esse meu trabalho de consultoria na área da engenharia. Hoje eu já estou com 33 anos de IFMA, no dia 27 de março eu faço 34 anos de casa, portanto, eu sou o pioneiro, sou pioneiro da primeira turma que ingressou na antiga escola técnica federal em Imperatriz do Maranhão, tá. E sempre ministrando disciplinas profissionalizantes na área da engenharia, da engenharia civil. E ao longo desses anos a gente tem uma folha de serviço prestado muito grande, né, tanto na parte acadêmica de formação de muitos alunos, como também na área da

engenharia na cidade, né, tem ajudado a construir vários prédios, vários monumentos aqui na região.

**Entrevistador:** Franco Engenharia?

**Entrevistado:** Franco Engenharia. Então é isso professor, mais ou menos é um pouco da minha história, sempre indo para estudar e voltando para construir, e para a nossa origem que é IFMA unidade de Imperatriz.

**Entrevistador:** Professor, o senhor fez engenharia em Belém. Qual foi o ano de conclusão?

**Entrevistado:** 1986.

**Entrevistador:** E começou no IFMA então em 87, 88?

**Entrevistado:** 87, 87, em março de 87.

**Entrevistador:** Recém-formado então?

**Entrevistado:** É, 23 anos, eu entrei bem jovem.

**Entrevistador:** Só para entender, nos anos 80 pelo que eu já conversei com alguns colegas da área da educação, Imperatriz basicamente tinha uma boa universidade de formação de professores, que era a UEMA?

**Entrevistado:** Sim.

**Entrevistador:** E recentemente é que houve expansão com outros cursos, bacharelado, nos anos 90 principalmente. O desejo de ir a Belém e a engenharia surgiu em que perspectiva?

**Entrevistado:** Olha, a minha vontade de fazer engenharia surgiu por conta de relações com engenheiros mais experientes aqui da região de Imperatriz, eu fui trabalhar como office boy numa empresa de engenharia, e aquilo me clareou a ideia que eu poderia fazer engenharia, eu fiz o ensino médio o Graça Aranha, e no Graça Aranha tinha técnico em eletrotécnica, apenas técnico em eletrotécnica, e eu fiz esse curso de técnico em eletrotécnica, e ali eu me identifiquei com essa área de engenharia civil trabalhando como office boy numa empresa de engenharia, menor de idade, naquele tempo a gente podia trabalhar menor de idade, eu com 15 para 16 anos eu montado numa bicicleta eu fazia todo o serviço externo da empresa de engenharia, e aquilo me surgiu a ideia que eu podia fazer engenharia, e aí eu provoquei isso no meu pai que era um exímio barbeiro aqui na região, barbeiro e alfaiate.

**Entrevistador:** Interessante essa experiência...

**Entrevistado:** E o meu pai se limitou a recursos financeiro para eu viajar para estudar fora, foi quando surgiu um professor meu engenheiro civil do DNOCS, de origem paraense, de Belém, e falou: João, se o teu pai não tiver recurso eu vou te bancar em Belém para você ir, você mora com a minha mãe, e aí aquilo me deu um ânimo, e eu fui

falar com o meu pai, e o meu pai entendeu prontamente, e assim eu fui, só que na época eu tive a sorte de encontrar uns amigos que já morava na casa do estudante, aí eu fui morar na casa do estudante, fui indicado, eu consegui a vaga por conta da declaração de pobreza que a nossa família era muito humilde, e aí eu ingressei na casa do estudante e por lá fiquei durante seis anos, entre cursinho e escola de engenharia. Quando eu cheguei aqui recém-formado no dia 27 de dezembro de 1986 surgiu uma ata de concurso público da então escola técnica federal que era por análise de currículo, e aí eu coloquei o meu currículo e como eu tinha estagiado durante cinco anos na empresa de engenharia e mais o curso de engenharia aí eu fui chamado porque eu ia assumir quatro assim disciplinas, e realmente eu assumi cinco disciplinas na época, nós éramos três professor para dar curso, dar conta do curso de edificações, era eu Mariano e professora Sueli Viana, era nós três para dar conta.

**Entrevistador:** Mariano Matos?

**Entrevistado:** Mariano Matos Ribeiro.

**Entrevistado:** É exato, ele foi, logo na sequência, na verdade ele ingressou junto com a gente, ele veio para fazer, suprir essa necessidade, ele veio para dar aula de topografia e materiais de construção e de desenho, Mariano ficou nessas cadeiras, e eu fiquei nas restantes de engenharia, eu e professora Sueli Viana que era uma arquiteta, que veio a falecer aos depois, acidente muito trágico. E assim começou a constituir a escola técnica federal, né, nós começamos com 14 professores, apenas, não tinha administrativo na época, e nós fazíamos tudo, né, inclusive o boletim da época era manuscrito e o boletim dos alunos tinha 14 letras, porque cada professor preenchia as suas notas num boletim único, e aí eu preenchia na área de edificações, o outro preenchia na área de português, outro na área de matemática, o boletim do aluno fazia rodízio, e ele era na mão, não tinha informática naquela época, né.

**Entrevistador:** Imagino a dificuldade.

**Entrevistado:** A dificuldade, né. Nós começamos num prédio emprestado do governo do estado do Maranhão, que era o Colégio Dorgival Pinheiro, foi um colégio emprestado. E a nossa clientela no primeiro momento basicamente formam das empresas estatais de engenharia que tinha na cidade, Telma, Cemar, Caema, concessionárias de carro, então todos esses meninos que trabalhavam nessas empresas foram para dentro da escola técnica federal fazer o curso médio, e logo, logo o que nós percebemos na cidade, que a mão de obra estava sendo qualificada, nossos alunos começou a tomar conta dos postos de trabalho mais importantes dessas empresas.

**Entrevistador:** Nesse primeiro momento era só o curso técnico, ou era o médio com o técnico?

**Entrevistado:** Só o técnico, só o técnico.

**Entrevistador:** Fazia o médio em outra escola...

**Entrevistado:** Edificações, eletrotécnica e eletromecânica, e aí nós começamos a perceber isso, no setor de obra nós começamos a formar grandes líderes para comandar as obras, e logo, logo todos os prédios de Imperatriz tinham nossos ex-alunos tocando essas obras, para a nossa alegria, e aí os canteiros de obra de Imperatriz viraram laboratório a céu aberto, escola técnica federal, porque nós tínhamos essa conexão direta.

**Entrevistador:** Não tinha estrutura física no início?

**Entrevistado:** Não tinha, a estrutura física veio em 1990, presidente Sarney veio e inaugurou, inclusive eu fui uns do que recepcionou o presidente Sarney, os laboratórios foi eu que apresentei para o presidente Sarney na época, né, ele muito jovem, né, era um presidente de 50 e poucos anos na época no máximo, ele não tinha 60 anos, ele tinha 50 e poucos anos, e eu tinha 23 anos, 23 não, 24, 25, 26, eu tinha 26 anos na época, quando nós inauguramos aquele prédio de aproximadamente 15.000 m<sup>2</sup> de área, mas a área toda é 69.000 m<sup>2</sup>.

**Entrevistador:** Mas professor, tem uma questão que eu acho que é muito importante, e o senhor já de início o senhor já chamou atenção para mim, que é essa relação da escola profissional, no caso IFMA enquanto escola de educação profissional, com a comunidade, principalmente o setor produtivo. É possível afirmar no primeiro momento que as escolhas dos cursos não tiveram uma primeira imersão no mercado local para ver a questão de emprego desses estudantes?

**Entrevistado:** Sim. Olha, o mercado absorveu bem, porque as concessionárias de um modo geral na área de eletromecânica elas absolveram praticamente todos os nossos alunos, e no caso da eletrotécnica, nós tivemos a Cemar, Caema, tivemos a Vale do Rio Doce na época, e tivemos as siderúrgicas de Açailândia, então no polo da siderurgia teve muitos alunos nossos que se envolveu lá, e na área de edificações foi a que mais absolveu, porque não para o crescimento na área da engenharia civil aqui na região, então... E os nossos alunos ao longo dos anos foram se aprimorando e foram para a engenharia civil, depois do ensino médio eles caíram para engenharia civil, uma boa parte ficou naquele primeiro momento, na década de 90, né, toda década de 90 foi absolvido aqui na região, e depois eles começam a sair para fazer engenharia fora, engenharia civil, e uma boa parte retorna, então hoje Reinouds, se a gente for fazer uma catalogação de todas as empresas de engenharia aqui do sudoeste do Maranhão praticamente todas as empresas tem ex-alunos do IFMA, ali no centro ali, no bairro Três Poderes, no bairro Maranhão Novo, na Estrada Pedro Neiva que vai para o João Lisboa todas essas obras tem ex-alunos nossos tocando essas obras, então, assim, foi uma escolha acertada para a época, e hoje está se revisando essa nossa cartela de cursos, né, essa catálogo nosso e curso, mas a parte de civil ainda é a bola da vez, lógico seguido com eletrônica, eletroeletrônica, com a parte de informática, em outro período teve o meio ambiente que já voltou novamente o meio ambiente. Tem a parte também dos cursos técnicos de administração que é muito bom, né, muito bom para a região, entendeu?

**Entrevistador:** O curso de química, com a questão da celulose também?

**Entrevistado:** Curso de química, questão da celulose. Inclusive nós criamos um polo da celulose dentro, uma unidade dentro do IFMA, eu foi uma parceria que foi feita, assim como foi feita com o SENAI, foi feito também com o IFMA, e nós fizemos uma permuta em que eles proporcionaram um bloco de sala de aulas, né, para atender a demanda deles, sendo que a certificação era nossa, essa foi a demanda. Mas de um modo geral eu acredito que superou a expectativa, principalmente na área que eu milito que é engenharia, eu tiro pela nossa organização, a nossa organização ela é formada por 100% de ex-alunos, 100%.

**Entrevistador:** Como que o senhor analisa a interação entre a educação profissional e o mercado de trabalho?

**Entrevistado:** Olha, o que eu percebo é que nós precisamos retomar o que nós fizemos há décadas atrás, tá, o que a gente fazia há décadas atrás, na década de 90 por volta de 94, 95 com a administração do professor Moraes, a gente tinha um departamento exclusivo, exclusivo de relação escola, empresa e comunidade, a gente fazia plantões com empresários dentro da escola, a gente levava a empresa para dentro da escola para a empresa ver como o aluno, futuro funcionário hoje aluno ia agir na sua empresa, e com isso as deficiências que a gente tinha mínima de laboratório era suprida pelo próprio empresário, então essa é uma política que essa nova administração já colocando em pauta, eles já nos convocaram para a gente fazer essa ajuda, essa interação, e nada melhor do que ao invés da escola só ir até a empresa a empresa ia até a escola, então eu acredito que quando você chama o empresário para ele assumir parte da responsabilidade da formação do seu futuro funcionário ele agradece, ele fica satisfeito, e ela começa a perceber que muita coisa é boa, mas muito pode ser melhorado, e ele ajuda a melhorar, isso aconteceu com a rede de concessionárias da Ford e da Fiat, a Ford e a Fiat era presente dentro da instituição, e a proposta agora é retomar isso o mais rápido possível, existe a interação, existe, mas a gente precisa alavancar, a gente precisa alavancar, e só alavanca se a gente levar o empresário para conhecer o nosso potencial, porque o nosso potencial hoje ele é muito grande em termos de infraestrutura, em termos de tecnologia, em termo de equipamento.

**Entrevistador:** Quadro de pessoal, professores também?

**Entrevistado:** Quadro de pessoal é o melhor, nós somos a elite acadêmica da educação profissional, tá, IFMA é a elite acadêmica da educação profissional. E nós só precisamos entender que o empresário também tem que saber disso, mas tem que saber no dia a dia, in loco, então qual é o nosso projeto, e nós próximos meses já retomar a ida do empresário para dentro da escola, para ele ver onde é que tem falha para ele poder suprir e melhor adequar isso para o aluno que será o seu futuro colaborador, isso vai acontecer nas empresas de engenharia civil, nas empresas de eletroeletrônica, nas empresas que tem a ver com o meio ambiente, as empresas na área de administração, enfim, toda essa cadeia produtiva para que realmente nosso aluno ele tenha até mais ganho com isso, entendeu, e vai ter com certeza absoluta. Então essa interação é muito importante, agora a escola não pode deixar de estar olhando para o futuro, no presente olhando para o

futuro, e para futuro já é hoje, é tudo muito rápido, a tecnologia na área da engenharia ela é muito rápida.

**Entrevistador:** Como é que o senhor vê esse diálogo das engenharias, a área técnica e tecnológica com o currículo comum, e como isso se reflete no técnico que hoje está lá na Franco Engenharia, isso faz diferença?

**Entrevistado:** Olha, a equipe da área de humanas da escola faz um trabalho belíssimo quando a isso, então todo o nosso aluno ele só não tem essa visão crítica se ele não se envolver, mas o departamento de assistência ao decano, o departamento pedagógico, assistência ao decano que envolve a psicologia, dá um preparo muito para o nosso aluno, que é uma visão de mundo, então os nossos alunos de modo geral ele é um aluno crítico, ele é um aluno crítico, ele é um aluno que pergunta, ele é um aluno curioso, ele é um aluno que quer saber a origem de cada coisa, então nós da engenharia nós somos provocados a isso, eu juntamente com o nosso coordenador e mais professora Joana, mais professor Ari Fran e outros professores da área, somos muito voltado para esse lado, a gente ensina engenharia, mas a gente ensina o aluno a ser um aluno crítico, de onde é que vem isso, por que isso nasceu, isso direto com a engenharia, como também na área política, na área administrativa, na área humana, a gente não quer criar um bolsão de aluno que só pense reto, ele tem que ter a visão de 360 graus, eu acho que o grande trunfo da educação profissionalizante do IFMA, e porque a nossa equipe da parte pedagógica ela é muito atuante, e ela age com bastante maestria quando a isso, se você conversa com aluno do IFMA, mesmo ele não tendo participado do movimento estudantil ele tem um pensamento diferente, ele tem um pensamento crítico, ele vai nessa *vibe* de nós temos que mudar, nós temos que acontecer, nós temos que pensar diferente porque o que a gente fala para o aluno, olha, quando tu for para uma entrevista tu não vai ser só perguntado pela engenharia, eles vão te perguntar dos conhecimentos gerais, eles querem saber o que está acontecendo na Ásia, nos Estados Unidos, na China, bem aqui em Brasília, o que está acontecendo em Brasília, cadê as leis que estão regendo o nosso mercado tecnológico.

**Entrevistador:** O que isso tem a ver conosco? Fica uma pergunta...

**Entrevistado:** O porque nós estamos aqui, né? Porquê, qual é o apelo social que eu preciso dar naquilo que eu estou me formando, eu tenho que ter o modelo social, né? Então tudo que a gente vai desenvolver se a gente não tiver um apelo social a gente não tem sentido de vida, porque por mais que eu seja engenheiro eu tenho que ter esse olhar crítico, essa olhar humano, porque senão eu sou mais um no mercado, e o aluno do IFMA é o aluno com selo federal, e o selo federal ele tem que ser bem preservado, eu acho que essa relação aí a gente está bem, eu credito um ponto positivo do setor pedagógico, ligado à assistência educando, a parte de psicologia, toda essa parte, eles atuam muito bem, muito forte.

**Entrevistador:.** Como é que o senhor vê o futuro a partir da realidade de hoje, questões econômicas, sociais, a própria questão educacional, até onde o *Campus Imperatriz* consegue retomar, resgatar ou se reinventar nesse processo?

**Entrevistado:** Eu tenho certeza que nós somos referência ainda, e vamos continuar sendo, agora, eu acho que nós temos potencial para melhorar, e essa melhora ela se dá o que, ela se dá com o aprimoramento dessa turma nova que está chegando junto com a turma já existente, mas lançando mão do mercado, que eu não acredito na escola sem mercado, a gente tem que estar em consonância, em conexão, nós temos que estar conectados com o mercado, e para a gente conectar com o mercado nós temos que ter essa intimidade com o empresário e com as instituições constituídas, Sinduscon, federação das indústrias, SENAI, SESI, associação comercial, setor público, entendeu, inclusive a primeira pauta dessa nova administração relacionar todas as instituições potenciais e empresas potenciais para a gente dizer, olha, nós estamos aqui presentes, e nós como professores com a nossa força acadêmica nós estamos aqui com nossos alunos para servi-los, só que vocês precisam conhecer o que nós temos de melhor, só dá para conhecer se for lá na sede, e aí nós vamos chamá-los para dentro da instituição, vamos levar prefeito, vamos levar presidente da associação comercial, gestor do Instituto Euvaldo Lodi que é a casa da FIEMA, vamos levar SENAI, vamos levar... porque são casa que tem a ver com a gente, entendeu, vamos levar a associação comercial para dentro, vamos levar as concessionárias na área de eletroeletrônica e mecânica para dentro da escola, então a gente tem que fazer esse apanhado, então a primeira coisa é dizer que estamos presentes no mercado e nós queremos que o mercado esteja presente dentro da instituição, eu acho que esse é o caminho, envolver as pessoas, e assim, para complementar isso e gerar dividendos, não só acadêmicos, mas dividendos financeiros e técnico, nós temos que forçar a fundação a se auto representar em Imperatriz, e nos outros *campus*, não só em Imperatriz.

**Entrevistador:** Professor, muito obrigado por sua contribuição e disponibilidade.

## APÊNDICE D – ENTREVISTA ÁGELA MARIA MOURA PEREIRA

Entrevista / Identificação: SN Áudio	Entrevistador: Reinouds Lima Silva
Data da Entrevista: 05 maio 2022	Duração: 1h05min08s
Entrevistado: Ágela Maria Moura Pereira	Perfil: Servidora IFMA. Foi redistribuída do Instituto Federal do Tocantins e traz a experiência e dinâmica dessa outra instituição para contribuir e analisar os processos de trabalho do IFMA.

**Entrevistador:** Início padrão das entrevistas – Apresentação da pesquisa, objetivos e do TCLE. Leitura dos Termos de Participação. Pedido de manifestação de Interesse em participar da pesquisa.

**Entrevistador:** Entrevista com Ágela, assistente social do *Campus Imperatriz*, hoje são 5 de maio de 2022, 10h da manhã. Ágela, primeiro, obrigado por participar! Então, inicialmente, assim, eu quero que você se apresente, fale do cargo, sua experiência, formação, faça um pouco dessa sua trajetória, ok?

**Entrevistada:** Tá. Eu me chamo Ágela Maria Moura, assistente social do IFMA desde final de 2019, estou no cargo de assistente social desde 2009, mas no instituto a partir de 2010, e no IFMA a partir de 2019. Nós trabalhamos no IFTO para assegurar, no IFMA para assegurar os direitos dos estudantes relacionados aos auxílios, a política de assistência estudantil, na garantia que o aluno não vai evadir, ela vá complementar, ou completar os seus estudos e finalizar com êxito o tempo de estudo no IFMA, então, assim, a prioridade é que esse aluno ele tenha êxito, ele consiga finalizar o curso no tempo programado para que ele finalize, e que esse aluno ele seja acompanhado pela política de assistência, não só pelos auxílios, mas esse acompanhamento geral da família, que é importante, então o serviço social ele é parceiro do setor pedagógico para acompanhar esse aluno durante esse período que ele está conosco matriculado no IFMA.

**Entrevistador:** Ótimo, obrigado, Ágela. Assim, o *Campus Imperatriz* ele... sua trajetória aqui no *campus* é mais recente, tem mais ou menos dois anos, teve pandemia, essa história que causou esse distanciamento, uma reorganização da escola, o *campus* está retomando o presencial agora em 2022 não é isso?

**Entrevistada:** Isso.

**Entrevistador:** Como é que você descreve para mim o *Campus Imperatriz*?

**Entrevistada:** Olha, o *Campus Imperatriz* ele tem uma trajetória muito grande na cidade, é um *campus* que tem nome, então, assim, já começa pela seleção, então acredito, assim, que é um sonho de vários alunos, é um sonho dos alunos aqui de Imperatriz passar no seletivo do IFMA, então, assim, para eles já é uma grande vitória, então, assim, pelo nome que o IFMA tem e o peso positivo a gente verifica que é de suma importância essa questão dos cursos também, profissionais, muitos alunos entram, onde eles estão, ali, no mercado de trabalho, a parte dos estágios, a parte do ensino e pesquisa, nós

temos alunos hoje no Canadá, em outros países, então, assim, a gente verifica que o IFMA ele tem, assim, um olhar muito grande, tradicional, que é uma escola realmente aqui em Imperatriz bem tradicional, eu me lembro que até antes de trabalhar aqui eu já tinha os olhos, achava o IFMA magnífico...

**Entrevistador:** Você é da cidade?

**Entrevistada:** Eu sou da cidade, antes de trabalhar, quando eu já estudava eu achava o IFMA, meu Deus, o IFMA é magnífico então, assim, é um nome que ele traz e que ele tem levado esse legado até hoje, tanto que nós temos aí profissionais médicos, o diretor do IFTO ele foi aluno nosso, o gerente de ensino de lá foi aluno nosso do IFMA, então, assim, isso é muito bom, porque a gente verifica que nós estamos colhendo, o IFMA está colhendo o que foi plantado e outras décadas, então isso dá continuidade para os nossos alunos atualmente, serve de incentivo, porque se você tem o diretor do instituto que estudou aqui, o médico tal que estudou aqui, então o aluno ele vai, aquela pessoa como a pessoa que ele quer seguir...

**Entrevistador:** Uma inspiração?

**Entrevistada:** Uma inspiração, eu quero ser como fulano que foi aluno do IFMA, então o IFMA ele tem esse nome e uma tradição muito positiva.

**Entrevistador:** Então esse prestígio ele ao mesmo tempo que inspira o estudante ele também mobiliza os servidores para manter esse patamar, você acha que é assim?

**Entrevistada:** Eu acho, acredito que sim, que a gente tem que vestir a camisa, porque se o servidor não vestir a camisa a gente vai perder esse nome, que um nome para ser construído ele demora muito, e também para a gente perder é muito rápido, então o servidor ele tem que vestir a camisa, e eu vejo muito isso aqui, não 100%, mas eu vejo muito isso que é um trabalho em equipe, tanto setor pedagógico, o serviço social hoje ele está dentro do NAE, que é o núcleo de assistência estudantil, então no núcleo de assistência estudantil nós temos ali psicólogo, a nutricionista, o médico, a enfermeira, o técnico de enfermagem e o serviço social, então é uma equipe que acompanha esse aluno, nós fazemos esse levantamento, esse acompanhamento anual do aluno, junto ao núcleo.

**Entrevistador:** Entendi. Você, como chegou recente, tem Imperatriz, mas está na rede desde 2010, a sua chegada com servidora nova, digamos assim, recém chegada em Imperatriz. Como é sua interação com os veteranos? Os servidores mais antigos do *Campus*? Como é esse movimento de troca de experiências de trabalho, como é que você visualiza isso? E você, assim, é bem recente mesmo, você tem dois anos...

**Entrevistada:** Aqui sim. Eu visualizo, assim, ocorreram diversas mudanças, às vezes eu percebo que existe um pouquinho de dificuldade quando você chega, que você é novato, alguns servidores que já tem algum tempo tem um pouco de resistência, eu já percebi também isso, mas, assim, como servidora nova acredito que a gente tem que aproveitar, então eu tenho aproveitado as experiências e o tempo de trabalho dos veteranos, que eu

acredito que é isso que a gente tem que aproveitar, então, assim, eu sempre digo, chegou antes, eu tenho que respeitar porque ele já estava aqui.

**Entrevistador:** É meio que um código?

**Entrevistada:** É meio que um código, às vezes a gente até não concorda com algumas coisas, porque, assim, como eu cheguei por último eu falo, ah, não, isso aqui não é demanda do serviço social, é, até que você consiga dizer para aquele servidor, olha, não é mais, já foi, mas não é mais, então, assim, existe aquele embate, mas, assim, você tem que saber aproveitar isso de forma positiva, então, eu trabalho muito a questão da experiência, da experiência. [Interrupção]

**Entrevistador:** Continuação de entrevista com Ágela, assistente social do *Campus Imperatriz*. Nós falávamos, então, desse código, de quem chega depois respeitar quem chegou antes, e essa transição de procedimentos.

**Entrevistada:** De procedimentos do que já vinha acontecendo, de toda uma organização que já existia, então geralmente, às vezes, quando o servidor não chega que aí você, mas aí, você quer implantar algo, mas já acontecia assim, então algumas vezes acredito que tenha essa diferença, esse estranhamento, mas a gente tem levado, graças a Deus eu levo muito pela questão de contar, colaborar, você tentar buscar, porque, assim, quando geralmente tem esse tipo de desentendimento, mas não um desentendimento ruim, um desentendimento para evoluir, então, geralmente, vamos marcar uma reunião, vamos discutir isso, vamos, né, e quem fez o nome do IFMA e tem feito o nome do IFMA são essas gerações, então a geração ela vai passando para outra, tem uma turma aí que está aposentando excelente, então, assim, tem Isaura, tem Célia, tem uma turma aí que a gente fica se perguntando, meu Deus, como vai ficar o IFMA sem Isaura...

**Entrevistador:** A Isaura é um pilar desse *campus*?

**Entrevistada:** É um pilar, então a gente fica se perguntando, como vai ser, será que vai ter alguém que vai conseguir, não vai substituir, claro, mas se aí conseguir levar esse legado, dar essa continuidade, que a gente sabe que ela é muito querida, igual a outros servidores também, que a gente sabe que são muito queridos, né, professores...

**Entrevistador:** Eu estou na rede desde 2008, 2007, eu comecei e quem ajudou lá o processo de implantação foi Imperatriz, minha primeira formação pedagógica foi com Isaura e Vilma, que era assistente social.

**Entrevistada:** Sim.

**Entrevistador:** Referências aqui nessa região. Isaura realmente é uma grande referência e me parece que ela começou o processo de aposentadoria e acho que ela relutou muito, né?

**Entrevistada:** Ela começou, está aguardando com medo de sair. [Risos].

**Entrevistador:** Vai fazer muita falta.

**Entrevistada:** Ela vai, ela vive isso aqui.

**Entrevistador:** Ágela, no contexto de *campus*, né, vamos agora tentar fazer uma descrição mais crítica, né, quais são os principais problemas que, na sua visão, o *campus* enfrenta atualmente? Quais são as dificuldades do *Campus Imperatriz* em manter esse legado no dia a dia, como é que você visualiza isso?

**Entrevistada:** Olha, sobre as dificuldades eu acredito que, eu não sei te explicar direitinho, eu sei que, assim, durante a pandemia, até constou no processo seletivo, foi por sorteio, eu acredito que agora nesse último seletivo nós tivemos problemas também para conseguir, porque, assim, o que era muito concorrido antes eu acredito que apresentou um problema pós pandemia, então esse último seletivo pais ficaram chamando alunos aí, eu não sei te explicar, assim, qual foi a problemática, eu sei que foi pós pandemia, então, assim, a gente tem que tomar esse cuidado de dar continuidade a essa organização, eu acredito, também, que a questão da comunicação é muito importante e essa nova direção que assumiu durante a pandemia ela tem feito muito isso, essa questão da comunicação, dos meios sociais, Instagram, porque os alunos eles visualizam muito isso, então de qualquer forma tem que se atualizar, eu sempre informo isso, porque não adianta, está anos luz, os meninos estão totalmente adiantados nessa questão da comunicação e do acesso à internet, então eu acredito que às vezes pode estar faltando, estava, porque a gente tem feito muito essa questão da organização da comunicação, de incentivo, né, porque eu acredito que também no período que poderia estar sendo feito visitando as escolas, eu acho que falta um pouco disso.

**Entrevistador:** Contato com a comunidade não pode esfriar?

**Entrevistada:** Eu sinto falta disso, que eu acredito que antes do seletivo poderia te nas escolas de ensino fundamental.

**Entrevistador:** Não só na época de divulgação?

**Entrevistada:** Não só na época de divulgação, por exemplo, se tivesse um pouco próximo de abrir a seleção poderia dar uma passada nas escolas públicas, ensino fundamental para incentivar, olha, vai ter seletiva, porque a gente não pode perder essa questão, e a dificuldade é essa, a gente sabe que tem a dificuldade atual também na questão dos recursos, após a pandemia a gente teve corte de recursos, também na assistência, então, assim, foi cortado uma grande parte dos recursos da assistência, e acredito que nem só da assistência, foi reduzido aí...

**Entrevistador:** Para o geral.

**Entrevistada:** O geral.

**Entrevistador:** Custeio, capital...

**Entrevistada:** Isso, mas ainda sentimos falta.

**Entrevistador:** Nos últimos anos não tinham acontecido cortes, certo? No retorno houve redução.

**Entrevistada:** Foi, houve redução. Durante a pandemia foi modificado totalmente os auxílios, então, assim, antes da pandemia oferecia auxílio transporte, auxílio-moradia, o auxílio alimentação, durante a pandemia, claro, os alunos estavam de trabalho remoto, então era auxílio digital, bolsa de estudos...

**Entrevistador:** Compra de equipamentos eletrônicos?

**Entrevistada:** Compra de equipamentos, então houve essa mudança, e agora nós estamos, aos poucos, retomando esses auxílios que existiam antes da pandemia, tanto que aqui não está aberto auxílio digital, foi aberto bolsa de estudos, transporte moradia, e estamos aguardando a licitação do refeitório para ter auxílio alimentação.

**Entrevistador:** Você acha que o seletivo é um ponto importante e que conecta com o aluno em sala, a qualidade da formação desse aluno? Você é favor do seletivo de provas, como é que você vê isso? Imperatriz, pelo que eu vi na Nilo Peçanha, salvo engano é o segundo mais concorrido do Maranhão, alguns cursos superam Monte Castelo, como é que você vê o seletivo de provas enquanto estratégia de busca desse aluno?

**Entrevistada:** Eu acho importante, eu acho importante o processo seletivo que aí você também tem uma noção do tipo de aluno que você está recebendo, às vezes eu só me preocupo porque o seletivo automaticamente ele já deixa de fora grande parte da população que às vezes vem de uma escola pública, não teve uma base bacana do ensino...

**Entrevistador:** Mas que gostaria de estudar aqui?

**Entrevistada:** Que gostaria muito de estudar aqui, tem uma oportunidade, e a gente sabe que muitos alunos nossos, ainda, assim, a maioria, mas muitos alunos nossos são da rede privada, por exemplo, nós temos alunos aí do Santa Terezinha, são escolas padrão, o que faz a seletiva, á claro que às vezes ele vai deixando outros para trás, é igual eu estou te falando, a base, então às vezes o seletivo acaba tirando a oportunidade desses alunos, embora tenha a divisão da escola pública...

**Entrevistador:** As cotas?

**Entrevistada:** As cotas e tudo que já ajuda, essa questão para não ficar exclusivamente aquele aluno na escola privada, então eu acho de grande importância, eu acho importante ter o seletivo, mas eu acho que aí também a questão das cotas, ela sempre tem que ser pensada, elaborada direitinho para que tenha uma margem desses alunos que também não tiveram base, que vieram da escola pública, que tiveram tantas oportunidades, que a gente sabe que tem alunos aqui que vieram da rede pública e são excelentes também, excelentes, então eles têm que ter essa oportunidade.

**Entrevistador:** Eu lembro que alguns anos atrás eu conversei um pouco sobre esse assunto com Isaura recentemente, na pesquisa, a política de cotas é importante que estava havendo, digamos assim, como o *Campus Imperatriz* é uma referência no ensino médio, aprovação e tal, então os alunos das classes médias e outras classes começavam a tomar as vagas, ficava assim, os filhos dos trabalhadores, a política de cotas atualizou

isso e isso e como é que esse filho do trabalhador chega aqui? Você já falou um pouquinho da dificuldade, mas enquanto serviço social, como que chega esse aluno aqui?

**Entrevistada:** Olha, às vezes esse aluno chega com diversas dificuldades, assim, é uma demanda que requer atendimento.

**Entrevistador:** Eu sei que você não pode falar tudo, questão de sigilo profissional e de trabalho, mas, assim, o que você puder colaborar.

**Entrevistada:** Requer atendimento na área social, familiar, então geralmente para esses alunos que chegam totalmente com desestrutura familiar, esse aluno às vezes ele não tem como chegar aqui, tem dificuldade extrema de alimentação, ele não tem condições, porque geralmente, por exemplo, se aqui não estiver garantida a alimentação está R\$ 14,00 a refeição, então o aluno que ele vem e que às vezes o pai recebe um salário mínimo, tem muitos alunos assim, muitos alunos que os pais são autônomos, que trabalham de forma informal, não tem uma renda fixa, esse aluno tem muita dificuldade, a gente percebe muito que tem muitos alunos com dificuldade de vir para cá, de pagar ônibus, que a tarifa R\$ 4,50 para vir, R\$ 4,50 para voltar, tem a questão da alimentação, a gente verifica muito essa dificuldade deles, por falta de estrutura familiar, da questão da renda, da dificuldade socioeconômica, às vezes o acompanhamento mesmo da família, muitos desses alunos são criados pelos avós, já não estão mais com os pais, estão com os tios, a gente recebe muitos alunos de outros municípios, às vezes mora distante, não, estou morando com um tio, ou estou dividindo a casa com um colega, então acontece muito, nós recebemos muitos alunos que não são de Imperatriz, são das cidades circunvizinhas.

**Entrevistador:** E esses alunos, com é esse... se você visualizar isso como é a relação entre o aluno que vem Santa Terezinha e o aluno que vem de uma escola municipal e que vem de um povoado, como é essa interação entre esses estudantes aqui, você vê isso com alguma dificuldade, desemoinho de um e de outro.

**Entrevistada:** Assim, eles se aceitam bem, assim, a dificuldade eu acredito que tem, acredito que até pedagógico poderia explicar um pouco melhor, acredito que tem sim, uma dificuldade. É igual eu te falei, muitos alunos, mesmo vindo de escola pública, eles são excelentes, mas a base é importante, então tem muitos... assim, como tem muitos alunos que apresentam muitas dificuldades no aprendizado, então quando é oferecido auxílio para o aluno também ele tem que ter o total de frequência, se ele não alcançar o total de frequência automaticamente ele tem que ser...

**Entrevistador:** Que é 75%, isso?

**Entrevistada:** Isso, é. Tem que ser substituído, então há que ser feito esse levantamento da frequência, da nota, o aluno que... mas a gente não tem nenhum excluído nessa questão de reprovação, mas a questão da frequência é importante, e eu não vejo muita diferença na, assim, no que eles constroem na turma não tem essa diferença porque veio da escola pública, veio da escola privada, e quando eles chegam aqui são todos alunos do IFMA, eu não vejo muito essa...

**Entrevistador:** Que bom, não há esse conflito?

**Entrevistada:** Não.

**Entrevistador:** Que bom. Ágela, já encaminhando para a última parte, dentro desse cenário, dessa descrição, dessa crítica, você falou um pouco da questão dos recursos, você falou, também, em alguma medida da dificuldade de mudança de procedimentos e processos por conta dessa transição dos servidores mais antigos com os novos, e esse processo de mudança ele é natural porque há um tempo de serviço, digamos assim, acho que boa parte dos veteranos agora estão nesse movimento de aposentadoria.

**Entrevistada:** É!

**Entrevistador:** Manter a escola nesse patamar. Mas qual seriam na sua perspectiva, para recurso, obviamente, talvez a gente precisasse de uma resposta mais clara, mas o que pode ser feito, proposto para que o *campus* ou mantenha ou eleve seu padrão de qualidade, faça política de educação profissional com mais eficiência, como é que você vê isso?

**Entrevistada:** Eu acredito que trabalho conjunto que começa, também, a partir da direção, dos professores, de todos os servidores, eu acredito que é importante esse desempenho geral de todas as funções.

**Entrevistador:** O *campus* é um *campus* unido? Eu sei que as eleições, às vezes, causam uma cisão... Se sentir à vontade para falar... Pós eleição, todo mundo está junto?

**Entrevistada:** Não...

**Entrevistador:** Isso é um problema então?

**Entrevistada:** Ainda está sério, aqui eu vejo muito ainda, sabe, uma visão, assim, de quem votou em fulano, que fulano não votou em fulano...

**Entrevistador:** Sério? A eleição que deveria ser algo virtuoso acaba gerando problemas?

**Entrevistada:** Acaba muito isso, você vê muito as perseguições, as coisas, os textos, sabe, coisas que não... uma percepção que eu, meu Deus, para que? Mas existe muito, então acredito, assim, que falta amadurecimento, falta mais comprometimento de algumas pessoas, não confundir, que eu acho que muita gente confunde essa questão de poder, o poder na instituição, então, assim, ah, fulano não está mais no poder e às vezes tem uma perseguição daquele, eu entrei vou ficar perseguindo aquela pessoa.

**Entrevistador:** Entendo.

**Entrevistada:** Eu tenho percebido isso, eu cheguei agora por último, mas é muito forte, eu percebo que é muito forte.

**Entrevistador:** E isso, quando você fala de união tem um pouco a ver com isso também?

**Entrevistada:** Com certeza. Mais coesão, eu acredito nisso. Eu acredito, porque fica cada um fechado na sua sala, no seu trabalho.

**Entrevistador:** No seu grupo.

**Entrevistada:** No seu grupo, o pedagógico... [Interrupção]

**Entrevistador:** Continuação da entrevista com Ágela, assistente social do *Campus Imperatriz*. Então, assim, o *campus* poderia ter melhores resultados se essa coesão ela fosse perene? Ultrapassasse o momento político das escolhas?

**Entrevistada:** Com certeza. Está nesse contexto, então eu acredito que falta o grupo se unir mais, fazer um trabalho mais, como que chama, mais completo na região, eu não sei te falar muito dessa dificuldade geral relacionada a questão do ensino profissional mas eu sei, assim, o que a gente precisa aqui, pontuar, para melhorar, então acredito que o que deve existir e justamente isso, essa união de forças, de setores, acabar com essa questão que eu não faço isso, isso é do setor tal, que existe muito isso, então, assim, eu fiquei impressionada, logo após a campanha e tudo total de *e-mails*, de coisas, de levantamentos, de perseguição contra servidor que votou em fulano, que levantou a bandeira, então eu fiquei assim, preocupada...

**Entrevistador:** Sua percepção foi negativa?

**Entrevistada:** Um choque, lá havia, claro que tem, mas eu senti aqui mais forte, eu senti aqui mais forte, era como se quem tivesse aqui, os anteriores não podem mudar, para ter uma cara nova, sabe, não pode inovar, e essa última eleição foi, tipo assim, foi uma diferença enorme, foi criado aquele grupo de mudança mesmo, a gente precisa mudar a cara do IFMA em Imperatriz, a gente precisa encontrar um novo caminho, que eu acho que realmente estava tendo essa necessidade. Eu tiro o chapéu, eu tenho visto o diretor, ele tem feito muito, ele tem se esforçado muito, vejo o senhor Lauro uma pessoa de uma competência, mas não tem sido fácil, a gente percebe aqui muita perseguição.

**Entrevistador:** No sentido de que todo movimento de mudança causa essa resistência?

**Entrevistada:** Isso.

**Entrevistador:** Mas é uma questão muito relevante! As eleições estão diretamente conectados com o princípio democrático de gestão da escola, toda escola tem que ter gestão democrática, só que a eleição tem um viés mais político e menos pedagógico, digamos assim, a política institucional tem que estar focada no pedagógico, que é a missão principal da escola e isso acaba se afastando um pouco? Como você avalia?

**Entrevistada:** Isso, porque essa campanha eles falaram muito, trabalharam muito em cima dessa questão da qualidade de ensino, da qualidade, do que estava sendo ofertado, porque eles comentaram que percebiam que o nome que o instituto tinha estava se perdendo isso, assim, essa campanha trabalhou muito em cima disso, da mudança, de trazer...

**Entrevistador:** Retomar?

**Entrevistada:** Retomar legado e a referência que sempre teve aqui.

**Entrevistador:** Então você vê como o *campus* tem um legado, prestígio, a eleição mostrou isso?

**Entrevistada:** Isso.

**Entrevistador:** Tanto é que esse projeto foi vencedor, de resgate?

**Entrevistada:** É verdade, com certeza, porque às vezes é mais fácil ganhar o que já estava na casa, foi uma mudança aí mesmo essa última eleição...

**Entrevistador:** Foi bem radical, você acha que foi?

**Entrevistada:** Eu acho que foi, uma coisa, assim, bem, porque, assim, muita gente achava que tinha que ficar era o anterior, porque já estavam, é até mais fácil. Tanto que as pessoas estavam com vontade, na realidade estavam com vontade da mudança, bem expressivo.

**Entrevistador:** Ágela, muito obrigado por sua contribuição.

## APÊNDICE E – ENTREVISTA CELSO DOS SANTOS SOUZA

Entrevista / Identificação: SN Áudio	Entrevistador: Reinouds Lima Silva
Data da Entrevista: 4 maio 2022	Duração: 1h04min05s
Entrevistado: Celso dos Santos Souza	Perfil: Servidor IFMA. É pedagogo e atua no mesmo setor da pedagoga Izaura Silva. Foi admitido na época da expansão da rede EPT, após a criação dos IF.

**Entrevistador:** Início padrão das entrevistas – Apresentação da pesquisa, objetivos e do TCLE. Leitura dos Termos de Participação. Pedido de manifestação de Interesse em participar da pesquisa.

**Entrevistador:** Entrevista com Celso Pedagogo do *Campus Imperatriz*, hoje são 4 de maio, 17h10. Celso, primeiro obrigado por participar! Você como pedagogo já tem uma trajetória na instituição, já são mais de 10 anos, quantos anos exatamente?

**Entrevistado:** 12 anos.

**Entrevistador:** 12 anos já completos?

**Entrevistado:** Agora em maio, 12 anos.

**Entrevistador:** Pronto. Então, Celso, antes de tudo eu queria que você se apresentasse, falasse um pouco do que você acha que é relevante sobre a sua formação, a sua trajetória no instituto, como é que você chegou aqui, fique à vontade.

**Entrevistado:** Em primeiro lugar Reinouds eu quero agradecer pelo convite, participar de um trabalho tão importante como esse, porque eu sinceramente considero muito importante. Eu sou pedagogo de formação, eu sou da região Tocantina, eu não sou de Imperatriz, mas sou da região Tocantina, eu morava em Itinga do Maranhão quando eu fiz o concurso, e cheguei aqui, o concurso de 2008 que foi o último concurso que teve como CEFET, e já fui chamado quando já era Instituto Federal. E sempre trabalhei lá em Itinga nas escolas do município de Itinga, atuando como diretor de escola, como supervisor escolar, como coordenador pedagógico da secretaria municipal de educação, ajudei a montar a secretaria de educação de Itinga do Maranhão, fundei uma escola de ensino médio que é escola que ainda tem lá até hoje, fui eu que fundei, lógico que não foi sozinho, eu tive ajuda de todos os colegas, do prefeito e tudo mais.

**Entrevistador:** Mas como pedagogo estava lá?

**Entrevistado:** Do prefeito de Açailândia na época que era senhor Ildemar Gonçalves, que precisava e me indicou para correr atrás e montar aquela escola que ainda hoje funciona em Itinga do Maranhão, o ensino médio que tem lá. Fiz o concurso porque eu sempre achei que o meu lugar não era lá no Itinga, tinha alguma coisa mais para frente para mim que eu não sabia onde era, então eu corri atrás de vários concursos, já estava aprovado no concurso de Araguatins para pedagogo professor, eu vou falar isso porque a gente faz

essa divisão aqui entre pedagogo, pedagogo professor, os professores que estão trabalhando na área de educação são pedagogos também, mas estão lá, e nós estamos trabalhando na outra área que era da coordenação pedagógica. Então eu fiz para Araguatins como pedagogo professor.

**Entrevistador:** Ainda como escola agrotécnica?

**Entrevistado:** Sim, como agrotécnica lá em... Araguatins eu estava aprovado para lá, quando veio o concurso daqui para atuar na coordenação pedagógica, e eu fiz, e fui agraciado em ser chamado.

**Entrevistador:** Lembro, participei indiretamente, eu era diretor de Açailândia, acompanhei este concurso.

**Entrevistado:** Entrei aqui cru, sem saber o que era educação profissional, porque o que eu sabia de educação profissional era o que o estava na lei de diretrizes de base da educação, eu nunca tinha vivido isso aqui, e que inclusive é uma coisa que eu sinto falta no instituto, que é orientar os aprovados no concurso, os novos chamados em relação ao trabalho deles do que vão fazer, eu sinto falta disso, e aí eu fui correr atrás de estudar sobre educação profissional, me inteirar das coisas, saber o que era CEFET, o que é instituto para depois estar trabalhando aqui e fazendo o trabalho que a gente faz.

**Entrevistador:** Qual o setor que você trabalha aqui?

**Entrevistado:** Na coordenadoria pedagógica.

**Entrevistador:** É um setor independente da direção de ensino?

**Entrevistado:** É no setor de assessoria da direção de ensino.

**Entrevistador:** São quantos pedagogos no setor?

**Entrevistado:** Hoje nós somos quatro pedagogos, no *campus* tem cinco pedagogos da coordenação, mas tem uma que é só para o superior, e nós somos todos os demais juntos para o técnico, para o ensino técnico.

**Entrevistador:** Celso, uma coisa que de cara já quero te ouvir, nós estamos numa etapa aqui da nossa metodologia que a gente chama de descrição da realidade, falando um pouco da tua experiência, conectando isso como Imperatriz na sua chegada, já vi que você teve um estranhamento porque você vem de uma trajetória de coordenação em educação básica, mas que aqui não ligava, porque aqui é digamos assim, se coloca na educação básica enquanto ensino médio, de formação de nível médio.

**Entrevistado:** Só o integrado que está na formação básica.

**Entrevistador:** Que é a oferta prioritária em 50%, mas nada do que se faz aqui ligava com que você fazia antes nas outras escolas, como é que foi esse momento?

**Entrevistado:** Estranhei mesmo, porque de repente eu fui conviver, eu já tinha ouvido falar de ensino concomitante, mas não tinha vivenciado, e aqui eu fui ver o que era o

concomitante, que alunos que estão estudando o ensino médio em outra escola e fazendo, inclusive eu acho que é a parte mais difícil da escola, quem mais sofre são os alunos do concomitante, porque se você tirar as contas eles têm no mínimo 10h de aula por dia.

**Entrevistador:** O tempo escola básica e o tempo formação profissional?

**Entrevistado:** Exatamente, toda escola do ensino médio tem 6h, 6h aula lá, e aqui mais 4h aula por dia, então eles têm 10h aula por dia, eles têm que se virar e arranjar espaço para estudar, para estudar tudo do ensino médio da outra escola, e tudo da educação profissional que eles recebem aqui e então se preparando para vida que é o que diz a lei, tem que preparar para o trabalho e para vida, então para mim eu vejo como a parte mais difícil para o aluno a estudar o concomitante. Os do subsequente já estão mais tranquilos, já vem com o ensino médio, muitos estão trabalhando, mas em relação estudo, a carga de aprendizado eles só vão ter as disciplinas profissionalizantes também, não tem aquela preocupação com o ensino médio, a preocupação dele já é outra, é trabalho, adquirir conhecimento e para levar para o seu trabalho para melhorar a sua vida, a sua qualidade de vida, sua e dos familiares.

**Entrevistador:** 2010 para cá, desde sua chegada, a educação profissional, quando você chegou já tinha experimentado a grande mudança que é a criação da rede, a criação dos institutos, consolidação do ensino médio integrado, entre outras questões. Mas na sua memória, pensando na educação básica, pensando em escola de ensino médio e educação profissional o *Campus Imperatriz* fez essa transição? Conseguiu levar efeito essa proposta inovadora de instituto?

**Entrevistado:** O *Campus Imperatriz* tanto conseguiu, como ainda está conseguindo, hoje as coisas estão um pouquinho mais difíceis por conta da polarização no país, educação infelizmente alguns governantes pensam que é gasto, educação não é gasto, é investimento, e nos últimos anos alguns tem visto a educação como gasto, principalmente eles acham que os institutos gastam muito, mas os institutos eles estão preparando cidadãos para o mercado de trabalho, lógico que esse cidadão vai ter algo em troca, ele vai ter como eu falei ainda pouco, a melhoria da sua qualidade de vida, a sua qualidade, seu e dos seus familiares todos, eles têm uma perspectiva maior de vida, é muito triste Reinouds você olhar no olhar do cidadão que termina o ensino médio lá no Itinga do Maranhão terceiro ano, e ele olha para ti e diz eu vou fazer o que, eu terminei o terceiro ano do ensino médio, eu estou no Itinga, não tem uma faculdade aqui, o emprego que eu tenho aqui é ser vendedor na loja tal, na loja tal, eu vou fazer o que, e o aluno que termina o curso profissionalizante aqui, o integrado e o concomitante, ele tem uma perspectiva de trabalho, não é só pelo fato de ser em Imperatriz, porque Imperatriz recebe alunos de vários locais também, de várias cidades pequenas que estão aqui próxima, mas eles têm uma perspectiva de vida quando eles recebem o ensino técnico, no caso do integrado, e ainda recebe o ensino profissional, e esse ensino profissional vai dar ele condições de vida, a gente recebe alguns relatos aqui de ex-alunos que vem aqui agradecer, que conta da história da vida deles, e que eles estudaram aqui, e hoje estão ocupando ou tendo

cargo ou são donos de empresa, devido a qualificação profissional que eles receberam aqui no instituto.

**Entrevistador:** Isso é um relato importante...

**Entrevistado:** São muito importantes. Eu acompanho uma pessoa por estar próximo, e ele fez o curso, o ensino médio e técnico aqui, o ensino integrado e quando ele saiu daqui ele foi trabalhar na Cemar, o curso era eletrotécnica, saiu da Cemar, foi trabalhar na Oi, aí estava trabalhando na Oi, ele pegou e fez um curso de administração, aí saiu da Oi, hoje está em Parauapebas dono da comissão, dono não, é o chefe do setor de licitação da prefeitura de Parauapebas.

**Entrevistador:** É uma formação ampla que abre esse leque, a formação para a vida. Com estes relatos, se observa que o *campus* consegue fazer isso. Há outros relatos que reforçam essa percepção?

**Entrevistado:** Temos um aluno de Ribamar Fiquene. Então, ele sofre muito porque a aula dele é sete horas da manhã, ele levanta as 4h... a mãe dele levanta 4h30 para fazer o café e fazer o almoço, ele traz o almoço quando ele vai ficar o dia todo aqui, chega aqui 7h, assiste a aula até 12h40, e às vezes fica para de tarde, quando não fica, ele vai para o terminal da integração e pega o ônibus de volta, às vezes chega lá 6h da tarde ainda vai estudar até 22h para fazer tudo que ficou dos conhecimentos e das atividades que ele recebeu para estar aqui no outro dia de novo, aí ela me contando que o sonho dele era fazer o ITA, mas que ela achava muito difícil porque ele estuda aqui em Imperatriz, eu disse, pois eu vou lhe contar um detalhe que a senhora não sabe, parece que foi em 2014 que esse rapaz terminou o ensino médio aqui e ele fez o ITA, e ele foi o primeiro colocado no Brasil.

**Entrevistador:** Que coisa boa! Registro positivo.

**Entrevistado:** Sim! Eu disse: alimente o sonho do seu filho, porque deste *campus* aqui saiu alguém que foi o primeiro colocado no ITA.

**Entrevistador:** Então eu posso intuir, pelas suas palavras, que esse trabalho tem sido feito, o trabalho da instituição, do corpo técnico e professores. Mas, assim, nós sabemos que o currículo integrado enfrenta algumas dificuldades, principalmente que é um esforço de toda rede federal de fazer com que esse currículo integrado de fato se consolide como uma proposta não só na legislação, nos documentos normativos e diretrizes, mas no cotidiano. Mas você avalia enquanto pedagogo alguém que está no dia a dia ouvindo o aluno e ouvindo o professor, participa dos planejamentos dos professores, esse ensino médio integrado tem funcionado a contento, os professores conseguem sentar e planejar juntos?

**Entrevistado:** Conseguem, eu só faço uma ressalva porque desde de quando eu cheguei aqui eu percebi que o ensino médio e todo a carga de conhecimento que a humanidade tem hoje e o tanto que aumentou nos últimos anos, ele não dá mais para ser pensado em

três anos, e os institutos ainda continuam martelando que deve ser em três anos, e eu acho que ele deveria ir para quatro anos, justamente porque é uma carga de ensino que, de coisas que aumentou muito, cresceu muito em todas as áreas, eu trabalho muito com o curso de edificações, e aí os professores da área de engenharia civil, eu estou lá planejando, conversando com eles, fazendo conselho, e eles ficam conversando, às vezes seletivo também, e os caras vem para dar uma aula e eu estou lá na banca também, e a gente vai aprendendo, e aí a gente ver o tanto de coisa que modificou, eu observava, por exemplo, quando eu morei em Belém no prédio que eu morava, era um prédio de dois andares, a pilastra, cada coluna tinha um metrô da largura mais ou menos, tinha 30 centímetros de espessura, e hoje você ver o pessoal levantando um prédio de 20, 30 andares, a coluna tem 40 centímetros de largura, 15 centímetros de espessura, mas o que foi que mudou, por que antes há 30, 40 anos...

**Entrevistador:** Novas tecnologias?

**Entrevistado:** É, a engenharia civil, mas é a tecnologia que mudou, mudou tudo isso, então coisas foram acrescentadas, tiveram novos tipos de concretos, novos tipos de cimento, novas espessuras no ferro, diferentes armações, e vai daí... Eles faziam laje em cima de laje, hoje em dia não faz, faz a laje e enche com, parece isopor, não sei se é isopor que enche, e que cola ali para fechar cada andar e se torna uma estrutura mais leve, e com isso também aguenta e fica em pé, a tecnologia são conhecimentos que veio nos últimos 20 anos, por isso que eu digo, aumentou muito, e a gente continua trabalhando isso com três anos, a gente vira e mexe oito em oito, 10 em 10 anos nós estamos reformulando todos os cursos seja do concomitante, seja do subsequente e do integrado para colocar novas disciplinas, hoje eu vejo os professores de informática falando, não deveria ter mais informática básica, antigamente há 10 anos atrás era essencial que tivesse a disciplina informática básica em todos os cursos, para o cara ter acesso a um computador, saber digitar, hoje em dia os professores do curso de informática, não devia ter mais informática básica, isso aí pode ser substituído por outra disciplina.

**Entrevistador:** No *Campus* Imperatriz qual seria a maior, ou as maiores dificuldades nesse cotidiano da escola quanto a manter os bons números de eficiência acadêmica? O *Campus* Imperatriz tem números muito importantes na rede do Maranhão.

**Entrevistado:** Pré-pandemia ou pós-pandemia?

**Entrevistador:** Ainda temos esse detalhe, não é?

**Entrevistado:** Ainda tem isso no meio. A gente tem conversado, os professores daqui de Imperatriz sempre foram muito dedicados, essa é uma grande vantagem, professores muito dedicados, professores que cobram dele e do aluno sempre, procurando trabalhar com aprendizagem, isso faz toda uma diferença. Eu já trabalhei com professores relaxados quando eu era lá diretor do ensino médio, aqui também temos professores assim, mas não como em outras escolas.

**Entrevistador:** Em outras redes?

**Entrevistado:** É, e na rede particular também. Aqui temos pessoas muito preocupadas com aprendizagem do aluno, e isso faz com que o aluno saia bem mais preparado, em relação ao que eu vivenciei 10, 12 anos trabalhando no colégio da rede estadual, então isso aí faz diferença, e o próprio acompanhamento também, que os colegas do estado não tem o acompanhamento, uma escola com quase 2.000 alunos igual essa aqui, contando o técnico e o integrado subsequente concomitante e o superior tem cinco pedagogos, tem escola do estado com 1.000, 2.000 alunos, não tem nenhum pedagogo, no máximo um ou um que aparece uma vez por semana, ou duas vezes por semana, e que tem outras coisas que oferece como a assistente social, o médico, a psicóloga, o dentista, a nutricionista, e que isso também faz diferença. Quando a gente estava conversando hoje aqui eu chamei um pai aluno junto com a psicóloga, e aí a gente estava tendo informações de dando informações, ouvindo o pai e dando sugestões de algumas coisas que o filho dele estava precisando, estava eu pedagogo e a psicóloga junto comigo, a gente fazendo esse trabalho, no colégio do estado ou na rede particular às vezes não tem isso.

**Entrevistador:** Nas outras redes a situação é bem diferente.

**Entrevistado:** É, e quando o diretor é pedagogo ainda fica mais fácil, e muitos não são, muitos são administradores mesmo, e administrador ele pensa em como vai ganhar dinheiro [Risos].

**Entrevistador:** Mas a Rede IFMA também enfrenta dificuldade, concorda?

**Entrevistado:** Atualmente sim. No governo, eu peguei o finalzinho do governo Lula e o governo Dilma nós vivíamos uma realidade, mas no governo do Temer, e no governo do Bolsonaro nós vivemos outra realidade onde muitos recursos foram diminuídos, estão sendo diminuídos a cada dia, a cada ano, então os cursos técnicos eles têm sofrido muito, nós temos o curso de química, outro dia a professora falou, foi conversar com o coordenador do curso de química, ele perguntou assim, ah, sobre os insumos de química, ele disse, está complicado, porque eu estou comprando, eu estou usando o meu salário que já está defasado em sete anos para comprar equipamento, material porque um *campus* desse com o tamanho que ele tem, com uma instalação elétrica, foi feita há 35, 36 anos atrás, e que precisa ser reformulada, e ao invés dela receber dinheiro, o dinheiro é encolhido, e aí se poderia diminuir o gasto de energia, não tem como, faz e aumentar o gasto pela falta de investimento na estrutura, o gasto da energia vai aumentar, se torna difícil tendo que suprir algumas coisas que são básica, que são essenciais com outras que são necessárias, e que pode às vezes ser adiado para depois, a conta da energia não tem como ser adiada.

**Entrevistador:** É preciso fazer escolhas?

**Entrevistado:** É. E aí a administração tem que fazer uma escolha, e essa escolha muitas vezes prejudica, o ensino sai prejudicado por conta disso aí, eu estou citando o exemplo do curso de química, mas vai ocorrer em todos os outros, o professor da área de

microprocessadores ele precisa de um monte de programas, e aí tem que sair procurando programas gratuitos, porque os programas são caros.

**Entrevistador:** Os pagos não têm como adquirir?

**Entrevistado:** Como adquirir porque são pagos, e muitos deles que vem todo ano são melhorados e precisa de máquinas mais potentes, máquinas mais rápidas, e aí tem substituir as máquinas.

**Entrevistador:** E isso, Celso, impacta a formação no sentido de que o aluno ele acaba não tendo acesso a melhora tecnologia, os melhores softwares, equipamentos que ele vai encontrar no mercado. É essa a realidade?

**Entrevistado:** É. Eu estava assistindo essa semana uma reportagem sobre Itaipu, a parte tecnológica lá de Itaipu ela foi projetada para 20 anos, ela está com 30 anos, então eles têm que substituir tudo, ah, tem 10 anos que eles vêm programando, fazendo uma programação, e agora vão começar a substituir todos os equipamentos de Itaipu vão ser substituídos por equipamentos modernos, equipamentos que foram melhorados nos últimos 20, 30 anos, e se não fizerem isso eles vão ter problema, a mesma coisa acontece com os nossos laboratórios, precisam modernizar, precisam melhorar, senão nós vamos formar um aluno com uma tecnologia aqui que está defasada 10 anos no mercado de trabalho.

**Entrevistador:** Quando ele chegar na empresa ele não vai se deparar com o artefato, um equipamento que ele não domina?

**Entrevistado:** Exatamente. Então para isso precisa investimento, e infelizmente esse investimento tem gerado muito problema, principalmente no *campus* com todo tamanho desse *campus* aqui.

**Entrevistador:** Celso, você vê como positivo na perspectiva do pedagogo essa ascensão do nosso aluno na universidade, e como é que isso é visto pelos professores, porque às vezes você colhe uma ou outra informação de um colega de uma certa preocupação com o olhar do aluno mais para universidade e menos para a formação profissional, você acha que isso é um problema que se destaca, ou isso é uma questão menor?

**Entrevistado:** É assim, Reinouds, os alunos procuram aqui o acesso à universidade. Exemplo, nós montamos o curso de química por causa da Suzano.

As famílias aproveitaram a nossa finalidade e como é muito conhecimento em química que eles recebem, ah, isso aí é interessante para o curso de medicina, então muitos deles hoje vem fazer o curso técnico em química integrado, não mais pensando num trabalho de nível médio para um técnico, mas pensando na faculdade de medicina, a maioria dos meninos que termina o curso técnico em química eles são aprovados no Enem para medicina, aqui e em outras cidades.

**Entrevistador:** Eles acabam tendo um rendimento melhor nas áreas onde habitualmente os alunos têm dificuldades, que é ciências da natureza, interessante isso.

**Entrevistado:** Exatamente.

**Entrevistador:** Mas como que isso ressoa aqui no *campus*?

**Entrevistado:** Não é assim, nós sabemos que eles têm o interesse fora daqui, mas aqui o nosso interesse é em formar um cidadão.

**Entrevistador:** Se ele vai prosseguir nos estudos, está tudo bem?

**Entrevistado:** Mas todos vão fazer medicina, não, entram 40, desses 40 provavelmente 25 vão lá procurar o curso de medicina, mas tem um ou dois ou 10 que não vão, muitos deles vão preferir arranjar um emprego no ensino médio pela própria necessidade dele e da família dele, então nós não podemos direcionar um curso para 25, nós temos que direcionar para todo o mundo, porque todos têm o mesmo tratamento.

**Entrevistador:** E cada um faz as suas escolhas?

**Entrevistado:** É! São escolhas pessoais.

**Entrevistador:** Celso, colocaste como dificuldade que o encurtamento dos recursos hoje talvez seja uma dificuldade muito latente no dia a dia da escola, do *campus*, não sei se há outros que você queira citar, mas dentro desse olhar interno das dificuldades do *campus*, o que é possível mudar para que o *campus* consiga manter os seus indicadores, ou consiga melhorar esses indicadores, o que é possível propor?

**Entrevistado:** Assim, àquela hora eu ia falando dos recursos e terminei pulando isso aqui, hoje nós temos uma carga muito grande, e os recursos não são suficientes nem para as bolsas todas, para os auxílios todos que os meninos precisam, então se nós temos quase 2000 e esses auxílios têm que ser dividido entre técnico e o superior, às vezes o do superior ainda se sobrepõe sobre os do técnico, até o próprio, pelo próprio valor que às vezes é diferente no superior e muito mais alto, e hoje em dia também devido, ah, é o instituto, lá tem pedagogo, lá tem psicólogo, lá tem dentista, lá tem nutricionista, então nós vamos levar o nosso filho para lá, e aí nós passamos a receber os alunos surdos, os autistas, os de baixa visão, os com deficiência de aprendizagem, com dificuldade cognitiva, com dificuldade de leitura, e os pais em nenhum momento eles vieram perguntar se a escola tinha, eles simplesmente botaram para fazer o seletivo, e tem as cotas e nós recebemos, a primeira surda que nós recebemos aqui foi um Deus nos acuda, porque a gente não sabia que ela era surda, nós do setor pedagógico não fomos informados, e de repente chega aqui uma menina lá em 2012, uma menina surda para fazer o integrado de segurança do trabalho, e nós não tínhamos nem intérprete, e agora?

**Entrevistador:** E os professores já estariam preparados também para isso?

**Entrevistado:** Mas a gente nem sabia. Não sabíamos que a menina tinha feito inscrição para o seletivo, só chegou agora uma menina surda fez a matrícula, as aulas vão começar daqui 10 dias, e o que um aluno surdo precisa? Aí lá vamos nós. Temos 10 dias para resolver, você consegue contratar um intérprete em 10 dias? Não consegue. Você como diretor sabe de toda luta que é, e todos os trâmites para contratar uma pessoa, por

sorte, pela benção de Deus uma pessoa se ofereceu para trabalhar como intérprete enquanto resolvia a situação legal, e ficou dois meses ele trabalhando como intérprete, como voluntário e intérprete, voluntário, e aí para a gente convencer o professor que tinha um surdo na sala, que aí agora ele tinha que modificar, o intérprete tinha que passar as palavras para Libras, então precisava falar mais devagar, aí veio toda, a gente foi estudar para depois a gente orientar os professores, e aí chegava o professor, eu não admito, hoje a gente tem os intérpretes, essa aqui é a sala do AEE, onde a gente recebe os surdos aqui, o autista está aqui, nós temos três autistas hoje aqui na escola, nós temos baixa visão, nós temos uma menina que ela é disléxica com TDAH, ontem ela precisou fazer uma prova, e a gente ainda está na luta aí para obter um monitor, que a gente não tem. Ela precisava fazer uma prova, geralmente o professor, como ela tem acompanhamento externo, o professor entrega a prova para ela fazer, mas a professora não admitiu que ela levasse, ah, ela vai fazer na sala, eu disse, professora não tem condições de fazer na sala, a senhora faz o seguinte, manda a menina para mim com a prova, manda outra, eu vou ficar com ela, aí eu trouxe aqui para essa sala aqui, fiquei aqui quase 2h aqui com ela lendo, explicando tudo, e ela foi respondendo, mas a gente tem que aprendendo as coisas aqui, algumas coisas no dia a dia aqui por necessidade, e eu tenho pedido muito para o nosso diretor para a gente reservar um cantinho, porque tem os meninos que não tem condições de ir, tem três salas ali que estão cheia de material, já tem até centrais montadas lá, para tirar um cantinho lá, limpar uma sala daquelas, colocar uns colchonetes, umas beliches, um colchão, alguma coisa para o menino tirar uma sonequinha meio dia, ele tem até 12h40, aí vai começar tudo de novo às 14h, o menino igual esse exemplo que eu citei que mora lá em Ribeirão, que ele vai até chega lá 18h, 19h, 20h. Se ele estudasse aqui, tivesse um local para ele descansar muitos deles vem para educação física, então a dificuldade que gente está tendo, Celso, eu não tenho recurso para fazer isso, mas a gente está precisando.

**Entrevistador:** O recurso impacta em outras ações e nos projetos?

**Entrevistado:** Em muitas. Nos projetos que os alunos desenvolvem, nas bolsas, na modernização dos laboratórios, na compra de insumos. Sendo que depois ele bem formado ele vai ter um emprego, ele vai gerar renda para o estado, ele vai pagar impostos, isso e aquilo, e retorna tudo de novo naquele ciclo, mas tem gente que não ver isso, infelizmente muitos dos nossos governantes não veem, a educação e os institutos gastam, o instituto não é visto como investimento.

**Entrevistador:** E aqui os bacharéis, os licenciados têm esse conflito da formação e de como formar os estudantes?

**Entrevistado:** E eu acho que não é só aqui não, eu acho que em outros locais também, assim, ele tem que ser licenciado, a gente tem que formar o cidadão, aí o bacharel vai, ele é um mini engenheiro, é diferente de um cidadão para um mini engenheiro num curso técnico. Professor o senhor, o menino tem que saber cálculo, professor o senhor estudou isso, o senhor ensina, não, ele tem que saber, o professor de matemática tem que

ensinar, não sou eu não. Eu pego às vezes brigas que quase me engalfinhar com um aqui porque ele não queria aceitar, que era só do jeito dele, que não é assim, que tem outras formas, entendeu? Então eu vejo muito essa questão de conflito, não é nem entre o bacharelado e o licenciado, é a forma de trabalhar com o aluno do bacharelado e do licenciado, os bacharéis eles precisam ter, eles principalmente precisam ter um pouquinho mais de preparação e sensibilidade.

**Entrevistador:** Os bacharéis, eles buscam essa formação?

**Entrevistado:** Alguns buscam, outros não. Tem professor engenheiro aqui que é maravilhoso, cara, ele chega aqui olha o aluno assim, assim, eu percebi isso e isso, e tem outra que diz, ah, aquele garoto não quer saber de nada, não quer estudar, tem gente que busca, mas tem alguns que não buscam, ele acha que é só ele que tem razão.

**Entrevistador:** O *Campus Imperatriz* vai celebrar 35 anos de funcionamento em breve. Mas o que eu queria ouvir de ti, sobre esses 35 anos. O que você traz de mensagem do que foi feito, e o que você projeta para o futuro do *campus* daqui a mais 35 anos, o que vai se comemorar ou se vai refletir?

**Entrevistado:** Comemorar hoje a gente tem muito o que comemorar, quando eu comparo a educação com um trem, é um trem parado não, é um trem em movimento. A cada estação entra uns e descem outros, mas o ensino está em movimento. Eu entrei em 2010, mas ele já vinha numa vertente aí, então quando eu cheguei aqui, para trás teve muita coisa. No setor em que trabalho, os pedagogos tiveram muita luta com os bacharéis, para deixar muita coisa esquematizada, então eu agradeço muito a quem já estava aqui antes. Aprendi, aprendi muito, mas muita coisa eu já recebi pronto para eu aprender e dar continuidade, isso facilitou e facilita o meu trabalho até hoje. Em algum momento eu vou descer desse trem, mas o trem não vai parar, então as coisas que eu aprendi elas vão, devem ficar lá no vagão que eu estava para quem entrar receber e dar continuidade.

**Entrevistador:** Como um legado que será repassado, assimilado, seria isso?

**Entrevistado:** Exatamente.

**Entrevistador:** Essa trajetória da instituição projeta esse legado então?

**Entrevistado:** É isso! Inclusive, quando eu estava lá na faculdade a professora um dia mandou fazer um trabalho, e era um pensamento meu esse da aprendizagem, sobre ela ser um trem, isso eu trago comigo de muitos anos. Nós entramos naquele vagão ali, tem um monte de coisas lá que a gente recebe, e nós vamos descer, mas nós vamos deixar alguma coisa também. Quando a gente recebe os alunos, às vezes eu vou na sala de aula conversar nas turmas que eu acompanho e eu pergunto para eles: você veio buscar o que aqui no IFMA? Aí eles dizem que vieram buscar aprendizado, conhecimento, me desenvolver. E eu retruquei: e você veio deixar o que? Porque aqui é uma troca, você não veio só buscar. Você vai buscar, vai levar tudo e não vai deixar nada?

**Entrevistador:** E quem vier depois?

**Entrevistado:** Aí os que vem depois de ti, mas não vão encontrar porque você levou, então você vai deixar o que? Você tem que deixar alguma coisa, e assim eu conversei com as minhas turmas.

**Entrevistador:** Celso, obrigado mesmo por sua participação.

## APÊNDICE F – ENTREVISTA LAURO SANTOS PINHEIRO

Entrevista / Identificação: SN Áudio	Entrevistador: Reinouds Lima Silva
Data da Entrevista: 6 maio 2022	Duração: 1h05min11s
Entrevistado: Lauro Santos Pinheiro	Perfil: Servidor IFMA (Gestor). Atualmente, é o diretor geral do <i>Campus Imperatriz</i> . Foi transferido do Instituto Federal do Tocantins e traz o olhar da outra instituição para analisar as ações na rede IFMA.

**Entrevistador:** Início padrão das entrevistas – Apresentação da pesquisa, objetivos e do TCLE. Leitura dos Termos de Participação. Pedido de manifestação de Interesse em participar da pesquisa.

**Entrevistador:** Entrevista com professor Lauro, diretor geral do *Campus Imperatriz*, em 6 de maio, sexta-feira, 14h12. Professor Lauro, primeiro agradeço a sua disponibilidade em cooperar com a entrevista, com a pesquisa na verdade, com essa entrevista. Já lhe apresentei sucintamente o projeto, a metodologia, agradeço a sua disponibilidade. De início eu queria que você da forma que você achar adequada se apresentasse. Por favor, fique à vontade.

**Entrevistado:** Pronto, eu sou Lauro Santos Pinheiro, professor da área de administração, o meu concurso é do Tocantins, do IFTO, mas cheguei em Imperatriz em 2010, portanto, são 12 anos aqui no *campus*, vão fazer 13 anos na verdade. Fiz mestrado, fiz doutorado na minha área mesmo, área de desenvolvimento e área de gestão, de administração propriamente dita, e quando eu retornei do doutorado surgiu a campanha do convite para ser candidato, e aí sai candidato, hoje sou diretor geral desde de novembro de 2020, há um ano e meio, e que me dá uma oportunidade de conhecimento muito amplo a partir desse ponto de vista privilegiado na instituição, inclusive dia 28 agora a gente vai fazer a festa dos 35 anos do *campus*, e muita gente vai ser homenageada nessa primeira leva de servidores, de 87, de 90, e a gente tem a perspectiva boa de uma festa bem bacana, então basicamente isso.

**Entrevistador:** Obrigado, Lauro. Você falou que veio do Instituto Federal de Tocantins, você ficou quanto tempo lá?

**Entrevistado:** Um ano e meio só.

**Entrevistador:** Então foi mais ou menos em 2009.

**Entrevistado:** Isso.

**Entrevistador:** 2008, 2009.

**Entrevistado:** E foi, justamente, dezembro de 2008 que eu entrei lá.

**Entrevistador:** Essa experiência do Tocantins trouxe algum nível de possibilidade, mesmo que ainda incipiente de comparar as instituições no primeiro momento?

**Entrevistado:** Com certeza, lá era um *campus* novo, e eu tive muita experiência na reitoria, ficava em Palmas muito perto, 60 km só, e lá a dinâmica de trabalho era muito diferente daqui, aqui é um *campus* antigo, lá mesmo o *Campus* Palmas era bem mais recente do que aqui em Imperatriz, e aqui é um *campus* muito antigo, muito grande também, muito complexo, então você pega do PROEJA o ensino médio, técnico e superior, e aqui assim, o *campus* que poderia ter avançado mais, mas em função de muitos vícios, muitos comportamentos ali que foram deixados de lado com o tempo, e depois para você recupera isso é difícil, e também em função de disputas políticas, uma coisa, conflitos internos foi uma coisa que atrapalhou muito o nosso *campus*, o desenvolvimento do nosso *campus*, e isso se você for conversar com as pessoas mais antigas, não só daqui, mas as pessoas que conhecem o *campus* Imperatriz vão dizer que o que mais afetou o *campus* foram conflitos internos, que a minha missão é essa, pacificar como diretor, e eu ter que engolir muito sapo para isso, mas para trazer essa tranquilidade, um ambiente de trabalho bacana para trabalhar, para as pessoas voltarem a trabalhar, e a gente está conquistando isso devagarzinho, bem devagar, mas está.

**Entrevistador:** Essa foi a tua bandeira então?

**Entrevistado:** É, está sendo o meu trabalho.

**Entrevistador:** De candidatura?

**Entrevistado:** É, está sendo o meu trabalho, e não está sendo fácil.

**Entrevistador:** É como é formar equipes num universo tão controverso de servidores, obviamente essa política também identifica grupos, provavelmente sim, não é?

**Entrevistado:** Sim.

**Entrevistador:** Situação, uma posição, terceira via, sei lá.

**Entrevistado:** É [Risos].

**Entrevistador:** Como foi lidar com isso no início desse processo de gestão?

**Entrevistado:** Tá. No início do processo o olhar foi para os colegas, não foi para quem oposição, tanto que a minha equipe hoje, toda a minha equipe de primeira linha de gestão, como as outras equipes subordinadas, eu acho que menos da metade votou em mim ou fez campanha para mim, eu tenho certeza que pelo menos 30% declaradamente não votou em mim, e até fez campanha para um colega, então eu não tenho, aqui terminou a campanha política começou o trabalho, vamos trabalhar, é todo mundo teoricamente, pelo menos deveria ser, dar as mãos e todo mundo ter um objetivo comum, mas a gente tendo a posição, que fica batendo, que fica reclamando, que é o tempo todinho, então essas pessoas elas não tem como entrar numa equipe assim porque não tem o que agregar, para mim eu não vejo, e eu vejo o profissional, o cara tem que agregar, eu convido ele, vamos lá, vamos trabalhar nesse projeto aqui especificamente, tá, então eu vejo a pessoa, não a opinião política dela, se ela gosta de mim como pessoa, se ela está ali para trabalhar vamos trabalhar, eu trago muito um cabeça muito do

mercado, eu sou administrador, fui gestor de várias empresas ao longo de 12 anos no mercado de trabalho, 11 anos, antes de vir para o IFMA, para o IFTO, na verdade vir para cá, então eu tenho essa dinâmica de ver quem, só que aqui não é tão simples como o mercado, o mercado é assim, não encaixou vou procura outro e coloca lá, aqui não é tão simples, mas aqui exige mais paciência, mais diálogo, conduzir com mais calma, você não pode ter muita pressa, você não pode dar muita pressão, então é uma coisa assim mais solta, não é tão fixa, tão segura como no mercado de trabalho, mercado privado, mas, assim, é tranquilo, a gente está conseguindo conduzir de forma mais tranquila, no começo foi mais difícil agora está mais tranquilo.

**Entrevistador:** Que bom. São 12 anos aí de instituição mais ou menos, como é que você visualiza a instituição que você encontrou em 2010, essa trajetória de 12 anos, como que você visualiza no contexto regional, você estuda o desenvolvimento regional, qual o papel do *Campus Imperatriz* nessa conjuntura?

**Entrevistado:** Beleza, perfeito a pergunta, é uma pergunta muito ampla, exige uma resposta também até mais longa.

**Entrevistador:** Fica à vontade.

**Entrevistado:** 2010, quando eu entrei aqui o *campus* tinha uma dinâmica totalmente diferente do que tem hoje, era um *campus* movimentado, estava na gestão do professor Alberto, era um *campus* muito movimentado, projetos novos nascendo, cursos novos nascendo, aí nasceu engenharia civil, a engenharia elétrica estava nascendo ali, então estava muito dinâmico, alguns cursos nasceram também depois disso, o meio ambiente, o curso técnico de meio ambiente e tal, e era muito dinâmico, eu sai para o mestrado, 2012 fiquei no mestrado, começo de 2013 eu voltei, esse período já tinha mudado a gestão, já era o professor Edil diretor, e aí eu sai para o doutorado final de 2014, fiquei 15, 16, 17 e 18 no doutorado. Esse período foi quando, a eleição do professor Edil eu acho que foi um divisor de águas para o nosso *campus*, teve muita divisão de grupos, muitas brigas internas, da gestão anterior que era do professor Alberto a diretora de ensino, o diretor de administração saíram candidatos do mesmo grupo, racharam, fragmentou, e aí nasceu, a partir disso, quase de última hora nasceu a candidatura do professor Edil, mas por um grupo, e não por ele ter se colocado a frente, e aí acabou que ficou muito dividido, o professor Edil ganhou, o professor Edil renunciou já eu acho que no final de 2014, quase no finalzinho do ano, eu estava aqui, eu vim no dia que ele renunciou no auditório, e aí teve professora Joana D'Arc assumiu por três meses, teve um período, e aí eu fui afastado, aí eu não acompanhei mais depois, o professor Saulo saiu sozinho praticamente aí ganhou, e ganhou um período tampão, e depois ele se candidatou de novo e ganhou para mais quatro anos, ficou seis anos, quase seis anos na gestão, foi seis anos e um pouquinho. Isso aqui desde do professor Edil quando ele assumiu já assumiu num clima de guerra, ele não teve estrutura de pessoal para poder segurar, teve muitas mudanças de direções, administração nem tanto, mas de ensino mudou muito, a oposição estava muito forte em cima dele, então isso foi minando, aquele clima mais dinâmico da gestão do professor Alberto foi minando e ficou, as relações foram prejudicadas, os colegas foram se separando, os grupinhos foram se fechando. E aí quando o professor

Saulo assumiu. Eu na realidade não estava mais aqui, quando eu voltei eu já peguei o final da gestão do Saulo, a segunda gestão dele, foi o tampão mais o mandato dele normal, já peguei...

**Entrevistador:** 2018, 2019?

**Entrevistado:** É, eu terminei finalzinho de 2018, eu cheguei aqui em novembro de 2018 aí fiquei 2019 inteiro, e 2020 foi a campanha, então dois anos da gestão dele. Foi um período em que o professor Saulo ele já não tinha mais condições de estar à frente do *campus* nenhuma, foi feito inclusive reunião com o reitor e ele participou numa reunião lá que foi feita de pandemia, justamente para os colegas colocarem como é que estava a situação do *campus*, estava totalmente abandonado, ninguém via mais o diretor geral aqui, não participava de nenhuma atividade, enfim, e isso conseguiu minar mais ainda do que já estava, o *campus* estava muito ruim ele conseguiu trazer mais para baixo, e aí foi de onde nasceu a minha candidatura nesse contexto todo, os pais reclamaram porque a gente ficou, a pandemia a partir de 17 de março de 2020 foi oficializada a pandemia, tudo isso se fechar, fechou a escola 17 de março, nós voltamos a aula se não me falha a memória em julho, aula totalmente a distância, nesses quatro meses foram quatro meses de silêncio total, não teve nenhuma interação com os alunos, não teve nenhum diálogo com os pais, os pais fizeram grupos, vieram, tentaram conversar com o diretor aqui presencial, teve um grupo de pais de química que veio, conseguiu conversar com ele, e foi essa confusão nesse início. Então na minha gestão quando a gente entrou a primeira coisa que a gente fez foi criar um setor de comunicação. Nós não tínhamos, não tínhamos mesmo, não tinha nenhuma rede social oficial do *campus*, não tínhamos, e abrir os canais de comunicação com os pais, que também estava totalmente fechado, eles reclamaram bastante, na época da campanha muitos, na época das *lives*, a campanha foi toda no período de pandemia, então eles puderam participar, e aí a gente fez todo esse processo, porque quando eu assumi também estava em pandemia, então a gente tinha que investir nessa comunicação das redes sociais, e aí foi quando nasceu nosso Instagram, o Twitter, Facebook, Youtube, nós temos hoje um canal do Youtube, e a gente faz transmissões online, nenhum desses quatro canais de comunicação, inclusive o WhatsApp Institucional, nenhum desses cinco canais de comunicação nós tínhamos oficial, foi criado no início da minha gestão.

**Entrevistador:** Então na pandemia o contato praticamente nenhum?

**Entrevistado:** Zero. Por exemplo, como é que os alunos sabiam de um edital, colocava ano grupo dos líderes e os líderes encaminhava para suas turmas, alguns dos líderes não encaminhavam o que gerava muita confusão, hoje a gente pede que eles sigam o nosso Instagram, o nosso Instagram hoje a gente tem 2.000 alunos, o nosso Instagram tem mais de 5.000 seguidores, isso final, começou de dezembro de 2020 para agora a gente está com 5.000 seguidores, o Twitter também, Facebook muitos seguidores, e a maioria são os pais, e a gente criou um grupo de WhatsApp de pais só de comunicação, então todo edital que sai o pai fica sabendo, não só o aluno, então às vezes o aluno não fala para o pai, o pai fica sabendo, ler o edital, fala olha, meu filho se inscreve aqui porque tem uma bolsa interessante que você encaixa e tal. Então tudo isso foi criado pensando em

justamente abrir as portas porque estavam totalmente fechadas. E aí em paralelo a isso, já pensando nesse desenvolvimento, nessa abertura de porta com as empresas, parcerias, mesmo no período de pandemia a gente começou fazer um calendário de visita as empresas, a gente foi na prefeitura, secretaria de educação do estado, hoje mesmo eu estava falando com a gestora de educação, e aí a gente vai, eu começando a ir nas empresas maiores, no Grupo Jorge Batista, por exemplo, lá na Millenium, vamos lá abrir as portas de novo, não estava mais tendo acesso aos alunos, abrimos a porta de novo, então hoje a gente deve ter uns oito alunos lá estagiando atualmente, no SINE da Prefeitura fizemos uma parceria, então nós criamos um link no site que os alunos mandam o currículo por lá, mesmo os egressos, e esse currículo já cai direto no banco de dados do SINE municipal, aí já faz, já começa a fazer esse filtro, a gente ia fazer um negócio maior, mas ainda não deu tempo de filtrar tudo que a gente precisa, e devagarzinho, a gente vai conseguindo, solicitamos no final do ano passado para Millenium um laboratório de motores da Fiat, solicitamos três motores completos com todas as ferramentas, o motor pequeno, o motor médio e o motor a diesel do carro médio, e o motor a diesel que ele disse que queria dar um jogo completo do Toro, de mecânica, de tudo, freio, hidráulico, tudo, tudo, e junto com as ferramentas, porque tem motor que tem uma ferramenta específica para ele, está lá, a solicitação foi para a fábrica, através daqui já foi para a fábrica, e a gente está esperando o resultado, se vir a gente vai montar um laboratório atualizado. Então essa dinamicidade a gente está tentando trazer ao *campus*, o contato com a prefeitura direto, hoje a gente passou, um exemplo, a gente passou um ofício para o secretário de infraestrutura para poder fazer a limpeza da área externa aqui do muro por volta de todo o *campus*, está cheio de mato, quando a gente pede no máximo um ou dois dias eles estão aqui limpando, e é rápido, fazer rápido, né, então a gente está sempre em contato com a prefeitura, fazendo parcerias, tudo mais. A gente está com um projeto agora do Museu Maker que faz produtos de origem mesmo de autoria do professor Vieira, que é um professor que está à frente do projeto, que imprime em impressora 3D moléculas, células que não tem, ele que criou, os alunos modelaram, e a gente criou modelos menores, estamos fazendo uma caixa para dar para as escolas municipais, para poder os alunos não ver só a imagem no livro, mas poder pegar e ter noção da diferença de dimensão entre uma coisa e outra, o tamanho da célula, a membrana que está dentro dessa molécula aqui, e aí vai explicar, e também para dar oportunidade de um cego pegar e ter noção do que é aquela aula ali, para a pessoa que não tem visão, é uma característica também desse projeto.

**Entrevistador:** Muito interessante...

**Entrevistado:** E tem três semanas que tinha uma turma inteira de uma escola municipal que estava aqui, a gente foi lá com o ônibus, pegamos os alunos, trouxemos, e eles ficaram encantados aqui com a fábrica de inovação.

**Entrevistador:** Então no primeiro momento vocês estão restabelecendo essa proximidade com a comunidade e o mercado de trabalho local?

**Entrevistado:** Sim.

**Entrevistador:** Havia um distanciamento da própria comunidade institucional? Já que os alunos e os pais estavam alheios a muito do que aconteceu no período de início de pandemia.

**Entrevistado:** Sim.

**Entrevistador:** E comunicação é super importante?

**Entrevistado:** Nesse período de pandemia se mostrou mais urgente...

**Entrevistador:** E as ferramentas virtuais foram as que funcionaram?

**Entrevistado:** Sim! E no grupo dos pais, a gente criou dois grupos, um já lotou, a gente criou o segundo agora, e o meu telefone está nos dois, então tem lá o meu telefone, diretor geral, está lá o institucional, então dificilmente tem um dia que eu não recebo a mensagem de um pai, nem que seja a pergunta mais simples, está tendo edital agora, aí eu sempre respondo, hoje mesmo eu estava respondendo uma mãe, disse que a filha não veio semana passada porque não tinha dinheiro para pagar o ônibus, para você ver, aí eu perguntei, você se inscreveu num, tem um edital aberto, ela não escrevi, vai sair amanhã o resultado, estou na expectativa e tal, então é dialogando com calma.

Em paralelo a isso tudo já tem pelo menos uns oito anos desde do início da gestão do... desde da saída do professor Alberto que, início da gestão do professor Edil foi muito comprometido com isso que eu te falei, estava muita briguinta, oposição muito pesada.

**Entrevistador:** O clima interno era muito dividido?

**Entrevistado:** Dividido, e não deu condições dele trabalhar como poderia trabalhar se tivesse um grupo unido, e ele teve dificuldades, por isso ele entregou o cargo, e entrou o Saulo, nesse tempo, nesse ínterim todinho o *campus* parou de reformas, de necessidades primárias aqui, por exemplo, o *campus* tem 32 anos de existência, foi inaugurado em fevereiro de 1990, até hoje a gente não tem um alvará de funcionamento, para a prefeitura a gente tem uma planta baixa, tem um terreno só, nem a planta existe, então nós já fomos lá nos Bombeiros pedimos para fazer um laudo, porque precisa de questões de combate a incêndio, que é a primeira coisa para começar, só que um projeto de combate a incêndio pelo o que sargento que inclusive é nosso aluno de elétrica, sargento dos Bombeiros veio aqui, e é um projeto muito caro, a gente está licitando uma empresa para fazer esse projeto.

**Entrevistador:** E essa sucessão de dificuldades da gestão interna foi empurrando esses problemas?

**Entrevistado:** Justamente.

**Entrevistador:** Então, assim, seria precipitado dizer que obviamente que o setor público nos últimos anos com teto de gastos, educação tem encurtamento de orçamento.

**Entrevistado:** Também.

**Entrevistador:** Mas não é só o encurtamento, talvez um pouco da inércia em fazer isso avançar?

**Entrevistado:** A gestão sim, a gestão, porque por exemplo, a gente assumiu do ano passado para cá a gente está conseguindo fazer muita coisa com recurso, e a gente está conseguindo economizar. Eu vou dar só um exemplo: eu assumi durante a pandemia, pandemia escola fechada, sem aulas presenciais nenhuma, só de laboratório e mesmo assim com turmas reduzidas. Nós pagávamos por 700 mega de internet, a R\$ 35.000,00 mensais. Tá, liguei para a empresa, pedi para reduzir para 200 megas, tinha dias de pico aqui que chegava a 110, 120, era para reduzir para 100, eu falei não, deixa 200 porque fica com folga, porque caso precise e tal, fomos para 200, baixou para R\$ 10.000,00, de R\$ 35.000,00 para R\$ 10.000,00. Na renovação do contrato que teve agora recentemente eu entrei em contato com o dono da empresa e sentei com ele e falei agora vamos negociar, porque eu estou pagando muito caro, os outros *campus* estão pagando isso, ou você me cobre esse preço aqui ou eu vou ter que aderir ele lá e cancelar o seu contrato, que a estrutura já está toda feita aqui, aí ele conseguiu cobrir, então a gente aumentou para 500 megas e vai pagar R\$ 4.500,00 agora, e já começamos a pagar. Então isso é gestão, tentar negociar, tentar conversar com os fornecedores para reduzir, uma coisa que a gente não negocia é a energia elétrica, esse mês passado veio R\$ 54.000,00, a gente está com previsão para o mês que vir a R\$ 70.000,00.

**Entrevistador:** E porque o *campus* está a pleno, de manhã, tarde e noite?

**Entrevistado:** Está pleno total. E quando for a biblioteca nova a gente está achando que vai chegar perto dos R\$ 100.000,00.

**Entrevistador:** 1,2 milhão de reais por ano de energia elétrica?

**Entrevistado:** É por ano de energia. E o nosso projeto de energia solar que eu já o tenho em mãos, ele está orçado em um 1,5 milhão de reais.

**Entrevistador:** Mas se paga, esse investimento?

**Entrevistado:** Se paga, o problema é conseguir o recurso de capital, que custeio é uma coisa, custeio vem para a gente, capital não vem, capital está na mão dos políticos, deputados e senadores, aí a gente tem que ficar batendo nas portas...

**Entrevistador:** Nas emendas, às vezes se o MEC tiver um teto, alguma coisa assim?

**Entrevistado:** Justo. E esse ano 2021 a gente conseguiu 3,8 milhões de reais em emendas, foi assim inédito aqui em Imperatriz, graças a Deus a gente conseguiu, e olha que eu não tenho contato político nenhum, foi mesmo batendo nas portas, insistindo aqui, insistindo acolá, recebendo vários não, um sim aqui, outro sim acolá, e a gente conseguiu. A questão como eu estou te falando, a questão é muito gestão, de ir atrás, de se interessar, de correr, entendeu, é muito nesse sentido, ficar parado vai ficar do jeito que tá, e eu não entrei para isso, entrei para movimentar.

**Entrevistador:** Mas Lauro, o *Campus* Imperatriz, por exemplo, eu entrei na rede em 2007 Buriticupu, 2008 Açailândia, Remoção, nesses dois *campi* que eu trabalhei, 2007 implantação Buriti, 2008 implantação Açailândia, e também a notícia de que Zé Doca, nesses três *campi*, Imperatriz participou ativamente do processo de implantação como referência. Estou falando dos anos de 2007, 2008 e 2009. Como é que você vê hoje o *campus* em relação a esse protagonismo aí início da expansão? Comparando com o restante da rede, Imperatriz continua tendo esse prestígio, esse protagonismo?

**Entrevistado:** É luta de recuperar, eu vou te dar um exemplo que aconteceu na primeira reunião do COLDIR que eu fui como convidado como diretor eleito, mas não diretor empossado ainda, o Wandenberg que é diretor de Pinheiro, eu acho que você conhece.

**Entrevistador:** Conheço.

**Entrevistado:** O presidente da rede hoje, coordenador da rede, ele chegou a mim, me cumprimentou, se apresentou, e ele falou assim: Lauro, há um tempo atrás, pouco tempo atrás a gente só ouvia, quando a gente pensava assim em buscar ajuda, a referência era Monte Castelo, Imperatriz, mas de um pouco tempo para cá ninguém mais nem fala em Imperatriz, então está aí em resumo tudo, e a luta nossa é voltar esse protagonismo, porque nós sempre fomos referência em muitas coisas, e a gente ver hoje, por exemplo, o *Campus* Açailândia é modelo para Imperatriz, *Campus* Buriticupu, também é um *campus* que está fazendo um trabalho fenomenal, e Imperatriz ficou, ficou patinando, a gente não tem um curso EAD, nós não temos nenhum curso de pós-graduação, apesar de nós termos hoje 20 doutores no quadro de 80 e poucos professores, e temos 10 afastados para o doutorado, então a gente vai ter 30 doutores aqui dentro, e a gente não tem EAD, não tem pós, e não tem nenhuma estrutura de oferecer curso FIC regular, na verdade não tem nenhum curso FIC nosso, o único grupo que trabalha curso FIC mesmo assim ainda não é tão regular como eu gostaria que fosse todo o semestre ter uma grade de cursos por área, é o pessoal de língua portuguesa, que tem o CEL que é o laboratório de línguas que eles acabam oferecendo, libras, inglês intermediário, então eles sempre fazem isso, fora isso não tem mais ninguém que faz nada aqui.

**Entrevistador:** Esses cursos de formação rápida nas áreas profissionais, os eixos formativos?

**Entrevistado:** Nada, absolutamente nada, que é um diálogo que assim que eu assumi eu comecei esse diálogo com os coordenadores, e a gente tem, só que não é diretor que faz, não são os chefes de departamento que faz, são os coordenadores, os professores, e até agora não foi feito nada.

**Entrevistador:** É uma mudança de paradigma?

**Entrevistado:** E é lento, eu tenho consciência que é lento, não adianta você botar pressão, de um ano para o outro vamos oferecer, não, não, é lento, é lento. Tem que convencê-los que isso é importante, eles têm que internalizar essa importância, e de fato fazer, aqui existe muito mais... Eu não sei se em todos os *campus*, você já rodou mais que eu assim, que tem uma experiência melhor, mas aqui tem muito a reclamação de

carga horária, é como se o trabalho deles fosse carga horária, sala de aula, a grande maioria dos professores aqui são professores somente de sala de aula, não desenvolvem projetos de ensino, de pesquisa.

**Entrevistador:** O *campus* é como ele não tivesse migrado para o novo conceito de instituto federal?

**Entrevistado:** Já não, eu vejo assim, é um comportamento que temos, com esses problemas que eu te falei, desses conflitos internos. Os professores que eram mais dinâmicos, que tinham mais atividades além da sala de aula eles foram saindo dessas atividades e voltando só para a sua vida de sala de aula, então hoje a gente tem esses dois, muita gente que veio desse negócio de sala de aula do técnico, nós tínhamos professores hoje aqui que assumiu no início de 90, no início mesmo, 1990, e são professores de sala de aula, da escola mesmo, a escola técnica...

**Entrevistador:** Entendo...

**Entrevistado:** Então eles entraram aqui já CEFET, então, mas mesmo assim era com aquela cabeça de escola, de dar aula só no ensino médio, ensino médio, ensino médio, ensino médio, o curso de física eu acho que nasceu em 2000, não 2006, 2008, então a gente passou muito tempo sem o superior aqui, só ensino médio, e isso sim traz, está no nosso DNA na sala de aula, só que também se você for ver a quantidade de professores novatos que a gente tem também é muito, e isso...

**Entrevistador:** Houve uma renovação?

**Entrevistado:** Já, e isso foi muito influenciado não só por esses professores, mas por esses conflitos, que impede a pessoa para fazer mais, não tinha ambiente para fazer o além Esse é o meu desafio, é criar um ambiente, não falar para você, faça mais, não, eu quero criar um ambiente que favoreça você ter vontade de fazer mais, essa é a minha ideia, não sei se em quatro anos eu vou conseguir, mas essa é a minha ideia, eu sei que é um processo lento, é um processo comportamental, mas é um desafio muito grande, muito grande.

**Entrevistador:** Sugiram novos cursos, o professor Murilo me falou dos novos cursos, mas como essas ofertas estão dialogando com o mercado de trabalho? O projeto Suzano é só uma referência para a gente pensar uma forma de interação como o mercado, como é que você ver essas ofertas e o mercado hoje?

**Entrevistado:** Vamos lá, eu vou começar com uma conversa que eu tive com o Neiraldo que é o diretor executivo da Grupo Jorge Batista, ele é egresso do Instituto Federal do Piauí, e ele coloca a importância que tem de dar emprego para essa galera, que é uma galera que tem vontade de crescer na empresa e tal, e ele falou que essa área de mecânica, essa área de elétrica é o grande, mercado já aberto aqui em Imperatriz, que é de serviços, e ele falou que agora está migrando muito para essa questão de inteligência na área do agronegócio, não é, tecnologia, inteligência artificial, agronegócio, ele citou o

exemplo, de ah, você passa numa fazenda tem três caminhonetes lá você pensa que é um patrimônio grande, mas juntando aqueles três ali às vezes com a maior parte da fazenda, às vezes comprou um trator que tem lá dentro, que tem um trator de 3 milhões de reais totalmente autônomo, o cara faz só a programação no computador, e deixa ele sozinho que ele faz tudo, é, isso junto com drone, pode conectar ele com drone, aí o drone vai na frente, enfim, tem hoje, tem equipamento para tudo totalmente autônomo, não tem mais pessoa para ir trabalhar, no máximo alguém para estar dentro H Mini, um trator fechado, totalmente confortável no ar condicionado para fazer um trabalho dali de dentro, só isso, então tem, mercado de sobra, os nossos alunos eles sempre são direcionados para as empresas. Uma parceria tão grande quanto essa da Suzano, o que a gente tenta lutar, a minha reunião com o Neiraldo foi para isso, tentar buscar uma parceria maior com o Grupo Jorge Batista aqui, mas isso é um processo lento, de conversa, eu tenho que ter uma base comigo, eu não posso só, eu tenho que ter os coordenadores, professores tem que estar engajados nesse projeto, e o que eu sinto dificuldades é isso, às vezes eu estou só, e eu não posso fechar um projeto grande sozinho. A Suzano, eu já tentei contato com a Suzano, a Suzano meio que fechou as portas, eu acho que teve algum problema aí, eu não consegui ainda saber exatamente qual foi o problema que houve uma ruptura com o IFMA, não sei se um ressentimento tem aí na história, mas já tentei contato com eles, nesse período de pandemia eles não estavam recebendo aqui, só em São Luís, o gabinete do reitor já tentou reunião lá com o reitor para eu poder participar, para a gente poder levar as demandas de Imperatriz, mas marcaram eu acho que umas duas vezes, mas desmascaram na véspera, enfim, acabou que não aconteceu ainda essa reunião como a Suzano, mas coisa pequenas a gente sempre está relacionado com a Suzano, campos de estágio, a gente tem um projeto agora das nascentes em que a Suzano ajudou a gente em mapear algumas áreas que tinha nascentes aqui na cidade, então a gente tem esse contato pequeno, mas tem, não um projeto maior como foi aqui. Aquele projeto lá ele foi um projeto bem específico porque foi para formar os primeiros funcionários deles, né.

**Entrevistador:** A implantação do Projeto Suzano aqui?

**Entrevistado:** Isso, então foi um projeto grande e bem específico, eu lembro que eu fiz parte desse projeto. Eu dei aula para eles, então através do SENAI eles pagavam as bolsas para os professores daqui, então toda estrutura docente e técnico administrativo foi no IFMA, só que contratado pelo SENAI, e ao mesmo tempo em contrapartida isso eles deram o prédio para a gente, então foi bem específico, mas o diálogo ainda não teve para outras parcerias assim grandes.

**Entrevistador:** Você falou que não tem como afirmar, seria uma especulação, mas esse processo de reconquista passa pela Suzano no nível da credibilidade da instituição. É improvável que esses problemas internos não tenham repercutido externamente?

**Entrevistado:** Sim, sim, não tenho dúvida, porque assim a gente, quando eu assumi a gente estava vindo de um período de crescimento dessa descrença, não sei se tu conseguiste entender?

**Entrevistador:** Sim.

**Entrevistado:** As pessoas estavam acreditando cada vez menos no Projeto IFMA, e no ano que eu assumi que teve um seletivo, exatamente quando eu assumi ali. Foi o primeiro ano que a gente não fechou nenhuma turma do médio, nenhuma turma tinha 40 alunos, e todo mundo se assustou.

**Entrevistador:** O fluxo era inverso... aqui sempre teve altas concorrências pelas vagas...

**Entrevistado:** A maior concorrência do Maranhão é aqui em Imperatriz, sempre foi, e a gente ficou assim, opa, espera aí, tem alguma coisa errada aí, vamos rever, e hoje não, já voltamos praticamente ao normal, a concorrência é grande, mas a gente ainda ver muito em fluxo os alunos se matriculam e depois saem poucos dias depois, a gente precisa entender ainda o que é isso, no seletivo do próximo ano a gente já vai ter uma noção melhor, porque agora vai voltar mesmo o presencial, já vai estar no presencial total, mas tem muito essa questão de credibilidade, também eu acho que é um tema forte, e é uma das lutas nossas aqui, por isso a gente abriu as redes sociais para dar essa abertura também de comunicação, hoje os pais tem total abertura em se comunicar com a instituição, uma empresa quer falar, por exemplo, eu vou receber daqui a pouco uma pessoa da Faculdade Anhanguera, ele marcou comigo às 17h, para falar de uma proposta para implantar cursos de doutorado com a Universidade de Taubaté, os professores de lá, para juntar os professores daqui, eles iam bancar para ser aqui no IFMA. Por que o IFMA? Porque o IFMA tem credibilidade, nós temos credibilidade, temos muita força de mercado ainda, então a minha ideia... o meu trabalho é aproveitar isso que a gente tem para ganhar e para restabelecer o que a gente tinha, a gente tinha muita força, muita, a gente tem cara, aqui não tem como, a marca IFMA é muito forte.

**Entrevistador:** Como é Lauro esse processo de gestão? Você falou de precisar fazer um projeto, mas olhar para os lados e não ter forças para tocar, não que você não tente mobilizar, mas a apatia tem gerado problemas. Como é fazer gestão do ensino nesta conjuntura?

**Entrevistado:** O ensino é o seguinte, eu vejo, eu ia falando, a Instituição IFMA *Campus Imperatriz* ela historicamente se tornou cada vez menos cooperativa no sentido da perspectiva do trabalho conjunto mesmo, de todo mundo dar ali a sua contribuição. Qual é o projeto que eu criei a partir disso, para tentar começar a reverter, eu estou fazendo reuniões com cada setor individualmente, tem setor que só tem duas pessoas, eu faço para essas duas pessoas, e passo um turno inteiro, aí tem os slides que eu coloco a quantidade de contrato que nós temos, os fiscais, que só tem dois fiscais para quase todos os contratos, convido outras pessoas ninguém quer, então isso também é fazer gestão da escola, por exemplo, a limpeza as pessoas reclamam, mas quem reclama está disposto a ser um fiscal, é isso que eu coloco para eles, comissões, grupos de trabalho, então tem muita coisa que muita gente reclama, mas quando a gente chama para participar não participa, inclusive eu coloquei com essas palavras no último encontro pedagógico, a gente precisa se mobilizar os colegas para todo o mundo fazer parte do projeto, por isso que as coisas não andam, por exemplo, eu tenho, provavelmente a gente

vai ter até o final do ano, até meados de outubro, novembro, recurso para fazer a... colocar em prática o projeto de acessibilidade, eu tenho o projeto na minha mão, mas a gente precisa rodar um processo de licitação, quem está rodando o processo, tem dois meses que eu estou com ele, eu não consigo, não consigo sair do lugar, eu falo com a pessoa, e aí a pessoa pega, duas semanas depois não fez nada, eu vou e levo para outra pessoa, entendeu, aí vai chegar um ponto que eu na posição de diretor geral tenho que parar para poder fazer isso, porque senão eu vou perder o recurso, então se essa mobilização ela é feita na minha percepção aqui dentro com o seu órgão público, ela é feita com muita paciência, com diálogo, e você tentando criar um ambiente favorável para isso, não é um ambiente repressivo, que eu vou botar pressão, não, ambiente para a pessoa entender que é importante ele realmente fazer aquele trabalho, porque se ele não fizer a escola todinha vai ter um prejuízo, é isso que todo o dia o meu trabalho, todo o santo dia é o meu trabalho, com toda calma conversando, e o ensino ele é nessa perspectiva, por que nós não temos projeto de pós-graduação, por que nós temos, por exemplo...

**Entrevistador:** Inclusive são mais fáceis de aprovar nas instâncias superiores do que outras ofertas...

**Entrevistado:** Muito mais fácil, e FIC que é aqui mesmo no *campus* que aprova, você pega um curso divide várias disciplinas, cada disciplina você adapta um curso FIC ali, coisa bem popular, bem simples, a gente poderia, o professor poderia trabalhar aquilo ali, cada curso ou cada eixo deveria ter uma grade de curso para ofertar ali nos semestres, já sugeri isso, já sugeri os cursos, até agora ficou só nisso, não vai, então é com muita calma eu vou fazer uma nova reunião, vou mostrar de novo, pessoal vamos lá, vamos fazer porque é importante para a gente, a gente vai interagir com a comunidade no entorno do IFMA e tal, mas é muito lento o processo, muito, muito, muito lento. E eu precisei internalizar o entendimento disso, porque a lógica daqui, eu não tenho como pescar a lógica do mercado para cá, trazer, transmutar, não posso, eu tenho que entender a lógica daqui, conduzir com calma, se tiver pressa aqui você desmonta tudo.

**Entrevistador:** E até o desenho de outros campi, que surgiram com outras vertentes, com maior diversidade de ofertas... como você percebe essas diferenças?

**Entrevistador:** É outra, e são outras pessoas. São grupos mais jovens no serviço público, então já começou o trabalho com uma certa dinâmica, aqui a dinâmica é muito antiga, então é muito misturada com várias gerações ao mesmo tempo, vícios, enfim, é mais complicado, bem mais complicado para falar a verdade.

**Entrevistador:** O processo eleitoral, como fração do princípio de gestão democrática nas escolas, é um princípio de que não se abre mão. Mas o processo eleitoral em Imperatriz pelo que eu vejo ele é muito traumático, ele deixa muitas sequelas?

**Entrevistado:** Deixa.

**Entrevistador:** Como transpor essa dificuldade, como você visualiza um processo eleitoral onde você possa fazer diferente, mas principalmente se consiga fazer gestão diferente, sem essa fragmentação?

**Entrevistado:** Sim. Eu vejo que em médio prazo é sim possível, mas desde que se comece com um processo, um projeto de conscientização, um projeto IFMA, um projeto *campus*. Vamos discutir o *campus*, é o que a gente precisa. Precisamos tentar criar esse ambiente, eu acho que na próxima campanha eleitoral eu espero não tenha um clima tão agressivo como vem vindo já por três eleições, inclusive a minha também, foi muito, muito, foi muito agressivo, a minha parte que era o meu grupo não atacou ninguém, a gente nem se defendeu, a gente fez uma campanha nossa, a nossa campanha é essa, organizamos, vamos fazer, mas eu tive problema até para responder para a Polícia Federal, Polícia Federal, Ministério Público, Ouvidoria, Corregedoria, tudo que você imaginar, páginas no Instagram, no Facebook, páginas Fake para ficar falando um monte de besteiras, expõe a nossa instituição lá para fora, coisa que deveria ficar aqui dentro. Então, pessoas que não tem noção disso prejudica a imagem da instituição em nome de uma politicagem que é uma coisa pequena, eu vejo dessa forma, fiz a minha política limpa, por muito pouco não perdi, diante de uma política que não era limpa contra mim, isso é óbvio, se você olhar aqui e conversar com qualquer um isso é óbvio, mas, assim, o que eu tento hoje, o meu esforço é justamente limpar... limpar esse ódio, esse rancor que as pessoas trazem, essas reuniões com os setores que eu fiz, um setor era só de pessoas mais antigas no *campus*, e você consegue enxergar o rancor que eles trazem consigo, é porque na gestão de fulano ele não deixou eu fazer isso, eu fiquei zangado aí eu nunca mais me dediquei mais, o colega se transforma em um fantasma aqui dentro, entendeu, aqui a gente tem muitas pessoas que não tem função nenhuma, vem e ficam rodando no *campus* e vai embora, não tem função nenhuma, de um cargo antigo, é um cargo extinto, a gente não pode chamar ele para outro lugar, só que a função dele ele não consegue mais exercer, então meu amigo é muito delicado, que são relações muito delicadas, são quase 200 servidores. Então o nosso desafio é isso, e tentar limpar esse rancor, esse ódio que as pessoas têm por outras pessoas e pensar na instituição, a gente está aqui pela instituição, entendeu, será que é interessante eu denigrir a imagem da instituição, fazer um bocado de coisas para eu poder assumir um cargo depois? E não vai conseguir conduzir nada, porque depois a instituição vai estar queimada, ele vai ter que se virar para tentar limpar, então vai ser difícil.

**Entrevistador:** Prejudica os processos de gestão totalmente?

**Entrevistado:** É um negócio que não sai do lugar. O *Campus Imperatriz* já vai fazer eu acho que 10 anos que ele não consegue sair do lugar, por exemplo, eu acho que nos últimos 10 anos a gente não tinha comprado nenhum computador novo, cara, que é uma instituição tecnológica. Na minha gestão, compramos até computador novo, eu estou com um notebook novo na minha mochila. Chegaram computadores novos na biblioteca, recebemos de doação do TSE, do Ministério Público, do TCU, recebemos mais de 200 computadores, ontem nós terminamos de montar o Laboratório 1, eu assumi o *campus*, tem seis laboratórios de informática, dois são de uso exclusivo de suas áreas específicas, que é ciência da computação e computação gráfica que é de pessoal de engenharia civil,

edificações, o pessoal do CEL que possuía um bem danificado, e três laboratórios de uso comum. Desses três laboratórios tinha um funcionando, e dois totalmente sucateados para poder tirar as peças para deixar um funcionando. Hoje temos três laboratórios funcionando, e fora que a gente ajudou a resolver todos os problemas desses outros, e a gente está cheio de máquinas sobrando, sobrando assim, estamos fazendo um levantamento do que está sobrando, e a gente está começando a trocar as máquinas dos setores.

**Entrevistador:** Lauro, já encaminhando para a parte final aqui da entrevista, se for possível avaliar, qual é a maior dificuldade do *campus* hoje? É o recurso orçamentário escasso, de custeio e capital ou é mobilizar internamente a comunidade para gerar demanda para esses recursos?

**Entrevistado:** Vamos lá, boa pergunta, muito inteligente a pergunta, o meu problema é mais mobilizar, muito mais, recurso eu consegui correr atrás como eu te falei, eu pessoalmente consegui 3,9 milhões de reais, foi eu correndo atrás, eu, Lauro, correndo atrás.

**Entrevistador:** Sem conhecer nenhum político...

**Entrevistado:** Não, a pessoa que eu conheci, que eu fui apresentado por um colega que é o nosso pedagogo Márcio Musiel, você conhece, me apresentou o Marco Aurélio, deputado estadual, o Marco Aurélio já foi me abrindo canais com outros políticos que foi que me apresentou o Senador Weverton Rocha, aí nessa, o Senador Weverton Rocha diz que vinha em Imperatriz. Tentamos para ele vir para conhecer, e nesse conhecer veio outros políticos e pronto, e aí o negócio deu bom, né, como diz os mais jovens, mas foi assim. Eu consegui recurso, e hoje eu não tenho uma estrutura humana para dar conta dos projetos, para poder absorver esse recurso. Temos 1 milhão de reais agora que veio de TED que eu te falei, esse 1 milhão de reais é de insistência minha com o reitor, é toda semana, reitor é a biblioteca, a biblioteca, o prédio da biblioteca foi entregue em 2019, a gente está em 2022, você tem um elefante branco lá, a gente precisa botar ele para funcionar, então é uma questão de urgência, precisa botar para funcionar, e eu estou sempre lá no bom dia com o reitor, reitor o nosso prédio, o nosso prédio, ele falou olha, eu vou colocar na prioridade para o MEC, e ele colocou prioridade um do IFMA para receber, porque o MEC ia mandar recurso para alguma coisa que estava parada, para botar para funcionar, e ele mandou para o mobiliário nosso, o nosso mobiliário, só o mobiliário da biblioteca nova é 1 milhão de reais, cara, porque é uma biblioteca grande.

**Entrevistador:** Mas você acha que a mobilização tem um peso maior hoje para o *campus* avançar?

**Entrevistado:** Tem, porque a gente não tinha, a gente veio de uma estrutura que estava vivendo um pouco na inércia, eu falo assim mais no sentido da mobilidade geral, era um ou dois só que tocava os trabalhos, sobrecarregados, e a minha lógica é não ter uma ou duas pessoas para tocar tudo, é ter mesmo a coletividade, as pessoas se envolvendo, e isso é um processo que a gente, de conquista diária, tem muitas pessoa que agora que estão observando que realmente o nosso projeto é sério, que a gente realmente quer

fazer um trabalho sério de reestruturar isso aqui, de terminar os quatro anos com alvará de funcionamento, com acessibilidade, com a rampa de acesso dos três blocos.

**Entrevistador:** A biblioteca funcionando...

**Entrevistado:** A biblioteca funcionando, eu queria muito que fosse esse ano, mas o ano eleitoral eu acho que não vai dar para entregar esse ano, mas pelo menos a gente está correndo atrás, entendeu? Então está, o setor de licitações ali que é três pessoas lá, estão lotado de coisas, fazendo muita, mas muita coisa mesmo, tem mais coisas para fazer para lá agora, vou passar essa semana já mais coisas, eu vou reunir com eles hoje à tarde também, finalzinho de tarde. É meu amigo, é uma correria que não tem fim não aqui, é muita coisa. Nós recebemos 2,7 milhões do Weverton Rocha para construção do bloco de engenharia civil, toda a semana o reitor me liga, como é que está o processo? A gente precisa empenhar esse ano para mostrar para o senador que a gente está levando a sério o dinheiro dele, entendeu? O processo está andando, devagarzinho, vai lá, está em São Luís agora para atualização, porque o projeto arquitetônico original é de 2006, 2016, defasou demais, aí a parte elétrica então nem se fala, hoje é tudo led, então defasou demais da conta, e aí está atualizando o pessoal, já veio um engenheiro eletricitista semana passada, fez uns estudos aqui já levou para lá para colocar, e ele me pressionando aqui, eu pressionando o pessoal da DINFRA lá na reitoria para poder andar, porque em junho agora é nossa previsão de iniciar o processo de licitação, tem que empenhar esse negócio, entendeu? Aí eu vou, peço energia solar, vou com o senador, o nosso projeto é de 1,5 milhão de reais, aí ele manda 1,5 milhão de reais, não eu vou mandar para ti, e o nosso processo aqui não anda, entendeu?

**Entrevistador:** Lauro, 35 anos de *campus*. O que você projeta para o futuro vendo essa trajetória? Você tem 12 anos de trajetória desses 35 do *campus*, o que você visualiza para esse futuro?

**Entrevistado:** Ótimo. Consolidar mais ainda a marca IFMA aqui em Imperatriz região, uma marca muito forte, aqui na direção geral eu pude viver isso, não ver, mas viver, muitos pais sentados onde você está aqui pedindo pelo amor de Deus aprova meu filho no seletivo. Como se responde a um pedido desses? Os pais vêm aqui chorando, dizem, com aprovação dos filhos: agora eu sou a pessoa mais feliz do mundo, o meu filho vai estar na melhor escola daqui da região e tal, fortalecer a marca IFMA. Para mim o caminho é EAD, é o caminho que fortalece o presencial para mim, então a gente vai caminhar pro EAD. O EAD é uma estrutura que ela serve de ensino, que ela serve a extensão, que ela serve os cursos FICs, e que ela serve a pós-graduação, que a gente pode trabalhar módulos de EAD dentro dessas áreas, a gente pode ofertar um curso sei lá, um concomitante 100% EAD, como em outros *campus* já tem, Maracanã, por exemplo. *Campus* Maracanã tem 2.900 alunos matriculados em EAD e 900 alunos presencial, então é uma estrutura grande que não está lá dentro da escola, que é virtual, ele atende várias cidades. Como trabalhar isso aqui? Esse é o nosso grande desafio, como tentar fazer com que o professor perceba que a gente pode crescer muito, mas o nosso crescimento físico ele está limitado, a gente não pode mais crescer do jeito que está aqui, não tem mais sala de aula, a quantidade de professores é limitado, mas tem professores

que tem folga de carga horária, que tem como trabalhar com EAD, por exemplo, para mim o caminho é EAD, para mim, Lauro. Fortalecer, a marca IFMA, trabalhar EAD, por exemplo, a gente está abrindo cursos do Pronatec, do Mediotec... ainda há pouco recebi a mensagem de um amigo meu, o edital vai fechar segunda-feira, como é que eu faço para escrever, Lauro? São coisas também que acaba atraindo outros públicos, aí um público que porventura não conheço os nossos cursos vem entra no curso FIC de, por exemplo, o que a gente estava conversando de conhecimentos básicos de elétrica, de energia elétrica para uma residência, uma tomada, o que é um fio neutro, o que dá choque, o que dá curto, enfim, esse conhecimento vai trazer eles para cá para dentro, mesmo que virtualmente, mais eles vão conhecer que aqui tem o curso de engenharia elétrica aqui dentro, que tem eletromecânica, eletrotécnica, entendeu, e isso atrai um público que está aqui dentro, e que está em outras cidades aqui na região, entendeu? Por exemplo: 100 alunos por polo do *Campus* Maracanã hoje pega 18 municípios, 19, talvez 20 municípios, e ele consegue chegar, então quantos municípios a gente também não poderia chegar sem que ter que usar a nossa estrutura física? Eu acho que esse é o nosso grande desafio, que é uma coisa que eu gostaria muito de trabalhar. Por mim eu já teria um estúdio todo de gravação aqui, eu já pedi para reitoria, eles têm um projeto, eu estou vendo com eles se a gente pega o projeto para a gente montar um estúdio do nada aqui, construir mesmo um bloco, um bloco pequeno, e construir um estúdio de gravação como se fosse um jornal, ter cadeiras de entrevista e tal, uma televisão, o momento para a pessoa dar uma aula ali e tal, e isso eu quero ver isso até o final do ano de 2023. Essa é uma ideia que eu tenho para poder fortalecer o EAD, que eu acho que para mim esse é o caminho, a gente já está com uma base, uma estrutura de cursos que atende muito bem o mercado, tem algumas atualizações a fazer, é óbvio sempre pensando, isso aí não pode parar de pensar nessa atualização, talvez esquecer um curso, talvez trazer um outro, mas dentro do quadro de professores que a gente tem...

**Entrevistador:** E o quadro de pessoal não é tão fácil de alterar, não é?

**Entrevistado:** É fixo, não tem como. Mas isso sim é possível, mas dentro disso eu acho que fortalece muito mais se a gente pensar em ofertar EAD, porque aí pega o ensino, pega o FIC, pega projeto de extensão, pega projeto de ensino. Também que pode ser voltado para o público interno, e pega pós-graduação, então a gente consegue abrir uma porta que até o momento está fechada aqui dentro, e reprime muito, para mim é essa percepção que eu tenho, e para ligar para o futuro, a gente tem toda estrutura para isso, a gente só precisa dar o passo agora, entendeu, a gente já começou a dar o passo já.

**Entrevistador:** E precisa mobilizar?

**Entrevistado:** Que é importante, senão não vai, não é o diretor geral que vai fazer os cursos, que dá aula, não tem como [Risos].

**Entrevistador:** Lauro, muito obrigado. Sua colaboração foi importante.

## APÊNDICE G – ENTREVISTA MURILO BARROS DE CARVALHO

Entrevista / Identificação: SN Áudio	Entrevistador: Reinouds Lima Silva
Data da Entrevista: 5 maio 2022	Duração: 31min35s
Entrevistado: Murilo Barros de Carvalho	Perfil: Servidor IFMA (Gestor). O servidor compõe um grupo recente de trabalhadores do <i>campus</i> . Transferido do <i>Campus Açailândia</i> , faz parte da atual gestão institucional, na qualidade de Diretor de Desenvolvimento Educacional.

**Entrevistador:** Início padrão das entrevistas – Apresentação da pesquisa, objetivos e do TCLE. Leitura dos Termos de Participação. Pedido de manifestação de Interesse em participar da pesquisa.

**Entrevistador:** Antes de tudo eu gostaria que você se apresentasse, falasse da sua trajetória, sua formação, outros pontos que você acha que são relevantes.

**Entrevistado:** Eu agradeço a oportunidade em contribuir, eu sou o professor Murilo Barros de Carvalho, a minha formação eu sou engenheiro ambiental, tenho mestrado, eu iniciei a minha carreira profissional como engenheiro, então fiquei oito anos no mercado e aí em determinado momento eu senti uma necessidade de uma conversão profissional, exatamente porque a área ambiental vinha de um desgaste, assim, muito grande e eu estava meio decepcionado, e eu falei, eu acho que eu vou contribuir mais no ensino, eu sempre quis ser professor, e aí surgiu a oportunidade do concurso e eu fiz, ingressei no instituto em 2015, inicialmente no *Campus Açailândia* e aí tem, desde 2018, 2017 foi a minha remoção, em janeiro de 2018 entrei em exercício aqui no *Campus Imperatriz*, então eu trabalho especialmente com curso de meio ambiente que nós temos, também, como meu mestrado é na área de energias eu também trabalho com engenharia elétrica com umas disciplinas optativas, e também o curso de química, umas disciplinas do curso de química a gente também contribui.

**Entrevistador:** Você é nascido em Imperatriz?

**Entrevistado:** Não sou daqui. Eu sou tocantinense, nascido em Araguaína, Tocantins. Morei muitos anos em Palmas e depois eu vim para cá.

**Entrevistador:** Eu falei com o professor Alberto que também não é imperatrizense, eu conversava com ele, Imperatriz é um lugar de encontros. Qual era sua expectativa em vir para essa região?

**Entrevistado:** Quando eu vim para o instituto, quando eu ingressei na carreira que eu olhei a região, as oportunidades dos possíveis lugares eu quis inicialmente Açailândia por conta de Imperatriz, então a minha ideia era o seguinte, minha tia foi professora aqui, professora Socorro, então eu já conhecia Imperatriz, já tinha contato com ela, já tinha vindo aqui e tal, então minha ideia inicial na época era a seguinte, eu vou morar em Imperatriz porque Imperatriz tem toda uma estrutura, tem aeroporto, tem como eu ir para

casa dos meus familiares, é perto, tal, e eu vou ficar trabalhando em Açailândia, só que depois que eu mudei de fato fiquei em Açailândia e aí depois eu, quando teve a oportunidade de fazer a remoção eu vim para cá. Então, quando eu olhei para Imperatriz eu olhei nessa perspectiva mesmo de infraestrutura, de possibilidades, do *campus*, que era mais antigo, tinha vários cursos, inclusive de graduação que eu tinha interesse, então foi nesse olhar, e aí Imperatriz é esse lugar, que a gente encontra muita gente de muitos lugares.

**Entrevistador:** Do Brasil todo?

**Entrevistado:** Do Brasil todo, e agora com o avanço, assim, até de indústrias, no processo de industrialização, a cidade agora que realmente vem recebendo muita gente de outros lugares.

**Entrevistador:** Até de antes da pandemia, muito investimento, teve Suzano, o grande Carajás lá atrás, anos 80, 90, ferrovia, e isso dialoga muito...

**Entrevistado:** Isso é muito importante, ferrovia, rodovia, transporte aeroviário, então tudo isso ajuda a movimentar a cidade.

**Entrevistador:** Qual era o seu olhar de fora do *Campus* Imperatriz com instituição de ensino? Você estando no *Campus* Açailândia, que instituição você via, e que instituição você encontrou quando chegou aqui?

**Entrevistado:** Essas duas perguntas são complexas. Eu via um *campus* muito grande, historicamente tem um peso muito grande, na instituição, quando eu cheguei no IFMA as pessoas falavam, *Campus* Imperatriz até num tom, assim, de grande mesmo, comparando até aos da capital, então isso me chamava a atenção, e quando eu cheguei aqui eu vi um *campus* com muitas fragilidades como qualquer outro lugar, que as instituições são feitas de pessoas, e as pessoas tem pensamentos, seus modos próprios, então quando eu cheguei aqui eu me encontrei com uma instituição com muitas dificuldades e um processo de transição muito grande, por que, porque nós estamos chegando aos 30 anos e exatamente todos esses nossos colegas eles foram perpassando toda essa história dos 30 anos, e nessa transição, nessa lacuna de CEFET para IFMA ficou muitas coisas que não foram resolvidas com esses colegas, eu senti, assim, muitos ainda entendiam, por exemplo, quando eu cheguei em Açailândia vindo da pós-graduação era muito comum os colegas, todos novos, e tal, a gente usar o termo *campus*, assim, com muita facilidade, quando chegou aqui o termo mais usado é escola, eu achava aquilo, assim, muito, reduzir a rede federal a uma escola, é uma escola, mas não é só isso, aqui a gente produz ensino, pesquisa extensão, inovação, então a proposta dos IFs ela é, não é que é maior, seria...

**Entrevistador:** Um passo mais ousado?

**Entrevistado:** É um passo diferente do CEFET, então essa expansão ela foi muito importante, e profissionalmente também, então alguns colegas não tinham, às vezes, entendido, eu cheguei aqui e dei de cara com essa realidade, não tinham entendido isso, esse processo de necessidade de verticalização, sair só dos cursos técnicos, começar a

ofertar outras coisas, outras modalidades, outros níveis, e aí muitos colegas já em fase de aposentadoria, então é um tempo, uma lacuna de 2018,19, 20, de muitas transições internas do *campus*, e aí veio a pandemia, né, a pandemia ainda agrava um pouco mais isso tudo, que distanciou as pessoas, então essa foi a realidade que eu encontrei no *campus*, assim, quando cheguei.

**Entrevistador:** Uma questão que tem surgido muito, conversando principalmente com os que tem mais tempo de casa, é um pouco desse estranhamento da chegada dos novos e do movimento de mudança ou de permanência, né. Muitas pessoas já tem estudado essa criação da nova rede, que com os IFs em 2008 se criou uma nova rede, ou uma rede de fato, existia uma rede de educação profissional, mas não era vista como rede, então a criação em 2008 criou um movimento, três movimentos, né, de ruptura com a mudança, de permanência com a resistência, e nem uma coisa e nem outra, né, ainda estão discutindo o que fazer com isso, né, e o *Campus Imperatriz*, por ter essa ascendência, esses veteranos, professores que estão aposentando agora, professora Isaura, ela é um grande pilar desse escola, mas ela tem uma visão da educação profissional, que remonta aos anos 80, 90, que é um pouco do que, pelo menos, os institutos pensariam em romper uma perspectiva de uma instituição como você mesmo falou, mais encorpada, que pense ensino técnico, tecnológico, a graduação, pós-graduação, qualifica seus professores em mestrado e doutorado, estamos ainda talvez no tempo das mudanças, né, você falou desse estranhamento, mas olhando para um futuro mais próximo o movimento de mudança ele permanece ou ainda há muita resistência em relação à isso?

**Entrevistado:** Ele permanece, a mudança vai acontecer por conta da oxigenação que vai acontecer, veja bem, isso é uma visão minha, então com a entrada de novos servidores, porque muitos vão se aposentar nesse processo, completamos 35 anos, então outras pessoas, e eu acredito que hoje a rede federal, instituto federal se tornou uma carreira muito atrativa para os docentes que estão vindo já com pós-graduação, mestrados, com doutorados, inclusive hoje nos concursos é até difícil alguém entrar sem pelo menos uma dessas titulações na carreira, e a exigência do edital é graduação, porque a gente trabalha com curso técnico, então eu percebo que isso vai trazer um novo pensamento, um novo processo de oxigenação natural para a instituição, e talvez até contribuir para esse processo de verticalização, maior verticalização do *campus*.

**Entrevistador:** Então você acha esse movimento virtuoso?

**Entrevistado:** Eu acho que ele é...

**Entrevistador:** Ele é controverso?

**Entrevistado:** É, ele é, só que eu acho que ele é um pouco, a gente às vezes não tem um controle, ele vai ser um processo que vai acontecer, é possível que a gente às vezes fique puxando ainda um pouco, freando e tal, mas ele, a gente não tem um controle total sobre ele, não tem como. Não sei se seria virtuoso a palavra, mas... Inevitável, talvez essa palavra.

**Entrevistador:** O *Campus* Imperatriz enquanto instituição de educação profissional, com os seus acordos internos e tudo o mais, quais são as principais dificuldades do *campus* no seu ver, você está aqui já seis, sete anos, quais são as grandes dificuldades, vamos fazer uma autocrítica, quais são as grandes dificuldades do *Campus* Imperatriz que você visualiza hoje?

**Entrevistado:** Essa situação que eu aponte, de não enxergar o que é o instituto, penso que é uma dificuldade, outra dificuldade eu acho que foi, é um processo, é difícil responder isso que talvez eu faça um julgamento histórico, mas eu percebo que o *campus* ele fez um processo de isolamento em função do restante da rede, por ser muito grande, por ser muito bom, não afetar muita coisa, ele se desconectou de senso de rede, por ser referência, por ser sempre um local importante, eu penso que nós perdemos ao longo do tempo esse contato com os outros *campi*, até menores do que nós, sem nenhum tipo de orgulho, nada disso, porque esses outros *campi* também tem servidores, professores tão qualificados quanto aqui, e aí a gente ficou meio que ilhados, é um sentimento que eu tive logo que eu cheguei, fez me sentir desconectado, quando eu estava em Açailândia, mesmo como professor, não estava em coordenação eu sentia mais rede integrado do que quando eu cheguei aqui, mas isso é um olhar, talvez até presunçoso, eu não sei, nesse momento é uma dificuldade, e a outra dificuldade é o próprio tamanho do *campus*, hoje nós ofertamos nove cursos técnicos de eixos completamente diferentes, apesar que tem três que são bem conectados, que é automação, eletrotécnica e eletromecânica, mas todos os outros, edificações, química, meio ambiente, então são eixos, tirando os professores do núcleo comum os núcleos técnicos são bem isolados, tirando, excluindo esses três que se conectam e que inclusive mantém o curso de engenharia elétrica, e tirando também informática, que informática está em todos os cursos, isso dificulta até a verticalização e alguns cursos, então essa é uma outra dificuldade, é um *campus* muito grande, com muitas variáveis.

**Entrevistador:** Entendi. Do ponto de vista do planejamento dessas ofertas tu consegue identificar algum planejamento anterior que levou à esse desenho ou é difícil hoje identificar qual é a matriz desses ofertas?

**Entrevistado:** Eu vou especular, porque eu não sei como pensar isso.

**Entrevistador:** Você chegou depois...

**Entrevistado:** Mas eu acredito que foi pela necessidade de expansão, fomos expandir, houve a expansão e alguns cursos foram sendo abertos, alguns pela necessidade e outros pela facilidade, pela necessidade da própria estrutura, por exemplo, o curso de meio ambiente que eu trabalho, a estrutura dele não é tão complexa, ele trabalha bem já com os laboratórios que se tem, então tem um laboratório de química, ok, tem um laboratório de informática, ok, a gente consegue trabalhar o curso sem nenhum problema, então é claro que são análises sem conhecimento.

**Entrevistador:** Daqui para frente com é que vocês planejam isso? Ou não conseguem ainda, porque o quadro de pessoal estabilizado impede?

**Entrevistado:** Amarra, então essa é a grande questão, a gente tem um quadro de pessoal e que nos limitam essas ações, então o que a gente tem feito, tem buscado fazer atividades interdisciplinares, multidisciplinares, tentando colocar os colegas em trabalho conjunto, então...

**Entrevistador:** Quebrando o isolamento das áreas?

**Entrevistado:** É. Então química, beleza, é um outro eixo, mas conversa com meio ambiente, tem algumas coisas que conversam, segurança do trabalho conversa com edificações, e aí a gente tem tentado criar esses links para que as pessoas saiam do isolamento, e próprio curso de engenharia civil vai proporcionar isso, a gente tem uma perspectiva do curso de engenharia civil, então engenharia civil vai precisar segurança do trabalho, meio ambiente, química, então esses cursos também, esses profissionais que trabalham nesses cursos também vão.

**Entrevistador:** E o aluno também vai poder verticalizar.

**Entrevistado:** Isso, exato, todos esses alunos têm condições de verticalizar desses cursos para o curso de engenharia.

**Entrevistador:** Já está aprovado o curso?

**Entrevistado:** Já, ele foi aprovado em 14, ainda, logo que eu cheguei aqui já tinha notícia dele, foi 14 ou 15.

**Entrevistador:** Deve ter sido 15, eu participei de uma reunião do conselho em 14 que ele foi devolvido para reformulação.

**Entrevistado:** Eu acho que foi isso. Então agora ele está sendo reformulado novamente porque já são sete anos, então o plano já está sendo reformulado para ser ofertado, então nunca tinha sido ofertado por conta das demandas, por conta da carência dos docentes.

**Entrevistador:** Murilo, tu consegues ver a integração do currículo no ensino médio integrado como gestor, como professor? Qual é o desafio de integrar esse currículo? É possível integrar?

**Entrevistado:** É possível integrar, mas eu vou responder assim, depende do eixo e do curso, alguns cursos estão mais fáceis de integrar, outros cursos é mais difícil, um curso que eu trabalho é o curso que consegue esse mobilidade por conta de que, base das disciplinas são de biologia base são disciplinas de química, então você consegue trazer conteúdos, atividades que você consegue integrar, trabalhar em conjunto, por exemplo, no integrado, um exemplo prático, assim, no curso integrado a gente não tem a disciplina de ecologia, porque os meninos já têm aula de biologia, que tem ecologia, então a gente não trabalha disciplina de ecologia, agora no subsequente a gente já tem que ter ecologia, um exemplo, existem outras coisas que a gente consegue conversar, a própria química, alguns conteúdos de química que seriam trabalhados, por exemplo, tem a disciplina de química, no integrado a gente além da disciplina de química que eles têm, eles têm

laboratório de química, então a gente consegue fazer esse trabalho dentro do integrado. Agora, outros cursos a gente percebe uma certa dificuldade, né, de fazer esse processo.

**Entrevistador:** Murilo, nas dificuldades que você elencou, você elencou três, quais seriam as proposições, como pode ser melhorada a atuação do *Campus* Imperatriz enquanto instituição nessa dificuldade de pessoal, os eixos, a verticalização?

**Entrevistado:** Professor, eu não consigo enxergar outro caminho senão a formação continuada, a gente só vai conseguir melhorar enquanto pessoa, enquanto profissional, e como gestão com formação, então a gente tem investido muito em formação, e formação continuada, pensada, os nossos eventos e atividades internas de formação dos servidores, especialmente dos docentes, elas têm objetivos, tem plano de ação, então a gente tem desenvolvido. Temos esses objetivos, é claro que uma instituição como a nossa, não só instituição *campus*, mas o IFMA tem muitas atividades, muitas formações, e a gente tenta ao máximo olhar para os nossos problemas e tentar traçar esse caminho de formação, eu entendo que é caminho mais possível, porque não se muda ninguém, não se muda pensamento, a pessoa cria as suas próprias ideias, o que a gente pode fazer é criar possibilidades para que essas pessoas tenham condições de refletir, mudar o pensar.

**Entrevistador:** Tu achas que há alguma resistência a esse processo de formação?

**Entrevistado:** Sim.

**Entrevistador:** Porque eu arrisco dizer, eu já fui professor do estado, do município, já participei de outras redes...

**Entrevistado:** Ouvimos muito: já faço isso há 30 anos, é a frase mais comum, faço isso há 30 anos...

**Entrevistador:** Por que eu tenho que aprender? Se questionam?

**Entrevistado:** Porque eu tenho que mudar, porque eu tenho que aprender, essas coisas, e não tem, é muito difícil, né, você... o serviço que é público quando a gente trabalha com servidor público, né, a gente tem que entender que, quando eu trabalhava numa empresa a gente tinha muito do é assim, pronto, e aqui não, não é assim e pronto, é assim, é uma proposta, vamos lá, vamos lá, vamos fazer, e vamos mudando e vamos pedindo, vamos exigindo, vamos cobrando, e aos poucos as coisas vão acontecendo, mudanças muito drásticas geram muito cismas, muitos ruídos, e isso não é bom.

**Entrevistador:** Desestabiliza o trabalho?

**Entrevistado:** Desestabiliza, não só o trabalho assim...

**Entrevistador:** As relações, você acha?

**Entrevistado:** Também, também, mas, assim, essa... nós já estamos num processo de transição, e aí se você, nessa transição é tão estável, tão, tão, fica mais difícil ainda das pessoas conseguirem entender o processo com mudança, então é demorado, demorado.

**Entrevistador:** Murilo, nessa linha da dificuldade do estranhamento e tal, tu achas que o processo de gestão, de gestão democrática e das eleições ele favorece ou ele atrapalha esse processo?

**Entrevistado:** Favorece, mesmo sendo muito difícil, não é porque no último processo eletivo que nós tivemos foi muitos candidatos, houve muita coisa, mas faz parte do processo, discutir, pensar, repensar, refletir, e as pessoas tomarem as suas decisões.

**Entrevistador:** Terminou a eleição todo mundo converge?

**Entrevistado:** Não, é um *campus* grande, a convergência aqui é um processo longo, e eu acho que assim, mas o sentimento, eu também não posso ser tão mal assim, o sentimento de... eu vou usar uma palavra pesada, mas é essa mesmo, o apego que se tem, muitos colegas tem um apego ao *campus*, ao local como ambiente assim mais do que de trabalho quase que afetivo mesmo, então esse apego com a instituição é bom, porque nesse sentido, porque as pessoas acabam colaborando por conta, essa convergência não por conta de alguém, mas por conta do amor, por conta do gostar do local, de respeitar o local, mas a convergência assim não é um processo...

**Entrevistador:** Tem que haver um processo de convencimento de quem está na gestão, porque é importante também?

**Entrevistado:** Muito grande!

**Entrevistador:** É desafiante, gestão pública... é muita conversa, muito diálogo. Concorda?

**Entrevistado:** É muita conversa, não tem outro caminho não, é um desgaste, mas faz parte, a gente se desgasta por um tempo, e outra pessoa depois vem e se desgasta, é um ciclo.

**Entrevistador:** Elementos importante vieram aqui na tua fala. Muito obrigado. Olhando para o futuro, são 35 anos de *campus*, os próximos 35 o que espera o *Campus Imperatriz*?

**Entrevistado:** Eu espero um *campus* promissor na educação básica formando grandes profissionais, não somente profissionais, mas cidadãos que saiam daqui respeitando o *campus*, entendendo como parte do *campus*, fizeram parte da sua formação. E espero um *campus* com mais ofertas, onde os seus profissionais colaborem mais no sentido dessa verticalização mesmo, então no *campus* ofertando mestrado, ofertando doutorado, formações, cursos de pequena duração, então eu imagino um *campus* assim, com pesquisa, com extensão, é isso, eu acho que é o *campus* dos próximos 35 anos.

**Entrevistador:** Professor muito obrigado pela sua contribuição.

## APÊNDICE H – ENTREVISTA PRISCILA VIEIRA DOS SANTOS

Entrevista / Identificação: SN Áudio	Entrevistador: Reinouds Lima Silva
Data da Entrevista: 5 maio 2022	Duração: 37min
Entrevistado: Priscila Vieira dos Santos	Perfil: Servidor IFMA (Gestor). Faz parte do grupo de servidores mais recentes do <i>campus</i> . Egressa do <i>Campus Açailândia</i> , é coordenadora de gestão de pessoas.

**Entrevistador:** Início padrão das entrevistas – Apresentação da pesquisa, objetivos e do TCLE. Leitura dos Termos de Participação. Pedido de manifestação de Interesse em participar da pesquisa.

**Entrevistador:** Entrevista com Priscila Vieira, *Campus Imperatriz*, hoje são 5 de maio de 2022, 16h38. Priscila, antes de tudo agradecer a sua disponibilidade em colaborar com a pesquisa. Inicialmente eu gostaria que você se apresentasse, falasse da sua trajetória, destacasse o que você acha relevante não só no contexto profissional, mais pessoal, e em seguida a gente já fala um pouco mais sobre a pesquisa, tá bom? Fique à vontade.

**Entrevistada:** Boa tarde, o meu nome é Priscila, sou servidora técnica administrativa do cargo assistente de administração, fui admitida em julho de 2008 no *Campus Açailândia*, na época estava ainda em implantação, e lá fiquei até o final de 2009, em janeiro, até janeiro de 2010, em fevereiro de 2010 eu fui removida para o *Campus Imperatriz*. De lá eu estive todo esse tempo no mesmo setor aqui, departamento de gestão de pessoas que na época era núcleo e gestão de pessoas, e hoje estou chefiando o setor, desde de novembro de 2020. Tem uma coisa que eu queria, duas coisas, da minha formação, que eu fiz o mestrado em políticas públicas em... terminei em 2019.

**Entrevistador:** Na Universidade Federal do Maranhão, São Luís?

**Entrevistada:** E a pesquisa foi sobre o IFMA, e também estando lá durante o mestrado eu senti vontade e fiz também um concurso para administrador, e foi na doida assim, fiz o concurso, passei, fiquei em primeiro na cota, sem ter diploma de administradora, porque eu sou formada em direito, aí eu fiquei, pois eu vou fazer um tecnólogo, porque edital permitia o tecnólogo em gestão pública, aí me matriculei, terminei o tecnólogo e o concurso ainda está valendo, foi prorrogado várias vezes, e eu estou, não estou na vez, uma lista, a lista do *campus* que era o *Campus Grajaú* por ela estou na vez, pela lista geral eu não estou na vez, e de repente aparece, tem uns três códigos aí possibilitando surgir e chamarem. Então, assim, eu estou há mais de 10 anos na casa e ainda vivenciando ansiedades de quem não está [Risos].

**Entrevistador:** Nas listas esperando nomeação, não é?

**Entrevistada:** É.

**Entrevistador:** Ah, desejo sorte, se são três vagas creio que chega em você, tomará, né, coisa boa, parabéns, nossa e fazer o concurso, fazer o curso, ainda está esperando a nomeação, é ousadia, valeu, muito bom. Mas, Priscila, você é de Imperatriz?

**Entrevistada:** Sou de João Lisboa, João Lisboa fica a 12 km de Imperatriz, sou nascida lá, criada lá, e nunca deixei de morar lá, exceto quando eu estava em Açailândia eu passava de segunda a sexta em Açailândia, mas eu sempre voltava a tempo para João Lisboa.

**Entrevistador:** A tua família é de João Lisboa?

**Entrevistada:** E a minha família também é de lá, assim, os meus pais não são nascidos lá, mas foram para lá na juventude e se casaram lá. E eu sempre tive muita dificuldade com relação à distância porque eu estudei no IFMA no ensino médio, então eram dois ônibus, muitos atrasos, muitas horas perdidas, mas nunca tive vontade de morar em Imperatriz, mesmo que eu sei, nunca tivesse me visto fora do *campus*, do CEFET e depois IFMA, mas mesmo assim eu tinha uma ligação muito forte com a casa onde eu cresci.

**Entrevistador:** Ex-aluna, né?

**Entrevistada:** É, eram as duas casas, João Lisboa e o *campus*, a minha vida não vive fora deles, passei um período de tempo bem rápido, em 2016 fui cedida para o ter.

**Entrevistador:** No tempo do mestrado, não?

**Entrevistada:** Antes do mestrado, nessa época, eu tinha reprovado no mestrado no ano anterior, estava um pouco frustrada, frustrada um pouco com o trabalho aqui, aí recebi o convite, fui cedida para lá, e o trabalho era em João Lisboa, era super cômodo, eu ia de bicicleta para o trabalho, às vezes ia a pé, bem menos horas, mas eu acho que o vínculo com o IFMA ficou até maior na época, porque foi quando eu consegui escrever o projeto para finalmente passar no mestrado, então aí foi que o projeto desenhado na minha cabeça sobre o IFMA, porque até então eu nem pensava em estudar o IFMA.

**Entrevistador:** Precisou desse distanciamento?

**Entrevistada:** Precisei distanciar, então não adiantou nada, vou ficar aqui mesmo.

**Entrevistador:** Você fez qual curso técnico?

**Entrevistada:** Foi segurança do trabalho, eu fazia no tempo que era separado o médio do técnico, então eu entrei primeiro no médio, 2004.

**Entrevistador:** Era só médio?

**Entrevistada:** Era só médio. Aí em 2005 eu vi meus coleguinhas todos fazendo o seletivo para o concomitante, porque mesmo existindo a separação, mas muita gente fazer os dois, e aí eu fiz o concomitante de segurança do trabalho, mas não finalizei, não fiz o estágio, eu acabei fazendo a faculdade e acabei deixando para lá, mas foi um curso muito

bom, segurança do trabalho, eu realmente não me via mais, não me via trabalhando na área, por isso não terminei assim para obter o diploma, mas muita coisa que eu aprendi lá, até hoje assim.

**Entrevistador:** E terminou o médio, foi para direito, fez direito na UFMA em Imperatriz?

**Entrevistada:** Fiz metade na UNISULMA porque eu tinha bolsa do PROUNI, aí depois metade na UFMA, quando eu resolvi que não, eu quero fazer na federal mesmo, aí eu quero fazer na federal mesmo, aí eu fiz o vestibular, fiquei lá no final da lista, e me chamaram quando eu estava no quinto período, então eu aproveitei várias disciplinas na UFMA e terminei lá, foi uma jornada bem tortuosa, porque eu na verdade não tinha muito vocação para o direito, então eu meio que, qualquer universidade, qualquer diploma estava bom, mas aí eu fui vendo, não, isso aqui é importante eu cuidar do meu currículo, aí eu não, eu vou fazer para lá mesmo.

**Entrevistador:** Então essa filiação com o *Campus* Imperatriz de estudante, você fez três anos de ensino médio, dois anos de curso técnico, não concluiu, mas fez o ensino médio, acabou ficando três anos aqui, 2004 a 2006, mais ou menos isso?

**Entrevistada:** Isso.

**Entrevistador:** Vai ser interessante ouvir porque a pesquisa propõe uma análise não só da política a partir dos indicadores, mas também na visão dos servidores, e tu tem duas dimensões que tu podes me oferecer, a de aluna e de servidora agora.

**Entrevistada:** Isso.

**Entrevistador:** Em tempos mais atuais. Como é que você poderia me descrever o *Campus* Imperatriz tentando fazer a justaposição dessas duas dimensões, de quando você foi aluna e a instituição que você encontra hoje como servidora, é a mesma, em que sentido, como é que você descreveria o *campus* para mim, se for possível fazer junto, né?

**Entrevistada:** Sim, eu acho que juntando os dois pontos de vista, uma palavra que vem a minha mente é tradição, é um lugar que bebe todos os dias nessa fonte assim, e se remete a ela constantemente, ah, nós somos antigos, nós somos grandes, às vezes reivindicando alguns direitos, alguns privilégios por isso o reconhecimento. Tanto é que porque eu vim estudar aqui, porque a minha mãe quando eu tinha uns sete anos de idade falou, olha, você vai estudar lá, aí eu tá bom, eu fui estudar para isso, mas eu não sabia o que era, mas a minha mãe lá de João Lisboa sabia, quem estudou lá vai se dar bem, então eu estudei muito, e ansiedade esperando o resultado quase me enlouqueceu assim, eu lembrando das questões que eu tinha errado, e eu meu Deus, aí quando eu passei, e quando eu vim fazer a prova, foi a primeira vez que eu entrei aqui, eu fiquei muito impressionada com a estrutura, eu lembro de ver aquele pátio, aquele telhado de concreto, fiquei muito impressionada, então a vivência como estudante foi sempre muito deslumbrada, todo o tempo porque eu estudava na escola pública em João Lisboa.

**Entrevistador:** É um espaço de destaque? Como estudante?

**Entrevistada:** Era, então eu nem via os problemas, até quando tinha problema eu ficava gente, isso aí é o de menos, então era sempre assim, eu tenho muito privilégio de estar aqui, e isso eu acho que eu trago até hoje, e eu acho que eu minimizo também os problemas, porque eu vejo que o investimento, que a nossa estrutura ela sempre supera, e como servidora eu pude ver o quanto essa tradição também tem o seu lado negativo de vícios, de obsolescência, de acomodação, é isso, principalmente isso assim, a gente tem essa marca muito forte que traz coisas ruins e coisas boas.

**Entrevistador:** O peso da tradição, para bem e para o mal?

**Entrevistada:** Isso. E aí assim, já era, já tinha isso antes de existir IFMA, quando veio o IFMA aí ficou mais forte porque agora temos as base de comparação com outras entidades mais novas, então várias questões aí, até a rivalidade.

**Entrevistador:** Regional?

**Entrevistada:** Regional com outros *campi*, com outros municípios, e a questão da acomodação e de ficar para trás também, porque agora tem competição mesmo.

**Entrevistador:** Entre os *campi*?

**Entrevistada:** É.

**Entrevistador:** Olhando os indicadores do *campus*, do *Campus Imperatriz* por exemplo, no seletivo salvo engano na média é o segundo mais concorrido do Maranhão, então é um número importante que mostra o peso, o prestígio da instituição perante a comunidade, pelo seu relato de jovem e estudante que aspirava chegar aqui você acha que esse prestígio ele se mantém ou enquanto escola pública, qual seria o apelo do IFMA para ter uma atração tão grande dos estudantes?

**Entrevistada:** Eu acho até difícil eu dizer, porque eu estou tão dentro, tão dentro, que eu acho que é meio turva a minha visão, mas teve um período em que a gente claramente estava ciente que a visão estava negativa, por volta de 2018, sim, era um reflexo da desorganização interna do *campus*, da gestão interna do *campus*, e era um período que de tudo estava acontecendo, desde de incêndio na cantina, uma coisa que me marcou muito, eu não estava aqui, e quando aconteceu isso eu fiquei assim, não está tudo muito errado, o que aconteceu antes para chegar naquilo, também uma coisa que me marcou foi que na minha geração eu, meu irmão fez um curso técnico, mas ele fez só concomitante, e uma prima fez integrado, e foi assim um destaque, a primeira vez que, eu acho que foi a primeira vez que o meu tio uma vez tinha, não tinha conseguido terminal, então, e aí as pessoas mais jovens assim, os meus priminhos mais novos, como o meu primo, foi em 2017 também que ele estava estudando, foi um orgulho muito grande para mim, só que eu estava em São Luís quando eu fiquei sabendo que ele estava tão deslocado, estava tão infeliz que ele foi recomendado pelo setor de psicologia, pela pedagogia de ser transferido, e ele terminou o curso dele, o ensino médio dele na rede estadual.

**Entrevistador:** Isso é um processo bem diferenciado...

**Entrevistada:** Para chegar num ponto desse, assim de todas as instâncias internas falharam com ele, a turma estava num processo de divisão muito grande, vários problemas psicológicos, gente que estava tentando suicídio, aí criava um efeito cascata na turma, ele também é de uma minoria LGBT e também sentia isso, ele saiu, e isso aí para mim também foi muito pesado, aí os meus outros primos um pouco mais novos que ele os meus tios me perguntavam, assim, falando que eles não estavam muito interessados que eles fizessem o seletivo, e eu falei olha, não façam mesmo, eu tive que falar, não façam, porque lá não está legal, tipo, muito professor estava faltando, de tudo estava acontecendo, e esses meus dois primos foram muito felizes lá no colégio militar, até estão fazendo, terminando agora, então eu acho que até o meu envolvimento mais para o presente assim de me envolver politicamente, de aceitar essa chefia, é de sentir assim que precisamos fazer alguma coisa, e principalmente os servidores da minha geração, que são os mais novos, mas que por muito tempo ficaram muito tímidos.

**Entrevistador:** Contemplando esses movimentos, sem forças para reagir, sem espaço?

**Entrevistada:** Porque a renovação interna é muito difícil aqui, porque eu vim constatar agora, que em janeiro de 1990, 107 técnicos administrativos tomaram posse aqui, 107, e 16 professores, não sei explicar, só o Sarney para dizer porquê dessa diferença, e muitos saíram, mas hoje muita gente desse grupo ainda tá, e não é fazendo juízo de valor, mas com o andar da carruagem nunca que os novos vão, só mesmo com a saída dos antigos, mas a entrada dos novos não é tão assim.

**Entrevistador:** No mesmo ritmo?

**Entrevistada:** No mesmo ritmo, então a renovação interna também é números e disputa de poder, de versões, de opiniões sobre como deve ser levada a instituição e tal.

**Entrevistador:** Você acha que há um choque geracional mesmo.

**Entrevistada:** Eu tenho certeza.

**Entrevistador:** De perspectiva de administração, de mundo, de tudo?

**Entrevistada:** O maior choque é geracional.

**Entrevistador:** E isso, claro, atrapalha?

**Entrevistada:** Porque essa geração de 90 e alguns que foram chegando depois, mas que foram sendo absorvidos...

**Entrevistador:** Naquela cultura da época?

**Entrevistada:** Naquela cultura eles criaram o que eu chamo de mito fundador, que é a família IFMA, todos eram amigos, um era padrinho do filho do outro.

**Entrevistador:** Nesse tempo que era bom! Essa nostalgia?

**Entrevistada:** É, que tinha a festa do servidor todo ano, e eles faziam um churrasco e tal, isso aí também criou uma cultura tanto de boa também, de resolver algumas coisas de

forma amigável, mas outra também de passar por debaixo do tapete algumas questões, e aí quando você tem pessoas depois vindo do concurso, pessoas vindo de outras instituições, tem muita gente aqui que começou no Tocantins, na UFT, no IFTO, principalmente os que vem do Tocantins, eles são uma força aqui, porque o estado lá é jovem, as instituições lá são jovens, e eles têm outra cultura, então eles chegam aqui revoltados, como e que aqui é desse jeito, é um bordão, lá no Tocantins, então essa pressão que vem, é uma pressão e gera o atrito.

**Entrevistador:** Você analisa então que uma instituição que respira tradição na perspectiva dessa energia, esse sopro de inovação que vem desses outros servidores isso acaba sendo mais um peso do que algo benéfico?

**Entrevistada:** Eu acho que tem uma linha na administração que como é, que o conhecimento ele também é gerado através do caos, entendeu, que essa evolução ela nunca vai ser pacífica, principalmente porque envolve disputa direta de poder, assim, existem cargos, existem gratificações e elas são menores, menos quantidade do que os servidores que estão aptos a elas, então é natural ter a disputa, então a disputa ela não é, ela é também de ideologia, mas ela primeira ela é de poder, porque tomada de decisão e tal, então para mim assim é positivo, mas até chegar lá não é bonito, assim como não foi, os processos eleitorais aqui são cada vez mais duros assim, mais difíceis, e até atualmente a nossa missão está sendo esquecer o máximo possível esses embates que houve e conciliar.

**Entrevistador:** Para fazer a gestão, porque se for fazer gestão olhando para esses encontros você não consegue, né. Em algumas falas de modo geral uma coisa que eu tenho observado é esse choque geracional, eu acho que isso é uma coisa que está bem latente aqui no *campus*, e também eu observei algo que enquanto concepção que é a gestão democrática da escola enquanto concepção, enquanto princípio ela precisa ser benéfica, ela foi pensado para que a escola se movimente e melhore, evolua e tudo mais, lógico que democracia não é o processo eleitoral, mas é um elemento do processo democrático. Hoje tu avalia que o processo eleitoral ele causa mais danos do que benefícios, é possível ser certo nisso?

**Entrevistada:** Hoje ele está muito danoso, no último que tivemos que durou 10 dias a campanha.

**Entrevistador:** Até hoje tem feridas?

**Entrevistada:** Sim, sim, foi durante o isolamento, então tinha muita coisa rolando na internet, perfis fake espalhando boatos, coisas que até hoje a gente devia estar investigando, está lá guardadinho os prints, mas eu não sei assim, o processo eleitoral ele é a consequência, a culpa não é dele, tem que ter eleição, mas o IFMA em geral ele tem problemas com democracia e com transparência das ações, e quanto maior ele for ficando mais difícil vai sendo isso, então hoje o desafio aqui é fazer essa gestão participativa num *campus* que é muito grande, e que as pessoas, os professores e os técnicos se queixam da falta de participação, se queixam, mas também não se envolvem, porque é muito grande, então eles estão lá, professor que tem quase 20h de sala de aula

ou não, mas tem muitas ocupações, e não para ver o *e-mail*, o *e-mail* está chegando lá coisa direto assim, por exemplo, criar um Instagram foi quando bombou, as coisas foram fluindo muito para a comunidade, mas a comunidade interna não se envolve com a velocidade que a gente está fazendo a comunicação fluir, então ainda está sendo um aprendizado. Comunicação, porque a comunicação ela envolve o agente e o receptor, ela não é só tu jogar coisas no *e-mail*, então envolve conversas entre setores, envolve tomada de decisão coletiva, por exemplo, a gente tinha seis códigos de vaga de professor, todos eram de vacância, então não era nada novo, mas pela primeira vez você viu a direção se reunindo com os coordenadores de curso, com os chefes de departamento só para definir se eles iam voltar para as suas áreas originais ou se tinha outra área precisando mais, isso aí foi um ensaio, porque mesmo com tudo isso tem gente revoltada até hoje.

**Entrevistador:** Se chegou a um resultado, mas ele não agradou a todo mundo?

**Entrevistada:** Por situações particulares.

**Entrevistador:** E não o macro da gestão?

**Entrevistada:** Não o macro, mas a transparência houve, a vaga de fulano está indo para sicrano, é assim uma coisa bem básica.

**Entrevistador:** Sai de uma área e vai para outra.

**Entrevistada:** Não era para a gente estar preocupado com isso, mas pelas gestões anteriores era tudo muito secreto, de repente um aposentou aqui, outro surgiu ali, ninguém sabe quem foi, outro faleceu e ninguém sabe para onde foi... Então, eu nem sei qual era a pergunta, mas...

**Entrevistador:** Não, era sobre o processo eleitoral.

**Entrevistada:** O processo eleitoral, ele é apenas mais um momento em que as coisas se manifestam, está tudo lá o tempo todo, se não for no eleitoral vai ser em algum motim, em algum momento, entendeu?

**Entrevistador:** É como se a eleição nunca acabasse, quem está na gestão está sempre com um grupo que ficou de fora disputando espaço?

**Entrevistada:** É. Ah, sim, e eu até nem acho que é uma coisa do instituto, uma coisa do passado recente, eu achava que era, eu achava que criando muitos *campi*, criando muitos cargos tinha piorado isso, mas depois eu conversei com os servidores que me contaram situações que aconteceram nos anos 90, sim, terríveis também.

**Entrevistador:** Não muito diferente do que aconteceu.

**Entrevistada:** Para um diretor que foi convidado a se retirar mesmo porque tomava decisões, tomou uma decisão e desagradou um grupo, e não conseguia mais administrar. Então é isso, muitos grupos, grupos de interesse, é tipo, e quase um outro universo assim, um país, uma prefeitura, porque tu é eleito para melhorar as coisas no geral.

**Entrevistador:** E para o todo, não seria?

**Entrevistada:** E para o todo, mas na hora que o melhorar implica em incomodar um pouquinho x ou y tem muita coisa aí, né.

**Entrevistador:** Priscila, como é que você tentaria talvez me situar para eu entender, apesar de todas essas nuances, esses estranhamentos internos, que eu acho que isso, eu concordo com você que desse caos também se gera movimento, é dialético, né?

**Entrevistada:** Sim.

**Entrevistador:** Se houver o respeito entre as partes isso é benéfico, é dialético, e se avança. O *campus* apesar de todas essas disputas ele tem indicadores bons, se você pensar em escola pública no contexto de rede, o *Campus Imperatriz* tem o peso da tradição, mas também é uma instituição de muito prestígio pelos resultados que ele ostenta, como é que se consegue isso apesar de todas essas?

**Entrevistada:** Um exemplo, eu fiz o curso de direito na UFMA, e a gente, assim, é um curso péssimo, a instituição, a estrutura, professor nem aparecia, quando aparecia dava uma aula medíocre, tinha muitos problemas, só que você fosse olhar para os indicadores também tipo 100% da turma aprovava na OAB e não era mérito do curso, então eu acho que muita coisa aqui não é mérito do IFMA, os alunos muitos chegam já selecionados, e para um quadro de 80 professores mais ou menos que a gente tem, muitos deles são muito bons, assim, era para ser todos muito bons, e pode ser até que sejam, mas nem todos desenvolvem o seu potencial, e os que desenvolvem eles são exemplares mesmo, assim, eu defendo a escola pública, então minha mãe trabalha na escola privada hoje em dia, ela administra escola privada que é maravilhosa, mas ela não se compara ao IFMA, se eu for colocar assim, ah, tudo que ela faz lá se tivesse uma instituição similar, com o mesmo envolvimento teria que ter muito mais impacto, então continua na escola pública, mas aqui eu acho que os desempenhos individuais acabam...

**Entrevistador:** Se sobrepondo?

**Entrevistada:** Se sobrepondo, né, a questão não é assim, ah, com tanto problema vocês ainda se dão bem, a questão é, será que a gente não poderia estar muito melhor, principalmente por que, julgar por quantidade de alunos, ou quantidade de formados é uma coisa, mas projeto de extensão, pesquisa, patentes, uma coisa que tipo, aqui é uma ilha e você tem aqui o bairro Santa Rita, Ouro Verde, todo mundo muito, muita miséria, o pessoal carente, e você não ver nada não, mas pouco do IFMA chegando nesses espaços.

**Entrevistador:** Interage pouco com a comunidade?

**Entrevistada:** Eu acho que isso e que deveria ser a métrica.

**Entrevistador:** Então de certa forma esses indicadores geram uma acomodação no sentido de que já fazemos bem e não precisamos fazer muito mais do que isso, é um esforço dosado, você acha que isso acaba refletindo desta forma? Dá tua fala digamos

que eu consiga abstrair a coesão do grupo para além das questões políticas e institucionais como um elemento que dificulta em certa medida, a falta de coesão, e os indicadores que são bons e que gera de certa forma uma acomodação no sentido do que já é feito é bom não precisamos ir além disso, eu estou correto nessa análise?

**Entrevistada:** É...

**Entrevistador:** Eu estou pensando com outras falas de outras pessoas que eu já ouvi, porque acaba sendo muito velado, é como você falou, a UFMA tem bons indicadores, forma, tem boa repercussão na prova de exame da ordem, mas só que um olhar para dentro denuncia os problemas, e você como aluna os revela, né. O *Campus Imperatriz* se a gente usar essa mesma metodologia sua os indicadores são bons, são... É o que dá o prestígio da instituição, mas poderia ter feito mais, o que é preciso então para se fazer mais no campo do grupo, pensar o institucional, e o que seria esse mais a ser feito? você falou um pouco da extensão da interação com a comunidade externa, é isso?

**Entrevistada:** Sim, adequar mesmo os nossos resultados estrutura que temos disponível para isso, claro que nós temos redução constante de pessoal, de recurso, mas ao mesmo tempo é inadmissível um curso como o de física formar três alunos por turma, para mim não, só coloca isso aí, quatro anos de salário de professor, dinheiro de terceirizado, pagando terceirizado, pagando uma energia elétrica para formar três alunos, então isso aí para mim é o caso mais revoltante, porque eu não naturalizo isso, eu não acho que é ok só formar três, ah, porque é difícil mesmo.

**Entrevistador:** É aquela versão, esses cursos são difíceis, essa é a média de formatura.

**Entrevistada:** O primeiro período tem que selecionar mesmo, tem professor que vê assim como uma peneira, e eu acho que não, porque você tem uma multidão aí de criança e adolescentes que poderiam estar despertando para isso, mas não estão, tudo é o despertamento, se o aluno lá da escola pública acha massa a física, ele vai suprir todos os problemas de matemática, de raciocínio lógico, se ele se interessar pela física, e aí por que não está acontecendo isso? O que os professores estão fazendo ou poderiam fazer?

**Entrevistador:** Como superar isso então, da sua posição o que você enxerga de possibilidade?

**Entrevistada:** No momento a gente está tentando superar, fazendo esse tipo de... como é, evangelização, não é? Lauro fez um monte de reuniões, ele reuniu com cada setor, ele trazia aqui na mesa o servidor de cada setor técnicos e passava uma apresentação mostrando tudo que a gente tem, tudo que a gente podia estar fazendo, aí as pessoas saíam daqui, nossa, né, dá uma remexida nas pessoas, hoje o nosso maior desafio é fazer as pessoas saírem do seu isolamento, porque não é falta de cérebros com soluções, todo mundo sabe aqui, tem muita gente boa, mas fazerem essas pessoas trabalharem juntas, por exemplo, a gente tem uns dos melhores cursos de engenharia elétrica da região, mas os nossos circuitos aqui estão todos perigando explodir a qualquer momento, sabe, aqui essa sala passou uma duas semanas sem luz, e ninguém conseguia descobrir qual era o problema, aí a gente teve que trazer um técnico que está hoje lotado em outro

*campus*, mas como ele é daqui de Imperatriz tem vontade de vir, ele é muito prestativo, mas a prestatividade dele nenhum outro teve dos nossos engenheiros, dos nossos técnicos, não teve, então a comodidade leva ao isolamento ou ambos, tem muitas pessoas que também são bastante antigas aqui, e ver as coisas acontecendo, não acontecendo também deixam elas muito cabisbaixo, né. E é isso assim, hoje em dia eu tento muito juntar pessoas, às vezes, tipo, chegou, tem dois professores em colaboração técnica aqui, aí o meu setor é muito estratégico nisso, porque eu sei todo mundo que nós temos, o que eles fazem, aí eu ponho eles frente a frente, oh, tu de interessa por isso, esse aqui também podia ajudar nisso, porque até nisso aqui é difícil, as pessoas se conhecerem, pela rotatividade, pelo tamanho do *campus* às vezes uma pessoa não sabe que o outro é servidor.

**Entrevistador:** Meio que cada um tem a sua agenda, o seu ritmo, vai lá e da conta do seu, e no coletivo não se conversam?

**Entrevistada:** É, reuniões, encontro pedagógico, ainda é uma coisa de professor, não conseguimos ainda fazer um momento, não ia nem caber eu acho, tem cento... Eu acho que ia caber no auditório, mas nunca teve ainda...

**Entrevistador:** Uma adesão completa?

**Entrevistada:** Não.

**Entrevistador:** Priscila, 35 anos de *campus*. Você como alguém que vai provavelmente ficar uma temporada bem longa e você está experimentando esse processo de transição dessa... essa geração dos anos 90 que criou, implantou o *campus*, tirou essa escola do papel, forjou, você falou do mito fundador eu achei interessante isso. Criou essa perspectiva do *campus* enquanto fundação e também a tradição, o prestígio entorno desse nome, o que você projeta como ponto de vista pessoal, profissional, nos próximos 35 anos, como é que você quer ver o *campus* daqui há mais 35 anos?

**Entrevistada:** Nossa, é o que a gente está sonhando em ver, que é, mais cursos superiores, a gente realmente está bem para trás, e cursos assim rápidos, porque mesmo na realidade do curso técnico, eles ainda são cursos pesados, lentos, é uma dinamização mesmo, assim, um professor poder complementar a carga horária dele com um curso FIC, hoje isso aqui é língua estrangeira, assim é grego para muitas pessoas, nossa eu, além de sala de aula fazer coisa para a comunidade, não tem, parece que é outro mundo, então a abertura mesmo dos nossos portões para a comunidade, tem um professor fazendo vários projetos de extensão aí, e aí na fábrica de inovação toda hora está cheio de menino da escola pública lá, e isso devia ser o padrão, devia sempre estar, tipo no congresso nacional ou na casa branca que está sempre tendo visitas, excursão, aqui era para ser assim, como é que você vai, inclusive nisso que eu estava falando do curso de física, trazer as pessoas aqui se elas nem sabem o que é isso aqui, para que serve, vai que uns desses meninos vem para e olha, isso é muito da minha vivência assim, se a minha mãe não tivesse dito, e aí no dia que eu vim aqui eu quis, porque todo mundo que veio aqui com certeza vai querer estudar aqui, né.

**Entrevistador:** Com certeza.

**Entrevistada:** Então essa ligação com a comunidade aqui por mais que eu seja crítica as questões que foram arraigadas aqui, mas é uma coisa que a geração de 90 fazia muito bem, que era a conexão com a comunidade, porque eles não tinham ninguém para acudir, e a cidade crescendo e tal, então os empresários, as escolas, a sociedade civil, terceiro setor, todos eram muito parceiros aqui, então isso também está sendo, está havendo um grande movimento de retorno por esse espírito de fazer pontes, conexões, internas e externas.

**Entrevistador:** Passa a ser um desafio para o futuro, né?

**Entrevistada:** É, voltar ao começo.

**Entrevistador:** Interessante, né, temos o peso da tradição, do prestígio, mas é preciso beber na fonte dessa tradição para poder melhorar, bem dialético, né?

**Entrevistada:** Bem dialético.

**Entrevistador:** Interessante, Priscila, te agradeço pela contribuição.

## ANEXO



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - PESQUISA ACADÊMICA

#### Dados de identificação

Título do Projeto: **Avaliação da política pública de EPT no Sudoeste do Maranhão a partir das memórias do IFMA Campus Imperatriz.**

Pesquisador Responsável: Reinouds Lima Silva (DOUTORANDO)

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: Universidade de Brasília

Telefones para contato: (98) 98572-7711

Prezado Participante,

O Sr.(ª) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **Avaliação da política pública de EPT no Sudoeste do Maranhão a partir das memórias do IFMA Campus Imperatriz**, de responsabilidade do pesquisador Reinouds Lima Silva, doutorando pelo PPGE da Faculdade de Educação – Universidade de Brasília.

Esta pesquisa pretende analisar as memórias da EPT no Maranhão, a partir da trajetória do IFMA – *Campus Imperatriz*, desde a sua criação em 1987 aos dias atuais, avaliando a política pública de educação profissional desenvolvida na região Sudoeste do Maranhão. Por meio da realização de entrevistas individuais e da análise de conteúdo por categorização (BARDIN, 2011), será aplicada a metodologia de Avaliação Emancipatória (SAUL, 2006), a fim de descrever, criticar e criar coletivamente alternativas ao desenvolvimento da educação profissional pela instituição *locus* da pesquisa, considerando as memórias e os relatos dos atores sociais inseridos no processo de avaliação.

As informações colhidas, bem como as declarações proferidas pelos participantes, são para uso exclusivo no contexto da pesquisa e da elaboração da tese de doutoramento, e sua participação poderá, pelo seu aspecto voluntário, ser cancelada a qualquer tempo pela simples manifestação do entrevistado ao pesquisador.

Caso concorde em participar desta pesquisa, por favor assine o termo de consentimento que segue.

#### **Declaração de Consentimento Livre e Esclarecido.**

Li as informações contidas neste documento antes de assiná-lo. Declaro que fui informado(a) sobre os procedimentos da pesquisa e que recebi todos os esclarecimentos necessários para entender as informações acima. Eu consinto, de livre e espontânea vontade, em participar deste estudo.

Imperatriz (MA), \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.

\_\_\_\_\_  
Nome do participante e assinatura